



PREFEITURA DO MUNICÍPIO
DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

São Bernardo do Campo

2000
anos depois

A história da cidade contada pelos seus
protagonistas

Ademir Medici
1ª Edição
2012

Projeto Gráfico, Diagramação e Tratamento de Imagens JustLayout

Patrocínio da Publicação

Realização Prefeitura de São Bernardo do Campo
Copyright 2012 © Prefeitura de São Bernardo do Campo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Bernardo do Campo 200 Anos Depois. A História da
Cidade Contada pelos seus Protagonistas

Ademir Medici
Edição em português
ISBN: 978-85-60452-03-3

981.612B - Medici, Ademir Roberto, 1950- M442 - São Bernardo do Campo 200
anos depois. A história da cidade contada pelos seus protagonistas / Ademir
Medici. - São Bernardo do Campo: PMSBC, 2012.
320 p. ; 23x30 cm.

1. São Bernardo do Campo – História. I. Título.

1ª edição - Todos os direitos desta edição reservados

A pesquisa para a realização deste projeto e a sua publicação foram patrocina-
das, respectivamente, pela Emparsanco e pela Volkswagen do Brasil, de acordo
com editais de chamamento publicados no jornal “Notícias do Município”, de
São Bernardo do Campo, em 05 de agosto de 2011 e 31 de agosto de 2012.

ESTA EDIÇÃO NÃO PODE SER COMERCIALIZADA



Patrocínio da Pesquisa



Realização:
PREFEITURA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

LUIZ MARINHO
Prefeito

FRANK AGUIAR
Vice-Prefeito

Secretaria Responsável:

Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo

Secretária

Secretário Adjunto

Coordenador do Projeto

NILZA DE OLIVEIRA

SERGIO VITAL E SILVA

VÍCTOR HUERTA ARROYO

Equipe de Governo:

Secretário de Coordenação Governamental

Secretária de Chefia de Gabinete

Secretário de Comunicação

Secretário de Administração e Modernização Administrativa

Secretário de Governo

Secretário de Cultura

Secretária de Educação

Secretário de Esportes e Lazer

Secretário de Finanças

Secretária de Gestão Ambiental

Secretária de Desenvolvimento Social e Cidadania

Secretária de Habitação

Secretário de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo

Secretário de Assuntos Jurídicos e Cidadania

Secretário de Planejamento Urbano e Ação Regional / Secretário de Obras

Secretário de Relações Internacionais

Secretário de Saúde

Secretário de Segurança Urbana

Secretário de Serviços Urbanos

Secretário de Transportes e Vias Públicas

Procurador Geral

Coordenador de Ações para a Juventude

Coordenador de Área da Agência de Rudge Ramos

Subprefeito de Riacho Grande

TARCÍSIO SECOLI

TERESA SANTOS

RAIMUNDO JOSÉ DA SILVA

JOSÉ AGNALDO BEGHINI DE CARVALHO

MAURÍCIO SOARES DE ALMEIDA

OSVALDO DE OLIVEIRA NETO

CLEUZA RODRIGUES REPULHO

EDUARDO TADEU COSTA

JORGE ALANO SILVEIRA GARAGORRY

PATRÍCIA LORENZ VICENTE

NELI MÁRCIA FERREIRA

TÁSSIA DE MENEZES REGINO

JEFFERSON JOSÉ DA CONCEIÇÃO

MARCOS MOREIRA DE CARVALHO

ALFREDO LUIZ BUSO

EVANDRO DE LIMA

ADEMAR ARTHUR CHIORO DOS REIS

BENEDITO DOMINGOS MARIANO

SEBASTIÃO VAZ JUNIOR

OSCAR JOSÉ GAMEIRO SILVEIRA CAMPOS

JOSÉ ROBERTO SILVA

HENRIQUE CELSO AZEVEDO ALVES

RAMIRO MEVES

FAUSTO LANDI

Esta publicação contou com a inestimável participação dos Agentes de Participação Cidadã (APCs) da Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo:

ANTENOR VERÍSSIMO DA SILVA
ANTÔNIO VICENTE DE SOUSA
ALFREDO SILVA ARAUJO
CARLOS DE SOUZA COELHO
CLAUDINEI CORREIA DE MELLO
CLAUDECIR DOS SANTOS LEMOS
DULCINÉIA BUENO
EPAMINONDAS GOMES DE FARIAS
FRANCIRLEIDE ALVES QUEIROZ
FRANCISCO DIOGENES FERREIRA GOMES
FRANCISCO TEIXEIRA PINTO
FRANCISCO VERÍSSIMO FURTADO
GILMO ACIOLI DE OLIVEIRA

GIVALDO DANTAS BISPO
GUSTAVO SILVA SANTOS
JOÃO BATISTA DA SILVA LIMA
JOÃO JUVINO BARROS NETO
JOAQUIM GILMAR NETO
JOSÉ CARLOS FERREIRA DA SILVA
JOSÉ LEOPOLDINO DE MELO
JOSÉ MANOEL FERNANDES
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA
JOSÉ ARIMATEIA TEIXEIRA
JONAS RUIZ DE OLIVEIRA
LUCIELE PATRICONI VALLOTA
LUIZ CARLOS A. DE OLIVEIRA

LUIZ CARLOS FERNANDES
MARIA CRISTINA CAMPANHOLO
MARIA EUNICE DOS SANTOS TORRES
MARISE FIGUEIREDO SAMPAIO
MISAEAL DANTAS DA SILVA
ORISILDA MARQUES FERREIRA
ROBERTO LEONARDI
ROBSON DE LIMA GOMES
RONALDO DE ARAÚJO COUTO
VALÉRIA DUCCA CINTRA
VANUZA FARIAS LEITE
ZULMIRA MARQUES ORMEDILLA

Apresentação

É

com enorme satisfação que apresento à sociedade de São Bernardo do Campo este retrato da evolução histórica, social e econômica de nossa cidade.

Pode parecer, mas este não é um livro dedicado ao passado. Pode ser essa a primeira impressão que surja para quem descobre nestas linhas a nossa preocupação com o resgate do patrimônio imaterial e a memória da nossa cidade e região. No entanto, no coração destas páginas se encontram elementos importantes para repovoar o nosso imaginário com informações que são essenciais para o fortalecimento da nossa identidade individual e coletiva. São elementos necessários para projetar o futuro e transforma-lo.

Este livro é uma aventura crítica que nos leva a reencontrar aquele caminho comum que um dia foi o nosso ponto de partida. Essa revisão não é responsabilidade somente do poder público, mas de toda a cidadania que, colocando a história no seu devido contexto, e estabelecendo hierarquias e contextualizações indispensáveis, nos proporciona as informações necessárias para avaliar o nosso passado e discernir, com objetividade, sobre o escusável, indevido, equivocado, e o admirável e probo dos fatos e personagens dessa herança secular.

Esse exame, para ser eficaz, deve ser individual, livre, independente e plural. É natural que numa sociedade aberta coexistam versões e interpretações diversas, inclusive sobre a sua história escrita. Essa diversidade é a melhor maneira de se aproximar e conseguir segurar essa escorregadia e difusa matéria que é a verdade histórica. Naturalmente, essa aproximação não exclui a crítica, que é a única que a torna possível e justa. Diferentemente, quando a verdade histórica é monopólio de alguns poucos, aquela possibilidade de alcançar o conhecimento de uma sociedade termina sendo eclipsada e inalcançável.

Desse modo, podemos distinguir na memória coletiva um valor significativo para a tradição oral e, a partir dos contos, recordações, lendas, mitos ou histórias familiares ouvidas desde a nossa infância, desenvolver uma consciência coletiva que mantenha viva a lembrança das nossas origens, dos acertos e dos erros e, dessa forma, consolidar a nossa identidade, en-

frentar com lucidez e determinação o futuro e escrevê-lo juntos, participativa e democraticamente, como deve ser o caráter desses novos tempos à luz da liberdade e da justiça social.

A história de São Bernardo do Campo, como legado, é uma bandeira alinhavada com os fios de milhares de histórias individuais. É a vida e obra de migrantes esperançosos, de famílias empreendedoras, de homens e mulheres que acreditaram nesta terra; é a nossa própria história aqui retratada. Como processo, é uma etapa de sensibilização que se ancora com responsabilidade no futuro e, sob uma visão compartilhada, se enfrenta solidariamente diante de uma nova oportunidade para construir a cidade que queremos e a sociedade que precisamos ser para alcançar esse futuro desejado.

Assim, a história de São Bernardo do Campo contada desde o ponto de vista dos seus protagonistas é uma iniciativa que não se esgota na intenção de revisar o passado, mas se aprofunda e fortalece como processo de construção coletiva de futuro: um exercício de planejamento e participação. É nessas variáveis que este esforço se sustenta, e é a partir do cuidado com o fato histórico enriquecido com a liberdade narrativa das inúmeras pessoas que fizeram possível este livro, que esperamos que os protagonistas – todos aqueles que viveram um sonho em São Bernardo – possam se reconhecer.

Cabe, portanto, refletir juntos e entender que para construir o futuro é necessário diagnosticar o presente e para isso, precisamos recuperar o passado, reconhecê-lo e utilizá-lo como insumo no planejamento das nossas ações, não mais como indivíduos, mas como cidadãos comprometidos com a história da nossa cidade e por aquelas linhas que ainda serão escritas, e que em breve voltarão a ser contadas.

Em São Bernardo do Campo o futuro começa hoje.

Luiz Marinho
Prefeito



1. A nova São Bernardo, 200 anos depois

A configuração urbanística da cidade de São Bernardo foi estabelecida a partir de 1812, quando da criação da Freguesia e Paróquia de São Bernardo, uma espécie de distrito de São Paulo, capital. Pensou-se e estabeleceu-se, nos anos seguintes, um caminho alternativo na interligação São Paulo – Litoral. Estava nascendo a atual Rua Marechal Deodoro, quase toda reta nos seus três quilômetros de extensão, com uma única curva suave embicando para o Litoral no cruzamento com a Rua Américo Brasiliense, seguindo pelo Vale dos Meninos, a uma distância prudente do rio.

No centro desta nova via pública projetou-se um espaço urbano caracterizado pelos primeiros quarteirões, um deles destinado ao levantamento da igreja matriz. Na definição do topógrafo Newton

Ataliba Madsen Barbosa, nascia ali o primeiro loteamento urbano do hoje Grande ABC, o do Largo da Matriz da Boa Viagem.

Este espaço central poderia ter nascido em outro





Apresentação

ponto da antiga Estrada do Vergueiro, ponto situado a quatro quilômetros dali em direção a São Paulo, junto à sede da então Fazenda de São Bernardo, propriedade dos monges beneditinos que se estabeleceram na primeira metade do século 18 entre a estrada e o rio – exatamente onde a indústria Villares (pontes e elevadores) funcionou e onde está, neste 2012, uma das unidades do Carrefour.

Se aquele espaço fosse aprovado para receber a sede da Freguesia de São Bernardo, esta ficaria na ponta de uma seta indicativa da bifurcação das atuais Avenidas Senador Vergueiro e Kennedy; ou no ponto onde o Córrego Borda do Campo (hoje canalizado) deságua no Ribeirão dos Meninos.

O ponto só não foi o aprovado pela negativa dos beneditinos. Estes sobreviveram com a sua fazenda no local até a segunda metade do século 19. Enquanto isso, a São Bernardo atual não sofreu solução de continuidade entre 1812 e os dias atuais.

Dos 200 últimos anos, a nova São Bernardo dominou toda a região do atual Grande ABC por mais de um século. De freguesia da capital paulista foi elevada a município em 1889, quando assistiu à formação da República. Foi rebaixada a mero distrito de Santo André em 1938. Recuperou a autonomia em 1944 – mesmo que perdendo fatias consideráveis do seu território. Alcança o terceiro milênio com fôlego renovado e novas perspectivas.

Do eixo original da Rua Marechal Deodoro surgiram os demais, espalhando-se por um território hoje integrado por 20 regiões que respeitam a formação dos bairros e vilas. Estas 20 regiões, criadas pelo governo municipal em 2009, estruturam um novo planejamento urbano, alicerçado em 200 anos de história e que aponta para o futuro dos próximos 20 anos como forma de enfrentar os novos tempos de superpopulação e problemas graves como o da regularização de bairros – necessidade deixada por antigos governos –, transportes, trânsito, saúde e educação.

¹São três datas principais em 1812: 23 de setembro, que marca a elevação do antigo bairro paulistano a freguesia, com o nome de São Bernardo; 21 de outubro, ereção canônica da primeira paróquia do Grande ABC, a da Boa Viagem; e 1º de dezembro, a ereção civil.



Representação da sede da Fazenda São Bernardo, entre uma das vertentes do Caminho do Mar, futura Estrada do Vergueiro, hoje Avenida Senador Vergueiro, e o Ribeirão dos Meninos. Criação e desenho: Adolfo Homma

2. Da vila de João Ramalho aos beneditinos

Aos beneditinos deve-se o nome da cidade de São Bernardo, e também o nome da cidade de São Caetano, de outra fazenda que a congregação criou, no hoje vizinho Município de São Caetano do Sul. Já a expressão Santo André, alusiva à Borda do Campo do quinhentismo, vem mesmo do século 16 e serviu para denominar a vila de 1553 que foi dirigida pelo português João Ramalho: Vila de Santo André da Borda do Campo.

A Vila de Santo André da Borda do Campo é citada em todos os compêndios de história, por ter sido uma das primeiras afastada do litoral. Mas sua vida foi efêmera. Ela desapareceu em 1560. De vida tão curta – meros sete anos oficiais – a vila de João Ramalho sequer deixou vestígios exatos da sua verdadeira localização, tanto em forma de escritos ou identificados por algum tipo de ruína.

Hoje a cidade de São Bernardo celebra, anualmente, mais de quatro séculos de fundação por um ato registrado no início da década de 1950. Naquele tempo, São Paulo, capital, preparava-se para as comemorações do seu quarto centenário (1554 – 1954) e os municípios de São Bernardo e Santo André, pelos seus governantes, entenderam que deveriam celebrar seus próprios aniversários reportando-se a 1553, quando da oficialização da Vila de Santo André da Borda do Campo. Esqueceu-se que a histórica vila deixara de existir em 1560.

Mas quem ficaria com o 8 de abril como seu aniversário?, considerando que a criação da vila de João Ramalho ocorrera em 8 de abril de 1553. Houve uma disputa política neste sentido, até que São Bernardo abriu mão da data em favor de Santo André, por determinação do prefeito Lauro Gomes. É quando se chega ao 20 de agosto, data tirada do calendário litúrgico – 20 de agosto é o dia do santo padroeiro da cidade, São Bernardo.

Assim, a partir do 20 de agosto de 1953, São Bernardo passou a comemorar seu aniversário (ao menos oficial) nesta data, com desfiles, inaugurações e todos os festejos de praxe, esquecendo-se que a nova São Bernardo nasceu em 1812 como ponto urbano; ou no século 18, se considerada a instalação, naquele período, das duas fazendas dos beneditinos: a São Bernardo e a Jurubatuba.

NOTA – Diferente do que diz Teodoro Sampaio, a Vila de Santo André da Borda do Campo é importante, tanto que sua história sobrevive. A Vila deve ser estudada e debatida, lembrada, mas dentro do seu real contexto quinhentista e como ponto referencial da história paulista e brasileira. Não pode continuar a ser apontada como a verdadeira origem do atual São Bernardo do Campo e dos demais municípios que formam o Grande ABC.

²“Santo André da Borda do Campo, na verdade, nunca foi mais do que uma pobre aldeia, fadada a uma vida efêmera e sem glória”, conforme Teodoro Sampaio, “Restauração histórica da Vila de Santo André da Borda do Campo”, citado por João Neto Caldeira, “Álbum de São Bernardo”, 1937.



3. 1812 – 2012 – O bicentenário do Grande ABC independente

O ano de 1812 é importante porque assinala a criação da Freguesia de São Bernardo, dando à localidade o direito de ter um cartório de registro civil. A população passava dos 1.100 habitantes (recenseamento de alguns anos antes, 1797, apontava uma população regional de 1.182 habitantes).

1812: 29 de maio – População de São Bernardo requer o desmembramento do seu território da Freguesia da Sé.

1812: 23 de setembro – Luís Teles da Silva Caminha e Meneses, o quinto e último Marques de Alegrete, governador nomeado da Província de São Paulo, eleva São Bernardo a freguesia – hoje seria distrito, como o é Riacho Grande, em São Bernardo.

1812: 17 de dezembro – Padre José Basílio Rodrigues Cardim é efetivado como pároco de São Bernardo. Sua posse ocorrerá em 20-10-1813.

1813: 9 de novembro – O alvará de criação da Freguesia de São Bernardo é registrado no livro Tombo nº 1 da Catedral de São Paulo.

1814 – A Paróquia passa a se denominar Nossa Senhora da Conceição da Boa Viagem, para diferenciar do orago “São Bernardo”, já que este indicava a existência no lugar da antiga fazenda dos beneditinos.

A Paróquia da Boa Viagem é instalada provisoriamente nas proximidades do atual Cemitério de Vila Euclides. E o pároco solicita a escolha de um novo sítio para a instalação definitiva da sede da nova paróquia e edificação da sua respectiva matriz.

1814: 23 de setembro - Cabe ao tenente-coronel Daniel Pedro Muller, do Real Corpo de Engenheiros, indicar um terreno para a sede da paróquia, em

terras de Manoel Rodrigues de Barros.

Pelos anos seguintes foram abertas as primeiras ruas e largos. Nascia a futura Rua Marechal Deodoro e suas transversais. Ou: o primeiro loteamento urbano do atual Grande ABC, com a primeira igreja matriz e, no terreno ao fundo, o primeiro cemitério urbano, que sobreviveria até a segunda metade do século 19.

Em síntese

A Freguesia de São Bernardo foi a nona freguesia da cidade de São Paulo. Ela se incorporou ao conjunto formado pelas Freguesias da Sé, Cotia, Guarulhos, Juqueri (Mairiporã), Santo Amaro, do Ó, Penha de França e Santa Efigênia.

O que se celebra em 2012, portanto, é o bicentenário do primeiro título político-administrativo contemporâneo da antiga Borda do Campo. A Freguesia e Paróquia de São Bernardo se transformam na semente do Grande ABC dos dias atuais.

Durante quase um século a Paróquia de São Bernardo foi a única do Grande ABC e da faixa que vai da Serra do Mar a Mogi das Cruzes, São Paulo capital a Santo Amaro.

Bibliografia

O que se pretende no projeto de construção da Memória dos 200 anos da Freguesia e Paróquia de São Bernardo é, numa primeira fase, reunir e sistematizar toda a documentação primária e secundária que mostre o que foi a virada do século 18 para o século 19 aqui na antiga Borda do Campo.



Apresentação

Autores como Affonso de Escragolle Taunay, João Netto Caldeira, Wanderley dos Santos, Dom Martinho Johnson, Newton Ataliba Madsen Barbosa, Octaviano Gaiarsa, Antonio Egidio Martins e Luiz Gonzaga Piratininga Júnior oferecem uma documentação primária e secundária que mostra o que foi a virada do século 18 para o século 19 em São Bernardo.

Esta documentação foi buscada pelos autores em arquivos e departamentos como os seguintes:

Arquivo da Corregedoria Geral do Estado de São Paulo.

Modelo de documento ali encontrado: inventário de Gertrudes Maria de Barros referente ao ano de 1817. Ela foi proprietária das terras hoje ocupadas pela sede da Paróquia e que foram ocupadas pela antiga Freguesia de São Bernardo.

Arquivo Histórico Municipal (da cidade de São Paulo) Washington Luis.

Modelo de documento ali encontrado: papéis avulsos como ofícios de fabriqueiros, fiscais, juizes de paz, párocos, professores e subdelegados. Essa documentação traz relatórios e recibos referentes aos anos 1830 a 1870. Termo de Demarcação do Rocio da Freguesia de São Bernardo, 1813 – Papeis Avulsos.

Arquivo Histórico do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Ex. Fichário contendo cópias de escrituras, autos de divisões e de inventários da Freguesia e Vila de São Bernardo e distritos, 1740-1930.

Arquivo do Mosteiro de São Bento, Abadia de Nossa Senhora da Assunção.

Livro de Documentos de São Bernardo, 1665-1868. *Arquivo Metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva* –

Cúria Metropolitana de São Paulo.

Ex. Batizados, casamentos e óbitos de livres e escravos.

Cúria Diocesana de Santo André.

Ex. Batizados, casamentos e óbitos a partir de 1813. Tombo nº 01, aberto em 8-11-1825.

Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo.

Ex. **Demarcação do sítio para nova povoação de São Bernardo, 1814 in requerimentos sobre dívidas, heranças, queixas, relação de prisões, 1800-1819, DA-ESP, Ordem 341, lata 93.**

Ex 2. Livros originais sobre a sede do Núcleo Colonial de São Bernardo.

4. Século a século, os saltos de São Bernardo

São cinco séculos de história desde o descobrimento oficial brasileiro. Eles demonstram, no caso de São Bernardo e Grande ABC, que sempre fomos uma região de passagem na interligação Santos a São Paulo e que tivemos várias missões, do trabalho agrícola ao industrial.

Século 16 - Formação, oficialização e extinção da Vila de Santo André da Borda do Campo. É a vila famosa de João Ramalho, cacique Tibiriçá, índia Bartira, a primeira vila formada no planal-



Apresentação

to. Um povoado que teve por testemunhos nomes como os de Anchieta, Mem de Sá, Nóbrega, Leonardo Nunes e Martim Afonso.

Do ponto de vista de continuidade histórica, nada tem a ver com os atuais municípios de Santo André e São Bernardo do Campo, que comemoram a data de seus aniversários reportando-se à mesma vila quinhentista.

A data referencial de Santo André da Borda do Campo é o 8 de abril de 1553. Neste dia era levantado o pelourinho na povoação que João Ramalho fundou. Oficializava-se o primeiro povoado brasileiro longe da costa.

A vila de João Ramalho deixará como marca maior o nome “Borda do Campo”, expressão genérica que identificará significativa parte da região por longo período, algumas áreas até o século 19

Século 17 – Início da formação das grandes fazendas. Alguns casos:

1. Duas fazendas dos beneditinos na futura área de São Bernardo.

2. Uma fazenda dos beneditinos em Tijucuçu, futuro São Caetano.

3. Roça Nova na Borda do Campo, área atualmente abrangida por Diadema. O bandeirista Pedro Nunes e sua terceira esposa, Maria Jorge, residentes na paragem do Ipiranga, tornam-se pioneiros deste espaço, para onde estendem suas roças.

4. Caaguaçu. Nome genérico de terras locais - desde Santo André até Ribeirão Pires, incluindo Mauá - e da zona leste paulistana. Em 1677, um capitão-mor, Antonio Correa de Lemos, fixa-se nas proximidades do ribeirão Grande, que depois passará a ser chamado de ribeirão Pires ou ribeirão dos Pires, atual município de Ribeirão Pires e passa a ser o seu primeiro povoador.

Século 18 – Ocupação destas fazendas, entre elas as dos beneditinos, situadas nos atuais municípios de São Bernardo e São Caetano, e Oratório, abrangendo parte considerável do atual território

de Santo André, dentro do Distrito de Utinga, e atingindo partes do atual município de Mauá e zona leste de São Paulo.

Este é também o século do surgimento dos primeiros bairros rurais da região. Registro de terras feito entre 1854 e 1856 indicam que os sítios mais numerosos, por ordem alfabética, eram: Rio Acima, Alvarenga, Apiaí, Curral Grande, Rio Grande, Meninos, Rio Pequeno, Pilar, Tamanduateí, Varginha, Vianas e Vila - nomes que sobrevivem até hoje.

Século 19 - Constituição da Freguesia de São Bernardo, espécie de distrito de São Paulo, capital, ocupando o espaço aproximado do que é o Grande ABC hoje.

Construção, na década de 1860, da estrada de ferro São Paulo Railway, que corta a região e que deixa como herança histórico-cultural a vila de Paranapiacaba.

Criação, a partir de 1877, nas antigas fazendas, dos núcleos coloniais, ocupados por mão-de-obra estrangeira, de imigrantes, em especial italianos mas não só. Surgem os núcleos de São Bernardo, São Caetano e Ribeirão Pires.

Freguesia de São Bernardo é elevada à condição de município autônomo, com o mesmo nome de São Bernardo: criação em 1889, instalação em 1890.

Século 20 – Período da transformação do rural em urbano, da industrialização acelerada, da formação da Represa Billings (a partir dos anos 20), dos grandes loteamentos urbanos, da construção da Via Anchieta e da Rodovia dos Imigrantes e, a partir dos anos 60, dos primeiros núcleos irregulares então chamados de favelas.

Formam-se os sete municípios que constituem o Grande ABC, todos originados da antiga Freguesia e, depois, Município de São Bernardo.

Nos últimos 30 anos do milênio, os espaços das antigas chácaras transformadas em indústrias de ponta passam a ser ocupados por conjuntos habitacionais de várias classes e pelo setor terciário e de serviços.

Os metalúrgicos de São Bernardo, Diadema e outras cidades chamam a atenção do País e do mundo com a liderança de um operário, futuro presidente da República, Luiz Inácio da Silva, o Lula.



5. A formação dos sete municípios

Da Freguesia de São Bernardo derivam os atuais sete municípios do Grande ABC. A região foi conhecida por São Bernardo (freguesia e município), Santo André, ABC, ABCDMRR e o atual Grande ABC, expressão nascida na década de 1960 quando dos estudos e formação das primeiras regiões metropolitanas.

Santo André – Nasce com a inauguração, em 1867, da estrada de ferro São Paulo Railway, a “Inglês”. No ponto da estrada mais próximo da Vila de São Bernardo (hoje município de São Bernardo do Campo) foi inaugurada, no mesmo 1867, uma estação ferroviária, que recebeu o nome de São Bernardo. Ao redor da estação nasceu um núcleo que se transformou no centro urbano e histórico do atual município de Santo André.

São Bernardo do Campo – As origens do município prendem-se à formação, em 1717, de uma fazenda dos monges beneditinos, cuja sede foi localizada na antiga Borda do Campo. Ao redor da

Fazenda São Bernardo surgiu um povoado que se desenvolveu ao longo do século 18. Seus moradores protagonizam o primeiro movimento autonomista local, no início do século 19: é criada a Freguesia de São Bernardo, que dá à região o direito de ter um cartório de registro civil.

A Freguesia de São Bernardo, semente do Grande ABC, foi elevada à condição de município autônomo em 1889, graças a um novo movimento popular. Em 1938 o município de São Bernardo passa a se chamar Santo André. E a partir da década de 1940, o Município de Santo André, ex-São Bernardo, começou a ser subdividido, para se transformar nos atuais sete municípios.



São Caetano do Sul – A formação do município de São Caetano do Sul, no velho Tijucuçu, assemelha-se à formação do município de São Bernardo do Campo. No mesmo 1717 em que os beneditinos criaram a fazenda São Bernardo, criaram também a fazenda São Caetano. Religiosos, índios e negros escravos ocuparam a fazenda.

Junto à estrada de ferro, São Caetano torna-se núcleo industrial e obtém a autonomia em 1948, separando-se de Santo André.

Diadema – Povoação é formada no início do século 18, quando do desenvolvimento dos povoados vizinhos de São Bernardo e Santo Amaro. Uma das versões do caminho do mar, cruzando o território, propiciou a ocupação de vários de seus espaços por sítios dispersos. Na primeira metade do século 20 é criado o primeiro loteamento, Vila Conceição. Na segunda metade, em 1958, Diadema é elevada a município, separando-se de São Bernardo do Campo.

Mauá – Cassaquera, que na linguagem tupi-guarani pode ser interpretada como Cercados Velhos, e Caaguaçu (Mata Grande) são nomes primitivos do atual Município de Mauá. Nomes encontrados ao longo do século 18. É neste período que Mauá passa a ser atingido pelo povoamento disperso proveniente de São Paulo. Seu primeiro nome foi Pilar, uma referência à histórica capela do Pilar Velho. O nome

Mauá surge em 1926, homenageando-se o empresário brasileiro Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, idealizador da estrada de ferro São Paulo Railway. Sua elevação a município registra-se em 1953, quando Mauá se separa de Santo André.

Ribeirão Pires – No início do século 18, as terras que formam o atual Município de Ribeirão Pires integravam o território genericamente chamado de Caaguaçu, uma extensão de São Miguel Paulista, a antiga Aldeia de Ururai. A ligação local com São Paulo fazia-se por Itaquera e Aricanduva.

A expressão “Ribeirão Pires” tem origem na família do mestre de campo Antonio Pires de Ávila, com terras e residência na vizinha Cassaquera, território do futuro município de Santo André. Ribeirão Pires obtém a emancipação político-administrativa em 1953, separando-se de Santo André.

Rio Grande da Serra – No quinhentismo, o território que hoje forma Rio Grande da Serra tinha a denominação de Geribatiba ou Jurubatuba, expressões indígenas que significam “o palmar ou sítio dos jiribás”. Suas terras faziam parte da Vila de São Paulo de Piratininga e permaneceriam desabitadas até o século 19. Com a passagem da estrada de ferro, em 1867, nasce um núcleo ao redor da estação. A elevação a município ocorre em 1964: Rio Grande separa-se de Ribeirão Pires e ganha o apêndice “da Serra” no nome.

Virada dos anos 1960 para 1970.

Os arredores do Paço: 1) o Paço visto do alto de Vila Euclides:

2) o Conjunto Anchieta e a antiga Escola João Ramalho.

3) a fábrica Elni;

Acervo: Mario Faria



6. Trabalhadores e Trabalhadoras

A CNM/CUT em São Bernardo. Os metalúrgicos fizeram história

. Os pontos históricos, os pontos de luta

. A história resgatada, a história construída

. A luta pelas 40 horas semanais de trabalho

. Um movimento em favor da indústria nacional

Pioneira fábrica de móveis de São Bernardo, fundada por João Basso em 1905: os moveleiros do início do século passado serão sucedidos por novas categorias de trabalhadores, entre as quais as têxteis, químicas, construção civil e metalúrgicas. Acervo: família Basso

A Os metalúrgicos formam a primeira categoria a organizar-se, enquanto ramo, no interior da CUT, cumprindo deliberação do 3º Congresso Nacional da Central, realizado em 1988. Em 1989 foi fundado, em congresso, o Departamento Nacional dos Metalúrgicos da CUT. Em 23 de março de 1992, no 2º Congresso da categoria, o Departamento transformou-se em Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT, com federações em todas as regiões brasileiras. A CNM/CUT teve sede na Rua Caetano Pinto, no Brás, em São Paulo

– junto à CUT - até transferir-se para São Bernardo do Campo.

A sede da CNM/CUT localiza-se à Rua Antártico, 488, no Jardim do Mar, a meio caminho entre o pavilhão Vera Cruz – onde a CUT foi fundada – e o Corredor de Piraporinha, de tantas indústrias que se transformaram em palcos de batalhas históricas dos metalúrgicos.

É um berço político que não pode ser desprezado, comenta Paulo Cayres, presidente da CNM/CUT.

Do mesmo modo, a sede da CNM/CUT localiza-se, estrategicamente, en-

tre outros pontos referenciais da cidade que marcaram os passos contemporâneos dos trabalhadores do ABC num momento enigmático da ditadura militar. A sede fica a 100 metros da Via Anchieta, sempre palco de marchas e caminhadas rumo ao Paço Municipal; ou a um quilômetro e meio do Estádio Primeiro de Maio, na Vila Euclides, das grandes assembléias; se você percorrer um quilômetro, chega ao Paço; a dois quilômetros, à Igreja Matriz, que sempre acolheu os trabalhadores, rumo a outro ponto referencial de passeatas inesquecíveis, a Rua Marechal Deodo-





ro; a três quilômetros da sede da Confederação está o Sindicato dos Metalúrgicos, que produziu um presidente da República, o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva. Este é o embrião da Rota dos Trabalhadores, que está no computador, nas caminhadas quase diárias e na cabeça de Paulo Cayres.

O dirigente da CNM/CUT lembra que, de São Bernardo, expandiu-se o movimento metalúrgico nacional. O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC é, ainda, a grande casa dos metalúrgicos brasileiros, mas em breve poderá ser alcançado por outros centros. Manaus cresceu muito, Pernambuco também, desde a posse de Lula na Presidência da República, aproximando-se dos 100 mil metalúrgicos;

Minas Gerais avança muito na linha Belo Horizonte e Contagem.

De qualquer forma, fica com o ABC uma história de luta fundamental, difícil de ser construída em outra região. Crescerão novos pólos industriais, mas como tirar do ABC a luta que aqui se construiu contra a ditadura, a lembrança da primeira greve na Scania também durante o regime militar?

No passado o ABC representou 70% do setor automobilístico. Hoje está menos. A gente se dizia único. E hoje fazemos movimentos com outras Centrais, porque houve uma expansão. Temos diferenças, mas quando está colocado o interesse do trabalhador, vamos juntos – raciocina Paulo Cayres.

Com descentralização e tudo, o

ABC, a partir de São Bernardo, se reorganiza de várias maneiras. Houve o advento do Rodoanel, o Metrô está chegando ao município. E São Bernardo tem uma história e tradição de luta, que leva a CNM/CUT a idealizar esse Roteiro dos Trabalhadores, para que jamais as novas gerações se esqueçam da luta de gerações imediatamente anteriores à sua.

O Roteiro dos Trabalhadores necessita de alguns elementos, até para que ganhe placas nas ruas, blogs, resenhas e publicações. No passado, com as intervenções nos sindicatos, interventores destruíram documentos. Mas os Metalúrgicos do ABC possuem o Centro de Documentação. Está aí o acervo da

Estádio da Vila Euclides, atual Primeiro de Maio: 1980. Foto: Estevam Figueiredo



Cooperativa São Bernardo: os trabalhadores se cotizaram e compraram esta fábrica, depois de uma greve. Acervo: Oswaldo Coppini

TV dos Trabalhadores, “catalogado” na cabeça de pesquisadores/metalúrgicos do porte de um Josimar Bezerra, o Banana, que sabe de cor e salteado o conteúdo de cada vídeo gravado há 10, 20, 30 anos, e onde localiza-lo. A produção acadêmica se expande. O Museu do Trabalho e do Trabalhador se desenha forte. E existem os protagonistas desta história para serem consultados, ouvidos, perpetuados em entrevistas e depoimentos.

Os episódios vividos pela geração anterior estão presentes para serem registrados, estudados, como a Greve da Gola Vermelha na Ford e a da Vaca Braba na Mercedes-Bens, de uma categoria, acima de tudo, criativa.

Paulo Cayres defende a importância da transferência desse saber. “Você não leva o saber para o túmulo. Você leva a inteligência. A inteligência você não transfere, o saber sim. Isso que o Banana tem, outros companheiros têm, tem que transferir, ser utilizado para formar outras pessoas?”

Claro que existem obstáculos e etapas a serem vencidas. Se é verdade que os acadêmicos têm voltado vistas à história do movimento sindical, produzindo trabalhos, o campo precisa ser mais e melhor explorado.

Paulo Cayres recebeu, recentemente, na Federação, um dirigente sindical dos Estados Unidos. O sindicato dele tem 2,5 milhões de sócios; a categoria metalúrgica brasileira tem 900 mil trabalhadores e não chega a 200 mil sindicalizados.

“O dirigente americano disse que os metalúrgicos do ABC são estudados na Harvard, já aqui há, ainda, um preconceito da nossa Universidade com o movimento sindical”.

E há muito a se estudar, e várias possibilidades, alinhava Paulo Cayres:

1. A história de Lula é um exemplo. Ele mostrou que um homem oriundo da classe trabalhadora pode chegar ao poder. Não são apenas os iluminados e os intelectuais que podem chegar lá.

2. O advento de Dilma Rousseff também é algo fantástico. Hoje as mulheres olham para cima e não vão ver apenas os homens no poder.

3. Luiz Marinho, igualmente, vem do movimento sindical. Atuou no chão de fábrica. Presidiu o Sindicato. Tem o DNA dos metalúrgicos do ABC. Tem elevado a cidade para algo melhor. Recuperou a Chácara Silvestre.

Os escravos resistem. Os operários se organizam. E participam da derrubada do regime militar

Há uma linha do tempo dispersa, mas coerente, que interliga os quilombos organizados por negros fugitivos dos séculos em que o Brasil manteve a escravidão de negros e índios no seu então mundo rural e os dias presentes.

Sim, houve escravidão em São Bernardo e negócios e negociatas envolvendo a compra, venda e troca de escravos. A sempre citada Rua Marechal Deodoro chegou a ter argolas onde eram presos e postos à chacota negros revoltosos e nem tanto.

Linha do Tempo

Na Colônia e no Império há a organização de negros fugitivos e quilombos nas matas da Serra do Mar. Professor José de Souza Martins cita os casos de uma fuga e perseguição em 1807 e a barbárie de 1830. Em junho daquele ano, 20 negros se refugiaram nas matas: três foram mortos e sete feridos.

1901 – Operários da fábrica de tecidos Ipiranguinha deflagram greve. É o mais antigo registro de uma paralisação do trabalho que se conhece no ABC.

1907 – Funda-se, em São Bernardo, a Liga Operária, aderente à Federação Operária de São Paulo.

1933 – 17 de janeiro. Fundado o Sindicato dos Marceneiros, Carpinteiros e Classes Anexas de São Bernardo. É o primeiro sindicato dos trabalhadores do ABC a receber carta do Ministério do Trabalho após a



Trabalhadores e Trabalhadoras

legislação getulista. Atual Sindicato da Construção Civil.

18 de maio. Fundação do Sindicato dos Vidreiros de São Paulo – hoje com base no ABC.

1938 – 8 de outubro. Fundado o Sindicato dos Químicos do ABC.

1944 – 28 de outubro. Trinta e cinco mulheres participam da fundação da Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de São Bernardo. Sindicato reconhecido em 1947.

1959 – 12 de maio. Fundação da Associação Profissional dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de São Bernardo do Campo e Diadema, o futuro sindicato que revelaria o líder Luiz Inácio da Silva, o Lula.

Fundação do Sindicato dos Bancários do ABC.

1960 – 26 de agosto. Associação dos Metalúrgicos de São Bernardo transforma-se em sindicato, hoje o

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

1969 – 19 de abril. Lula assume o seu primeiro mandato no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, como suplente do Conselho Fiscal.

1971 – 28 de junho. Circula o primeiro exemplar da Tribuna Metalúrgica, órgão oficial do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema: 15 mil exemplares.

1974 – setembro. Realizado o I Congresso dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Em pauta a reformulação da atuação sindical.

1975 – 19 de abril. Lula toma posse pela primeira vez como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

1978: 12 de maio. Eclode a greve histórica da Scania: os metalúrgicos do ABC começam a se transformar

em manchete nacional. Anteriormente houve greves relâmpagos na Mercedes-Benz e na Ford.

18 de outubro. Fundação da AMA – Associação dos Metalúrgicos Aposentados de São Bernardo e Diadema, hoje AMA/ABC.

1979: 1º de maio – No ABC, o Dia do Trabalhador se transforma no 1º de Maio Unificado, com passeata e missa campal no Paço de São Bernardo, celebrada por Dom Cláudio Hummes. Nesse mesmo evento, Vinicius de Moraes interpreta o consagrado “Operário em Construção”.

Primeiro semestre. Fundada a subsede do Sindicato dos Químicos em São Bernardo: Rua Artur Corradi, 299, em Vila Duzzi.

1980: abril. Metalúrgicos deflagram nova greve geral no ABC, mantida por 41 dias.

1º de maio – O Dia do Trabalhador é lembrado e celebrado em São Bernardo, num 1º de Maio Unificado, mesmo que os principais dirigentes, Lula incluído, estejam presos.

Lançado o Fundo de Greve, juridicamente legalizado com o nome de Associação Beneficente e Cultural dos Trabalhadores de São Bernardo do Campo e Diadema.

1981 – O Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema está sob intervenção, que é substituída por uma junta governativa, presidida por Afonso Monteiro da Cruz – sindicalista de confiança da categoria. A junta convoca eleições livres e duas chapas se apresentam. A Chapa 1 vence por larga maioria. Assim, Jair Meneguelli é o novo presidente dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.



*Inauguração do monumento ao trabalhador no cemitério de Vila Euclides
Acervo: Julião Lopes Garcia (em memória)*



1904. Funcionários da fábrica "A Delícia", de charutos. Ao centro, o dono, Ítalo Setti. Predomina a mão-de-obra feminina e infantil. Acervo: Elexina e Vicente D'Angelo

8. Industrialização

A pioneira indústria de móveis de São Bernardo teve origem nas serrarias criadas no século 19. João Ballotim criou a primeira, em 1881, em Capivari. Foi acompanhado por Rodolfo Primitz. Assim, numa região que partiu da exploração da indústria extrativa vegetal de lenha e madeira, seria de se esperar que a primeira instalação industrial fosse desse setor de produção.

Em 1909 a cidade tinha uma única fábrica de cadeiras, a pioneira fábrica de móveis, pertencente a João Basso. Existiam também várias oficinas de carpintaria, que daria origem a outras fábricas de móveis, como a de Guilherme Bellinghausen, a de Ângelo Colombo.

Ítalo Setti tinha uma fábrica de charutos, Gustavo Rathsan uma fábrica de cerveja e licores, idem Carlos Prugner e Filho.

Em 1910 o destaque em São Bernardo era a produção de carvão vegetal, em especial nos núcleos coloniais.

O desenrolar das décadas de 1920 e 1930 viria dar a São Bernardo a sua vocação total, com as fábricas de móveis e tecelagens. É deste período a abertura de um poço artesiano na Rua Municipal, onde funcionaria pelas décadas afora a Fábrica de Móveis São Luiz. A água foi servida à cidade durante muitos anos, até a década de 1980.

1939. Acidente do trabalho mata Antonio Marson, o Tonin. Ele trabalhava na fábrica de móveis São Bernardo e foi prensado quando descarregava um caminhão com madeira. Uma tora rolou e prensou o trabalhador. A morte foi instantânea.



Notas e notícias

21 de junho, Dia de São Luiz. Havia chopada na fábrica, reunindo funcionários e diretores.

Na fábrica São Bernardo, o mesmo. A primeira festa pública dedicada ao santo padroeiro – 20 de agosto – ocorreu em 1953. Antes, a fábrica já marcava a festa.

O mesmo se repetia nas demais indústrias: Santa Terezinha e São Bento, por exemplo. Fábricas que nasceram de cooperativas – os operários uniam-se em cotas e punham as indústrias a funcionar.

A primeira – Cooperativa de Móveis São Bernardo – nasceu de uma greve dos trabalhadores. A greve se estendeu. Não se chegava a um acordo. Daí a proposta dos antigos padrões para que os empregados assumissem a empresa. Foi o que ocorreu.

Eram 200 fábricas de móveis no Centro e nos arredores. Hoje, no espaço das antigas fábricas, funcionam centros de serviço ou condomínios.

A unidade local das Lojas Americana situa-se no espaço da São Bernardo; na São Luiz, dois prédios de particulares; na São Bento, um estacionamento; na

Santa Terezinha, um condomínio. E assim por diante.

“A fábrica de móveis Irmãos Corazza resistiu até poucos anos atrás. Fundada em 1919, foi a última, do Centro, a fechar as portas. Luiz, Bruno, Nelson Corazza, os irmãos, herdeiros do pioneiro Manoel Corazza.

Até o fim, a Irmãos Corazza preservou máquinas e equipamentos, num verdadeiro ecomuseu. Um dos equipamentos trazia a seguinte inscrição: “Carreta transportadora das primeiras ‘locomoves’ da estação de trem de Santo André a São Bernardo. Início da industrialização de São Bernardo. 1926”.

Via Anchieta passou a atrair as grandes montadoras de automóveis.

As duas primeiras não vingaram como montadoras de automóveis: foram a Varam Motores, que montou carros e caminhões Nash, e a Brasmotor, que montou os primeiros modelos Volkswagen. A partir dos anos 50 forma-se o atual parque automotivo, com a Willys Overland (hoje Ford), Mercedes-Benz, Volkswagen, Karmann-Ghia, Toyota e Scania.

“A gente vê um carro saindo da fábrica com a esperança de que vá para alguém que saiba tratá-lo. O carro é como um filho que sai pelo mundo”.

Cf. João Silvério (o Ponce), funcionário da indústria automobilística de São Bernardo, centroavante do time da Chrysler, tricampeão da indústria automobilística, em entrevista à revista *Realidade*: dezembro, 1970.

1936. Operários da Fábrica de Móveis Corazza, em 1936: ao fundo, Vila Duzzi. Acervo: Mario Medice (em memória)





9. Luíz Inácio da Silva

Uma aula de cidadania com o mais ilustre morador de São Bernardo

Conversamos com o cidadão Luiz Inácio Lula da Silva numa manhã de quarta-feira, 5 de setembro de 2012, bem cedo, na academia de esportes do São Bernardo FC. Lula fazia esteira, com toda a disposição, ao lado dos jovens atletas profissionais representantes do Tigre. Findos os exercícios, caminhou para um pequeno cômodo onde nos recebeu para falar da sua cidade por adoção.

Estava muito disposto. De camiseta, lembrou da sua chegada à cidade, há 47 anos. O trabalho de metalúrgico, a sindicalização, o ingresso no então Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, hoje do ABC, a forma com que foi recebido pelos Casa – bairro e família – as conversas com dona Regina, mãe da sua esposa Marisa com quem se casou em 1974.

Lula falou, especialmente, sobre a cidade, da central Rua Marechal Deodoro ao velho Caminho do Mar, que ele percorreu, a pé, várias vezes, desde a Casa de Pedra até Cubatão.

Jamais deixou São Bernardo, desde 1965, mesmo quando na Presidência da República – sempre que podia passava os fins de semana em São Bernardo, a poucos minutos da sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Lula tem verdadeira adoração pela cidade de São Bernardo do Campo. Conhece muito bem o Centro e os bairros. Isso fica claro, uma vez mais, no seu depoimento. A conversa que tivemos com ele se transformou numa verdadeira aula de

cidadania, ora lá atrás, nos anos 1950, quando nasce a indústria automobilística; ora no presente, quando visita pontos da cidade, geralmente anonimamente; ora imaginando o futuro, com olhos de um batateiro, incorrigível e otimista.

Com Lula completamos 60 horas de gravações para este trabalho, numa conversa acompanhada de perto pelo prefeito Luiz Marinho, pela secretária Nilza de Oliveira e pelo arquiteto Victor Huerta Arroyo, nosso orientador neste retorno a todos os bairros e recantos da São Bernardo de vida bicentenária.



Era 1965. A cidade ganha um novo metalúrgico

São Bernardo representa muito para mim. Em janeiro de 1965 comecei a trabalhar no ABC, na Villares, na Avenida Senador Vergueiro, onde é o Carrefour. Foi desse trabalho que eu, em 1968, me filiei ao Sindicato e me tornei diretor.

Foi desta minha vinda para São Bernardo que eu conheci o Bairro dos Casa, a família Casa e a Marisa Letícia Casa, com quem estou casado há

38 anos. Constituímos a nossa família aqui em São Bernardo do Campo.

Foi pelo Sindicato dos Metalúrgicos que eu conquistei o nome que tenho hoje. Devo isso à solidariedade dos trabalhadores e do povo do ABC.

Foi São Bernardo quem me projetou para a política nacional.

Não foi fácil. Você dar um salto da vida sindical para a vida política leva um tempo. É preciso que as pessoas consigam processar bem na cabeça esta transposição – a do líder sindical para o líder político.

Hoje São Bernardo é tudo. As pessoas queriam que, quando eu voltasse de Brasília, fosse morar em São Paulo. Seria melhor para mim e para a minha atividade política, já que tudo está em São Paulo, o aeroporto está em São Paulo. Mas eu não me vejo saindo de São Bernardo do Campo.

Eu não me vejo saindo de perto do Sindicato. Pode parecer uma bobagem, mas é uma bobagem minha e eu gosto dela.

De vez em quando eu ficava irritado com o barulho dos meninos na porta de fábrica xingando alguém, às 5h30 da manhã. Mas descobri que aquele xingamento é uma manifestação válida, o recurso que o trabalhador tinha para fazer valer a sua voz.

Hoje, levanto de manhã e sinto o cheiro de São Bernardo do Campo, ouço o barulho do caminhão de som do Sindicato. Vejo os trabalhadores passarem na porta de casa. Isso me



faz bem. Daí porque não quero sair de São Bernardo nunca.

Tudo isso faz com que São Bernardo seja, para mim, uma cidade onde eu não tive o prazer de nascer, mas a minha mulher teve. E eu quero ter o prazer de viver em São Bernardo até o último dia da minha vida.

São Bernardo é isso para mim: o lugar que eu escolhi para viver. Daqui eu não quero sair.

A transformação e o futuro

Temos que analisar São Bernardo pela mudança produtiva da própria cidade.

A indústria automobilística, nos anos 80, tinha 44 mil trabalhadores na Volkswagen e produzia metade do que produz hoje com 16 ou 17 mil trabalhadores.

São Bernardo, aos poucos, está

se transformando numa cidade tecnológica. Isso nos leva à necessidade de pensar o futuro da cidade em médio prazo, ou seja, daqui a 10, 15 ou 20 anos.

Quando nós pensamos em fazer a Universidade Federal do ABC, a nossa vontade era transformar o ABC no grande centro universitário e tecnológico do País. Essa Universidade foi pensada para que, daqui a 15 ou 20 anos, esteja figurando entre as 100 melhores universidades do mundo.

Fizemos em Santos, Guarulhos, Osasco... ou seja: é inacreditável. Quando eu estava no Sindicato imaginava: como é que pode, o centro industrial mais desenvolvido do Brasil, não ter uma universidade federal!

Daí ter nascido o desejo de fazermos, em todas as grandes cidades,

um braço da Universidade Federal. O sonho de que São Bernardo pudesse, além de ser esse fenômeno produtivo e do setor de serviços, pudesse ser também um fenômeno no setor da inovação tecnológica e da formação acadêmica avançada.

E a partir daí o ABC terá uma outra vida, uma outra história. Vai continuar a ter uma indústria metalúrgica forte, porque a indústria automobilística vai continuar aqui.

O maior investimento da Volkswagen, Ford, Mercedes-Benz no Brasil está se dando em São Bernardo do Campo.

Por tudo isso, São Bernardo é uma cidade que tem o futuro garantido. Um futuro com uma juventude muito melhor formada do que a nossa geração, mais qualificada. Será a grande cidade de serviços desse País.

Equipe de futebol do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Anos 1960. Campo do DER. Nos círculos: Afonso Monteiro da Cruz e Nelson Campanholo (em pé) e Lula de centroavante
Acervo: Nelson Campanholo





10. “A justa reparação”

Notícias e imagens da fase contemporânea da formação de São Bernardo agora com o “do Campo” no nome

São Bernardo permaneceu como distrito de Santo André entre 1938 e 1944. Rebaixado a esta condição, a cidade se uniu em torno do banqueiro Wallace Simonsen, que tinha casa de campo no Bairro Nova Petrópolis. Criou a Sociedade Amigos de São Bernardo, formada por empresários, industriais, profissionais liberais e o pároco da Boa Viagem, padre Jerônimo Angeli. E em pleno regime de exceção – o Estado Novo – recuperou a sua emancipação, ini-

ciando uma jornada que se estende até os dias atuais.

Não foi nada simples. Santo André não aceitava perder fatia considerável do seu território, que incluía, além de São Bernardo, todo o território do atual Município de Diadema. Discussões e tramas de bastidores marcaram o período. Foi de fundamental importância o prestígio de Simonsen junto às esferas paulistas e brasileiras, o que redundou na vinda de Getúlio e do interventor paulista, Fernando Costa, a São Bernardo.

Não havia a figura do plebiscito. Não houve consulta popular. Valeram os contatos políticos, com perdas e ganhos. Uma das perdas: Santo André conseguiu alterar antigas divisas e São Bernardo perdeu a faixa entre o espigão da Vila Gilda – primitiva divisa – e o Córrego Taioca. Mas toda a sede antiga da Rua Marechal, os terrenos livres ao longo da Via Anchieta, que estava em construção, as antigas linhas coloniais – em processo de urbanização – e as áreas semivirgens de

1º de janeiro de 1945. O povo reunido no centro da cidade participa da instalação do Município de São Bernardo, que ganha o apêndice “do Campo” no nome em alusão à antiga Vila de Santo André da Borda “do Campo”
Acervo: Família Simonsen





Riacho Grande foram preservadas.

Wallace Simonsen foi nomeado o primeiro prefeito. São Bernardo ganhou a expressão “do Campo” no nome. A Sociedade Amigos da autonomia originou a atual Associação Comercial e Industrial (Acisbec). E a área do Grande ABC dos dias atuais passou a ser formada por dois municípios: São Bernardo “do Campo”, abrangendo o futuro Diadema, e Santo André, na linha que vai de São Caetano do Sul a Paranapiacaba.

A Sociedade

“Em assembléia realizada ontem, às 19h, à Rua Marechal Deodoro, 210, sobrado, em São Bernardo, com o comparecimento de grande número de industriais, comerciantes, capitalistas, empregados do comércio e pessoas gradas da sociedade local, foi fundada a Sociedade dos Amigos de São Bernardo. A posse do presi-

dente eleito, Dr. Wallace Simonsen, dar-se-á em sessão solene, amanhã, às 21h, na sede da Sociedade Beneficente de São Bernardo, à rua Marechal Deodoro, 205”.

Cf. O Estado de S. Paulo, 11-6-1943.

“Não é a primeira vez que o povo de São Bernardo tem a honra de saudá-lo. Em 1930, passando por esta cidade, nosso povo o recebeu em triunfo e prestou-lhe homenagens com grande entusiasmo” (Simonsen saudando Getúlio em 1943)

1º de janeiro de 1945

Em festa, o Município de São Bernardo do Campo foi instalado oficialmente no feriado de 1º de janeiro. Entre os presentes à festa, a figura de João Silvério da Silva, o João Gomes, maestro da Corporação Musical Carlos Gomes.

João Gomes era um negro forte, mineiro de nascimento e há muitos

anos radicado em São Bernardo. A música o levou a Wallace Simonsen. Tornaram-se grandes amigos. Juntos, escreveram o hino Nosso Município, que é hoje o Hino Oficial de São Bernardo do Campo. Coube a João Gomes musicar os versos seguintes compostos por Wallace Simonsen:

*“Custou mas veio
a justa reparação
nosso trabalho
não foi em vão.
Custou mais veio
a justa reparação
por isso é que no peito
bate mais forte o nosso coração”*

Claro, a música foi entoada no 1º de janeiro de 1945, quando da instalação oficial do município. Um dia de celebrações e de discursos. Wallace Cochrane Simonsen encerrou a solenidade.

*22 de dezembro de 1943.
Getúlio Vargas na Rua
Marechal Deodoro profere
uma frase que se tornaria
histórica: “Prometo
colocar a cabeça de onde
foi extirpada”. Acervo:
Myrths Setti Braga*



11. O Plano Plurianual Participativo e o Orçamento Participativo

“É melhor concluir obras e serviços paralisados, mesmo que discutíveis, do que deixá-los assim até a corrosão definitiva e sem volta”.

Celso Daniel, prefeito por três vezes em Santo André, que investiu no diferencial do Orçamento Participativo e cujos ensinamentos são absorvidos e aplicados nesta gestão pública de São Bernardo.

De 2009 até hoje, a forma de se fazer planejamento em São Bernardo, baseada numa Gestão Participativa, cumpre um ciclo que resgata as discussões do programa de governo e as incorpora ao ciclo formal orçamentário desde a elaboração das diretrizes gerais contidas no Plano Plurianual (PPA) até o Orçamento Participativo (OP), canal representativo e emblemático da participação cidadã. O Município descobriu as suas potencialidades e fragilidades. O que pode ser bancado por ele, em termos de recursos financeiros e investimentos, e o que é preciso captar lá fora. As pessoas são informadas e chamadas a se manifestar e a deliberar sobre a política pública e as prioridades de investimentos que a cidade necessita e que devem constar no orçamento público. E elas conseguem perceber as demandas possíveis de serem resolvidas de imediato e o que terá que ser realizado em momentos futuros.

Nilza de Oliveira, secretária de Orçamento e Planejamento Participativo, deixa claro que o processo do OP nunca está pronto e acabado. Sempre com a participação do conjunto da sociedade, busca-se o aprimoramento. O processo, então, torna-se mais efetivo e concreto.

A cidade de São Bernardo tem uma divisão oficial, que não consegue suplantar as várias barreiras geopolíticas. Estas barreiras tornam-se excludentes. As barreiras naturais representadas por morros e bacias hidrográficas; e as barreiras artificiais como as da Via Anchieta, Rodovia dos Imigrantes, Rodoanel e da Represa Billings. Em termos de planejamento, foi neces-

sário criar uma nova divisão voltada a facilitar o debate público do ciclo orçamentário.

Num primeiro momento, em 2009, a cidade foi dividida em 29 regiões. Começava uma etapa inovadora de construção coletiva inédita no município: O Plano Plurianual Participativo. Elaborou-se o plano de quatro anos com o objetivo de definir as diretrizes para o desenvolvimento do município até 2013. Já em 2010, inicia-se a etapa da deliberação de investimentos e a definição de ações concretas. Nesse momento, a cidade foi organizada em 20 regiões, sempre em obediência a critérios que levassem em conta a inclusão social e territorial: foram con-



Gestão participativa



siderados os bairros oficiais, a organização social dos bairros, vilas, jardins, o número de habitantes, e os setores censitários, com seus números e dados. Surge uma nova base para o desenvolvimento das políticas que estão sendo implementadas na cidade.

“São Bernardo é uma cidade com contrastes fortes”, assinala Nilza de Oliveira. “Mesmo no Centro há distorções. O DER, dentro da área central, demonstra uma situação diferenciada. E se for considerado só do ponto de vista quantitativo, sem uma análise qualitativa, você pode distorcer dados e errar na política que está sendo feita”.

As pessoas participam e entendem o processo. Elas começam a compreender como se forma a receita da cidade, como se aplicam os recursos. O orçamento deixa de ser feito, exclusivamente, pelo prefeito e alguns técnicos. A peça orçamentária nasce sem segredos. Passa a refletir, diretamente, a vontade da sociedade, daí se constitui num processo novo de governar.

Resulta importante entender o que o Município pode bancar e o que precisa ser buscado em outras esferas, União, Estado, e outras fontes. Um bom exemplo é o caso das drenagens. Só com os recursos do Município

não é possível fazer um investimento de tal monta. Um número: São Bernardo tem hoje 890 milhões de reais contratados para o setor de drenagem.

O problema dos pontos de alagamento é apenas um exemplo dos grandes desafios da cidade. Existem outros. A questão habitacional é muito séria, requer muitos investimentos. A política atual é agressiva e já mostra resultados. Outro problema que alcança as 20 regiões: o processo de regularização fundiária. Quase 1/3 da cidade têm esse problema. O desafio não é pequeno.

Sem uma política habitacional, a população cria a sua própria política. Ela se organiza de alguma forma. Daí a ocupação de áreas de mananciais. São 272 áreas de loteamentos precários. Destas, 95 eram áreas de risco. Mais de 1.500 pessoas foram retiradas dessas áreas. Existem quase 4 mil pessoas em renda-abrigo.

O PPA demonstrou claramente: era preciso fazer produção habitacional, urbanização dos núcleos habitacionais, regularização fundiária e desenvolver uma ação efetiva nas áreas de risco. A cidade discutiu essas linhas e diretrizes. E apontou um déficit de 39 mil unidades habitacionais.

*Equipe da Secretaria
de Orçamento e
Planejamento Parti-
cipativo*



Em quatro anos, a Administração consegue construir 5.380 unidades das quais mais de 3.000 já foram entregues, 2.300 estão em andamento, além de contar com mais 5.000 contratadas.

O déficit continua grande, o que exige um programa contínuo, planejamento e participação.

A regularização fundiária demanda tempo. São vários passos até se chegar à escritura definitiva. O total de unidades em processo de regularização chega a 15 mil. São 51 áreas em andamento para essa regularização.

Se o investimento na área habitacional continuar como hoje, na ordem de 8,3% do orçamento – contra a média nacional de 0,7% – a cidade resolverá o déficit habitacional até o ano de 2025.

Em síntese, a secretária Nilza de Oliveira destaca:

1. A população tem clareza da importância de uma gestão participativa. Não se pode menosprezar a capacidade de quem constrói, vive e mora na cidade. Com a participação da sociedade a possibilidade de errar é menor.

2. As plenárias são muito concorridas. Os números da participação são expressivos e estão ganhando qualidade na medida em que a população se apropria da prática e absorve dela o seu aspecto pedagógico, melhorando o seu entendimento e qualificando a sua intervenção.

3. Há regiões mais carentes que se organizam e se mobilizam para participar massivamente, em outras, onde a carência é menor, a mobilização tende a ser mais baixa. Mas todas têm igual importância.

4. O prefeito Luiz Marinho, não faltou em nenhuma plenária do OP, ele abre e fecha a reunião. Usualmente, os prefeitos não fazem isso. Contar com a presença do prefeito e de todos os secretários e secretárias até o final da plenária é fundamental para que a população tenha todas as suas perguntas adequadamente respondidas.

5. Orçamento é Planejamento: está no orçamento, está planejado, o que permite um monitora-

mento e acompanhamento das ações. Esse é um diferencial desta Administração. Outra ferramenta que utilizamos muito é o Planejamento Estratégico Situacional que, a partir da construção de cenários, melhora a nossa capacidade de ação e nos aproxima da complexidade da cidade.

6. Tudo aquilo que a sociedade elaborou, que foi uma construção coletiva, virou Plano de Governo, através do PPA. A Secretaria de Orçamento e Planejamento Participativo tem esse papel: elaborar a peça orçamentária de forma participativa; pensar o planejamento estratégico do governo; pensar as prioridades; conduzir esse trabalho de planejamento do governo.

7. O PPA é um potente instrumento de planejamento com o qual podemos projetar o desenvolvimento da cidade a médio e longo prazo. A elaboração do PPA, com a universalização da participação, foi outro diferencial em nossa cidade. Houve Estados e cidades que fizeram o PPA, mas com a participação apenas de entidades.

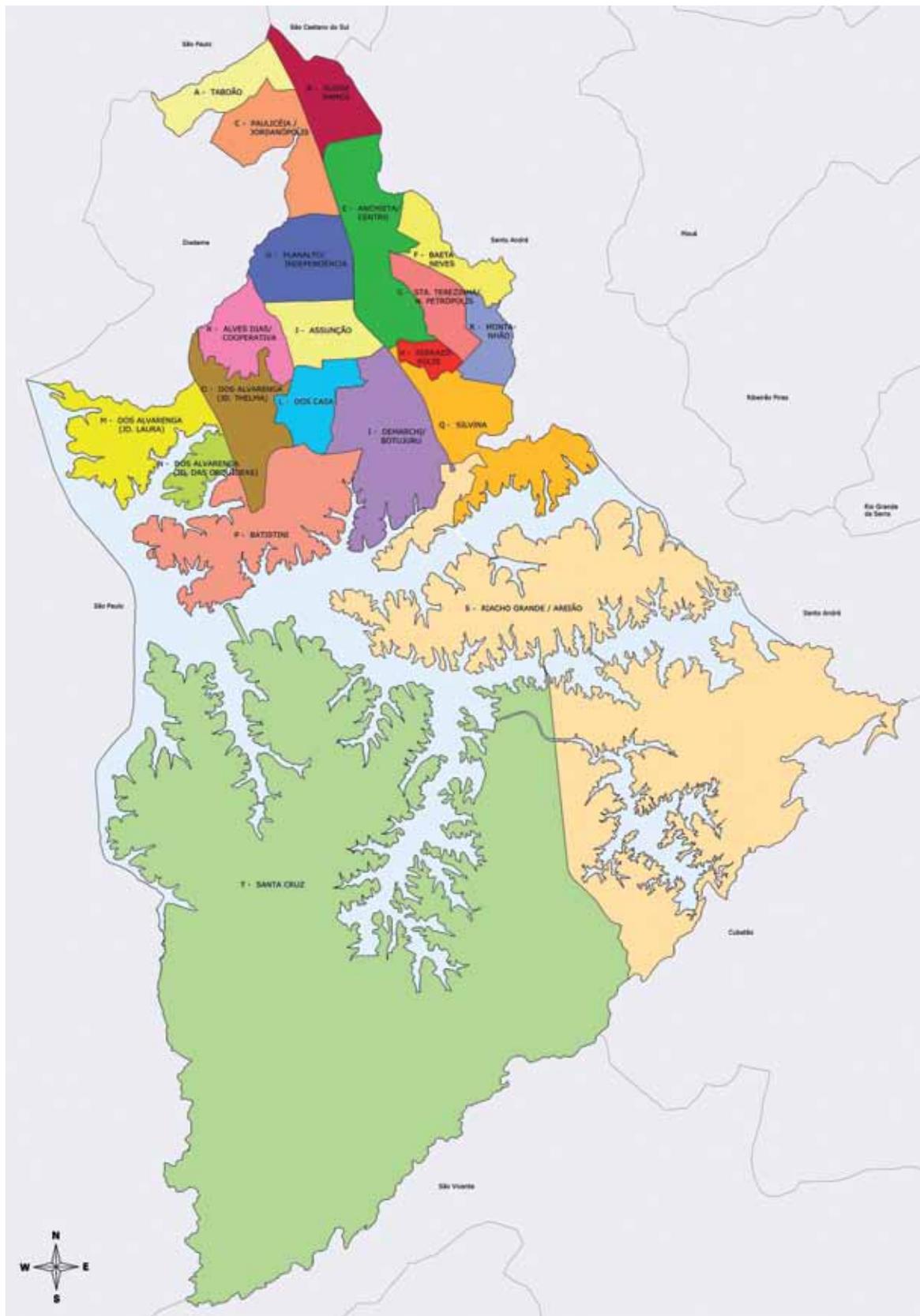
8. Em 2009 foi criado o papel do Agente de Participação Cidadã (APC), que é o elo do governo junto às 20 regiões do OP. O APC dialoga com a comunidade desenvolvendo um papel fundamental nesta relação que se constrói com a sociedade. Compete ao APC esclarecer dúvidas, articular ações nas regiões, levar informação à população e trazer informação da cidade para o conjunto do governo.

E foram com os APCs que redescobrimos São Bernardo. Com eles, a partir do segundo semestre de 2011, percorremos os bairros e vilas das 20 regiões de planejamento. Com os APCs, descobrimos a nova São Bernardo, 200 anos após a criação do primeiro espaço urbano da nascente Freguesia que virou Município. Essa experiência de redescoberta da nossa cidade aliou a realidade do novo milênio às informações coletadas ao longo dos últimos anos de história oficial.

O resultado vai contado nos capítulos que se seguem. É a história narrada pelos seus protagonistas.



Gestão participativa



São Bernardo atual: o município e as vinte regiões de planejamento do Orçamento Participativo



O crescimento predominantemente horizontal do Bairro Taboão em 1976, no eixo da Avenida do Taboão, com a igreja Assembléia de Deus e a caixa d'água no horizonte.

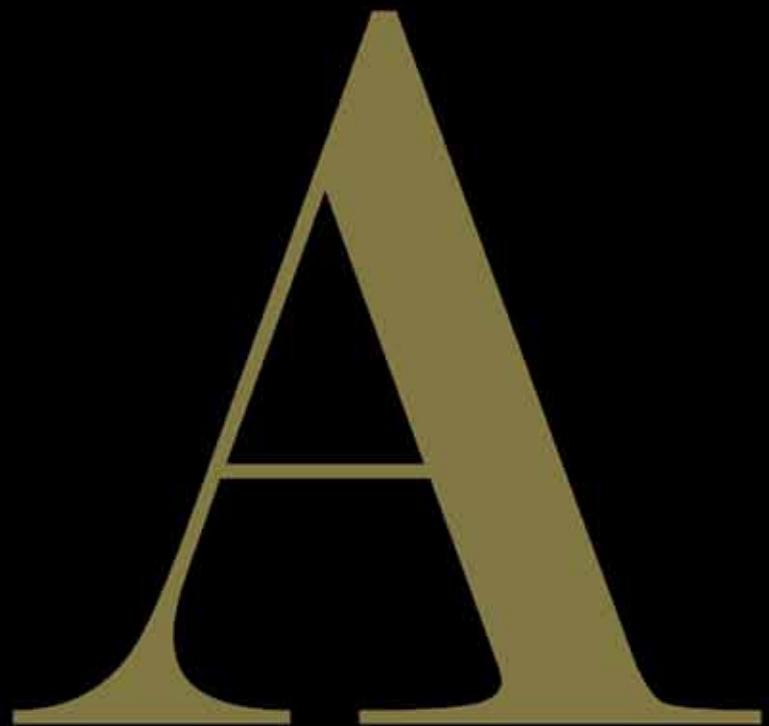


Foto: Clovis Ferreira/ DGABC

TABOÃO

Taboão, Vl. Santa Luzia, Jd. Madeira, Jd. Celeste, Vl. Nova Santa Luzia, Vl. Esther, Vl. Ruth, Jd. Montreal, Assoc. Com. Liuba, Bairro Suisso, Pq. Industrial dos Ourives, Vl. Flórida, Jd. Borborema, Conj. Res. Kobayashi, Conj. Res. Santa Rosa

Região





Um corredor de leste a oeste entre dois rios

“O Taboão é um bairro que no seu auge cultural produziu samba. O conjunto Os Manguinhas é produto dessas características culturais do bairro”.

Alberto de Souza, além de tudo, sambista

A Região A tem como base o Bairro Taboão. Situa-se no limite de São Bernardo com Diadema, São Paulo e os Bairros Rudge Ramos e Paulicéia. Seu eixo central é a Avenida Taboão, que corta toda a região a partir do trevo do quilômetro 15 da Via Anchieta em direção a Oeste, até a Avenida Água Funda, que junto com a Rua Japão (antiga Rua Z da Vila Santa Luzia) divide São Bernardo de Diadema.

Esta região é espremida entre dois elementos geográficos naturais divisórios: os Córregos dos Ourives e do Taboão (que recebe

as águas do Ribeirão Canhema, também chamado de Itororó).

Os dois córregos divisórios são correntes de água importantes na formação do Vale do Ribeirão dos Couros – este penetra na Região A para desaguar, logo à frente, no Ribeirão dos Meninos, num dos pontos problemáticos e de inundações cíclicas, o que obrigou à construção de um piscinão que toma parte importante da antiga Chácara Lauro Gomes, próxima da Ford.

Ao Norte, o Córrego dos Ourives separa São Bernardo de São Paulo. Ele nasce no Parque do Estado, reserva florestal paulistana, e deságua no Ribeirão dos Couros, perto da Via Anchieta.

O Córrego do Taboão faz limite da Região A com Diadema e com a Região C, da Paulicéia, junto ao Parque Santo Antonio, que alcança a marginal esquerda da Via Anchieta (SP 150), e o parque industrial da Mercedes-Benz.

Grandes, pequenas e médias indústrias ocupam antigas chácaras que formaram o Taboão no seu tempo rural. Há loteamentos que receberam o nome de chácaras antigas, caso do Jardim Borborema.

Um aspecto curioso citado pelo topógrafo e historiador Newton Ataliba Madsen Barbosa: a situação geográfica do Taboão coloca a Vila Santa Luzia, outro dos loteamentos locais, sob o cone de aproximação do Aeroporto de Congonhas – um dos pólos está no Pico do Bonilha, do outro lado da cidade, parte integrante da Região R, da Vila São Pedro.

Já o nome Taboão tem origem na existência, no passado, de grande quantidade de vegetação de brejo, denominada taboa, uma planta hidrófila, às margens dos córregos locais. Newton Barbosa cita a taboa do Córrego do Taboão, mas a vegetação também ocorria junto ao Ourives.

Outra hipótese da origem do nome é uma alusão ao Taboão da Serra, hoje Município da região metropolitana, cuja história se confunde com a própria história da cidade de São Paulo e que nos séculos 16 e 17 fez parte da rota dos bandeirantes paulistas.

Foi junto ao Córrego do Taboão que funcionou um dos meios de produção importante da Região A, as olarias.

Avenida Taboão em 1976: eixo central da interligação Rudge Ramos, Diadema e Zona Sul de São Paulo. Foto: Clovis Ferreira





*Década de 70:
bataqueiros da
Unidos do Taboão.
Acervo: Marines
Fonseca (Dona Lia)*



Olarias, pedreira, água mineral...

(O Barro Preto, o Sapo Seco)

O Bairro Taboão, às barbas do Jardim Zoológico paulistano, é um dos mais antigos do Grande ABC, com farta documentação ao longo do século 19. No passado foi ponto de atração turística: gente de São Paulo deslocava-se até o lugar para fazer piquenique. Economicamente, Alfredo Bernardo Leite manteve uma pedreira no bairro e uma fonte de água mineral descoberta numa das explosões para a extração de pedras. Bernardo Leite e outros proprietários mantinham olarias.

Foram várias as olarias, tocadas pelas famílias mais antigas. Esta atividade econômica e artesanal funcionou, em especial, na primeira metade do século 20. Uma das olarias pertenceu ao prefeito Lauro Gomes. Quando esta olaria parou

de funcionar, os tijolos que serviram para a construção dos seus fornos foram cedidos pela família para a construção da Igreja Matriz Nossa Senhora Assunção, no bairro do mesmo nome – Região J.

O fechamento da última olaria do Taboão ocorreu em 1968. Pertencia a José Osório de Souza.

Das olarias, restam as casas populares das chamadas Colônias, na Rua Alfredo Bernardo Leite. Outra Colônia destinada à residência dos trabalhadores em olarias ficava na própria Avenida Taboão. Eram casas semelhantes às da Bernardo Leite, mas já demolidas e substituídas por prédios modernos.

Entre os oleiros, Jorge Ducca, Armando Pinelli, Sebastião Ducca...

Brejos ao longo do Córrego do Taboão, onde ficavam as olarias, foram aterrados e hoje são ocupados por equipamentos públi-

cos, dentre os quais a delegacia de polícia, o centro cultural e o poliesportivo

Observa-se, ainda, o declive do terreno desde a Avenida do Taboão em direção à divisa com Diadema. Nos lagos locais hoje aterrados pescavam-se pitus e cascudos. Os lagos foram formados com a retirada de areia do Córrego do Taboão. Com esta areia foram construídas muitas casas no bairro.

“Com meus oito, nove anos, a gente vinha jogar bola e levava rãs pra casa. Do lado de cá, no Taboão, era o “Barro Preto”; do lado de lá, Diadema, “Sapo Seco” (cf. Nilton Pieralini, o Pipi, empresário que nasceu no bairro e que nunca deixou o Taboão).

Antecedentes

Pesquisa realizada por Wanderley dos Santos aponta o nome Taboão em vários documentos do século

Vista aérea da Jeep Willys na primeira metade da década de 1960: planta hoje ocupada pela Ford do Brasil. Acervo: Antonio dos Santos (Tony)





19. O documento mais antigo sobre o bairro que Wanderley descobriu é o de 8-4-1806. Refere-se à escritura de venda de terras no Taboão, então integrante do bairro Nossa Senhora das Mercedes.

Outro documento é de 1849, quando se realizou o inventário de Manoel Joaquim Pedroso. Em 1854, a Igreja Católica indicava 15 moradores no lugar.

Urbanização

A urbanização começa com a abertura e venda de lotes na Vila Santa Luzia (1922 – cerca de), seguida pela Vila Flórida e Bairro Suíço. Vila Santa Luzia divide-se, hoje, entre Diadema e São Bernardo.

A Estrada do Taboão era uma estradinha. As pessoas seguiam, a pé, até a Estrada do Mar, esta artéria que vem de Rudge Ramos e que seguia pela Avenida Redenção, já no Centro, como alternativa da Estrada do Vergueiro.

A urbanização inicial do bairro somente entrará numa etapa mais acelerada dos anos 1950 para frente, quando as próprias áreas loteadas iniciais passam por um processo de subloteamento.

A listagem dos loteamentos locais, com as datas em que foram abertos, dá uma ideia de quando se inicia o processo de urbanização.

Loteamentos do Taboão de São Bernardo (porque existe também o Taboão de Diadema, desde a emancipação da cidade, ocorrida em 1958, com instalação em 1960):

1922 – Vila Santa Luzia
Anos 1920 – Vila Flórida
Anos 1930 – Bairro Suíço.
1954 – Vila Nova Santa Luzia

1957 – Vila Ruth
1963 – Jardim Borborema
1968 – Jardim Celeste
1972 – Vila Esther
1972 – Conjunto Santa Rosa
1975 – Jardim Montreal
1976 – Conjunto Ibirapuera
1987 – Conjunto Santa Luzia I

Hoje

O Taboão é um bairro de passagem, um entroncamento: entre a Via Anchieta e a Rodovia dos Imigrantes, junto a várias partes de São Paulo e Diadema. Uma área estratégica para a circulação.

Um bairro misto, residencial, industrial, comercial.

No setor industrial, destacam-se os complexos da Kolynos (que ocupa instalações da antiga Fontoura, na Via Anchieta), Ford (que absorveu a pioneira Willys Overland, na Avenida Taboão), e a antiga Metal Leve (criada pelo empresário José Mindlin – 1914 - 2010).

Na sua maioria, o Taboão recebeu empresas ligadas ao ramo automobilístico. Um caso é a Macisa – Comércio e Indústria de Metais, da Avenida Taboão, fundada em 31-3-1959.

“Quando eu era moleque, tinha a Willys, que hoje é a Ford; e a Fontoura. As mulheres só trabalhavam na Fontoura. Minha tia trabalhou lá. Quando a Ford veio, o Taboão começou a ganhar muitos prédios de apartamentos. Os funcionários vinham de São Paulo para trabalhar na Ford e passavam a morar em São Bernardo” (conforme depoimento do advogado Isao Ishi).

O comércio se desenvolveu muito. Uma atividade bancária forte ocupa o eixo da Ave-

Notas

1. Da Vila Santa Luzia há vários casos de quadras subdivididas na primeira metade da década de 1950. Um dos casos são os 15.800 m² loteados, em 1955, por Nelson Icbaci, de origem japonesa, e que deu à rua aberta o nome de Judite, em homenagem à sua esposa. Rua Judite que é uma das travessas da Avenida Taboão.

2. Tanto o Bairro Suíço como a Vila Florida faziam parte de São Paulo. Foram incorporados a São Bernardo pela lei quinzenal 2456, de 30-10-1953.

Loteamentos do Taboão de Diadema:

1952 – Jardim Dupont
1953 – Jardim Paineiras
1954 – Vila Nova Santa Luzia
1955 – Jardim ABC, Jardim Fraternal, Vila Lia, Jardim das Nações e Jardim Tijuco.
1957 – Jardim Santa Rita e Vila Nova Esperança.
1961 – Jardim Damasco
1962 – Vila Hortência
1963 – Jardim Maravilha (antiga chácara da família Ishi)
1965 – Vila Marques
1968 – Vila Tofer
1973 – Jardim Vera Lucia
1983 – Vila J. Briano de Lima



5- As histórias que Jorge Ducca contou

Mil novecentos e vinte e quatro. Aos 20 anos, Jorge Ducca ajuda no boteco do pai, o único do Taboão. Durante a semana o movimento no estabelecimento é pequeno. A população desta área, entre São Bernardo e São Paulo, se resume em alguns sítiantes com pequenas propriedades ao longo da Estrada do Taboão.

O movimento no boteco aumenta nos finais de semana, com o pessoal que vem para as caçadas e piqueniques.

Alfredo Bernardo Leite está abrindo em suas terras um loteamento com o nome de Vila Santa Luzia, o primeiro do Taboão.

Conhecemos Jorge Ducca em 1976. O entrevistamos várias vezes, sempre na condição de o morador mais antigo do Taboão. Ele nasceu no bairro, em 1904, lado do atual Diadema, e ali sempre morou. Hoje está sepultado no cemitério de Vila Euclides, em São Bernardo. Deixou muitas histórias.

Isolamento – O primeiro loteamento (Vila Santa Luzia) demorou a progredir. Também, pudera, para estudar a gente só tinha três escolas, todas distantes. A escolha era a seguinte: estudar na Água Funda ou na Vila Mariana, em São Paulo, ou no bairro dos Meninos, atual Rudge Ramos, em São Bernardo.

A estrada – Antes da abertura da Vila Santa Luzia, Alfredo Leite já tinha aberto a atual Estrada do Taboão, até o bairro Suíço, em direção à então Vila de São Bernardo.

(Hoje a Estrada do Taboão ga-

nha, em Diadema, o nome de Avenida Prestes Maia).

Festas – No tempo da abertura do loteamento Santa Luzia, os moradores do Taboão não titubeavam em andar de duas a três horas para assistir às festas do Divino, em Santo Amaro. Os mais jovens frequentavam os bailinhos da Rua Nova, no bairro da Serraria.

Mata-burro – Junto à atual indústria Resil, no Taboão de Diadema, em direção à Avenida Antonio Piranga, existia o mata-burro – grade de ferro no terreno que impede a passagem de animais.

A marca Taboão – Taboão já tinha esse nome, que era também o nome da fonte de água mineral de Alfredo Bernardo Leite. A fonte ficava num sítio, junto a uma pedreira. O “seo” Alfredo explorava a fonte e a pedreira.

Proprietários – Alfredo Leite era uma pessoa muito rica que tinha, além do sítio, muitas terras no Taboão. Suas propriedades chegaram a medir uns 100 alqueires. Outros grandes proprietários do Taboão antigo eram José Osório de Souza, Isac Ferreira e João Thomaz, donos, em conjunto, de aproximadamente 90 alqueires de terras, onde mantinham uma olaria.

Pedreira e fonte – A pedreira foi extinta por volta de 1940 e a fonte

deixou de ser explorada comercialmente nesta mesma época. Até então muita gente costumava, aos domingos, fazer piquenique no sítio de Alfredo Leite. O pessoal trazia munição para caçar veados, codornas e perdizes. Por aqui era só mato e várzea.

Loteamentos – Após a extinção da pedreira e da fonte de água de Bernardo Leite, sua viúva vendeu as quadras inteiras da Vila Santa Luzia e o restante do antigo sítio, dando origem a novos loteamentos, entre os quais a Vila Nova Santa Luzia.

Ônibus – A primeira linha regular de ônibus foi inaugurada em 1947. O itinerário da jardineira de Benedito Piranga era do Taboão ao Jabaquara. Eram quatro viagens por dia.

Luz – A energia elétrica domiciliar foi instalada no bairro em 1950.



Jorge Ducca
Nascimento: Taboão,
19-11-1904
Batizado: Matriz
da Boa Viagem, São
Bernardo

Filiação: Ducca Ferdinandi, italiano (1870 – 1958) e Fortunata Regina (1883 – 1958).

Irmãos: Fioravante, Alfredo, Palmira, José, Augusto, Emilia e Ida.

Falecimento: Diadema, 7-9-1993
Sepultamento: sepultura perpétua da família Ducca no Cemitério de Vila Euclides.



nida Taboão. Grandes redes de supermercados também se instalaram nesta via já no início deste milênio.

Emancipação: Sim e não...

Em 1976 colhemos um diálogo entre Jorge Ducca e seu amigo Hosano Stabile, este então com 67 anos, dono do Bar da Fonte. Um a favor da emancipação de Diadema, outro contrário.

Jorge Ducca – Sempre fui contra a emancipação. Diadema poderia estar mais desenvolvida caso continuasse pertencendo a São Bernardo.

Hosano Stabile – Diadema é um município muito novo e ainda não teve tempo de resolver todos os seus problemas. São Bernardo também já foi como nós e conseguiu prosperar. Por que nós não haveremos de conseguir?

Um diálogo de quase 40 anos atrás. O tempo decorrido desde então demonstrou a trajetória de São Bernardo e Diadema. O diálogo aprimorou-se, inclusive na resolução dos problemas de divisas: do lado de cá e do lado de lá do Córrego do Taboão, do lado de cá e do lado de lá da Avenida Água Funda...

Os Pinelli

*Depoimento: Maria Pinelli
Ducca e Hildo Pinelli*

Vimos para o Taboão, em 1937, para tomar conta dos 90 alqueires do Alfredo Bernardo Leite. Meu pai era o administrador. A família inteira trabalhava

por um salário. Porque morreu o sogro do meu irmão, Bernardo Leite, e ficou toda essa terra sem alguém que cuidasse dela.

Aqui já moravam a família Ducca e uma família de espanhóis.

Armando Pinelli, o meu irmão, conversou com a sogra. Argumentou que era preciso doar algum pedaço de terra para que o lugar não ficasse parado no tempo. Foi assim que a dona Francelina Bernardo Leite concordou em doar áreas onde foram construídos: o posto de saúde, a escola, a farmácia. Tudo aqui, numa estrada de

terra, a Estrada do Taboão, que era chamada de “Sobe e Desce”.

Nessa estrada o Bernardo Leite consentiu em se fazer um sobrado. Alemães compraram uma parte do imóvel e nele foi rodado um filme: “O Sobrado”.

Nesse Taboão foi vendida a primeira água mineral e cristalina que se tem notícia. Uma água tão boa que vinha gente de São Paulo buscar. Nós engarrafávamos.

São Paulo tem calçamento de ruas com pedras da pedreira do Taboão. O meu sogro, Ferdinando Ducca, era canteiro. Ele trabalhou

*Hildo e Maria,
os irmãos Pinelli:
memória que
vem da década
de 30.*





O gateball praticado pela colônia japonesa: esporte introduzido no bairro em 1976. Acesso: Taboão Bat Ball

na construção da Catedral de São Paulo (Praça da Sé) com pedras do Taboão.

Meu irmão, Armando Pinelli, puxou luz elétrica e linhas telefônicas para o bairro. Quis fazer o encanamento da água da fonte para as casas, mas a prefeitura não permitiu. Com as construções que vieram, as águas ficaram contaminadas.

Para estudar, íamos a pé até Diadema, numa escolinha da Rua Antonio Piranga. Entregávamos leite nas casas.

A primeira escola do bairro funcionou num depósito onde nosso pai guardava ferramentas. As professoras eram buscadas num tractor, porque não havia condução. Elas esperavam lá na 1ª Seção, em São Paulo. Depois o Bernardo Leite colocou uma jardineira para fazer o transporte.

. Família Ishi

A família Ishi é pioneira no Taboão. Como patriarca, um casal nascido no Japão, Tsune Ishi e Narumi Ishi. Da geração brasileira, Koiti Ishi (São Paulo, bairro de Pinheiros, 1931 – São Bernardo 2002).

Adolescente, Koiti ajudou os

pais na lavoura de tomate e repolho. Trabalhou em olaria. Foi motorista de caminhão. Transportou material de construção. Casou-se com dona Aparecida, em 1952, e fixou residência no Taboão, região onde já trabalhava desde os tempos de menino.

Koiti defendeu as cores do time de futebol do Taboão. Participou com destaque da vida comunitária do bairro. Colaborou com a construção das igrejas Assembléia de Deus, da Paróquia São Pedro, da primeira escola municipal. Foi um dos fundadores da SAB. Foi nomeado e exerceu por muitos anos o cargo de subdelegado do bairro.

Sr. Koiti e dona Aparecida tiveram quatro filhos: Cleide, Isao, Sonia e Cíntia Aparecida. Gravamos o depoimento de Isao Ishi:

Lazer – Nossa diversão eram os circos e parques que chegavam e eram montados na Rua França ou no antigo campo de futebol. Os Ducca moravam na fonte, minha tia Sizuo Ishi tinha um bar, dona Lola outro bar. Sr. Hosano tinha bar e um salão ao lado da fonte onde promovia bailes.

E havia os bailes da Sociedade Amigos, inclusive com a promoção de festivais de música.

Sr. Koiti – Fez tijolos. Trabalhou em chácara. Com o caminhão, puxava areia. E socorria as pessoas, transportando parturientes para os poucos hospitais que havia na cidade. Como subdelegado, também levava os presos no caminhão.

O Sr. Bento era um dos melhores pedreiros. Contratado pela Prefeitura, construiu o prédio da subdelegacia. Ao terminar o serviço, bebeu além da conta e bateu na mulher com um machado. Meu pai o prendeu. Foi o primeiro preso da subdelegacia.

- Eu não posso ficar aqui, fui eu quem construiu... – gritava ele.

Transporte – O ônibus passava de quatro em quatro horas. A gente ia a pé até o Rudge Ramos. A Avenida Taboão não era uma reta, era um sobe e desce. A pé nos dirigíamos a São Judas Tadeu, para pegar o bonde até o centro de São Paulo.

No Taboão havia muitos cami-



nhões. Todos se conheciam, então pegávamos carona. No futebol, os caminhões seguiam lotados. Transportavam jogadores e a torcida.

Uma facada – Meu pai jogava esnuque quando foi vítima de vingança. Levou uma facada desferida por um rapaz que ele havia prendido. A faca ficou presa no corpo do meu pai, que permaneceu um ano internado. A faca foi guardada por ele.

Transformação – De atividades agrícolas e artesanais, o Taboão virou uma cidade. A chácara do meu avô virou um

grande loteamento, o Jardim Maravilha. Meu pai vendeu os lotes - depois de deixar o cargo de subdelegado, ele dedicou-se ao ramo de imóveis.

Cotidiano – Sou advogado há 30 anos. Adoro o Taboão. Morei no Rudge Ramos, voltei. Morei no Centro, voltei. Não consigo ficar longe do Taboão. Claro, o bairro mudou bastante. Mas sempre fomos muito unidos. Um auxiliava o outro. Muita amizade construída. Amizade que persiste. Quando vou à padaria, aqui na esquina, demoro uma hora para voltar, tantos são os amigos que encontro.

Futebol

O Esporte Clube Taboão foi fundado em 1947 e teve uma trajetória importante no futebol de São Bernardo, recebendo as antigas equipes da cidade e região, jogado no campo dos adversários. Em 20-1-1969 adotou o atual nome, Grêmio Esportivo Taboão.

Marcos Antonio da Silva, o Marcão, é o atual presidente. Ele mora no bairro desde o primeiro ano de vida, em 1955.

E com amigos como o empresário Nilton Pieralini, vai relacionando outros times do bairro: Tupi, Cabeleireiro, Sergipe, Dinamarca.

Dos quatro campos de futebol,

Família Ishi, ao lado dos Ducca e dos Pinelli, uma das pioneiras no Taboão. Como patriarca, um casal nascido no Japão, Tsuneyoshi Ishi e Narumi Ishi. Da geração brasileira, Koiti Ishi, o menino de terno. Acervo: Isao Ishi





sobrou o do Grêmio, que viveu sua fase de equipe profissional de futebol.

Hoje no Grêmio Taboão funciona uma das 32 escolinhas de futebol de São Bernardo. É o Projeto Tigrinho, que lapida e forma jogadores.

Futebol & sucata

Depoimento: *Geraldo Camarini* Camarini vive há 40 anos no Taboão, lidando com sucata, atividade aprendida quando menino em São Paulo. Veio para São Bernardo atraído pela indústria automobilística, em torno da qual gira muita sucata. Sérgio, filho de Camarini, foi presidente e hoje é vice-presidente do Sindicato dos Sucateiros.

Pelo Taboão passaram jogadores como Ulisses, do União Barbaense; Aguinaldo, do Santo André; Deco com algumas partidas pelos Juniores; Modesto, do Santos, que jogou com o Pelé.

Em outros momentos, Denílson, da vizinha Diadema, que chegou à seleção brasileira, e Luiz Taveira, do Santos.

Bocha e malha

A bocha no Taboão vem dos tempos iniciais do bairro. Jogava-se muita bocha em São Bernardo, em bares, padarias, cada qual com sua cancha. E não foi diferente no Taboão. A bocha esteve ligada ao clube. Ganhou vida própria em 6-8-2006, com estatuto e diretoria próprios. E hoje incorporou a malha, que está fazendo o mesmo sucesso. Na presidência, Valter Doreto.

Morro do samba

Texto: Neusa Borges

Ao descobrirmos que o gosto pelo samba estava intimamente ligado ao fato de que o Taboão era constituído por uma grande parcela de afrodescendentes, decidimos colocar a temática racial na pauta das atividades de formação. Portanto, no ano de 1990, graças ao empenho do grande guerreiro Adomar Ogunbiyi, do Movimento Negro Unificado – que hoje mora no Maranhão – levamos palestras, seminários, entre outras atividades importantes, visando à implantação de políticas públicas para as questões de etnia. Vale a pena ressaltar que, se hoje no Brasil estamos implantando as chamadas políticas afirmativas, tão necessárias para a inclusão do povo negro, 20 anos atrás enfrentávamos muitos obstáculos para abordar a temática do racismo e suas consequências na sociedade.

Gateball

No novo centro esportivo do Taboão, a colônia japonesa ganhou um espaço-sede para a prática do gateball. O clube – Taboão Gateball – existe há 27 anos. Vários dos fundadores faleceram. Hoje o número de atletas varia de 12 a 15.

O clube participa de jogos amistosos e torneios diversos. E participou de eliminatórias para o Campeonato Brasileiro, disputado em abril de 2012 em Maringá. Mas não obteve classificação.

São Bernardo possui três clubes: além do Taboão, Mizuho e Paulicéia.

Um passeio pela Vila Santa Luzia

Arismar Lopes de Souza Filho, o Mazinho. Ele nasceu no Taboão em 1960. O pai veio da Bahia e o pequeno Arismar aqui estudou, cresceu, se formou. Numa hora de almoço de setembro de 2011, fizemos um passeio com Mazinho pelo bairro. Ele nos apresentou pessoas, que contaram suas histórias.

Escola - Primeira parada: Avenida Taboão, esquina com a Rua Suíça. Aqui, em salas de madeira, funcionou o grupo escolar e o primeiro curso pré-primário. Tudo demolido. Restaram no jardim as árvores do tempo da escola.

O grupo escolar pioneiro foi substituído pela Escola Professor Ramiro Gonçalves Fernandes.

Junto ao terreno baldio do grupo escolar antigo conhecemos Jair Pereira da Silva, um metalúrgico aposentado que veio de Minas Gerais e que vive no Taboão desde 1962: “Isso aqui era tudo mato. Podia pegar uma espingarda e sair caçando tatu por aí, que matava adoidado”.

SAB - Na parada seguinte, a sede da Sociedade Amigos, entidade fundada em 7-2-1957 num barracão semelhante ao do primeiro grupo escolar. No passado, o papel de reivindicação e recreação. Nos anos 1960, a influência dos Beatles. Reinaldo, irmão do Mazinho, tocava violão e mantinha os cabelos como o de Roberto



Carlos. Formou um conjunto musical chamado Spartacus.

Rua Espanha – Era uma rua de terra quando Orlando Firmino Viana chegou. Mineiro, servente, encanador, chefe de seção na Pirelli. A Rua Espanha não tinha redes de água e esgoto, nem iluminação pública. Mas em 1963 já era servida de luz domiciliar. Água, de poço.

“O caminhão de entrega de gás só subia quando não tinha barro. Um barro liso, danado. A Rua Espanha se transformava numa rampa lisa, mesmo a pé era difícil caminhar”, relembra Sr. Orlando.

Músicos – Benedito Amaro da Silva, o Benê, também da Rua Espanha, formou o conjunto Avanço Jovem com Reinaldo, Valter, Vadson e Ivonso. Começaram a tocar no quintal. Foram estimulados por um funcionário graduado da Gravadora Copacabana, que teve fábrica de prensagem de discos de vinil no Taboão. Um carioca, Sebastião, que conseguiu equipamento para o conjunto musical.

Avanço Jovem virou Spartacus. Mas a carreira de sucesso foi breçada com a morte de Sebastião, num acidente doméstico, no Rio.

Benê ainda toca. Forma na Banda Zap, da Paulicéia. Mantém amizade com outros músicos do Taboão, como Julio Peixoto e Ariovaldo Gonçalves da Silva. Eles viram o surgimento de Osni, menino do bairro, que acompanhava os ensaios e que hoje trabalha com produção musical nos Estados Unidos.

Alexandre, outro músico, profis-

sional, da Rua Espanha, já gravou quadro CDs. Orgulho da vizinhança.

Cotidiano – O vendedor de livros Carlos de Araújo Filho vive no Taboão desde 1956. Mora na Rua Haiti (antiga Rua D), esquina com a Bernardo Leite. Viu a transformação do bairro:

1. O Taboão era um deserto. Morar no Taboão? Deus me livre, era o que diziam.

2. Para pegar condução, o Expresso Romano, era preciso caminhar até a Via Anchieta.

3. Tenho uma foto de 1947. Só existia a igreja da Assembléia de Deus. E a fonte.

4. Os lotes eram vendidos pela Imobiliária Guarani. O comprador recebia, de brinde, 10 mil tijolos e telhas para erguer sua casa. A imobiliária pedia pelo amor de Deus para você não desistir da compra.

5. Taboão era uma espécie de fazendinha. Cozinhava-se em fogão a lenha.

Colônia – Foram-se as olarias. Sobrou a colônia que foi dos oleiros na Rua Alfredo Bernardo Leite. A carreira de casinhas parece uma composição ferroviária: os vagões, a locomotiva. Mazinho chama a mãe que mora numa das casas, dona Izaltina Oliveira Souza, que chama mais duas vizinhas: dona Vilma Vilar Santana Maximo e dona Joana Maria de Sá.

Anotamos os números das casas da colônia: 1144, 1152, 1160,

Notas

Newton Barbosa diz que o Bairro Suíço, pelas leis atuais, se chamaria Jardim ou Parque Suíço, e não bairro. A nomenclatura das ruas da Vila Santa Luzia, em quase sua totalidade, é constituída de nomes de países. E as ruas do Bairro Suíço, em geral, são nomes de cidades, objetos ou pessoas. Nomes de pessoas usadas na maioria das demais vias.

1166... Gravamos o depoimento das antigas moradoras, numa mesa-redonda, ai mesmo na rua.

Dona Izaltina – Todos trabalhavam nas olarias. Ou na chácara de verduras. Carros de boi passavam, carroças. Dá saudades.

Dona Vilma – Era mato, nos lagos a gente pegava peixe com a mão. Água limpa. A imobiliária Guarani tinha escritório na Praça da Árvore.

Dona Joana – Também comprei a minha casa da imobiliária Guarani.

Opinião geral, corroborada com a do Sr. Carlos - o vendedor de livros: a colônia dos antigos oleiros do Taboão deveria ser preservada como patrimônio histórico.

Obrigado, Mazinho

Oleiros e Colonos

Neste conjunto de casas ope-



*Praça da Bíblia, inaugurada em 1975, uma das referências urbanísticas do miolo central do Taboão: conquista da mais antiga igreja do bairro, a Assembléia de Deus.
Foto: Clovis Ferreira*

rárias da Rua Alfredo Bernardo Leite residiram oleiros e suas famílias que desenvolveram uma das primeiras vocações do Bairro Taboão, o fabrico de tijolos utilizados na construção de casas, fábricas, tantos edifícios que se ergueram em São Bernardo do Campo e outras cidades. Várias daquelas famílias pioneiras ainda têm descendentes na cidade, no bairro e nesta mesma rua. A todos, a Administração Municipal rende as suas homenagens, no 90º aniversário do primeiro loteamento do Bairro Taboão, Vila Santa Luzia: 1922 – 2012.

Dona Lia

Depoimento de Marines Fonseca, a dona Lia, desde 1958 no Taboão

Dona Lia veio de Pirajuí para São Bernardo. Antes de chegar ao Taboão, testemunhou a terra

da garoa que era São Bernardo. Tempos da prefeita e deputada Tereza Delta. Mais garoava do que saía o sol pelas bandas da Rua Marechal Deodoro.

Casada, dona Lia chega ao Taboão. Havia mato na Avenida Taboão. Poucas eram as casas do bairro. “Tiramos uma foto do meu filho na rua. Onde tem aquela pastelaria, aquelas lojas, ali não havia nada. Era só eucalipto. Meu filho nasceu em São Bernardo (no Centro), mas foi criado ali”.

As crianças brincavam na rua. Ou nadavam nas lagoas que existiam junto à baixada do Córrego do Taboão.

Chegam os Vancini

Depoimento: Roseli Libania Vancini, jornalista e advogada, nascida no Interior (Miguelópolis)

e que vive no Taboão, e na Rua Judite, desde 1966.

O bairro – A Avenida Taboão era de terra. Subia poeira. O ônibus da Viação Triângulo era chamado de “Poeirinha”. Formava tanto barro nos dias de chuva que era um drama chegar à escola.

O bairro era formado por pessoal simples, humilde, mas trabalhador. Trabalhavam de dia na cidade. No fim de semana um ajudava o outro na construção das casas. Por isso tem a bocha até hoje: os homens se reuniam na bocha e planejavam o que fazer. Tinha que preencher uma laje, todo mundo ia ajudar. Por isso que ficou tudo bonito; porque todo mundo ajudava um ao outro.

A condução era só até as 10 horas da noite. Depois foi estendida até a meia-noite. Então já podia estudar à noite, fora do bairro.



As fontes – Existe uma fonte aqui do lado de Diadema. Água mineral. Estão construindo fábricas lá perto. Quando acabava a água, a gente recorria à fonte. Tínhamos o poço. Depois veio a água da rua. E faltava sempre. Daí, a fonte.

Outra fonte de água mineral fica depois da Ford, na Avenida do Taboão, junto à uma construção.

Lazer – Bailinhos a gente fazia um na casa do outro, nos aniversários, em festas juninas. Hoje a Sociedade Amigos faz os bailes da terceira idade, das 4 às 8 horas

de domingo, com música ao vivo. Eram feitas festas juninas nas ruas. Aqui mesmo na Rua Judite se fez muita festa.

Grande Taboão

Depoimento: *Irineu Checon, comerciante, desde 1973 no Taboão. Veio do Paraná.*

Vila Flórida faz parte do que chamamos de Grande Taboão, num cantinho de São Bernardo. Em 1973, quando entrei na Profigel, eram poucas casas, talvez 40% do que temos hoje. Edifícios de muitos andares não

havia. O Jardim Montreal eram campos de futebol.

O bairro foi crescendo aos poucos, sem um planejamento definido, em especial quanto aos loteamentos antigos. O Jardim Montreal, mais novo, já teve um planejamento maior.

Rua Venezuela

Depoimento: *Alberto de Souza, professor, aposentado da Petrobrás e ex-vereador*

Eu procurava uma casa para comprar, em 1976, quando morava no Alto do Ipiranga. Vim nes-

O Taboão de Diadema visto do Taboão de São Bernardo em 1976: processa-se a ocupação lenta mas decisiva de áreas outrora rurais por conjuntos habitacionais. Foto: Clovis Ferreira





ta direção. Acabei encontrando uma casa que gostei. Nem sabia que o bairro pertencia a São Bernardo. Pensava que ainda pertencesse a São Paulo, já que estou a 150 metros da divisa.

Do lado de lá do Córrego dos Ourives fica a Vila Liviero, em São Paulo.

Mudei para cá em julho. Rua Venezuela, Vila Santa Luzia. Outra vila importante é a Flórida, que se subdivide em Jardim Montreal, em Borborema. Outra vila é o Bairro Suíço. Noutra subdivisão, a Vila Esther. Esse conjunto de vilas é que forma o Bairro Taboão.

Alberto: viemos de ônibus em busca de casa. Compramos o imóvel pela Caixa Econômica Federal.

Taboão era um bairro carente de muitas coisas. O transporte era ruim. Tinha a Empresa Triângulo, que atendia muito mal. Transporte coletivo de péssima qualidade.

Muitas ruas estavam para ser pavimentadas. A iluminação das ruas era precária. Não havia uma agência de correios. Não tinha um pronto-socorro. O quadro era muito precário em termos de fornecimento de serviços.

As ruas que eram pavimentadas o eram em paralelepípedos, caso da Rua Venezuela. Num bairro acidentado, com muitos aclives e declives, o paralelepípedo não era bom. Trazia insegurança. Aliás, esse é o grande problema do Taboão: um bairro cheio de subidas.

Não havia agências bancárias. Depois chegou o Bamerindus, já no começo dos anos 1980. Com o tempo vieram as demais agências. Hoje são sete agências bancárias

ao longo da Avenida Taboão.

Vivíamos uma ditadura. E o principal líder do bairro era o Amaro Cavalcanti. Tinha sido preso. Torturado barbaramente. Cheguei aqui e me juntei a ele na luta do bairro. E começamos a fazer algum movimento, reivindicatório, juntar gente.

A Sociedade Amigos ocupava uma casa de madeira. Mesmo assim dava para juntar as pessoas. Os prefeitos não gostavam disso. Achavam que era uma ameaça à liderança deles, que era coisa de comunista. As chamadas elites, as pessoas de mentalidade aristocrática, não gostam de receber povo. Povo é sempre uma ameaça, dizem eles.

A SAB – A atividade maior que a Sociedade tem hoje é a organização do baile dos idosos. O bairro está completo, em termos de infraestrutura, e a SAB tem um papel mais de atividade recreativa, reunindo 150 pessoas a cada atividade. Cheguei a ensinar espanhol para o pessoal durante três anos. Trabalhamos mais a parte social. O prédio de madeira ficou para a história. Hoje é uma sede de alvenaria, já pequena para tantas atividades.

O vinho

Manuel Rodrigues de Almeida é português da vila de barqueiros. Nasceu em 14-5-1942. Oitavo filho de Joaquim Rodrigues de Almeida e Maria da Conceição. Vive no Brasil desde 1958. Mas mantém contato constante com a sua terra. E produz vinho no Bairro do Taboão, pelo sistema típico e

antigo, de se amassar cachos de uvas com os pés.

Notícias

Sociedade de Ensino Padre Anchieta tem sede no Taboão. E a Comissão Anchieta de Paz empossou os novos titulares: Antonio Redigulo Sobrinho (presidente), Preciliano da Silva, José Felipe da Silva e padre Celso, com orientação de dom Luciano Mendes de Almeida, secretário geral da CNBB.

Religiosidade

Assembléia de Deus. Fundada em 1947. Nova igreja inaugurada em 14-12-1975

Paróquia São Pedro Apóstolo. Criada em 3-6-1966.

Mas é Carnaval, amanhã tudo volta ao normal...

Mil novecentos e setenta e um. Desfila a Escola de Samba Unidos do Taboão, na Rua Marechal Deodoro. O samba-enredo, de autoria do compositor Edson, traz a história da cidade, na lembrança de Mazinho, que deveria ter puxado o samba na Rua Marechal Deodoro. Quem puxou foi Paçoca. Mazinho nunca mais esqueceu a letra e a música.

Mais de 40 anos depois, Mazinho canta, emocionado, de improviso e sem acompanhamento, o enredo – que pode e deve ser gravado:

O Carnaval de Rua do Taboão nasceu no bar do Rui, de origem portuguesa, perto a Praça da Bíblia. Sr. Pereira, que trabalhou na garagem da Prefeitura, incentivou. “Começamos com um bloco de 30 pessoas desfilando a noite na Ave-



nida Taboão”, lembra dona Lia.

O ponto de encontro girava em torno da Praça da Bíblia, com quadra, sede, ensaios, batuque de rua nas sextas-feiras à noite.

Depois, os desfiles no Centro. Ano sim, outro também, Taboão campeão.

Numa das promoções para arrecadação de fundos chegou a vir a legendaria cantora brasileira Clementina de Jesus.

Um enredo inesquecível: “Navio Negroiro”.

Havia concurso de compositores.

Parceria com a Vai-Vai. Mas a maior parte dos figurantes era mesmo do Taboão.

Na ida para a Marechal Deodoro, seguiam ônibus da Viação Santa Amélia lotados.

Quando o Taboão, vibração; desfilado o Taboão, a avenida esvaziava. O povo queria ver o Taboão.

Então houve uma injustiça. Taboão em segundo. Venceu Rosas Negras de dona Natália. A decisão revoltou a escola. A Unidos estava linda. Em protesto, instru-

mentos foram quebrados em plena passarela do samba.

Os desfiles no Centro eram aos domingos e na apoteose das terças-feiras. Noite de segunda-feira livre. Então a Unidos desfilava para o seu povo. Não tinha hora para terminar. As maravilhosas noites de segunda-feira na Avenida Taboão. Vinha gente de todas as partes. Diadema descia em peso.

Morada do Samba – “A escola de samba era uma espécie de

Sede em barracão de madeira da SAB do Taboão em 1976: espaço dividido com o samba da Unidos do Taboão. Foto: Clovis Ferreira



Casas populares das chamadas Colônias na Rua Alfredo Bernardo Leite: legado dos oleiros que atuavam no Barro Preto (São Bernardo) e Sapão Seco (Diadema). No destaque, Mazinho, que, emocionado, cantou o enredo da Unidos do Taboão que está descrito na página seguinte.

Foto: Ademir Medici

departamento cultural da SAB. Depois passou a ter a sua vida formal, com existência jurídica, autônoma. Mas no momento de grande sucesso a escola pertencia à Sociedade Amigos. Eu não estava aqui ainda. Foi quando o Taboão chegou a ser chamado pela mídia de A morada do samba” (Alberto de Souza).

Nomes da Unidos (alguns, citados ao longo dos nossos levantamentos) – Alberto de Souza, Alcino (foi Rei Momo de São Bernardo), Alfredinho, Aluízio, Azeitona,

Bate Fácil, Bico Doce, Cambão, Cebola, Celeste, Cláudio, Daniel, Dofone, Fadinha, Gaúcho, Geraldo, Hugo, Jane, Laerte, Lia, Lourdes, Lurdona, Macalé, Maria de Jesus, Mussum, Nego Testa, Pedrinho, Shirley, Tim Maia, Valdir, Vitão, Wilson

A volta. Volta? - “Já vieram conversar. Participei de reuniões. Se houver uma boa posição, pra gente subir, não pra competir... ganhar a gente ganha” (dona Lia)

Em pauta:

Reabertura da Rádio Nove de Julho, extinta em 1968 e único órgão de características católicas de São Paulo.

Fonte: DGABC, 4-3-1980, p. 2

Laerte Marques de Almeida, compositor da ES Taboão, lança hoje, na SAB – Rua Alfredo Bernardo Leite, 1205, seu primeiro compacto simples, “Laerty”.

Fonte: Dgabc, 22-5-1981, p. 4.

Um nome - Valdick Soriano. Cantor. Residiu no Taboão.



Enredo

Ontem, há quatro séculos
 atrás perto de Piratininga,
 às margens do Ribeirão
 Guapitu nasceu Borda
 do Campo.
 Em 1553 o povoado foi
 elevado à vila.
 Valei-me João Ramalho
 que o elevou
 Valeram aqueles índios
 que lhe ajudaram
 Hoje você é a nossa glória
 E seu nome está na História e
 em nossos livros brasileiros
 Ó João Ramalho,
 salve Mem de Sá...
 Salve Martim Afonso
 e o Cacique Tibiriçá
 Taboão, oh meu Taboão
 Hoje vem comemorar
 (mas hoje vem comemorar)
 esses 418 anos de integração
 desse lugar...

Mestre-sala e porta-bandeira e o samba-enredo do Carnaval 1971: letra e música que a memória de Mazinho preservou. Acervo: Marines Fonseca (Lia)



Momentos do Carnaval de Rua da Unidos do Taboão na Rua Marechal Deodoro: seriedade de um bairro cujo samba o tornou conhecido em toda a cidade. Acervo: Marines Fonseca (Lia)



11 de julho de 1972. Família Pinelli reunida: dona Celeste (esposa de Armando Pinelli), Henrique, José Ferdinando Ducca (Tito), Lurdes Grosso Pinelli (esposa do Henrique), Mario Pinelli Ducca, Maria com Ricardo no colo, Hildo Pedro Pinelli e José Ducca (marido de Maria Pinelli). Acervo: álbum familiar



Na sede do Grêmio Taboão, os esportistas do bairro: Roma, Wilson, Delcio, Santo, Cubia, Marcão, Zé Preto, Juarez, Garoa e Marquinhos. Acervo: Marines Fonseca (Lia)



Márcia Maria Augusto Ribeiro, Elizabete de Jesus Pereira e Jair Pereira da Silva: lembranças da velha escolinha



João da Cunha e o escudo do Grêmio Taboão



Turma da malha e da bocha: entre o córrego e a avenida principal, o lazer conquistado.



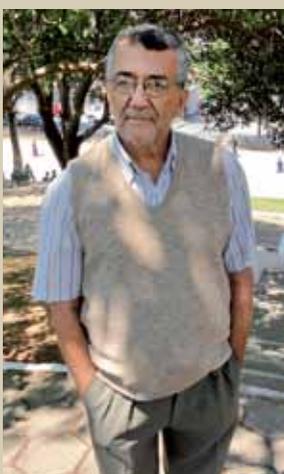
Personagens - Taboão



Projeto Tigrinho está no Taboão a exemplo do que ocorre em todos os bairros da cidade, tirando o menino da rua, estimulando a prática esportiva e os estudos.



Joana Maria de Sá, Vilma Vilar Santana Maximo, Izaltina Oliveira Souza e Carlos de Araújo Filho: lembranças dos tempos das olarias.



Alberto de Souza



Orlando Firmino Viana, o Mineiro



Dona Lia a esquerda, na escola



Manuel Rodrigues de Almeida: vonho caseiro no Taboão



Operários da Willys em 1963. Acervo: Antônio Osvaldir Bianchini



No eixo da Vergueiro e Caminho do Mar, Rudge Ramos, margeado pela Via Anchieta (à direita) e pela Wiston Churchill (ao fundo, à esquerda): o antigo Bairro dos Meninos experimenta o crescimento vertical.



Acervo: Foto Vergueiro

RUDGE RAMOS

Rudge Ramos, Jd. dos Meninos,
Vl. Camargo, Vl. Santa, Lucia,
Vl. Orlandina, Vl. Afonsina,
Vl. Alfarelos, Vl. Dourados,
Vl. Antonieta, Vl. Hermelinda,
Vl. Magdalena, Vl. Império,
Jd. Iracema, Vl. Normandia, Vl. Helena,
Vl. Vivaldi, Conj. Res. Atlântica,
Assoc. Constr. Popular dos Motoristas
Municipais, Pq. São Pedro,
Vl. Tsukamoto, Vl. Mariza, Vl. Júlio
Thomé, Vl. Uras, Vl. Jaú, Vl. América,
Vl. Angelina, Vl. Santa Filomena,
Vl. Gasparini, Vl. França, Jd. Fada,
Vl. Caminho do Mar, Vl. Mussolini,
Pq. Dos Meninos, Conj. Res. Antuérpia,
Conj. Res. Natália,
Conj. Hab. das Hortências

Região

IB



Encontro de caminhos históricos

“O número de crianças no bairro era muito grande. As pessoas vinham de São Paulo e paravam aqui no largo da igreja. O que tinha de engraxates, você não calcula. E todos moravam aqui”.

Nilton Alves de Souza, que nos apontou caminhos e indicou pessoas para serem ouvidas.

“No Largo São João Batista, aos domingos, com o movimento da feira livre, mais de uma centena de menores, com suas caixas de engraxate, se reúnem para a exploração do seu comércio pouco elegante”.

Cf. A Vanguarda de Rudge Ramos, ano I, nº 7, 24-2-1957.

Os engraxates do Rudge Ramos, para lembrar os MENINOS que deram o mais poético nome que o bairro já teve: Bairro dos MENINOS.

*Rua Lídia Thomé,
1960: os meninos Sa-
tcho, Nivaldo e Marisa
brincam no meio da
rua que dá acesso à
Faculdade de Teologia.
Acervo: Elzo Meneguel*

A Região B engloba o Bairro Rudge Ramos, que os antigos ainda chamam de

Bairro dos Meninos. A expressão “Meninos”, secular, foi extirpada da legislação municipal em 1947. Os limites da B são parte da Zona Sul de São Paulo e o ponto central do ABC – de um lado, São Caetano, de outro Santo André. Internamente, a Região B faz limite com as Regiões A (Taboão), C (Paulicéia) e E (Centro). O sistema viário que demarca a Região A tem, de um lado, a Marginal Esquerda da Via Anchieta, de outro a Avenida Lauro Gomes; na base, a Avenida Winston Churchill; no topo, a vértice de um triângulo que esbarra na Capital. Como eixo central, a antiga Estrada do Vergueiro, hoje com duas denominações no bairro, Avenida Dr. Rudge Ramos e Avenida Senador Vergueiro, com bifurcação importante no Largo São João Batista

com a Avenida Caminho do Mar. Cortando este sistema viário, a Avenida Lions, ou Corredor ABD, que interliga Santo André a Diadema. Faz parte do Anel Viário Metropolitano e recebeu um dos maiores investimentos ao ganhar uma passagem subterrânea inaugurada em maio de 2012 pela Prefeitura. Todo este emaranhado de vias públicas foi formado em séculos passados pela própria Estrada do Vergueiro e com vários outros caminhos, a saber: Estrada das Lágrimas, que interliga Rudge Ramos ao Ipiranga, com uma grande curva cortando São Caetano; Estrada do Taboão, em direção Parque do Estado; Estrada do Sacramento, uma sequência histórica da própria Estrada das Lágrimas, que hoje serve a Universidade Metodista e que, no passado,





era a variante principal a apontar para o Esmaga Sapo (Paulicéia) e derivativos seguintes em direção a Piraporinha, Diadema, Eldorado e Santo Amaro, depois de cortar Acuri ou Guacuri, hoje território de Diadema. Com outros nomes, a atual Rua Afonsina era a principal artéria a ligar Rudge Ramos a Santo André. As boiadas em direção ao matadouro dos Martirelli seguiam pela Afonsina. Caminho do Mar, aberto por Arthur Rudge Ramos na década de 1920 como alternativa moderna para se atingir o Centro de São Bernardo e, daí, a Vila Rio Grande (hoje sede do Distrito de Riacho Grande) e o Litoral, ainda pela Estrada Velha do Mar.

Os antigos de Rudge Ramos contam que, ao ser aberta a Avenida Caminho do Mar – na virada dos anos 1910 para 1920 – esta seguia em direção a São Paulo em paralelo à antiga Estrada do Vergueiro. No trecho da atual Avenida Dr. Rudge Ramos havia a Vergueiro de baixo separada pela Vergueiro de cima, este trecho do Caminho do Mar. Cercas de ferro dividiam as duas Vergueiro; pela estrada de cima passavam as boiadas em direção ao matadouro. Nem se falava em Via Anchieta, que seria inaugurada em 1947.

Em 1956, ao chegar em Rudge Ramos para estudar Teologia na Metodista, José Gonçalves Salva-

dor desenhou um mapa rodoviário para tornar mais fácil o entendimento deste entroncamento viário e histórico. Professor Salvador mostra todos os caminhos, da Via Anchieta asfaltada às estradas conservadas, a passagem da Estrada de Ferro Santos a Jundiá entre São Caetano e Santo André e um projeto que não se concretizou, o da Estrada de Ferro Sorocabana cortando Rudge Ramos.

Sistema hídrico

A Região B faz parte do Vale do Ribeirão dos Meninos. O rio seguia em curva, desde a nascente além do Centro de São Bernardo e até a sua

Escola da professora Miquelina Pedroso Magnani (ao centro) na primeira metade do século 20; à esquerda, Julia Pedroso: princípios do sistema educacional no bairro. Acervo: Famílias Pedroso e Magnani



Quas ruas do Sacramento

“Ruas ou estradas em Rudge Ramos, seccionadas pela Via Anchieta, continuaram com a mesma denominação de ambos os lados da rodovia. No caso, a Rua Sacramento, que na época não passava de uma estrada carroçável; em consequência, hoje, uma parte da Sacramento está no centro do bairro e outra, além da Via Anchieta, bem distante, também é Rua Sacramento”.

Cf. Julio Pinheiro, pseudônimo do jornalista Hermano Pini Filho, in Dgabc, coluna Primeiro Plano: domingo, 17-8-1975, p. 10).

Colônia dos Angeli na Estrada do Vergueiro, hoje Avenida

Dr. Rudge Ramos: ao fundo, as colinas do Bairro Mauá, já em São Caetano, depois do Ribeirão dos Meninos. Acervo:

Família Angeli

foz, em São Caetano, no Ribeirão Tamanduatei, onde recebe as águas dos Córregos Ourives e dos Couros. O curso do Ribeirão dos Meninos foi modificado. Corria junto ao barranco do Instituto Mauá de Tecnologia, na lembrança de Artemio Meneguel, que nasceu em Rudge Ramos.

“A ponte de ligação com São Caetano ficava na altura em que o Córrego Guapiú deságua no Meninos. Não cheguei a conhecer a ponte antiga. Os antigos é que falavam dela e da sua localização. E você observava, anos atrás, que ali havia uma ponte”, relembra Artemio.

Internamente, o córrego genuinamente do Rudge Ramos é mesmo o Guapiú, que nasce pelos lados da indústria Martini, segue em direção ao Ribeirão dos Meninos acompanhando a Avenida Bispo César Dacorso e corta a Avenida Dr. Rudge Ramos pouco antes de sua foz.

Dois pequenos reservatórios de

água, hoje aterrados, têm sua história ligada à Região B: a represa da chácara Rudge Ramos – hoje, na prática, substituída pelo piscinão próximo à Ford, já na Região A – e que ficou marcada pela Rua da Represa; e o Tanque das Mulas, que se existisse ficaria na esquina da Vergueiro com Wiston Churchill.

Dois documentos, entre tantos, sintetizam o que se disse até aqui: uma planta, sem escala, desenhada pelo professor metodista José Gonçalves Salvador, quando da sua chegada a Rudge Ramos, em 1956; e uma foto aérea, também da década de 1950, que focaliza equipamentos como a Via Anchieta junto ao trevo do Taboão, Rua da Represa chegando ao reservatório do Ribeirão dos Couros na chácara Rudge Ramos e a ligação das Estradas das Lágrimas e do Sacramento.

Formação histórica

Guapiú, Meninos Novo, Linha dos





Meninos, São João da Bela Vista, novamente Meninos e, finalmente, Rudge Ramos. Estes foram os nomes do atual Bairro de Rudge Ramos da Região B, porção da antiga Freguesia e Núcleo Colonial de São Bernardo de antigos brasileiros e dos imigrantes que chegaram no final do século 19.

A explicação de cada um dos nomes documenta, historicamente, a formação de Rudge Ramos.

Guapiú – A expressão era sempre citada pelo padre Fiorente Elena e pela professora Michelina Pedroso Magnani. Wanderley dos Santos anotou seu registro ao longo do século 19, ora como referência ao Córrego Guapiú, ora para denominar o sítio Guapiú, o lugar chamado Guapiú e casa em Guapiú, que deu origem ao livro “Os Meninos do Guapiú”, de José Contreras.

Meninos – Ainda segundo os le-

vantamentos de Wanderley dos Santos, o termo “Meninos” designava a Vila das Mercês-Arapuá e região, na parte paulistana. Com a instalação de um rancho no Guapiú, a expressão “Meninos” atingiu também o lugar. Para distinguir entre o Meninos de São Paulo e o Meninos da Freguesia de São Bernardo criaram-se as expressões “Meninos Velho” (aquele da Mercês) e “Meninos Novo” (o que é hoje Rudge Ramos).

O “Meninos” paulistano já possuía registro em 1729. Há várias explicações para o termo. Uma delas originou-se da tarefa de um padre, Luiz Domingues de Barros, que acolhia meninos órfãos em seu sítio no lugar.

“Meninos”, no velho Caminho do Mar – na bifurcação das Estradas das Lágrimas e do Vergueiro – foi um pouso de tropas e tropeiros. As ruínas do pouso aparecem em vários documentos. Está no mapa do professor José Gonçalves Salvador de 1956. O jornalista Hermano Pini Filho, de O Estado de S. Paulo, fotografou estas ruínas, citadas pelo professor José de Souza Martins em seus estudos sobre a região.

Artemio Meneguel conheceu as ruínas do pouso: “Ficavam na saída de São Caetano, onde tem o posto de gasolina (e onde termina a Estrada das Lágrimas). Havia um muro de barro de 70 centímetros



Tanque das Mulatas na década de 1970: espaço aterrado e transformado em área comercial. Foto: Beltran Asêncio

com um buraco no meio. Os antigos diziam tratar-se de uma bala de canhão. Fazia parte das terras do Antonio Uras, que envolviam também o espaço hoje ocupado pelo Center Castilho”, relata Artemio.

Wanderley dos Santos e José de Souza Martins citam 1831 como o ano da construção deste pouso de tropeiros.

Sobre a população do Bairro dos Meninos em meados do século 19, há o registro paroquial de São Bernardo, iniciado pelo padre Tomás Inocêncio Lustosa em 1854. O documento aponta 28 proprietários, a maioria com sobrenomes de origem portuguesa Lima, Mariano, Oliveira...

Linha dos Meninos – Aberta em 1886, como parte do Núcleo Colonial de São Bernardo e composta de 23 lotes coloniais. Destinou-se a imigrantes, em sua maioria italianos, mas não só.

Em 1991, Rudge Ramos viveu o primeiro centenário da construção da capela pioneira do bairro. Uma comissão de moradores foi formada. E esta comissão relacionou famílias antigas do lugar: Alves, Angeli, Bardusco, Bassoli, Bertoldo, Bitolo, Bordin, Carletti, Carneiro, Costa, Daré, Ducca, Ferreira, Gasparini, Lorenzoni, Magnani, Me-



GUAPIU: Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1741 – c. 1814). Árvore medicinal. A sua goma se aplica por emplasto em dores e fraturas.



Notas

“Em 1831 a construção de um pouso de tropeiros no setor rural de Guapiu, na bifurcação da Estrada das Lágrimas com a atual Avenida Dr. Rudge Ramos. Nasce a expressão “Meninos Novo”, para diferenciar da expressão “Meninos Velho” da Vila das Mercês”.

Cf. Wanderley dos Santos, citado pelo Dgabc: 23-8-1991.

“Neste local existiu o rancho da taipa socada para abrigo das mercadorias e dos tropeiros do Caminho do Mar, do antigo Bairro dos Meninos (atual Rudge Ramos). Foi mandado construir em 1831, pelo Conselho da Providência da Província de São Paulo”.

Pesquisa e texto: professor José de Souza Martins.

São Bernardo do Campo, agosto 1992

neghel ou Meneguel, Oliveira, Pedroso, Piagentini, Pierangeli, Silva, Tavares, Thomé e Zechetti.

Os nomes estão inseridos em placa afixada na matriz de São João Batista.

São João da Bela Vista

– Denominação dada ao núcleo central do bairro quando da construção da capela pioneira dedicada a São João, de 1891, construída

pelos irmãos Piagentini, hoje com descendentes em Santo André. Sylvio Commodaro, antigo morador de Rudge Ramos, localizou diversas escrituras de compra e venda onde aparece esta expressão – São João da Bela Vista.

Rudge Ramos – O nome foi dado ao antigo Bairro dos Meninos pelo decreto-lei nº 17, de 15-2-1947, assinado pelo prefeito Wallace Simonsen. Uma homenagem a Arthur Rudge Ramos, antigo delegado de polícia de São Paulo e restaurador do velho Caminho do Mar, nos anos 1920.

Rudge Ramos tinha uma chácara no bairro, no trevo do Taboão, hoje pertencente à Ford. Na chácara residiu o prefeito Lauro Gomes, casado com Lavínia Rudge Ramos, a Dona Nenê, filha de Rudge Ramos.

O nome “Meninos” resiste na denominação do Ribeirão dos Meninos e no mais antigo clube do bairro, Meninos FC, fundado em 1935.

Tempos rurais – São muitas as histórias do Bairro dos Meninos que remetem aos tempos rurais do atual Rudge Ramos. A memória oral é rica. São vários casos: de antigos que ainda moram no Rudge Ramos, de outros que nasceram no bairro e hoje estão em outros bairros ou mesmo em outras cidades e os que faleceram.

Relacionamos alguns casos.

Aparecida Oliveira Alves. Reside na antiga Rua da Represa até hoje. É o elo entre a São Bernardo colonial, anterior mesmo à vinda dos imigrantes europeus, com os tempos modernos. Ela pre-

serva notícias importantes de uma família de brasileiros, os Antonio de Oliveira, cujo apelido virou até nome de avenida: Piranga, de Antonio Piranga, em Diadema.

Seguem-se, em tópicos, algumas das lembranças que Dona Cida guarda:

Os Piranga – O avô paterno chamava-se Paulino Antonio de Oliveira, o Paulo Piranga (1865 – 1940). Cortava lenha e transportava o produto em carro-de-boi. A lenha cortada era vendida em mucuta (pequenos feixes) em São Caetano. Manoel Antonio de Oliveira, filho de Paulino, pai de Dona Cida, também distribuía mucutas.

Carros-de-boi – Os Piranga seguiam com dois carros-de-boi, uma carrada de lenha em cada um, ou 150 mucutas por unidade. Do entroncamento dos Piranga, quase em São Caetano, dava para ouvir os carros-de-boi pelos lados da Vila Paulicéia. Hora de fazer café: assim que os carreiros chegassem, a mesa era servida.

Menina sapeca – Na infância, a menina Cida costumava derrubar cercas para roubar frutas; tomava emprestada peneira para pescar camarão no Ribeirão dos Meninos.

Dava camarão e peixes nos córregos que formam a Bacia dos Meninos, entre Rudge Ramos, São Paulo, Santo André e São Caetano, coração do Bairro dos Meninos.

Uma vez a pequena Cida encontrou o ninho de uma pata chocando. Os ovos foram reunidos, misturados. Nem ela nem os irmãos meno-



res conseguir comer aquele grude.

Pelo lado materno, Dona Cida descende de imigrantes alemães fugidos da guerra. Numa São Bernardo colonial, ainda rural, povoada de imigrantes italianos, a presença alemã numa feliz mistura étnica com os brasileiros Piranga.

João Gava. Nasceu na Linha dos Meninos em 1913. Mudou-se para a Vila Conceição ainda criança – no atual centro de Diadema – vi-

veu no Centro e em Ribeirão Pires. E hoje reside em Santos, com 99 anos de idade.

Do Bairro dos Meninos, João Gava conta que sua família morou na Linha Rio dos Meninos, do outro lado do rio, onde está o Instituto Mauá de Tecnologia, área que atualmente pertence a São Caetano.

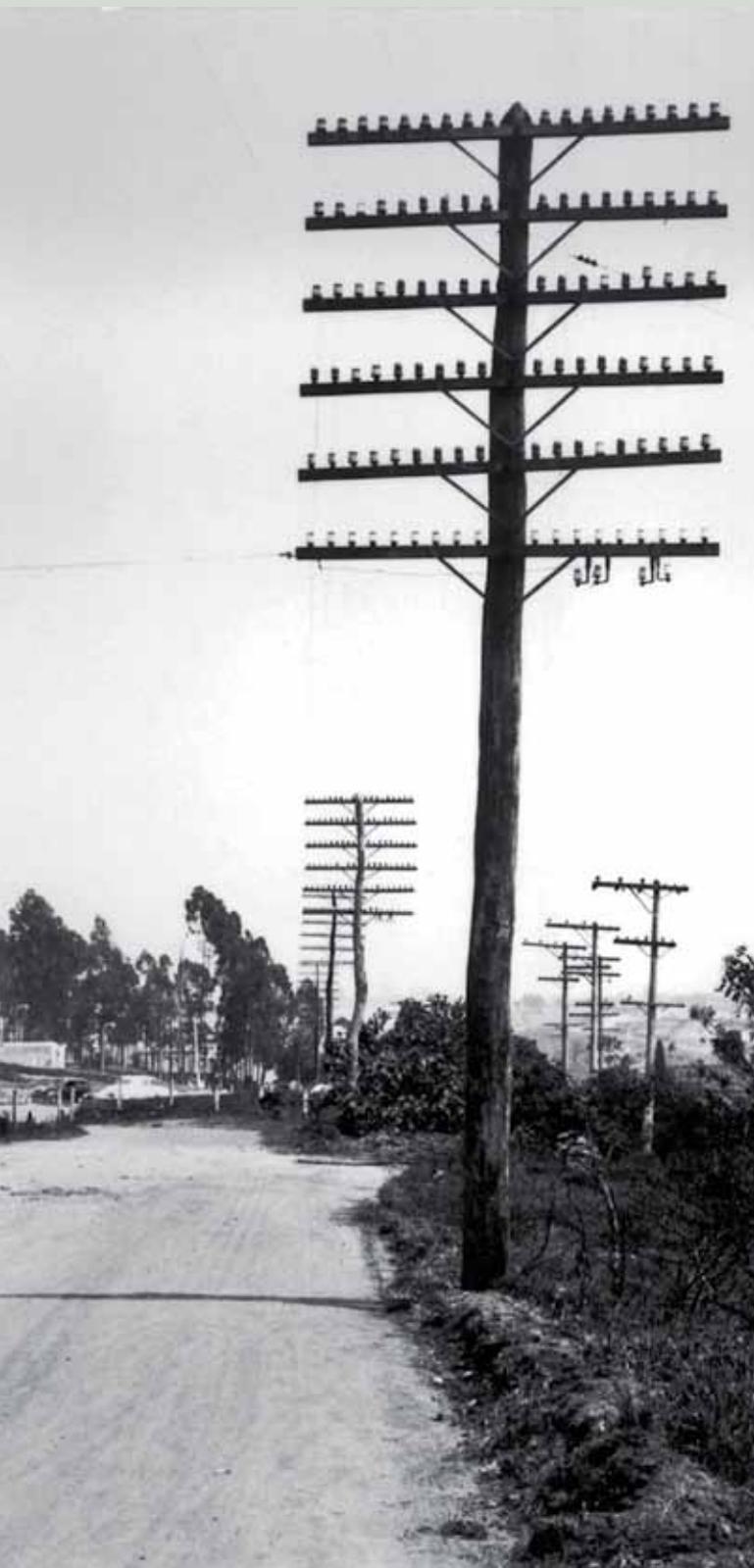
Vitório Guilherme Lorenzoni. Nasceu na Linha dos Meninos em 1909, faleceu em Rud-

ge Ramos com mais de 90 anos. Deixou lembranças escritas. Na seleção a seguir, acontecimentos que o Sr Lorenzoni viveu ou presenciou a partir de 1915. Tinha apenas seis anos de idade. Nem na escola estava. Mas a Memória guardou.

Famílias - O bairro tinha de 15 a 18 casas apenas e ali moravam as famílias Piagentini, Rafael Thomé, Antonio Carleti, Elizeu Bertold, Ferdinando Gasparini, Alves, João

Faculdade de Teologia em 1969: semente da Universidade Metodista de São Paulo. Acervo: UMESP





Avenida Caminho do Mar em 1962, ainda com os postes de madeira da Companhia Telefônica Brasileira (CTB). Acervo: Rita Ângela Zincaglia

Lorenzoni, Francisco Perin, Oliveira, Leone Angeli, Pedro Bitolo, família Magnani, Laurindo Ferreira, César Bassoli, Bardusco, Ferreira e Dias Carneiro, Paschoal Bordin, Joaquim Firmino e Carlos da Silva.

Estradas – Em 1915 não existia a Avenida Caminho do Mar. Só existiam a Estrada do Vergueiro, a Estrada do Taboão e a Estrada das Lágrimas. Não existia estrada no alto da serra. O que havia eram trilhas, percorridas por burros, que faziam o transporte de mercadorias.

Água - A água de rios como o Ribeirão dos Meninos era pura. Moradores bebiam desta água, já que nem todas as famílias possuíam poços. Pescava-se com anzol e peneira. Tinha entre 8 e 10 anos e pesquei muitos lambaris, bagres, mandis e camarões. Ficava nos capinzais à beira dos rios. Não usava anzóis. Pescava com alfinetes de cabeça virada.

Trabalho - As famílias dedicavam-se à lavoura, fabricavam carvão. O único do bairro que não vivia da lavoura era o Leone Angeli. Ele fabricava cadeiras de madeira numa fabriquinha que tinha no bairro.

Telefones - Linhas telefônicas eram difíceis. Só mesmo quem tinha posses, como Dias Carneiro, podia pagar para ter linha particular em sua casa. Dias Carneiro morava numa casa que ficava bem no centro dos Meninos, onde está a agência da CTBC hoje, ao lado da igreja católica. Era proprietário de um terreno com diversos alqueires.

Veículos - Em 1918, quando foi

aberto o Caminho do Mar, eram raros os automóveis. Passava um carro de passeio a cada uma ou duas horas. Caminhões eram difíceis.

Atividades esportivas - Como esporte tínhamos as canchas de bocha. Também era costume jogar formas de queijo, cada uma com dois quilos e 300 gramas. Eram atiradas através de cintas ou correias. Jogava-se na Estrada do Vergueiro e era vencedor quem atirasse mais longe. Na Vergueiro também jogava-se malha.

Antonia Bitolo Lorenzoni. Também nasceu na Linha dos Meninos. Completou 100 anos de idade. Chegou aos 104 anos. Era tia de Guilherme Lorenzoni. Deixou lindas memórias.

A casa - Ficava no centro do terreno do sítio que sua família possuía a poucos metros da grande área mais tarde ocupada pelo Instituto Metodista, junto à linha imaginária que receberia a Via Anchieta. No terreno, o tio Pedro, irmão de Valentim Bitolo (pai de dona Antonia) plantava girassóis, violetas, rosas, verduras e legumes. A casa era de tijolos, sem reboque.

Cotidiano - Vivia-se pobremente. O café sem leite pela manhã, o feijão no almoço com pão feito em casa, à vontade. Mistura era difícil. À noite, às vezes, batatinha ensopada com polenta, almeirão. Os Bitolo não tinham relógio. Dona Filomena, mãe de Dona Antonia, orientava-se pelo sol.

Progresso - Vivia-se o início do século 20. Quando o primeiro auto-



móvel apareceu no velho Caminho do Mar, o tio Pedro Bitolo assustou-se.

Ensino – Não havia escola nos Meninos. Antonia estudou oito meses com uma professora que vinha da Vila de São Bernardo dirigindo um trole puxado a cavalo. Depois de oito meses, a professora não apareceu mais.

Plantação – O pai Valentim plantava mandioca, batata-doce, batatinha, feijão. Levantava antes de clarear o dia. E vendia a produção de casa em casa, em São Paulo.

José de Souza Martins, historiador. Das suas pesquisas resultaram muitas informações de São Bernardo e Rudge Ramos. E os dizeres que ele redigiu para placas inauguradas ao longo da antiga Estrada do Vergueiro durante a realização do 2º Congresso de História do Grande ABC. As placas se foram, os dizeres ficaram.

Citamos, anteriormente, a placa que Martins preparou para indicar a localização do pouso de tropeiros. Segue-se uma segunda placa localizada em Rudge Ramos e que foi instalada no Largo São João Batista.

Roseli Libania Vancini. No capítulo da Região A, Roseli aparece como moradora do Taboão. Nesta Região B, ela sintetiza o estudante de Comunicação da Universidade Metodista e seus jornais laboratórios ao longo de tantas turmas, desde a primeira, na década de 1970.

A universidade está no bairro. Nada mais lógico, pois, do que percorrer as ruas e ouvir histórias dos mais antigos. A reunião de todas es-

sas reportagens que saem e saíram no Rudge Ramos Jornal daria um livro delicioso de memórias.

Recorremos à edição de outubro de 1977. A principal matéria é assinada por Roseli. Capa e mais três páginas só de memória. Destacamos o trecho referente à Revolução de 1924 e os seus reflexos em Rudge Ramos. O depoimento é dos irmãos Pedro Thomé (Perim) e Silvio Thomé:

1. O pânico provocado pela Revolução de 24 foi geral. Não se acendia lampião à noite e não se tinha gasolina. Nem podia sair do bairro. Havia pouca comida e todos escondiam as criações, para evitar roubos.

2. Os soldados acamparam perto do terreno onde está a Escola de Engenharia Mauá, na Rua Maria Álvares Lorenzini. Eles invadiram as chácaras e obrigaram as mulheres a fazerem comida, porque estavam passando fome.

3. Os irmãos Thomé foram obrigados a levar seus burros até Pirapo-



*Na represa da Chácara Lauro Gomes, um quiosque oriental.
Foto: Beltran Asêncio*

rinha e esconde-los. E enquanto a Revolução durou, não tiveram seus burros de volta.

Urbanização - Os loteamentos urbanos começam a ser abertos na primeira metade do século 20. Conversando com os antigos, é possível localizar no

Construção da Retorcedeira Ypiranga na Avenida Caminho do Mar: hoje sede do Meninos FC. Acervo: Família Iezzi.





mapa atual de Rudge Ramos as colônias dos pioneiros. A família Gasparini, por exemplo, tinha colônia na atual Rua Mauricio Jacques, antiga Rua São Pedro.

Assim, nesses primitivos lotes da Linha Rio dos meninos – amplos, extensos, destinados ao cultivo de verduras, legumes e frutas, e mesmo à criação de porcos, frangos, galinhas - surgiram os loteamentos que hoje formam Rudge Ramos. Vila Normandia e Jaú, entre os mais antigos, Vila Helena, entre os mais novos.

Nota

“Na tarde do sábado de 7 de setembro de 1822, retornando adoentado de Santos a São Paulo, Sua Alteza o Príncipe Regente, Dom Pedro de Alcântara, fez alto na antiga paragem dos Meninos (atual Rudge Ramos) para descansar, na hora derradeira da sujeição colonial, onde deu a última ordem à sua guarda-de-honra, como representante do rei de Portugal, minutos antes de proclamar a Independência de nossa pátria, na colina do Ipiranga, e a poucas horas de sua aclamação como Rei do Brasil, que se daria naquela mesma noite. Em memória desse ato, no esquecido cenário cívico do antigo e humilde Bairro dos Meninos, mandou a Prefeitura de São Bernardo afixar esta placa no 170º ano da Independência”.

Pesquisa e texto: professor José de Souza Martins. São Bernardo do Campo, agosto 1992

Cada pedacinho, um nome. Os loteamentos mais antigos foram abertos por carroças. Depois, vieram os caminhões.

Década de 1920 Vila Afonsina

Vila Antonieta

Vila Caminho do Mar

Vila Jaú

Vila Mariza: aprovada em 1948

Vila América: aprovada em 1948

Vila Mussolini

Vila Normandia

Vila Júlio Thomé

1930 - Vila Camargo:

aprovada em 1949 e reloteada

com o nome de Vila Vivaldi

1941 - Loteamento de

Rafael Thomé

1949 - Parque dos Meninos

A partir de 1950 ocorre a abertura de novas vilas.

1950 - Vila Vivaldi, Vila Afonsina, Vila Madalena e Jardim dos Meninos

1951 - Vila Império: quase toda extinta em função das enchentes

1952 - Parque São Pedro, Jardim Fada e Vila Helena (os três de 1952)

1953 - Vila Santa Filomena

Panorama de época: 1953. Rudge Ramos possui: 644 prédios, sendo 589 residências, 22 estabelecimentos comerciais, 18 industriais, uma repartição pública, quatro escolas primárias, quatro escolas superiores (Metodista), um templo e um posto telefônico. São assinalados como diversos: três salões de barbeiro, duas lavanderias, uma marmoraria, uma oficina e um posto de gasolina. A população é de 3.575 moradores

Com este quadro, o prefeito Lauro Gomes pede a elevação de Rudge Ramos a distrito (cf. processo PMSBC 3519/53). A Comissão de Divisão Administrativa e Judiciária da Assembléia Legislativa aprova a elevação. Mas o processo é arquivado em 1954, sem que a elevação a distrito fosse consolidada – o que não é até hoje.

1954 - Vila Gasparini e Rotercedeira Ipiranga (a mais antiga vila operária)

1955 - José Ramos (subdivisão da Vila Vivaldi), José Arato Filho e Octaviano Leão

Bertagni (conjunto habitacional).

1956 - Irmãos Bedran, Vila Angelina, David Maria Branco e Banco A.E. Carvalho

1957 - Acácio Feliciano (subdivisão de quadra) e Antonio Manzano

1958 - Chácara Maria Lucia e Vila Ermelinda

1959 - Vila Dourados e Henrique Bedran

Rudge Ramos sem água, sem luz, sem esgoto...

Domingos Chiavoni teve uma das primeiras casas da Rua Candido Portinari, no Parque São Pedro. Não havia água encanada. O poço do quintal dos Chiavoni servia à família e aos primeiros vizinhos.

Jornalista Hermano Pini Filho também morou no Parque São Pedro. E tem várias histórias do bairro no seu nascedouro:

1. Não só o Parque São Pedro mas todo o Rudge Ramos carecia de rede de esgoto. Rara era a energia elétrica. A própria Avenida Caminho do Mar era



“A menina dos meus olhos”

Vila Helena, em homenagem a Helena Jacquey.

1952. Indu Rovay – futuro vereador – estava vendendo terrenos em Rudge Ramos, na antiga chácara da família Jacquey, a poucos metros do Largo São João Batista. Um loteamento que nascia carente de tudo. Lotes cercados por arame farpado, sem água, esgoto, luz, calçamento. Mesmo assim, o espanhol Sebastián Valls Codina, compra um lote na Rua Helena Jacquei, onde reside até hoje com

a esposa Montserrat Martin Badia Valls, que se casaram em 1957. Para construir sua casa, Sebastián consegue luz emprestada por Indu Rovay, puxada do Largo São João Batista por fios suspensos em caibros improvisados e particulares. Uma luz fraca, que acendia e apagava. Lauro Gomes estava assumindo a Prefeitura de São Bernardo pela primeira vez. Constantemente visitava o bairro. Costumava dizer: “Vamos

deixar o Rudge Ramos um jardim. Este bairro é a menina dos meus olhos”.

E de fato os primeiros melhoramentos vieram rapidamente. Guias foram postas nas ruas para receber o primeiro pavimento, em paralelepípedos. Muitas casas foram construídas.

Construiu-se o anfiteatro da Escola Estadual Otílio de Oliveira. Hoje teatro da Prefeitura.

Década de 1960: concentração defronte à igreja de Santa Edwiges, na Rua Votorantim, em Vila Vivaldi. Acervo: Paróquia de Santa Edwiges





Inauguração do Mercado Distrital de Rudge Ramos em 1968: comércio preserva este centro de compras que vai completar 45 anos. Foto: Beltran Asêncio

de terra batida. Para completar, condução difícil.

2. A casa de Domingos Chiavoni era a mais vistosa da rua, o mesmo quanto à residência de Augusto Costa, que não ficava na Candido Portinari, mas no Caminho do Mar, esquina da atual Rua Martini. Ali nascia o Parque São Pedro. Entre a Rua Martini e Rua São Caetano (que depois passou a chamar-se Cândido Portinari), ficava a Rua São Bernardo, atual João Meneghel.

3. Quando fui morar na Rua São Caetano, em 1956, minha casa era uma das raras existentes no local. A energia elétrica vinha de um único medidor, instalado em poste no início da rua, junto ao Caminho do Mar. Dali os fios eram presos a caibros que serviam de postes. As linhas ficavam a pouca altura do solo, o que facilitava o furto. Volta e meia era necessário colocar novos fios no lugar.

4. O ocupante da última casa da rua, Sr. Peixoto, teimava em fazer

funcionar ali seu televisor. Compreensivelmente a imagem era instável, uma tristeza. Mesmo assim, às vezes, convidava vizinhos para ver imagens daquela que era uma das raras TVs do lugar.

5. Certa manhã, eu abri a geladeira de casa e percebi que estava desligada. Pensei em furto dos fios. Saí, eles estavam lá. Subi a rua para tentar descobrir o defeito e não foi difícil notar o que acontecia. Não levaram os fios: levaram o poste, medidor preso nele.

6. Ficar sem luz? Fui falar com o prefeito Aldino Pinotti, então em seu primeiro mandato (1956 a 1959). Prestativo, o prefeito foi lá e prometeu solucionar o problema, com a presteza possível, junto à empresa fornecedora de energia elétrica (era a Light). Dois dias depois, ficando novo poste de madeira no lugar do anterior, a ligação foi restabelecida.

7. Na Rua Candido Portinari daquele tempo moraram, além do pioneiro Chiavoni, Marcel Preotes-

co (romeno brasileiro que foi presidente da Associação Comercial) e Mauricio Soares (ex-prefeito). Havia união. Todos se davam bem. Organizavam festas em certas datas. Socorriam-se em alguns casos.

8. Hoje Rudge Ramos está diferente. Cresceu. Deixou para trás as deficiências da época. O velho Bairro dos Meninos tem história, muita história; coleciona fatos, antigos uns, não tão antigos outros.

Vila Vivaldi. Nasce Vila Camargo em 1930. Ganha os contornos atuais em 1950, como parte da primitiva Vila Camargo mas já com o nome Vivaldi, tendo à frente a Imobiliária Itaguassu (sociedade civil), e aprovação em 26 de janeiro daquele ano.

Desde o nascedouro, Vivaldi enfrentou o problema das enchentes do Ribeirão dos Meninos. Há moradores que guardam vídeos das enchentes mais fortes. De um lado as enchentes obrigaram a saída de muitas famílias; de outro, o enfrentamento do problema tornou a co-



munidade fiel ao bairro mais unida.

Esta união salienta-se em outros pontos, como o da criação da primeira entidade coletiva: a Sociedade Amigos, de 1956. No mesmo ano, é fundado o EC Nacional. Em 1961 surge a SE Vila Vivaldi, com dissidência da diretoria do Nacional. Em 1973, ocorre a fusão do mesmo Nacional com a SAB. Nasce a Sociedade Esportiva Amigos de Vila Vivaldi.

Antecedentes – Vila Vivaldi fica próxima do espaço onde se situou a sede da fazenda dos beneditinos (hoje compreendida pela Região E – Centro). Ali nasceu São Bernardo (primeira metade do século 18). Ponto estratégico: às margens do Ribeirão dos Meninos e do seu afluente, Borda do Campo, denominação que remete à própria formação da Santo André da Borda do Campo (século 16).

Chácaras – O Sítio dos Camargo não estava incluído na fazenda beneditina. Pertencia a Agenor Camargo Filho, o que abriu várias chácaras na década de 1930. Quadras da Vila Camargo foram compradas por chacareiros. Outras foram reloteadas, casos da Vila Antonieta e Jardim Orlandina. Os remanescentes da Vila Camargo foram vendidos para a Otagiassi, que os reloteou. Nascia Vila Vivaldi.

O topógrafo e historiador Newton Ataliba Madsen Barbosa cita Vivaldi como uma das primeiras ocupações urbanas da margem de São Bernardo do Ribeirão dos Meninos. Logo no início, por causa das enchentes, baixou-se uma lei obrigando que as construções fossem edificadas um metro acima do nível normal – medida paliativa,

que absolutamente não resolveu o problema das inundações.

A igreja – A Paróquia de Santa Edwiges foi criada em 1967, como desmembramento da construção da primeira capela.

É comovente verificar em antigas fotos o trabalho em mutirão dos moradores católicos para a construção da igreja. O próprio sacerdote misturando massa e puxando carinho de mão. Uma história que remonta a 1955, com o erguimento de um cruzeiro em terreno baldio onde foi celebrada uma missa campal.

Estas histórias da igreja de Vivaldi foram registradas por um dos primeiros moradores do bairro, Alfredo Célio de Camargo Marques.

O Tanque das Mulatas – O tanque existia na antiga Estrada do Vergueiro e segurava a água em excesso que corria para a Vila Vivaldi. Quando o tanque foi aterrado, agravou-se o problema de enchentes no bairro.

“O Tanque das Mulatas era um piscinão natural. Foi aterrado graças à ganância imobiliária. Vila Vivaldi é de 1950. O loteamento não teria sido aprovado por um engenheiro municipal, pois as quadras ficavam mais baixas que as ruas. Aquele engenheiro previa os problemas de enchentes. Mesmo assim, foi aprovado e, em poucos anos, as enchentes vieram” (cf. professor Cláudio Manoel Gomes).

“Vila Vivaldi é um bairro de classe operária, com muitos metalúrgicos aposentados. A participação popular foi sempre muito grande. Uma população organizada que conquistou melhorias, entre elas a primeira creche, criada e instalada pelo prefeito Aron Galante” (cf. Terezinha Gomes).

Cine Boreal

Na porta do Cine Boreal, a troca de gibis: O Cavaleiro Negro pelo Roy Rogers, o Tarzan pelo Zorro. Depois, a matinê. Na eventualidade da falta do dinheiro para pagar a entrada do cinema, alternativa era vender algumas revistas a preço atrativo.

Padre Fiorente Elena em 1976: o religioso motoqueiro que construía igrejas. Foto: Reinaldo Martins/DGABC



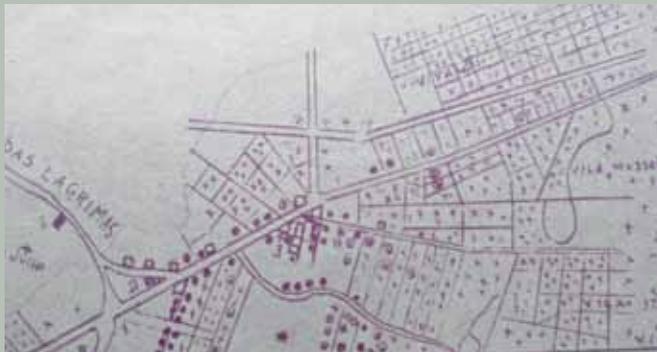


Carro de boi conduz mastro para a festa junina do Bairro dos Meninos em 1929: veículo de Joaquim Antonio de Oliveira Filho (Piranga). Acervo: Arlindo Albino Marques (em memória)



Ruínas de pouso de tropeiro na confluência das Estradas do Vergueiro e das Lágrimas em 1958. Foto: Hermano Pini Filho

Memória reconstituída



Mapa de Rudge Ramos em 1956, desenhado pelo professor e historiador José Gonçalves Salvador (no destaque): “O crescimento de Rudge Ramos foi lento até o ano de 1940. Deslocou-se da Estrada das Lágrimas para a do Mar e a seguir em várias direções”.

Na Biblioteca Malba Tahan: na década de 1990, vários moradores com raízes em Rudge Ramos reúnem-se para estudar a História do bairro. Origens – Formação do Núcleo Colonial de São Bernardo, com a abertura da Linha Rio dos Meninos, de 1886 com 23 lotes.





Avenida Caminho do Mar

Pedágio no Caminho do Mar: antes da passagem da Via Anchieta, todo o trânsito passava em Rudge Ramos. Havia um pedágio ainda na área paulistana. Coleção: Gazeta do Ipiranga



Avenida Caminho do Mar em dois momentos: obra de Arthur Rudge Ramos na década de 10. Foto: Beltran Asêncio; acervo: Rita Ângela Zincaglia



Por aqui passa um rio

O sistema hídrico de Rudge Ramos é formado pelas bacias do Ribeirão dos Meninos e do Rio dos Couros.

Cortando o bairro, o córrego Guapiu, que nasce nas colinas da Martini e deságua no Ribeirão dos Meninos

Canalizado, o Guapiu é apontado por Nilton Alves de Souza (comerciante e pesquisador) e pelos APCs Saracura e Ligeirinho, da Secretaria de Planejamento da Prefeitura. Foto Nei Mello





1953 – Luiz Gonzaga toca e canta com seu conjunto na chácara do Lauro. Foto: Beltran Asêncio



Rudge Ramos em foto noturna a partir da Praça dos Meninos



Metodista: fachada do Edifício Alfa em 1960. Acervo: Umesp



1974 – Jardim Oriental, no espaço do antigo estádio do Meninos FC. Foto: Dorival de Almeida



1958 – Ruínas de um pouso de tropeiros são fotografadas na bifurcação das Estradas do Vergueiro e das Lágrimas. Autor: Hermano Pini Filho.



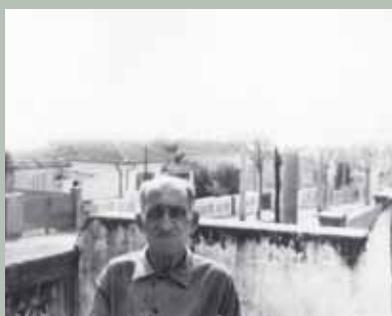
Retratos familiares

1- Lavinia Rudge Ramos, a dona Nen3, e a entrega do diploma escolar ao aluno Ram3n Valls Martin, hoje engenheiro mec4nico e cientista. 4lbum familiar

2- Cinco gera33es da fam3lia Oliveira. A partir da direita: Jandira Felix de Oliveira, Helena, Lia Mara, L3gia e a bebe Laura. 4lbum familiar

3- Rita Zincaglia e amigas: presen3a em Rudge Ramos. Acervo: Fam3lia Valls Martin

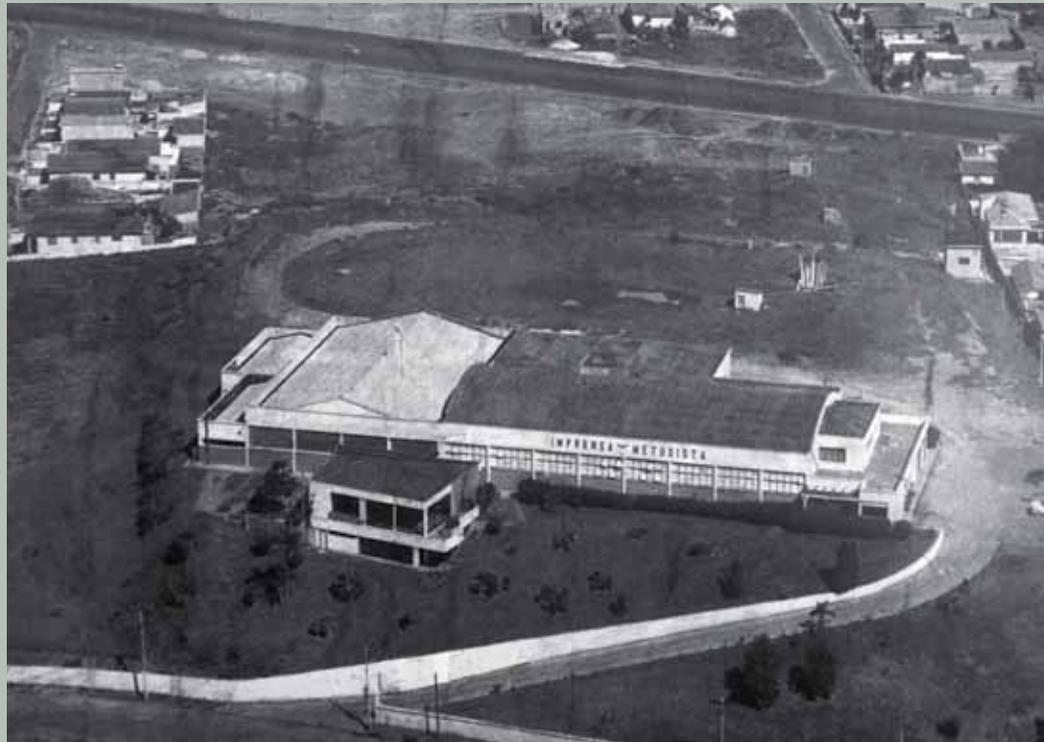
Retratos da Fam3lia Piranga: de cavanhaque, Paulo Piranga, o patriarca; na foto colorida (abaixo 4 direita), Aparecida de Oliveira Alves, a Dona Cida, memorialista de Rudge Ramos.





IMPRENSA

Wesleyano e vista aérea da antiga Imprensa Metodista na Av. Senador Vergueiro



INDUSTRIAS

Interprint
Martini & Rossi
Salvador Arena
Ônibus da Termomecânica





Rua Cândido Portinari , a antiga Rua São Caetano, na década de 1960: o modelo de Rudge Ramos que recebia as primeiras obras de infraestrutura. Foto e acervo: Hermano Pini Filho

MFC **GALERIA DOS BENEMÉRITOS - MENINOS FUTEBOL CLUBE**
" O MAIS QUERIDO DO ABC "

Artur Lomazone 1943	Francisco Massol 1944	João Chaves 1947	Carlos da Silva "CARLITO" 1947	Antônio Rangel 1947	Leoni Argeli 1947	Joaquim Augusto Santos Sobral 1947	Leano Gomes de Almeida 1954	Leivide Ruijter Ramos G. de Almeida 1964
Eudilo Pedrosa de Toledo 1954	Ernesto Augusto Cieto 1954	Guastafano Gasparini 1955	Elias Barros dos Anjos 1963	Rey Caputo 1964	Vitoria Guilhermes Lorenzoni 1965	Armando Isral 1972	Antonio Fernandes de Sousa 1972	Flávio Paulo Valente 1976
Edmundo Vertematti 1976	Valente João Bilela 1979	José Feliciano 1979	José Alexandre Pinheiro 1979	Norberto Nicoletti 1984	Sérgio Lorenzoni 1989	Walter Bualo 1990	James Teobaldo Benigno 1998	Francisco Celestini 1998

MENINOS FC

Fundado em 1935, é o mais antigo clube de Rudge Ramos. Ao contrário do bairro, a agremiação preserva o nome histórico Meninos.

Quadro dos beneméritos – Álbum de figurinhas – Equipe de bocha – Celebrações – Música – A presença de Tony Campello, Cely Campello e Ângela Maria O futebol, sempre presente.



18 de julho de 1976: celebrada a última missa na capela histórica de Nossa Senhora Aparecida, a capela da Record, que muda da área da antiga torre para o espaço do Santuário, onde uma réplica foi construída.



Foto: DGABC

PAULICEIA/ JORDANÓPOLIS

Vl. Paulicéia, Vl. Labor, Vl. Leonina, Vl. Jesuíta, Pq. Santo Antônio, Vl. Odete, Vl. Mackenzie, Cidade Gertrudes, Vl. Santa Eugenia, Vl. Tila, Conj. Res. Nova Paulicéia, Transmissão Mercedes, Conj. Hab. Avaré, Conj. Hab. Coluna, Conj. Hab. Luciana, Conj. Hab. Alpes da Paulicéia, Conj. Res. Parati, Vl. Paulistana, Vl. Irene, Vl. Sésamo, Conj. Res. Londrina, Pq. dos Eucaliptos, Vl. Itanhaém, Conj. Hab. Paulistania, Vl. Jahú, Vl. Santa Isabel, Vl. Alvinópolis, Vl. Santa Encarnacion, Vl. Jordanópolis, Vl. São Leopoldo, Conj. Res. Araraquara, Vl. Áurea, Conj. Res. Arapongas, Vl. Weida, Jd. Cerejeiras, Vl. Danúbio, Jd. Novo Sergipe, Conj. Hab. Sergipe, Conj. Hab. Guararapes, Vl. Cacilda, Núcleo Naval

Região





Chega com o Caminho do Mar. Depois...

Formam a Região C dois bairros históricos de São Bernardo – Paulicéia e Jordanópolis – que nasceram rurais como decorrência da construção da atual Avenida Caminho do Mar (anos 1920), antecessora da Via Anchieta (anos 1940).

Vista aérea da planta Mercedes em construção: ao fundo, a represa da chácara do Lauro.
Acervo: José Carlos Soares de Oliveira

“As enchentes eram tão grandes que o bairro ficava todo alagado e as pessoas eram obrigadas a andar por cima de uma cerca para não afundar no lamaçal”.
Virgínia Regiane, ouvida em 1977. O quadro por ela traçado refere-se aos primórdios da Vila Paulicéia, na década de 1930.





Com a facilidade de acesso a partir do então Bairro dos Meninos (hoje Rudge Ramos), antigos sítios rurais começam a tomar formas urbanas, mesmo que lentamente, o que faz nascer, mais próximo ao Centro e à antiga Piraporinha, Jordanópolis; e mais agregada ao Bairro dos Meninos, Paulicéia.

O intervalo físico entre os miolos dos dois povoados continuou a ser ocupado por plantações, olarias e cerâmicas, estas as empresas maiores da Região C antes da industrialização de São Bernardo.

Até pela proximidade de São Paulo, Paulicéia se desenvolveu primeiro, a partir de 1930, mas principalmente em função da Via Anchieta; Jordanópolis expandiu-se em seguida, também em decorrência da passagem da Via Anchieta.

Sistema hídrico - A Região C faz parte da bacia do Ribeirão dos Couros, formada pelos seus afluentes: Córrego do Taboão, Córrego Canhema (ou Itororó) e Córrego Cavalheiro – que aparece na planta original da Vila Mussolini, no atual Rudge Ramos, e que em alguns mapas é chamado de Córrego Sacramento, pela proximidade com a via histórica que interligava Meninos a Piraporinha.

O sistema hídrico modificou-se. Hoje em parte da represa seca Rudge Ramos existe o piscinão que busca conter as enchentes cíclicas mais à frente entre Taboão, Rudge Ramos, São Paulo e São Caetano. Outro piscinão, no mesmo Córrego dos Couros, situa-se no espaço em que funcionou o Cotonifício São

Bernardo, junto ao Corredor ABD.

Toda a região apresenta uma geografia que varia entre planícies acentuadas e colinas suaves. As partes mais baixas são alagadiças, o que obrigou a grandes investimentos em aterros para a instalação da principal indústria local, a Mercedes-Benz.

Formação histórica - As origens do Bairro Paulicéia são o antigo Sítio dos Alves, dividido, em 1914, em quatro grandes áreas de 40 mil m² - já com o nome de Paulicéia, Sítio Paulicéia.

A partir de 1930 começam a se estabelecer no local as primeiras famílias. A construção do transmissor da Rádio Record, em 1944, a inauguração da Bruma (depois Cotonifício São Bernardo; hoje espaço ocupado por piscinão), em 1951, e a inauguração da Mercedes-Benz, em 1956, se constituem em elementos básicos no processo de urbanização do bairro.

Jordanópolis, Jordão, Cidade Jordão, em alusão ao nome do loteador do bairro, Eivaldo Pinto Jordão. Loteamento aberto em 1925. Situava-se ao lado do velho Caminho do Mar, margem direita da via, no sentido São Paulo-Santos, com o nome de Cidade João Ramalho. Seguiram-se novos loteamentos – Alvinópolis, Vila São Leopoldo, Chácara Sergipe - e os conjuntos habitacionais dos últimos 30 anos deram nova configuração ao bairro.

Urbanização - Paulicéia - As primeiras famílias a criar raízes na Vila Paulicéia foram os Magnani (1930), Raggiane (1934) e Marin (1938), proprietários de olarias.

Duas datas:

19-3-1962 – Pela lei municipal nº 1024 oficializa-se o nome Bairro Paulicéia.

27-6-1967 – Inaugurado o Cemitério da Paulicéia.

A partir da segunda metade dos anos 1960 a ainda Vila Paulicéia é escolhida como um dos bairros de São Bernardo para receber a iluminação pública a vapor de mercúrio, que substituiu a iluminação pública das lâmpadas de pouca luminosidade. O ex-prefeito Aldino Pinotti costumava dizer que o alto padrão de iluminação do bairro servia de orientação aos aviões que aterrissavam logo à frente, em Congonhas.

Quatro apelidos:

- . Esmaga Sapo – área alagadiça da primitiva Vila Paulicéia
- . Morro do Querosene – parte alta da mesma Vila Paulicéia
- . Vila das Cabras – Jordanópolis
- . Morro Selado – Chácara Sergipe

Em memória:

Progresso Ardanuy, francês. Ciclista. Mantinha uma bicicletaria em Jordanópolis, para estimular a formação de novos atletas. Consertava bicicletas e oferecia aos alunos uma biblioteca especializada no esporte. Foi técnico do selecionado brasileiro que venceu os Jogos Panamericanos de 1954 e técnico de ciclismo da Prefeitura.



Centro histórico da Vila Paulicéia em 1976: paralelepípedos nas ruas e os primeiros semáforos. Acervo: Dgabc.

Dos Marin, ouvimos, em 1976, Jorge Candido Marin: “Antes de 1944 a Paulicéia era um pequeno emaranhado de casas, com seus habitantes precisando trabalhar em outros bairros e ninguém querendo residir no lugar?”

Toda a área permanecia rural, mesmo com a presença da Cerâmica Ipiranga e das tecelagens Ismarta e Bruna, posteriormente absorvidas pelo Cotonifício São Bernardo, hoje estabelecido no Paraná. Havia olarias.

O espaço da Mercedes-Benz era a sequência da propriedade de Arthur

Rudge Ramos. Entre a represa da chácara e a área ocupada pela Mercedes existia uma imensa plantação de pêssegos de primeira, mantida por arrendatários de origem japonesa. Os pêssegos finos eram produzidos em larga escala por São Bernardo para abastecer várias regiões do Estado.

Em 1948, um ano após a chegada da Via Anchieta, a família Iacononi, nova proprietária das áreas livres locais, inicia o desmembramento em lotes das quatro grandes áreas de 40 mil m² a que foi dividido o bairro em 1918.

Os irmãos Ruy (futuro vereador e presidente da Câmara de São Bernardo) e Dylson Iacononi dão entrada de um projeto completo de arruamento e loteamento na Prefeitura. E não são felizes.

O poder público diz que a área é rural e que não caberia a ele a aprovação. Resultado: uma área de 30 mil m² é arruada mesmo assim, a partir da Rua Pacaembu (antiga travessa particular). Uma via com 10 metros de largura e 90 lotes de 300 m² cada.



Bairro Paulicéia

Loteamentos pioneiros: Vila Paulicéia, Vila Odete e Vila Paulistana.

Parque Santo Antonio – 1951
Vila Leonina – 1953
Conjunto Ottoni – 1955
Predial De Lucca – 1955
Vila Labor – 1955
Ferreira, Clarice – 1958
Maricato, Evaristo – 1959
Vila Santa Eugênia – 1962
Vila Mackenzie – 1963
Cidade Gertrudes – 1968
Vila Irene – 1972
Vila Tila – 1972
Conjunto Avaré – 1973
Conjunto Ana Cristina – 1973
Vila Sésamo – 1974
Parque dos Eucaliptos – 1974
Conjunto Luciana – 1975
Conjunto Parati – 1976
Conjunto Coluna – 1977
Vila Itanhaem – 1979
Conjunto Alpes da Paulicéia – 1980

Jordanópolis – Loteamento aberto em 1925. Situava-se ao lado do velho Caminho do Mar, margem direita da via, no sentido São Paulo-Santos, com o nome de Cidade João Ramalho.

A ideia do loteador era dotar São Bernardo de uma cidade-satélite de São Paulo, com um plano à imitação dos grandes loteamentos da época feitos pela Companhia City, na Capital, e pela São Paulo Land, em Campinas. Seriam grandes quadras com lotes à base de 10 metros por 40 metros. O projeto previa espaços livres internos (pequenas praças) localizados entre as quadras, privativos aos moradores. Espaços de lazer e recreação;

Na parte mais baixa do terreno, na marginal do Ribeirão dos Couros e ao Córrego Pindorama, seriam vendidas áreas maiores destinadas a chácaras.

O projeto não prosperou devido à crise econômica do café. O loteamento original ficou estagnado. Só mais tarde, na década de 1940, com a construção da Via Anchieta, os negócios imobiliários reativaram-se. Cidade João Ramalho ganhou o nome de Jordanópolis. E, pelas décadas seguintes, semearam-se loteamentos na área entre os quilômetros 16 e 18 da Anchieta.

“Quando eu cheguei a Jordanópolis, em 1957, tudo por lá era um mato perfeito. Tinha só a Cerâmica São Bernardo que agora está abandonada. Não existia nenhuma outra indústria. Mas já existiam as cabras do finado sargento Pina, que era enfermeiro da Força Pública. Ele criava cabras, porcos, galinhas. Por causa disso, o bairro tinha o apelido de “Bairro das Cabras” (Gumercindo Carletto, entrevistado em 1977).

A criação de animais domésticos chegou ao fim nos últimos anos 1960 e apenas os mais antigos lembram do apelido do bairro.

Bairro Jordanópolis

Loteamentos pioneiros: Jordanópolis, Vila Cacilda, Vila Jahú, Vila Santa Encarnacion e Vila Santa Isabel

Alvinópolis – 1952
Vila Áurea – 1952
Vila São Leopoldo – 1958

Chácara Sergipe – 1966
Cj. Paes de Barros – 1968
Vila Weida – 1969
Condomínio Iperoig – 1971
Jardim Novo Sergipe – 1971
Conjunto Porto Seguro – 1971
Conjunto Araraquara – 1973
Jardim das Cerejeiras – 1975
Conjunto Itapuã – 1977
Conjunto J. C. Fontes – 1977
Conjunto Guararapes – 1977
Conjunto das Araçongas – 1978
Irmãos Zugman – 1987

Vila Alvinópolis – A Cidade do Alvim foi loteada pela Sociedade Civil Jardim Ruyce, de Décio Ferraz Alvim, o mesmo que loteou Ferrazópolis. Em ambas as vilas o loteador utilizou seus nomes – Alvim e Ferraz – para as respectivas denominações.

Vila São Leopoldo - Em 1958 algumas áreas de chácaras localizadas na faixa da Rua Pindorama e do Córrego Pindorama, na divisa com São Bernardo e Diadema, foram adquiridas por Henrique Deleoque. Este, pela Imobiliária São Leopoldo, executou um retalhamento dessas áreas com o nome de Vila São Leopoldo.

O bairro é hoje o referencial do Carnaval de São Bernardo, tetracampeão da cidade.

Chácara Sergipe - Nasce com a construção de um dos primeiros conjuntos habitacionais da área. O conjunto é formado por 600 casas, construídas pela Construtora De Lucca.

Muitos dos primeiros compradores das casas viram-se obrigados a abandonar as moradias por problemas financeiros. Houve in-



Entrada de Jordanópolis pela Avenida Piraporinha: ao fundo, a Brascola.

vasões e dificuldades para a regularização do conjunto.

Nos anos 1960 as Vilas São Leopoldo e Jordanópolis tiveram suas ruas prolongadas até a Estrada de Piraporinha, o que promoveu melhores condições de comércio e ainda permitiu a passagem das linhas de ônibus.

“Quando eu era menino, e antes da construção das primeiras casas, a Chácara Sergipe tinha o apelido de Morro Selado” (João Maçena

Neto, funcionário da área de Educação da Prefeitura, aposentado, que hoje vive entre São Bernardo e o Litoral).

“Era a fazenda do Morro Selado. Dois vizinhos nossos trabalharam na fazenda: Sr. João Rodrigues e dona Isaura. As meninas filhas dos donos da fazenda vinham passear a cavalo na nossa rua, bem vestidas. Era bonito” (Elza Masimelli Galera, residente no Bairro Paulicéia).

“O que trouxe vida à região de

Jordanópolis foram os conjuntos habitacionais. Até 1968, época da construção dos dois primeiros conjuntos, a região possuía cerca de 600 casas. Em 10 anos ultrapassou 4 mil” (Helton Messias, economista, ex-presidente da SAB de Jordanópolis, entrevistado em 1977).

Industrialização - O acesso ao Bairro Jordanópolis pode ser feito pela Avenida Piraporinha, histórica via de ligação entre São Bernardo do



Campo e a Zona Sul de São Paulo, passando por Diadema.

A Piraporinha guarda ainda padrões industriais, mas é possível observar que várias empresas trocaram de nome, razão social e atividade econômica.

O sistema trólebus é o novo referencial da avenida.

A chegada da Mercedes-Benz, em 1956, foi significativa. Vila Paulicéia absorve todos os ingredientes para se transformar num bairro urbano importante, mas a modernidade demoraria alguns anos mais.

Os primeiros caminhões Mercedes-Benz vinham com suas peças todas importadas da Europa, e documentação em alemão, para serem montados em São Bernardo. José Mayer, natural de São Caetano e admitido como montador de caminhão em agosto de 1956 – antes da inauguração oficial da fábrica – vinha a pé de Rudge Ramos, “amassando barro”, até a Paulicéia, para trabalhar na Mercedes. Como já tinha noção da língua alemã, recebia a documentação das peças, traduzia e passava as instruções aos operários.

A Mercedes-Benz corria atrás de funileiros e ferramenteiros, recorrendo aos parques fabris de São Caetano, Santo André e setores da Capital, já que a cultura econômica de São Bernardo era centrada na indústria artesanal de móveis. Por isso, já em 1957, a Mercedes tornava-se pioneira na formação de mão-de-obra, com escola interna mantida em convênio com o Senai de Santo André – o Senai de São Bernardo só viria nos anos 1960.

Em 1961, a Mercedes-Benz fazia a primeira exportação de ôni-

bus (600 unidades) para países da América do Sul. Em 1964 mantinha exportação para 50 países, “a partir de São Bernardo” – como assinala Euclides Fontana, que ingressou na empresa em 19671 e fez uma carreira que o levaria à direção dos departamentos de Comunicações e Relações Públicas.

A linha de ônibus foi instalada em 1958, quando a Mercedes-Benz tinha 1.500 empregados. Logo depois eram cinco mil. Ebe de Carvalho, outro pioneiro, admitido em 1958, conta que quando aparecia um funileiro o emprego era dele, desde que no dia seguinte trouxesse mais dois, que eram admitidos ganhando três ou quatro vezes mais do que se pa-

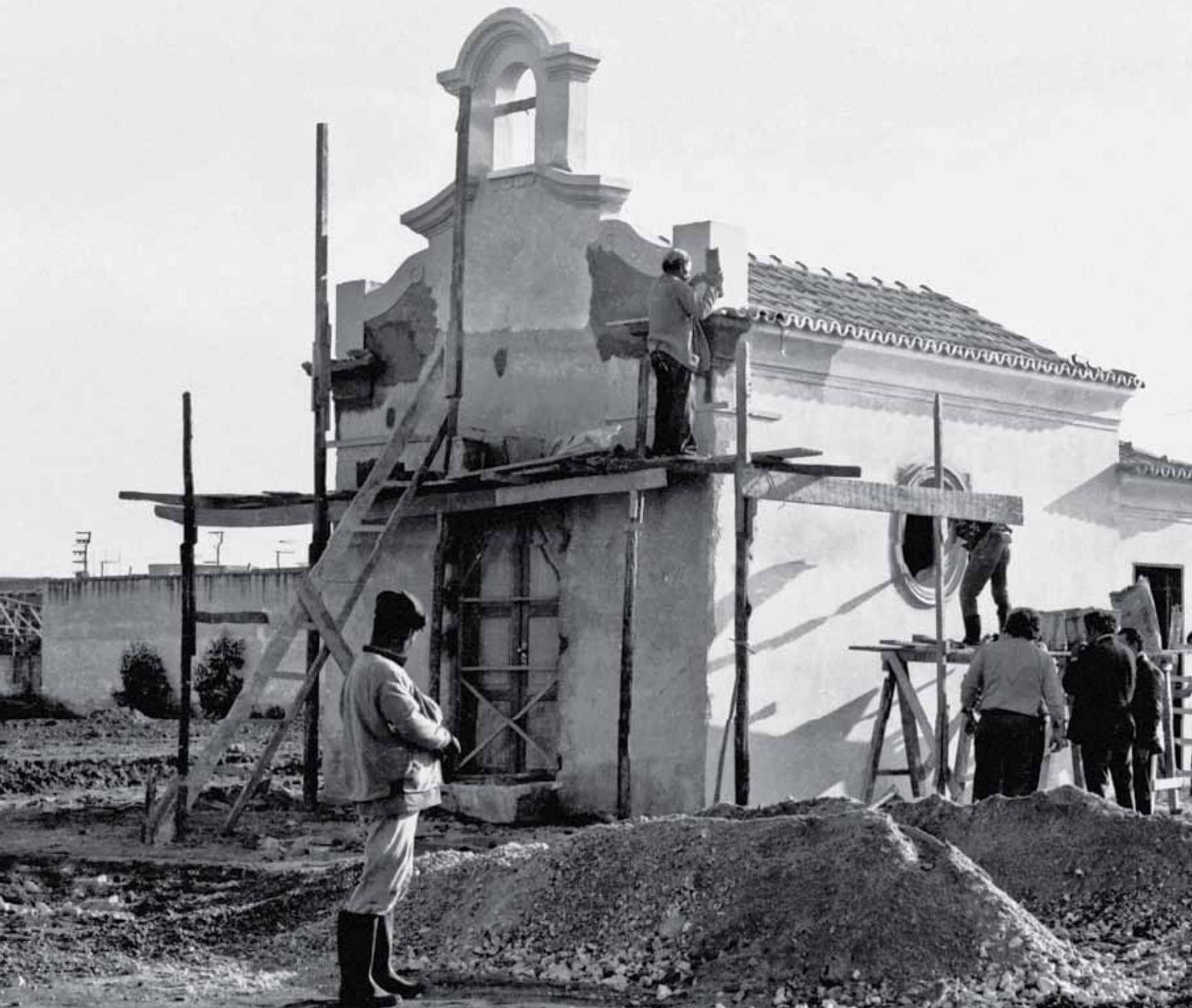
gava no mercado. Resultado: a Mercedes-Benz chegou a ter 95% (ou mais) da frota de ônibus no Brasil e 70% da frota de caminhões.

Religiosidade - As duas paróquias da Região C: Paulicéia, que tem o primeiro e único santuário oficial do Grande ABC, criado em 2011; e a Jordanópolis, dedicada ao Menino Jesus: obra dos anos 80 da Sociedade São Vicente de Paulo e população do bairro.

A capela da Record é uma referência histórica. Situava-se no chamado “Esmaga Sapo”, o ponto mais baixo do bairro, na várzea do Ribeirão dos Couros. Foi demolida em 1975 e reconstruída noutro ponto da Pau-

Entre os anos 1970 e 1980, a Via Anchieta já com suas marginais e passarelas. À direita, o Bairro Paulicéia na área do “Esmaga Sapo”, hoje ocupado pelo shopping-center do Carrefour. Acervo: Dersa





*Réplica da capela de
Nossa Senhora Apa-
recida em construção.*

*Foto: Dorival de
Almeida/PMSBC*

licéia que guarda apelido histórico “Morro do Querosene”.

Paulo Machado de Carvalho, o dono da Record, esteve presente à festa com procissão do traslado da imagem de Nossa Senhora Aparecida da antiga para a nova capela. A Record transmitia as missas. E o bairro passou a ser a opção mais próxima para quem tinha dificuldades de se deslocar até à cidade de Aparecida.

“O Santuário de Nossa Senhora Aparecida mantém o Terço dos Ho-

mens. Nos encontramos às quintas-feiras, às 19h30. Em cada encontro, um sorteio. O vencedor pe escolhido para permanecer, durante uma semana, com a imagem de Nossa Senhora em seu lar, abençoando-o, as famílias da redondeza” (Sebastião Pinto da Silva, ministro do Santuário da Paulicéia).

“Nós morávamos em São João Clímaco e meu pai (José Meneguello) era caminhoneiro. Toda vez que comprava um caminhão, ele vinha benzer aqui na antiga cape-

la de Nossa Senhora Aparecida. Foi assim que conheci o bairro. Anos depois, minha avó (Dona Alvarina) mudou para cá. Ela tinha 16 filhos. Para onde ia a matriarca, ia todo mundo. Aos poucos todos nós viemos, residindo perto da casa dela, na Vila Santa Rita, já em Diadema, divisa com a Paulicéia. Ou seja: transferimos a colônia italiana da nossa família de São João Clímaco para a Vila Santa Rita” (Pedro Luiz Meneguello, auxiliar da Biblioteca Érico Verissimo).



Organização popular – São duas Sociedades Amigos de Bairro e uma associação que agrega a colônia japonesa – ACREPA: Associação Cultural e Recreativa da Paulicéia.

- . SAB da Paulicéia – 19-3-1957
- . SAB de Jordanópolis - 7-3-1960.
- . ACREPA -

A minha rua não tinha nome

Depoimento: Oswaldo Galera e Elza Masimelli Galera

1. Chegamos à Vila Paulicéia em 15 de outubro de 1961. A luz só chegava até a Rua MMDC. Usamos lampião durante dois anos, com água de poço e despesa no Sacoman, porque o comércio da Paulicéia era muito fraco.

2. A nossa rua não tinha nome. Lá moravam apenas três famílias: dona Tonica, dona Irene e Sr. Paulo. Quase todas as famílias tinham fogão à lenha. Eu trouxe fogão a gás. E como conseguir gás?

3. Tinha que dar um endereço. Então batizei a nossa rua de Rua São Paulo, número 16. Fui ao Sacoman e expliquei ao entregador de gás onde morava: “é em São Bernardo, depois da Mercedes-Benz”.

4. O nome Rua São Paulo permaneceu por muito tempo. Depois criaram a Avenida São Paulo, em Jordanoópolis, e a Prefeitura batizou a nossa rua de Rua João Depolli.

5. As crianças em idade escolar eram obrigadas a estudar na Vila São José, em Diadema. Então fomos falar com o secretário de Educação, Paulo de Tarso, pedindo a construção de uma escola. Ele nos atendeu muito bem.

6. “Falem com o prefeito. Se ele nos der um terreno, nós construímos uma escola”. Fomos ao Lauro Gomes, e assim conseguimos a construção da Escola...

7. A primeira linha de ônibus ligava a Paulicéia ao Sacomã e pertencia ao Sr. Julio de Souza. Para o Centro era preciso pegar ônibus na Via Anchieta ou em Rudge Ramos.

Comércio - César Laerte Magnani é a própria memória da Paulicéia. Ele cita a primeira olaria montada, da sua família, às margens do Ribeirão dos Couros, tocada pelo patriarca César Magnani, hoje nome de uma das principais ruas do bairro.

. O primeiro bar, de Luz Magnani (o Luizinho), iniciou atividades junto da olaria do pai César entre 1938 e 1939.

. O primeiro armazém, do Sr. Mário e Dona Malfisa, na Avenida César Magnani, funciona desde 1940.

. A primeira padaria, do Sr. Serafim, montada em 1950.

. A primeira farmácia, de André Dias, na Rua Álvaro Alvim, inaugurada em 1958.

O Volvo antigo da Viação São Bernardo

Depoimento: José Santana Araújo, que reside na Paulicéia desde 1961

1. Cinquenta anos atrás a Vila Paulicéia era tudo mato. Por onde passa a Avenida 31 de Março passava um córrego. Em torno da Mercedes-Benz era tudo eucalipto. Tinha um campinho de futebol. Por uma tábua atravessava-se o rio e chegava-se à fábrica

2. O ponto final do ônibus era onde é hoje o Bradesco, na MMDC com Cásper Líbero, no bar do Manoelzinho. Um ônibus seguia para o Parque Dom Pedro II, Volvo antigo da Viação São Bernardo.

3. Outro ônibus vinha de São Bernardo e fazia ponto final no Planalto, com o seguinte itinerário: Planalto, Piraporinha e Paulicéia.



4. Para São Caetano, dois ônibus: o 13 e o 19. Seguiam até as porteiras de São Caetano (estação ferroviária). Os dois ônibus se cruzavam sempre em Rudge Ramos, onde é hoje o Center Castilho.

5. Em 1986 comprei um bar na Rua Coronel Francisco Seckler, 27, em sociedade. O bar ficou muito famoso. Recebeu o Lula, o Mercadante, Chinaglia. Durante as greves, era um posto dos trabalhadores.

6. Ali eu guardava material do pessoal. Ficou batizado como quartel general, comitê unificado dos trabalhadores. O bar

recebeu sindicalistas da Argentina, da Alemanha. Montorinho, Siraque, Vicentinho, Sérgio Nobre. Jornalistas daqui e de São Paulo estavam presentes.

8. Esporte Clube Paulicéia – Fundado em 1º de maio de 1947 com o nome de Record FC, é o mais antigo clube do bairro. Cinco vezes campeão da Divisão Especial. Tricampeão: 1982-3-4. Utiliza camisa com as cores tradicionais do São Paulo FC: preta, vermelha e branca.

O Paulicéia acabou absorvendo antigos clubes do bairro: Vitória, Potiguar, Portuguesa, Flamengo.

Pelé e funcionários da antiga Lafer, junto à Via Anchieta; foto encontrada num envelope perdido nas ruas da Paulicéia. Acervo: Walter Adão Carreiro



GENTE DA ACREPA: Yoshinobu Kodama, dona Nobuko Nakazaki e Wataru Nakazaki



*(Ontem e hoje) – Casal Elza Marcimelli Galera (n. 7-6-1937, Caieiras)
Oswaldo Galera (20-2-1934, bairro do Brás)*



*Rubens Fenili, repórter-fotográfico.
Aposentado da Câmara de São Bernardo.*



*Casal Sebastião
Pinto da Silva,
ministro no
Santuário de
Nossa Senhora
Aparecida,
e Maria das
Graças Silva.*



*Padre Cristiano
Marmelo Pinto,
pároco do Bairro
Jordanópolis, e a
secretária Rita.*



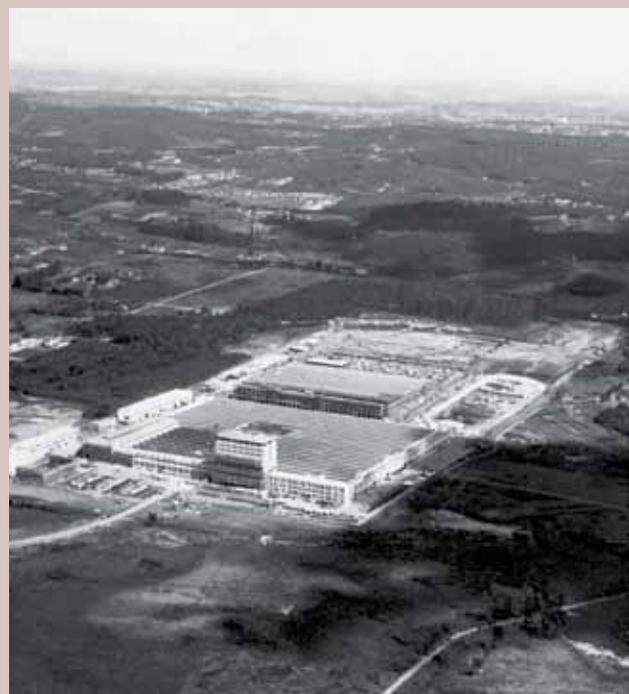
Funcionários da Scania visitam a Mercedes-Benz. Acervo: Orlando Striani (em memória)



Em 1976...



Naquele ano, construía-se no bairro a réplica da capela história de Nossa Senhora Aparecida, que em 1977 recebeu a imagem da santa, em procissão. A Avenida César Magnani já era asfaltada, mas outras ruas importantes eram ainda cobertas por paralelepípedos.



O POUSO - Um avião realiza pouso forçado no canteiro central da Via Anchieta. Era 1954. O piloto argentino dirigia-se a São Paulo para as festividades do IV Centenário, no Ibirapuera. Sem combustível, depois de vencer a Serra do Mar, ele aterrissa a poucos minutos da Vila Paulicéia. O bairro principiava. Não tinha ainda a Mercedes-Benz. Mas já ostentava, como referência maior, a torre da Rádio Record. Depois de atendido pelos policiais rodoviários, e de reabastecer o seu avião, o piloto segue viagem para a Capital, não sem antes ser fotografado por Beltran Asêncio, o fotógrafo da cidade. A História continua. A Mercedes-Benz seria construída e fotografada muitas vezes



Esporte e Esportistas



EC Vila Paulicéia: Renan Miranda Silva, Edmilson Teixeira Lima (Bahia), Marise, Juventino de Campos (Lelo), Gustavo e Nei Mello



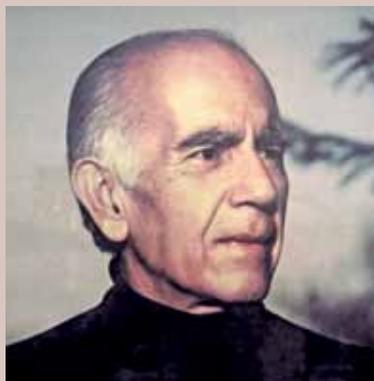
Reunião festiva na sede da SAB: a fundação em 19 de março de 1957. Acervo: SAB da Paulicéia



Elpidio Bonani (presidente), Cosme Rodrigues dos Santos (vice-presidente), diretores e associados da SAB da Paulicéia

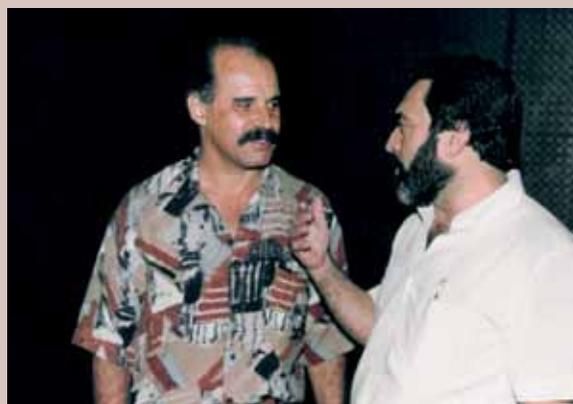


Formam-se os Leitores



Atividades na Biblioteca Erico Veríssimo e o retrato do patrono.

A Nova História



José Santana de Araújo e o movimento sindical: uma história a ser sistematizada



Memória oficial

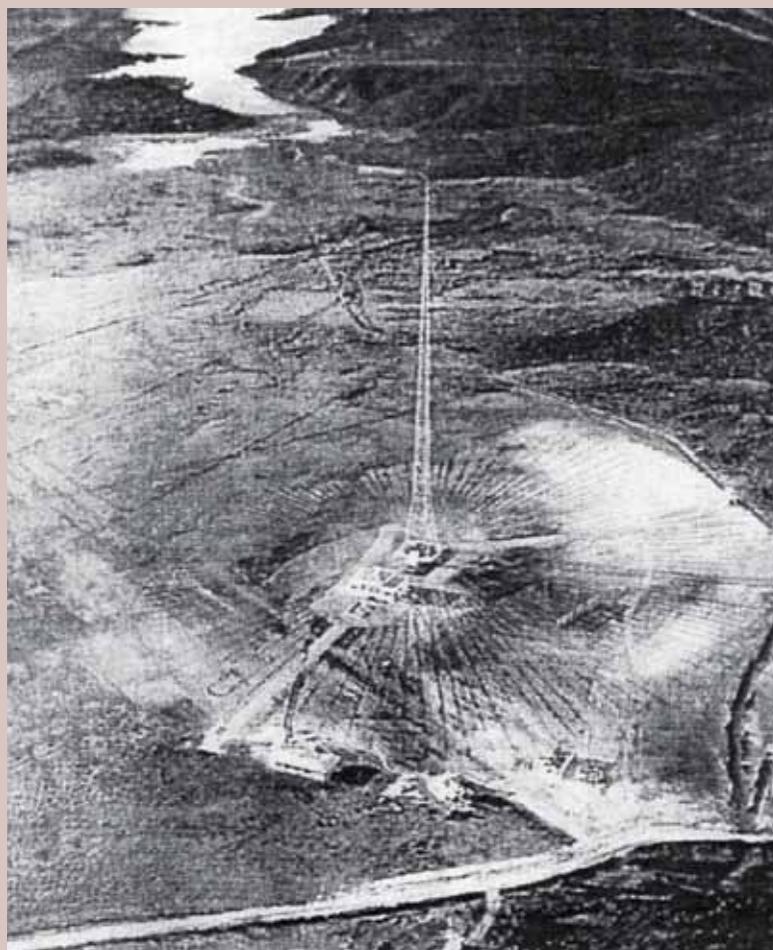
1945 – Rádio Sociedade Record pede aprovação de projeto para construção de prédio para sua estação transmissora. O documento não cita o Bairro Paulicéia. Informa que ficava no Bairro dos Meninos (km 14 da Via Anchieta), Sítio Pesqueiro, com frente para a antiga Estrada dos Alves (cf. processo PMSB 08/45).

1951 – Cerâmica Cruzeiro do Sul pede licença de funcionamento (cf. processo PMSBC 1331/51).

1952 – Abaixo-assinado pede consertos em trecho que liga a Vila Paulicéia à marginal da Via Anchieta. Escrevem os moradores: “O trecho é muito perigoso, especialmente na época das chuvas, devido a presença de verdadeiros abismos em suas margens”. Assinam, entre outros: Octavio Gomes de Oliveira (comerciante), Angelo Marin (barbeiro), Pedro Rey Gomes (comerciante), Luiz João Antonio Magnani (comerciante) e Francisco dos Santos (comerciante), cf. processo PMSBC 77/52.



Comício em 1968 em Jordanópolis. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC



A torre da Record na década de 1950. Acervo: Folha de São Bernardo



Bairro Planalto, 1963: primeiras casas construídas na área da igreja católica, junto ao loteamento Vila Júpiter



Foto Léo (São Paulo); acervo: Paróquia São Judas Tadeu

PLANALTO/ INDEPENDÊNCIA

Vl. Planalto, Jd. Independência, Jd. Brasília, Vl. Coca, Pq. dos Pássaros, Conj. Hab. Vl. Adriana, Vl. Rosa, Jd. Santo Ignácio, Vl. Galiléia, Conj. Hab. Orlando Fabrini, Jd. Vera Cruz, Vl. Olga, Vl. Fênix, Jd. Aurora, Jd. Gagliardi, Jd. São Francisco, Vl. Washington, Conj. Hab. Trevo, Vl. Júpiter, Vl. Júpiter Nova, Conj. Hab. Alvorada, Jd. Calux, Jd. Beatriz, Conj. Hab. São Fernando, Conj. Hab. São Silvério, Vl. Comunitária, Conj. Hab. Embaré, Vl. Armando Bondioli

Região

D

Formação começa num cruzamento histórico

O moinho de fubá da família Fabrini ficava em Piraporinha e funcionava com água do tanque. À noite o tanque era fechado. Enchia de água. E o moinho era moído em duas pedras redondas: a de cima tinha um furo por onde caía o milho; as pedras giravam: uma à direita, outra à esquerda. Moia-se o milho, produzia-se o fubá, que era vendido em São Bernardo, transportado em carrocinha diretamente à freguesia.

João Gava, 99 anos, nascido no bairro dos Meninos, criado na Vila Conceição, a meio caminho de Piraporinha.

A formação da Região D começa no cruzamento das estradas São Paulo a Santos, Mogi das Cruzes a Santo Amaro. Por isso que o primeiro nome urbano desta Região é Planalto, em homenagem ao Planalto Paulista, fora da ‘muralha’ representada pela Serra do Mar e no caminho da Capital.

Além deste cruzamento, hoje uma grande esquina formada pela Estrada de Piraporinha e Avenida Álvaro Guimarães, próxima ao km 18 da Via Anchieta, a Região D se expande a partir de antigos caminhos, hoje avenidas importantes, além da própria Via Anchieta.

Dois exemplos: a Avenida Robert Kennedy e a Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, outrora uma sequência das Linhas Jurubatuba e do Camargo. Se neste tre-

cho as antigas Linhas mudaram de nome, ao avançar já em território de Diadema a expressão histórica “Jurubatuba” é mantida numa via pequena mas importante, a Avenida Jurubatuba de Piraporinha.

O fim de uma vila - A Via Anchieta passou célere rasgando as cercanias de São Bernardo na interligação São Paulo a Santos. De imediato tirou o trânsito do Centro da cidade. Agora não era mais necessário pegar a Rua Marechal Deodoro para atingir Santos. Com a passagem da Anchieta, e a construção de um trevo para acesso ao Centro e a Piraporinha – e Diadema – desapareceu a Vila Camponesa.

Esta vila ficava na antiga Estrada de Piraporinha. Ela se constituía num aglomerado com algumas ca-

sas habitadas por não mais que oito famílias, todas de origem portuguesa. Ali nasceu Antonio Casimiro, em 1934. “Além das casas existiam dois armazéns na Vila Camponesa. Um deles pertencia a Benedito Firmino da Silva e o outro a meu pai, que o adquiriu em 1945, de João Butrico. Havia também um time de futebol, o Esporte Clube São José”, contou-nos o próprio Casimiro.

Quando Vila Camponesa desapareceu, em 1953, estava nascendo o Bairro Planalto, formado por uma série de loteamentos abertos a partir do início da década de 1950.

Sistema hídrico - Da Região D destacam-se três afluentes do Ribeirão dos Couros: Córrego da Linha Camargo, Córrego Feital e Córrego Jurubatuba.. Os três

“A cada tijolo posto, a cada parede levantada, a cada cumieira festejada, o povo demonstrou que sabe o que pode”.

Ana Luiza de Lyra Vaz, autora da história da construção da Vila Comunitária, em frente à Scania.



*Avenida Piraporinha, a antiga SP-180, na data da inauguração da sua iluminação: 1º de abril de 1976.
Foto: Mario Ishimoto/
PMSBC*



afluentes são alimentados por outras correntes d'água que formam a sub-bacia do Córrego Jurubatuba.

O Córrego Jurubatuba nasce na Praça Giovanni Breda (Região J) e segue pela Avenida Robert Kennedy até a sua foz.

O Córrego Feital é tipicamente da Região D, onde nasce e deságua.

Rios escondidos

“No Planalto, a partir de uma nascente na Rua Duque de Caxias, nasce um riozinho, hoje canalizado no fim da Rua Oragnof e sob o pátio da EMTU. No passado a turma pescava. Havia um poção (lago) na área da EMTU. Ali, aos sábados e domingos, a moçada nadava, brincava. Uma maravilha”.

Rubens Sotero dos Santos

“No Calux, a Rua Arcangelo Campanella está em cima de um rio, que corre depois da Panex. Segue pela Avenida Benedito Conrado Filho. Naquelas árvores que dividem as duas pistas, passava um rio, bem na quadra que divide a Drummond de Andrade da Ayrton Senna. Embaixo da Escola José Getúlio fica um tremendo de um lençol d'água. Infelizmente mataram a nascente. A força do desenvolvimento, a necessidade do desenvolvimento, acabou matando uma nascente fantástica”.

**José Ferreira dos Santos,
o Ferreirinha**

O nome vem dos tempos rurais de São Bernardo, também emprestado a um sítio que hoje é totalmente urbanizado no Bairro Independência.

O Córrego da Linha Camargo nasce na Região K e segue o traçado da Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco.

O tanque citado no início pelo Sr. João Gava era formado pelo represamento das águas do Ribeirão dos Couros, já em Piraporinha.

Industrialização - Vila Camponesa ficava no cruzamento histórico citado, junto a não menos histórica Avenida Piraporinha, hoje marco divisor da Região D da Região C.

Os números ímpares da Avenida Piraporinha – que fazem parte da Região D – abrigam empresas importantes. A mais antiga, cujo acesso se dá a partir de uma travessa da Piraporinha, é a Toyota, de capital japonês e que é do rol das automobilísticas. Num passado recente, porém, as razões sociais das indústrias ali sediadas eram outras. São os casos da indústria Filtros Fran, cuja marca sobrevive, mas absorvida pela Sogefi Filtraton do Brasil, e a Forjaria São Bernardo.

Fazendo esquina com a Avenida Piraporinha, a Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco. Outrora linha colonial – Linha dos Camargo - a Castelo Branco já teve lavouras tocadas pela colônia japonesa. Aos poucos tornou-se um misto de industrial e residencial, na interligação Assunção a Piraporinha. Das empresas locais, uma das primeiras foi a Inbra, cujas instalações são ocupadas por outra indústria.

No interior da Região D, indústrias

como a antiga Panex, que desde 2007 faz parte do Grupo SEB do Brasil, de capital francês, que reúne as marcas Arno, Panex, Rochedo, Clock e Penedo. Nesta mesma área, a Mangels, que denomina via pública que dá acesso à fábrica: Rua Max Mangels Sênior.

Rubens Sotero dos Santos faz um exercício de memória e vai relacionando outras indústrias referenciais da Região D:

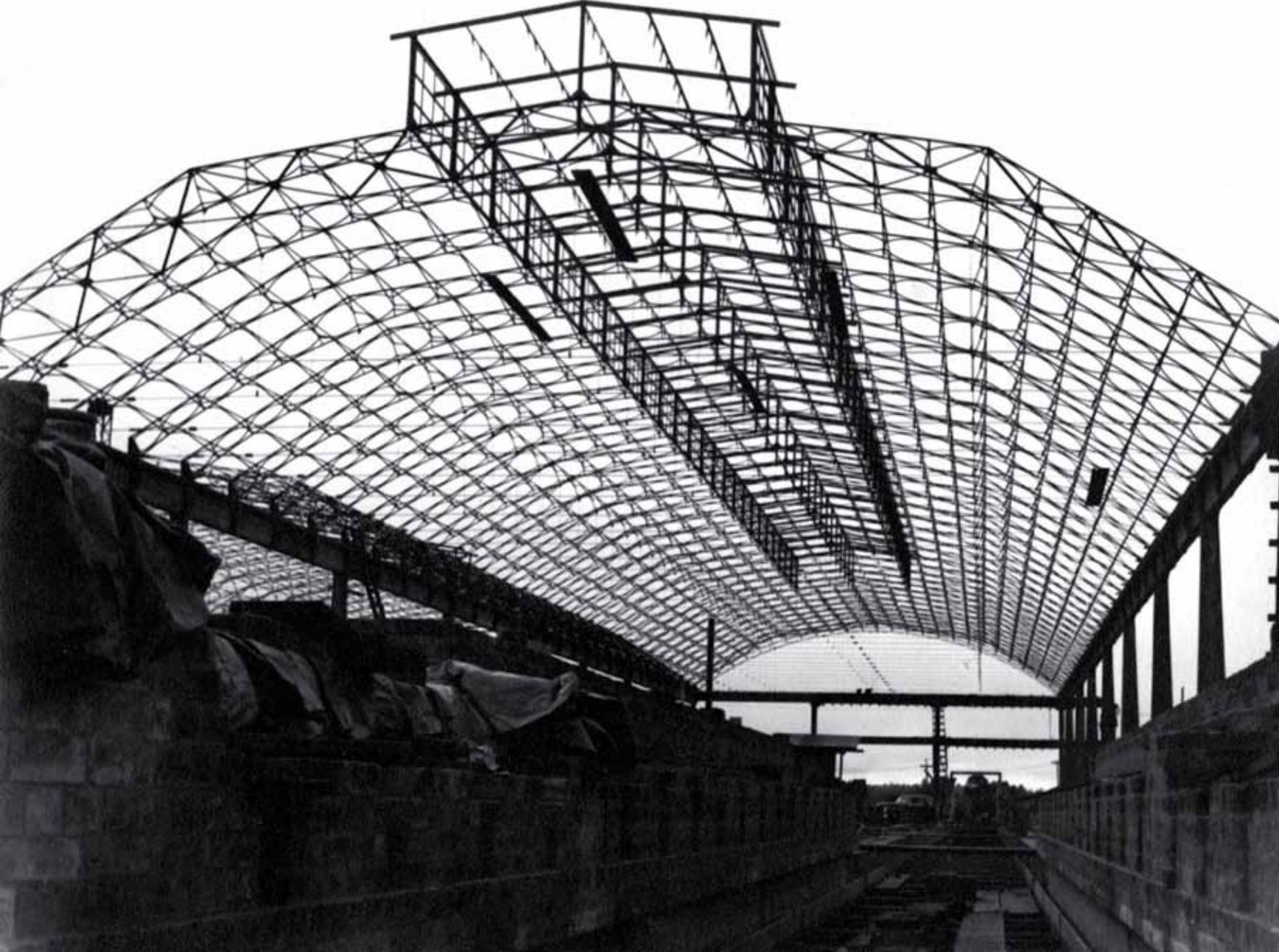
- *Standar Motors, produtora de peças à indústria automobilística, como válvulas e cruzetas;*
- *Toro, produtora de peças internas para veículos, como tapetes laterais.*
- *Rolls-Royce, motores de avião. Graças a Rolls-Royce, a Álvaro Guimarães e vias próximas foram calçadas; até então eram vias de terra.*
- *Eureka, uma fábrica de chinelos, tipo sandálias havaianas.*
- *Isopor*

Formação urbana - O Bairro Planalto, que responde por metade da área geográfica da Região D, teve o seu cruzamento histórico citado nos séculos 17 e 18. Já nos séculos 19 e 20 fez parte do Núcleo Colonial de São Bernardo. Era abrangido pela Linha Jurubatuba.

Antes da era dos loteamentos, preponderavam as chácaras. Oswaldo Paraventi, quando chegou ao bairro, em 1951, encontrou muitas destas chácaras, remanescentes dos lotes coloniais abertos em 1877.

Uma das chácaras pertencia à família Grotti, do tempo da colonização italiana.

O Sítio Santa Maria, a chacara dos Grotti Uma visão que fica da antiga chacara dos



Grotti – hoje ocupada pelo Jardim Calux – é a dos taquarais. Os primeiros compradores de lotes utilizavam-se dos bambus para a construção de cercas em seus terrenos.

Alguns anos antes, exatamente em 1936, a propriedade da família Grotti estava em pleno funcionamento, segundo relata João Netto Caldeira em seu “Álbum de São Bernardo”, editado em 1937.

Caldeira traz uma foto do sítio. A imagem mostra a casa colonial da família, muito verde e a neblina típica de São Bernardo.

Escreve Caldeira:

1. A dois quilômetros de São Bernardo, no lugar denominado Linha Jurubatuba, está o Sítio Santa

Maria, propriedade agrícola de Antenor Grotti.

2. A área total é de 12 alqueires, com pastarias e vacas leiteiras, mestiças holandesas. O leite é vendido em São Bernardo. Há também animais de custeio e cultura de cereais exclusivamente para o gasto.

3. A gerência do Sítio Santa Maria está a cargo de Ristoliano Grotti, filho do proprietário.

A matéria traz os nomes dos sete filhos do casal Antenor e Maria Grotti; e os nomes dos 11 filhos de Ristoliano e Maria Grotti, num dos raros registros impressos de época do Núcleo Colonial de São Bernardo.

Urbanisticamente, o Planalto co-

Bairro Planalto

Vila Washington – 1949
Vila Planalto – 1950
Vila Júpiter – 1950
Vila Armando Bondioli - 1952
Vila Júpiter Nova – 1953
Jardim São Francisco – 1954
Jardim Calux (1ª gleba) – 1955
Jardim Gagliardi – 1957
Jardim Beatriz – 1960
Jardim Calux (2ª gleba) – 1963
Conjunto Planalto – 1966
Jardim Embaré – 1971
Alvorada, conjunto – 1972
Conjunto Trevo -1972
Vila São Silvério – 1976
Nova Calux - 1990

Estrutura da unidade Cerâmica Assad, hoje Arteb: Avenida Piraporinha, confluência com a Avenida Robert Kennedt. Acervo: Antonio dos Santos (Tony)



Jovens da colônia japonesa divertem-se em lagoa da Linha Camargo: paisagem irremediavelmente perdida. Acervo: Família Tanaka

meça a ser formado no início da segunda metade do século 20 no eixo da Avenida Álvaro Guimarães.

Álvaro Guimarães - Esta avenida nasceu como via marginal à Via Anchieta. Nos tempos da marginal a via era utilizada para corridas de cavalos e charretes. A via foi aberta como estrada de serviços justamente para a construção da Via Anchieta.

Álvaro Guimarães residia na avenida que hoje leva o seu nome. Foi suplente de vereador.

Na primeira década do Bairro Planalto, surgiram duas entidades importantes: o União FC (fundado em 10-9-1955) e a Sociedade Amigos (6-8-1961). Amaro Rodrigues Prata exerceu por muitos anos a direção das duas entidades e a pedido da escola Cebolinha – a primeira do bairro – prestou um depoimento sobre a formação histórica do bairro.

União FC – O clube foi fundado durante reunião realizada na residência de Armino Rodrigues, com a participação de Amaro Rodrigues Prata, José Garcia, Benjamim Garcia, José Passarelli, Franciso Carrosine, Nelson Rigon, Manoel Campanerotti, João Garcia, Marcelino Sbizaro, José Rodrigues, Simplício Pereira e Renato Nani.

São nomes que acompanharam os primeiros tempos não apenas do União como do próprio Bairro Planalto.

Do Bairro Planalto original fazem parte os seguintes loteamentos:

Vila Washington – Loteada pelos donos da área: Dr. Dante Nese, Eugenia Chilardi Nese e Magdalena Chilardi.

Vila Planalto - Entre os quilômetros 18 e 19 da Via Anchieta. Surgiu na propriedade de

Natale José de Alice e Ariovaldo de Almeida. Guarda equipamentos e registros importantes, como a Paróquia São Judas Tadeu e a Escola Dr. Vicente Zammite Mammana, chamada de Cebolinha, numa alusão ao personagem de Mauricio de Souza.

O que o Bairro Planalto perdeu foi a Chácara do Fuzarca, que fazia dupla com Torresmo nos circos e TV. No lugar da Chácara expande-se a Gráfica e Editora Bandeirantes.

Vila Júpiter – Loteada por José Fongaro, dono de uma indústria chamada Júpiter. Loteamento de 80 mil m2 aprovado em quatro partes.

Vila Júpiter Nova – Loteada por Ângela, José, Benito e Edison Fongaro; um prolongamento da Vila Júpiter.

Jardim São Francisco – Parte da área foi ocupada pela Marginal da Via Anchieta.

Jardim Gagliardi – Propriedade de Filomena Frega Gagliardi. Vizinhos ao Bairro Planalto original estão outros dois loteamentos referenciais da Região D, os Jardins Calux e Beatriz.

Jardim Calux – Área abrangia a ex-chácara da família Grotti. Foram seus loteadores: Ráfia Calux, Azis Calux. Edmond Philip Calux e Fredo Calux.

Jardim Beatriz – Loteado pelos irmãos Sala, tendo à frente Pedro Sala. O primeiro telefone do bairro, com solenidade e notícia em jornal, foi instalado em 1967.

Testemunhos – Em 1977 ouvimos moradores do Planalto que assistiram a formação do bairro desde o início; em dezembro de 2012 retornamos ao bairro e conhecemos outros antigos moradores, mas de um período mais recente em relação aos pioneiros.

A conjugação das falas nesses dois momentos permite compreender a transformação observada no Planalto.

A fala a seguir é de três moradores: uma dona de casa, um metalúrgico aposentado e uma professora na ativa.

- *A dona de casa: Judith Domingas Merola Cireira – no bairro desde 1961.*
- *A professora: Maria José Decola, nascida em 1962 e cujos pais residiam no Planalto desde 1959. Ela é vice-diretora da EE Dr. Vicente Zammite Mammana, cujo apelido é Cebolinha.*
- *O metalúrgico aposentado: Rubens Sotero dos Santos. Frequentava o Planalto desde os tempos em que trabalhou na Standar Motors, uma metalúrgica da Avenida Piraporinha, passando a residir no bairro em 1981.*

Os três moradores conheceram um bairro ainda de ruas de terra. Não havia iluminação pública. A rede elétrica era fraca. Não havia redes de água e esgoto. O problema maior era a falta de água.

Dona Judith tinha em casa um poço de 12 metros: “Quando era tempo das águas, o poço chegava a ter 10 metros de água; na seca, nem barro se via no fundo. A gente ia à Prefeitura, em Rudge Ramos (Garagem Municipal), para comprar um caminhão de água. Os funcio-

Cebolinha, uma história de amor no Planalto

Dr. Vicente Zammite Mammana (São Paulo 1904 – 1976) foi sanitarista. Diretor da Saúde Pública do Estado. Capitão do Exército Brasileiro. Presidente da Associação dos chauffers de São Paulo e da antiga Força Pública. Hoje é nome da primeira escola pública do Bairro Planalto, uma escola estadual.

No passado, a escola se chamava, simplesmente, Grupo Escolar do Planalto. E houve uma espécie de concurso entre os alunos para se escolher um símbolo que identificasse a escola pioneira. Hoje seria a escolha de um logotipo. Ganhou Cebolinha, o personagem famoso dos quadrinhos de Maurício de Souza.

Cebolinha? Um boneco que fala elado – digo – errado! Não, jamais a direção da escola receberia autorização dos superiores para adotar esse nome. E veio a homenagem ao Dr. Mammana, inclusive com a vinda da sua viúva, dona Alice, e da filha, Olímpia, à escola.

Mas não adiantou a proibição. Cebolinha é até hoje o nome com que a escola do Planalto é conhecida. “O Cebolinha está na alma das pessoas”, reconhece, gostosamente, a professora Maria José Decola.

Maria José tem verdadeira paixão pela sua escola. Ali fez o pré, estudou até a oitava série. Ok, fez o Colegial no Wallace e Pedagogia na Faculdade São Bernardo. Mas prestou concurso e retornou ao Cebolinha, onde se efetivou e permanece. “Meu sonho era trabalhar aqui, onde iniciei a minha vida escolar”.

A primeira escola do Planalto começou na sede da SAB e depois foi transferida para o atual prédio, que guarda características originais. Ali Maria José reviu um antigo professor, Diógenes, e um colega, professor Ricardo.

Nos arquivos da escola, números do jornal interno, chamado Visama. Em suas páginas está gravada a história do nome Cebolinha.





*Vista panorâmica do Jardim Santo Inácio em 1973: ao fundo, a capela do bairro.
Foto: Dorival de Almeida/PMSBC*

nários vinham e depositavam a água o poço”.

Não havia posto de saúde. Uma vez por semana um médico dava plantão na Sociedade Amigos.

Não havia padaria ou açougue. O pão era entregue em casa, a carne também, neste caso por um senhor que percorria o bairro numa bicicleta.

Dona Nair, esposa do Sr. Amaro, presidente da SAB, era a parteira.

Os jovens frequentavam os bailes promovidos na casa de dona Encarnação, uma senhora baixinha que resolvia todos os problemas da ra-

paziada, inclusive apartando brigas. Revezavam-se na parte musical o Grupo do Alemão e o Conjunto do Mineiro. Tempo da Jovem Guarda.

Antes da criação da capela de São Judas Tadeu, os católicos do Planalto frequentavam, em sua maioria, a igreja de Piraporinha, cortando caminho pelo meio do mato e capoeiras em espaços hoje ocupados por loteamentos e indústrias como a Toyota

Linha do Tempo

1967 – Chega a água encanada, no ano da inauguração da caixa d’água

no Jardim Calux.

Entre a segunda metade da década de 1960 e primeira de 1970 surgem os primeiros conjuntos habitacionais, entre os quais o Conjunto Alvorada. Ali, por iniciativa dos moradores, foi construída a Praça Carlos Drummond de Andrade.

Gente do Planalto ou: a velha guarda lembrada...

• *Angelina Gianotti Giorgi – doou o terreno onde está a matriz São Judas Tadeu, em pagamento de*

uma promessa.

- Sr. Antonio – da Rua Vidal de Negreiros.
- Sr. Cícero – Reside no Bairro Palermo.
- Dona Geralda.
- Hélio Soares Rocha de Araújo fundador do Grêmio Rolls-Royce.
- Maria Cristina da Silva, a Tina - presidente da SAB.
- Senhoras da igreja: dona Narcisa, dona Odila, dona Petronilha, dona Zefinha, dona Iracilda.

E atenção: esta mão-de-obra qualificada vai construir a Nova Calux

Em 1977, dentro da série A história dos bairros, do Diário do Grande ABC, escrevemos uma reportagem sobre o Jardim Calux onde informamos que o bairro estava parcialmente ocupado por “uma das maiores favelas de São Bernardo”.

Trinta e cinco anos depois a favela não existe mais. Naquela área floresce a *Nova Calux*.

José Ferreira dos Santos, o Ferreirinha, mineiro de Açucena, morou na favela do Calux. Hoje é o guardião da história da transformação da favela num bairro popular. Ele preserva vídeos das primeiras reuniões e primeiros mutirões. E narra, feliz, a história da região da Nova Calux, totalmente urbanizada e formada por:

- 62 ruas
- 2.500 sobrados, a maioria com mais de três lajes
- 16 mil moradores

A Nova Calux construída pelos próprios moradores, desde a

divisão das ruas onde existiam barracos de madeira, com suas redes de água e esgoto, até o levantamento dos sobrados, geralmente feito em mutirão, à noite, nos horários de folga, nos finais de semana.

As mulheres cuidavam das refeições e serviam como serventes de pedreiros; os homens construindo a sua obra maior.

São paulistas do interior, mineiros, paranaenses e nordestinos, estes em maior número. Cada qual com sua profissão aprendida e ensinada.

Eles formaram (e formam) a mais rica mão-de-obra que o Calux já conheceu.

Mutirão

Depoimento: José Ferreira dos Santos, o Ferreirinha

1. São 40 anos de Calux, o sócio 111 da comissão de moradores, hoje associação, semelhante às associações que se espalham por quase 200 bairros de São Bernardo.

2. Quando cheguei ao Calux, a antiga chácara, com criação de animais, ainda funcionava. Eram poucas ruas oficiais, entre as quais a Álvaro Guimarães.

3. Onde está a Panex havia o campo do União FC.

4. Não havia luz. A iluminação era à base de querosene. Ruas de terra. Água buscada nas minas, no rio.

5. Era área ocupada. A família proprietário não pagou os impostos. Ficou inadimplente. O Estado tomou a área. E as famílias formaram esta grande comunidade.

6. Então nos organizamos.

(Ferreirinha vai falando. Está no segundo andar do seu sobrado, na Rua Paulo Machado de Carvalho. Na TV, rola um vídeo. Primeiro com uma reunião aberta em que o povo aparece em campo aberto ouvindo as explicações dos técnicos municipais. Depois, com a data de 6-4-1991, o trabalho em mutirão dos moradores para a abertura das redes de água e esgoto).

7. Lá está o meu barraco no começo da atual Ayrton Senna. Agora a construção do meu sobrado.

8. Meu sonho é ver tudo isso legalizado, com aquele povo sacrificado morando no que é seu, recebendo o que merece.

Bairro Independência

— Forma a segunda parte da Região D. Trata-se de extensão territorial do antigo bairro de Piraporinha, hoje pertencente ao Município de Diadema, no eixo da Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco.

Jardim Aurora – Aparece como integrante do Bairro Piraporinha. À época, Piraporinha fazia parte do Município de São Bernardo. O projeto, apresentado em 1951, foi aprovado em 8-2-1952 (cf. processos PMSBC 1892/51 e 840/52).

Naquele tempo, mesmo Piraporinha – localidade antiga, que já existia nos tempos da Freguesia de São Bernardo (século 19) - carecia de necessidades básicas. Um exemplo: em 1952, Alfredo Sampaio César, oficial de farmácia, solicitava cer-



Placas das ruas do bairro, batizadas com nomes de jogadores de futebol e esportistas.

tidão de que em Piraporinha não existia farmácia legalizada. O pedido foi deferido (cf. processo PMS-BC 1336/52).

Entrada da indústria Imbra, na Avenida Castelo Branco, na década de 1970: expandia-se o parque industrial. Acervo: Antonio dos Santos (Tony)

Vila Rosa - No início da década de 1950, a área da futura Vila Rosa pertencia a Jerônimo Magnani, quando foi vendida a Samuel Aizemberg. E a Imobiliária Aizemberg, sob responsabilidade de Arthur e Isaac Aizemberg – abriu o segundo loteamento local, Vila

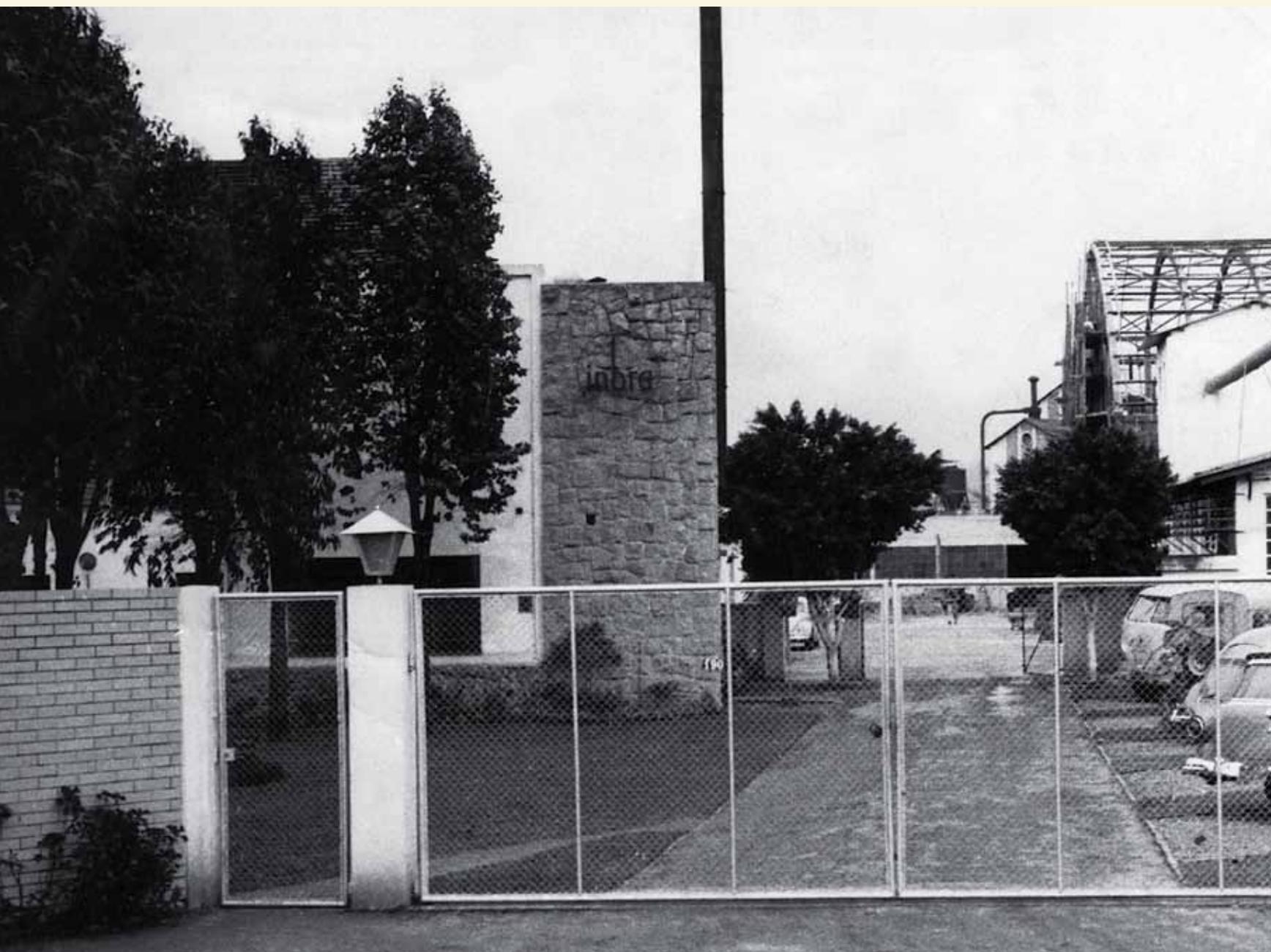
Rosa, nome em homenagem à mãe dos loteadores e vizinha ao pioneiro Jardim Aurora.

Em 1959, a imobiliária conseguia aprovar um plano para construção, financiamento e venda de casas populares na Vila Rosa. O projeto ofereceu condições para que muitos operários conseguissem casa própria. Antonio Manzato foi um deles.

Manzato morava em Santo André. Pagava 1.500 cruzeiros pelo aluguel de uma casa na Vila Alzira.

Trabalhava na GM. Dispensado, arrumou emprego nas indústrias Gemmer, em São Bernardo. Guardou o dinheiro da indenização da GM no banco e já trabalhando na Gemmer foi informado que estava nascendo a Vila Rosa.

Foi ao loteamento e comprou uma casa diretamente de Artur Aizemberg. Deu uma entrada e pagava 400 cruzeiros por mês, bem menos que o aluguel. Mudou para a Vila Rosa em 2 de abril de 1961,



com a esposa e três crianças com menos de cinco anos de idade.

- Você é louco vir com essas crianças neste buraco – advertiu o sogro.

Organização popular

Depoimento: Antonio Manzato

Coube a própria loteadora Aizemberg construir todas as casas em Vila Rosa. Casas feitas de saibro. Não havia água encanada. Eram poços rasos e fossas para a coleta do esgoto. As ruas eram de terra.



chegar ao Hospital São Bernardo. Buscamos ajuda na delegacia em Piraporinha, não conseguimos. Recorremos a um policial que morava no bairro, o Valter. Ele nos levou no seu fusquinha. André nasceu na maca do hospital. Mais 15 minutos não sei o que iria acontecer.

União das SABs e carnaval

A Sociedade Amigos de Vila Rosa durou 20 anos. Chegou a ter sede própria, ao lado do grupo escolar. E entre as suas lideranças, vários presidentes: Milton Pires, Carlos Perez, Antonio Manzato, Olavo de Assis, Antoninho, João Machado e Antonio Pereira Novaes.

A escola de samba da Vila Rosa nasceu dentro da Sociedade. Quando desfilou pela primeira vez, seus componentes pouco entendiam de carnaval. Surge então a figura de Natalia Rodrigues do Amaral, considerada a mãe do bairro. Todos recorriam a ela, nas mais diferentes situações. E dona Natália entendia de carnaval.

Ela deu personalidade à escola de samba. Aliou-se à dona Tereza, de Jordanópolis, que tinha um bloco. E a escola cresceu, ganhando o nome de Rosas Negras, inclusive com barracão na Vila Ferreira.

Já a SAB participou do projeto da União das SABs de São Bernardo, envolvendo a maioria dos bairros e seus dirigentes

- *Amaro Cavalcanti – Taboão*
- *Antonio Manzato – Vila Rosa*
- *Manoel Molina Calin – Paulicéia*
- *Antonio Gracco – Parque Santo Antonio*
- *Lídio Antonio dos Santos Ferrazópolis*

• *Oswaldo Vezide, Luiz e Isabel*

Guereschi – Vila Marchi

• *Jazon Pereira Duarte*

Jardim Lavínia

• *Américo de Moraes*

Vila Mussolini

Desta união surgiu o Carnaval de Rua de São Bernardo. A Prefeitura estimulou que as SABs criassem suas escolas. Como recursos, a verba que era destinada a uma escola de fora, sempre convidada para animar a Rua Marechal Deodoro. Entre os participantes, Adolfo Mancuso, o Seresteiro de São Bernardo.

Vila Olga – Localizada na várzea do Ribeirão dos Couros, Vila Olga teve olarias no passado e as primeiras famílias que ali compraram lotes encontraram, ainda, as casinhas dos oleiros. A convivência era com Piraporinha, por onde passava condução e havia o largo da capela local, das festas e quermesses.

“O salão paroquial tinha cinema. Hoje não temos mais cinema, por isso digo que houve um retrocesso”, comenta Irene Tolentino de Souza, cuja família mudou para Vila Olga em 1964.

A Avenida Robert Kennedy não existia. Um trilho acompanhava o córrego. Ali se apanhava areia para a construção de casas. A escola ficava no Jardim Vera Cruz. Havia bambuzais.

Na Rua das Camélias, o garçom Pascoal Baldi Filho cultivava hortas e mantém plantação de uvas. Mais à frente, Agripino Alves de Jesus trabalha com borracharia. “Cheguei a tirar comida do rio: traíra, bagre e camarão”.



Rua Peru, Jardim Santo Inácio, 1958: em destaque, João “Barbeiro”. Acervo: Paulo Loures Silva

Jardim Santo Inácio (ou Ignácio)

- Aberto pela Construtora Miguel Inácio Cury. Em 1960 a empresa iniciou a construção de 550 casas populares no bairro. O escritório da construtora ficava no Centro de São Paulo. Os compradores precisavam ir até lá para o pagamento das prestações mensais dos terrenos e casas.

O loteamento guarda uma fisionomia urbana com traços de uma cidade do interior. Um dos exemplos: a mercearia do casal Victor e Maria Cândida, um dos mais antigos não só do Santo Inácio como de toda a Região D.

Victor Martinho Avelino Gomes chegou ao Santo Inácio em 6 de janeiro de 1962: “Quando cheguei havia dois negócios, um da Maria do Vitorini, uma baiana com bar, e o armazém do José ‘Espanhol’, os dois negócios na Rua Costa Rica”.

Casas eram poucas. A água do poço. A luz domiciliar trazida em fios sustentados por postes de eu-

caliptos. A exemplo do restante de São Bernardo, a escolinha era de madeira, com duas ou três salas.

O Santo Inácio é lembrado pela figura de Sebastião Nogueira Reis, o Delegadinho ou Pica-Pau, eterno presidente da SAB, que foi fundada em 20-1-1968 e que, entre outras obras, construiu a capela de Santo Inácio de Loiola e o posto do correio.

Um dos primeiros moradores foi o pedreiro Antonio Messias Filho, encarregado da construção das casas do bairro.

Jardim Independência

- O loteamento empresta seu nome a este segundo grande bairro da Região D, localizado na divisa com Diadema. A área, quando rural, integrou o Sítio Feital, também conhecido como Pasto das Éguas. Foi uma propriedade adquirida no século 19 por Antonio Manoel Pedroso, também chamado de Antonio Monteiro.

A família Pedroso passou a revender partes do Sítio Feital a partir da morte do seu patriarca, ocorrida em 1926.

Parque dos Pássaros

- Área anteriormente ocupada pela Cavalaria da Polícia Militar. Também fez parte do antigo Pasto das Éguas. É o mais extenso loteamento local, com 818.365,51 m².

Vila Comunitária

- A história do projeto nasce na Sociedade de Amigos do Parque São Bernardo, na Rua Paula Souza. E recebe o apoio Associação Comunitária de São Bernardo, Igreja, Senai, governo do Estado e entidade filantrópica holandesa.

José Albino, da Pastoral Operária, teve participação importante, indicando a área e iniciando diálogo com a Diocese de Santo André: dom Cláudio Hummes acreditou no projeto e vendeu a área de 10 mil m² a preço social.

A construção dos sobrados foi feita em mutirão e com a mão-de-obra predominante de mulheres.

A história da Vila Comunitária é muito rica. A mulher, de fato, teve papel básico. Aprendeu profissões e ergueu as casas. Realizou todos os serviços, desde o alicerce até o acabamento. Com um detalhe: nenhuma família sabia qual seria a sua casa. Quando prontas, foram sorteadas.

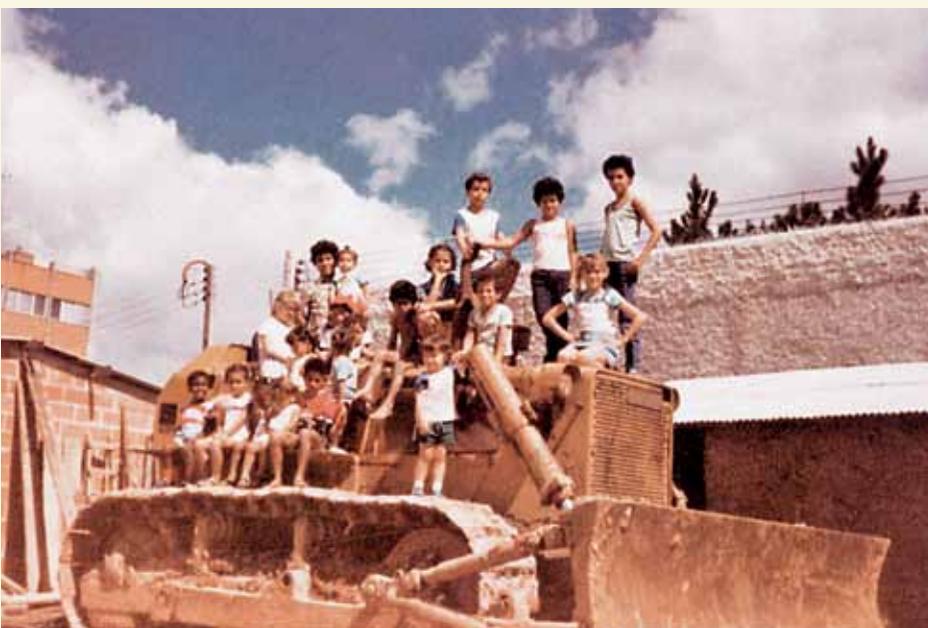
O Senai participou na formação profissional das mulheres. A Prefeitura de Campos do Jordão chegou a enviar máquinas para serviços de terraplenagem. O governador Franco Montoro, em visita às obras, emocionou-se com o trabalho que viu e autorizou auxílio no financiamento da obra.

Lula e dom Cláudio acompanharam os trabalhos, em várias visitas à Vila Comunitária. E deste projeto nasceram outros mutirões em bairros como a Vila Industrial, Botujuru e Novo Horizonte.

Bairro independência

Jardim Aurora – 1951
Vila Rosa – 1952
Vila Olga – 1952
Jardim Santo Inácio – 1954
Jardim Brasília – 1956
Jardim Vera Cruz – 1958
Fabrini, Orlando (cj.hab) – 1958
Jardim Independência – 1964
Vila Fênix – 1966
Vila Adriana – 1974
Vila Coca – 1977
Conjunto São Fernando – 1977
Vila Comunitária – 1984
Vila Galiléia

E em 2011 a população da Vila Comunitária recebeu as escrituras das suas casas - antigo sonho tornado realidade.



Construção da Vila Comunitária: na foto do trator, de 1985, uma pose de filhos dos mutirantes.
Acervo: Maria Aparecida Fernandes da Silva (Cida)

As mutirantes

América Caldeira
Maria Custódia Pinto
Ana Alves
Maria Juraci Elias
Angélica Claudino
Maria Lucia Coelho
Cecília Campos
Maria dos Milagres
Cleusa Alves dos Santos
Maria José Ferreira
Conceição Aparecida Vitoriano
Maria da Penha da Silva
Conceição Teodoro
Maria Regina de Souza
Dulcineia Michelin
Marisa Meneghetti
Ednalva Alves Campos
Maria Solange de Souza
Elisa Cassemiro
Maria das Graças do Amaral
Emília Simão
Maria Soares
Eunice Camilo
Maria do Socorro Rodrigues
Fátima Meneghetti
Nazaré Velozo Simão
Fátima Tiossi Cruz
Neocida dos Santos
Felicidade Bernardino
Neusa C. Paixão
Francisca M. da Costa
Nilza de Oliveira
Geralda Antonio de Oliveira
Nilza Soares
Geralda dos Santos
Rosa Martins
Geralda Isidoro
Simone Soares
Helena Alves de Melo
Sirleide Gomes
Josefa das Neves Guimarães
Sueli Cosmo
Josélia Rosa de Oliveira
Sonia Berna
Lurdes Jorge de Oliveira
Teresa Bonfim
Luciana Teodoro
Vanderli S. Vieira
Maria Aparecida Barroso
Virginia Alcantara
Maria Aparecida Morais
Zélia Maria da Silva
Maria Aparecida B. Ferreira



Conjunto construído, uma festa junina para as crianças da Vila Comunitária...
Acervo: Maria Aparecida Fernandes da Silva (Cida)

Diário de um mutirão

1. Mulheres e suas famílias calejaram suas mãos durante um ano e meio, não descansaram seus corpos nas folgas dominicais, aprenderam a conviver com suas diferenças, discutiram política, mudaram a cabeça, mais ou menos, festejaram juntas, somaram suas marmitas, dividiram suas queixas, se distraíram com as fofocas e... cresceram.

2. O apoio técnico foi do arquiteto Leonardo Pessina, com experiência de 10 anos de assessoria a programas habitacionais por mutirão no Uruguai; e arquiteta Laila Mourad, que iniciou carreira na construção comunitária por mutirão da Vila Nova Cachoeirinha (capital).

3. A construção se deu por auto-gestão para beneficiar famílias de baixa renda, com salário de até três salários mínimos vindo de favelas e de aluguel.

4. Cada família tinha por obrigação cumprir a carga horária de 80 horas mensais de trabalho.

5. As primeiras reuniões ocorreram em 1982. Em março de 1987 as casas já estavam terminadas com portas, janelas, saneamento básico e energia. Foram numeradas de 1 a 50. E sorteadas.

• Nº de casas assobradadas: 50

• Área total do terreno: 10 mil m²

• Valor total do terreno: 432 salários mínimos

• Área média dos lotes: 105 m²

• Área da casa: 70 m²

• Financiamento do governo do Estado: 254 OTNs

• Prazo da obra: 22 meses

• Horas trabalhadas por família: 1.760

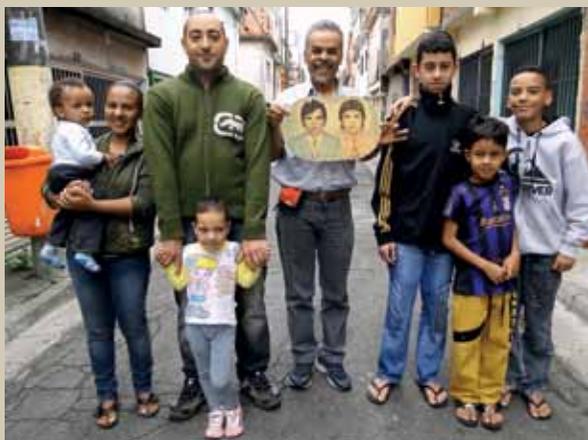
• Horas trabalhadas pelo grupo: 88.000

...confraternizações continuam a ser realizadas, como a festa de Natal de 2012.



FONTES
"Mutirão da Vila Comunitária: a força da mulher na construção das cinquenta casas".
Elaboração e pesquisa: Ana Luíza de Lyra Vaz: 1ª edição em maio de 1988.
"Nossa vila, nossa conquista". Pesquisa e texto: Wender Meneghetti Dias - Depoimentos: Inácio Deodato Guimarães, Maria Aparecida Fernandes da Silva (Cida) e Josefa Neves Guimarães.

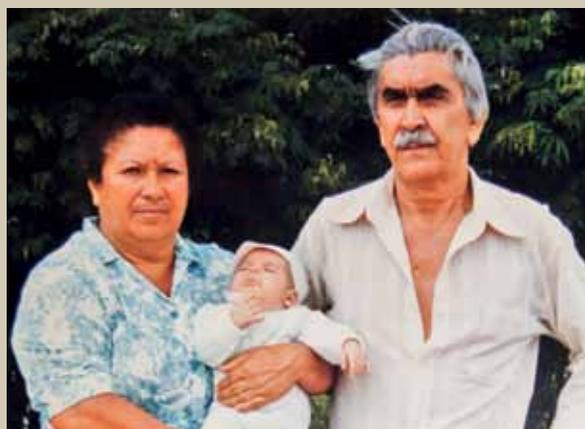
Personagens



José Ferreira dos Santos (o Ferreirinha) com o quadro e amigos do Nova Calux



Moradores do Conjunto Alvorada e agentes da Secretaria de Planejamento



Luiz de Souza, a esposa Gersina e um neto: pioneiros da Vila Olga.
Acervo: Irene Tolentino de Souza



Rubens Teodoro dos Santos, esposa e filha: Bairro Planalto



Paulo Loures Silva e esposa: Comunidade Galileia



Victor Martinho Avelino Gomes e a esposa Maria Cândida: Jardim Santo Inácio



Garagem Municipal da Prefeitura em 1952 no espaço da atual Praça Samuel Sabatini, a do Paço Municipal: cabras no terreiro, estábulos, cercas de arame farpado e, ao fundo, as colinas suaves da principiante Vila Baeta Neves



Acervo: Rita Ângela Zincaglia

ANCHIETA/CENTRO

Pq. Anchieta, Centro, Vl. Marlene, Vl. Daisy, Pq. São Diogo, Jd. Hollywood, Jd. Copacabana, Jd. Paramount, Vl. Tereza, Jd. Silvestre, Jd. Antares, Conj. Hab. Rudge Ramos, Conj. Hab. Guarujá, Jd. Três Marias, Vl. Sonia, Vl. Margarida, Vl. Suzana, Jd. do Mar, Vl. Marli, Vl. Maria do Carmo, Vl. São João, Vl. dos Galvão, Jd. Cristiane, Vl. Scopel, Jd. Olavo Bilac, Vl. Camp-estre, Vl. Dusi, Vl. Lusitânia, Núcleo D.E.R., Jd. das Américas, Central Park, Vl. Álvaro Marques, Vl. Magnólia, Vl. São Savino, Vl. Scarpelli, Vl. Olga, Vl. Alcântara, Vl. João Basso, Jd. São Paulo, Jd. São Luiz, Vl. Suzi, Jd. Portugal, Vl. Israel, Vl. Brasília, Vl. Quirino de Lima, Vl. Gonçalves, Jd. Maria Cecília, Vl. Santa Rita de Cássia, Conj. Res. Ipoã, Conj. Hab. Franchini, Jd. Chácara Inglesa, Jd. Maria Adelaide, Vl. Euclides, Vl. Anita, Vl. Maria Adelaide Rossi

Região





Moinhos, olarias, cocheiras: é o Centro

“Pouca gente hoje deve se lembrar de quando a Rua Marechal Deodoro era de terra. Eu era criança, mas tenho uma vaga lembrança. Apesar de ser o único meio de ligação rodoviária entre São Paulo e Santos, o trânsito por ela não era intenso”.

Dionízio Pessotti, “Histórias de São Bernardo – A Rua Marechal Deodoro nos anos 1920”. São Paulo, Scortecci, 2010, com edição de Lourdes Eugênia Pessotti



Samuel Sabatini, nome da praça do Paço Municipal

O Centro histórico de São Bernardo possui ainda moradores, os mais idosos, que testemunharam uma realidade difícil de ser imaginada pelos mais jovens: no eixo da Rua Marechal Deodoro e suas transversais e paralelas – onde tudo acontecia, e de certa forma acontece até hoje – existiram casarões suntuosos que lembravam os da Avenida Paulista, em São Paulo. E era possível recorrer a moinhos manuais e elétricos para transformar o milho plantado nas colinas próximas em fubá, alimento básico das famílias.

É fácil lembrar de muitas das mais de 150 fábricas de móveis da própria Rua Marechal Deodoro e

outras ruas. Pavilhões de várias delas ainda resistem neste 2012. Mas a maioria abre espaço a espigões residenciais que – acreditem – ofuscou o primeiro edifício de muitos andares, o Wallace Simonsen, que abrigou o Banco Noroeste e hoje abriga o Santander.

Moradores como Felício Arsuffi chegaram a ver fornos, mesmo que desativados, de antigas olarias nos brejos do Ribeirão dos Couros, hoje Ribeirão dos Meninos. Muitos quintais abrigavam cocheiras. A Prefeitura tinha a sua Cocheira Municipal, de onde saíam carroças para a coleta de lixo. Esta cocheira oficial ficava na área hoje abrangida pelo Centro Cívico do Paço Municipal.

Os homens iam trabalhar nas fábricas de móveis, várias das quais transformadas em cooperativas depois de greves históricas dos trabalhadores com sobrenomes italianos. Outros homens, uma minoria, eram empregados nas tecelagens – cuja mão-de-obra principal era formada pelas mulheres: solteiras em sua maioria, casadas e viúvas em cargos de chefia.

Sistema hídrico

O Ribeirão dos Meninos – ou Ribeirão dos Couros ou Rio dos Couros, como era chamado pelos antigos e mesmo em registros cartográficos dos tempos do São Bernardo sem o “do Campo” no nome – agigantava-se pelos afluentes

Centro histórico fotografado do alto de Vila Gonçalves: observam-se (a partir da direita) as Ruas Américo Brasiliense e Tenente Sales, com a construção do Grupo Escolar Maria Iracema Munhoz.

Foto: Beltran Asêncio





Na primeira metade do século 20, a magnólia histórica e o recreio que servia de ponto de parada aos viajantes: a Marechal Deodoro era ainda de terra batida. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/ PMSBC



Na primeira metade da década de 1960, a Rua Marechal Deodoro asfaltada e de sentido único: atrás do automóvel importado, a Kombi produzida em São Bernardo. Foto: Adão dos Santos (em memória)



Marcos da reforma do Caminho do Mar em dois pontos da Rua Marechal Deodoro: a cada quilômetro, indicações da localização para o viajante.

que formavam (e formam, hoje embutidas) quatro sub-bacias importantes: Saracantan, dos Lima, das Palmeiras e Santa Terezinha.

Alguns nomes destes afluentes são históricos e vêm de tempos muito antigos, em especial o Córrego Saracantan, proveniente do Montanhão e do Pico do Bonilha, cortando Vila São Pedro (Região R) e dividindo Nova Petrópolis (Região G) do Baeta Neves (Região F); e o Córrego dos Lima, que nasce na Praça Giovanni Breda (Região J – do Bairro Assunção), atravessa a unidade industrial da Scania e a Via Anchieta para correr livre nas partes baixas da Vila Duzzi.

Já os Córregos das Palmeiras, Santa Terezinha, Água Mineral e dos Picoli tiveram seus nomes retirados de loteamentos urbanos, famílias e empreendimentos comerciais rasgados a partir da década de 1940. Palmeiras da Rua das Palmeiras (hoje

Cristiano Angeli), Santa Terezinha (da vila do mesmo nome), Água Mineral (da empresa que engarrafava a Água Mineral São Bernardo, da Vila Baeta) e dos Picoli (em alusão à antiga família de imigrantes italianos).

Córrego Santa Terezinha também foi conhecido como Córrego das Laranjeiras, este um nome mais antigo, dos tempos coloniais.

Ou seja: a transformação do rural e do urbano no Centro de São Bernardo significou a criação de novas expressões até para acidentes geográficos, mesmo que estes canalizados, encobertos, pelo progresso avassalador e pelas chamadas vias de fundos de vale.

Já na área do Centro Expandido existe a sub-bacia do Córrego Borda do Campo, canalizado sob a Avenida Kennedy e que deságua no Ribeirão dos Meninos.

Na maioria desses cursos d'água era retirada areia destinada à cons-

trução. Em 1953, por exemplo, Roberto Spessotto entrava com pedido na Prefeitura para a retirada de areia no Ribeirão dos Couros, no trecho entre as Ruas Frei Gaspar e Paissandu, “e do rio que lhe é afluente” (cf. processo PMSBC 1260/53).

Sistema viário

A Rua Marechal Deodoro imperou por décadas como a única via a interligar Santos a São Paulo via Centro de São Bernardo. A passagem da Via Anchieta tirou o trânsito pesado do Centro. A abertura de indústrias diferenciadas trouxe vilas e loteamentos centrais. Em consequência, obrigou a soluções viárias típicas da região metropolitana. Tempo de avenidas como as Faria Lima e Francisco Prestes Maia, com duas pistas, canteiros centrais e muitos sistemas semafóricos.

Bem antes, no início da década de 1950, a Rua Jurubatuba tinha ainda



Praça Lauro Gomes vista do alto do Edifício Wallace Simonsen, do Banco Noroeste: rara foto colorida do início da década de 1960. Acervo: A Vanguarda (semanário hoje sucedido pela Folha do ABC)



“Vamos para a Vila?”

O eixo da Marechal vê nascer, nas colinas ao redor, as vilas centrais, hoje integrantes da Região E. São loteamentos com características urbanas desde o início e conjuntos residenciais, inclusive vilas operárias.

Os primeiros casos surgem na primeira metade do século 20. Na segunda metade do mesmo século têm a sua identidade confundida com o próprio Centro.

Jardim Olavo Bilac - 1924

Vila Campestre - 1941

Vila Dusi (ou Duzzi) - 1941

Vila Lusitânia - 1923

Vila Álvaro Marques - 1957

Vila Magnólia -

Vila São Savino - 1949

Vila Scarpelli - 1956

Vila Olga - 1950

Vila Alcântara -

Vila João Basso

Jardim São Paulo - 1952

Jardim São Luiz - 1952

Vila Suzi - 1973

Jardim Portugal -

Vila Israel - 1951

Vila Brasília - 1952

Vila Quirino de Lima

Vila Gonçalves - 1941

Jardim Maria Cecília - 1956

Vila Santa Rita de Cássia - 1970

Conjunto Residencial Ipoã -

Conjunto Habitacional

Franchini - 1975

Jardim das Américas - 1969

Vila Euclides - 1928

Vila Anita (DER) - 1950

Vila Maria Adelaide Rossi - 1926

Jardim do Mar - 1955

Conjunto Borda do Campo -

1966 Conjunto Habitacional

Brasília - 1971



Casarão do restaurante A Gôndola junto ao lago: espaço aterrado e ocupado pela Chácara Inglesa. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC

aspectos rurais. O jornal “Folha do Povo”, edição de 24-9-1952, dizia da necessidade de prolongamento da Rua Jurubatuba até a Praça Samuel Sabatini. Para isso era necessária a divisão da propriedade da fábrica dos Irmãos Corazza. A família informava que nenhum obstáculo seria por ela levantado.

Em 1962, a situação da Rua Jurubatuba era a seguinte, segundo Brasília Prieto, secretário de Obras (cf. processo PMSBC 3502/53):

1. Trecho da Alameda Glória à Rua Américo Brasiliense: já pavimentado;

2. Trecho da Alameda Glória à Praça Samuel Sabatini: em fase de elaboração de plantas para desapropriação de terrenos, para retificação do trecho que se convencionou chamar de “caminho do rato”.

3. Trecho da Rua Américo Brasiliense a Brastemp: em fase de estudos pelo Plano Diretor.

Até os anos 1960 a Marechal ainda tinha duas mãos de direção. E o primeiro semáforo, na esquina da Dr. Flaquer com a Marechal, só surgiu no início dos anos 1960. É o tempo

em que o asfalto cobre os paralelepípedos implementados no início dos anos 1930 – e a Marechal Deodoro foi a primeira via pública do Grande ABC a ganhar calçamento, e não apenas pedras e pedregulhos.

Anos 1960 em que ainda havia um estádio na Rua Marechal Deodoro, o Ítalo Setti, mas que já era difícil fazer o footing, que em décadas anteriores foi o tira-linha da moças das tecelagens e dos moços moveleiros.

Em compensação, seguindo a moda, a Praça Lauro Gomes, inaugurada no início dos anos 1950 por sobre o antigo estádio do Palestra e no local onde funcionou o Largo do Governo do século 19, ganhou uma fonte luminosa, denominada “Princesa Isabel”, novo ponto dos namoricos. A fonte resiste, mesmo que ofuscada pelo progresso que acelerou o processo de transformação da cidade.

O tempo da fonte luminosa estava muito longe de se pensar em novas modas – como o tobogã, dos anos 1970; e, mais ainda, de um sistema de transporte como o trólebus, que aproveitou a Avenida Faria com canaletas próprias a partir dos anos 1980.



Casarão do Grupo Escolar de São Bernardo no antigo casarão do alferes Bonilha: a esquerda, o prédio dos Fantinatti, que serviu ao Bar, Restaurante e Pizzaria Marabá: Pintura: Lucia Melges

Hoje já é possível pensar, até mesmo, no monotrilho, projeto plenamente viável e que repetirá, um século depois, a experiência do bondinho dos Pujol, em meia bitola, que interligou São Bernardo a Santo André na década de 1920.

Fora do eixo central, o Centro Expandido, com duas vias importantes: a Lucas Nogueira Garcez, inaugurada em 20 de agosto de 1953 já com duas pistas, canteiro central e calçadas amplas, e a Avenida Kennedy, ponto de encontro dos jovens e que acobertou o Córrego Borda do Campo.

Arborização

Oficialmente, a preocupação com a arborização de ruas e praças tem início em 1953. É quando se arboriza a Rua João Pessoa e Rudge Ramos,

como experiência, pela Floricultura Centenário, de São Paulo.

Naquele ano foram plantadas 130 tibou china hibrida na Rua João Pessoa e 120 caeselpina (ou caesolpina) em Rudge Ramos.

Vilas Centrais

O eixo da Marechal vê nascer, nas colinas ao redor, as vilas centrais, hoje integrantes da Região E. De cada um desses loteamentos tornou-se comum a expressão: “Vamos para a Vila?”. Vila, no caso, o Centro Histórico, do comércio central, da igreja matriz, do cinema, da praça, do Largo da Matriz, do circo que chegou.

Vila Lusitania – Planta aprovada em 23/11/1923 pela então Prefeitura de São Bernardo,

com registro no 5 Tabelionato de São Paulo. “As ruas foram legalmente abertas e entregues ao trânsito público há 30 anos (1923)” (cf. Newton Ataliba Madsen Barbosa, in processo PMSBC 841/53).

Vila Gonçalves – As ruas do bairro começaram a ser abertas em 1926. Chamava-se, então, Vila Tavares, uma propriedade de João Domingos Tavares. A área foi levada a leilão e arrematada por Manoel Gonçalves. Olavo Gonçalves, filho de Manoel, loteou a vila em 1941.

Vila Euclides – O nome homenageia Euclides Rizzaro, neto do loteador, Miguel Gobby, nascido em 1929 – um ano depois da abertura do



Território segue até a Winston Churchill

Em torno das vilas centrais que cercam o eixo histórico da Marechal Deodoro, os loteamentos que formam o Centro Expandido.

Parque Anchieta - 1949

Vila Marlene - 1951

Vila Daisy - início dos anos 1950

Parque São Diogo - 1953

Jardim Hollywood - 1953

Jardim Copacabana - 1970

Jardim Paramount - 1972

Vila Tereza - 1953

Jardim Silvestre - 1956

Jardim Antares - 1965

Conjunto Habitacional Rudge

Ramos Conjunto Habitacional Guarujá

Jardim Três Marias - 1955

Vila Sonia - Início dos anos 1950

Vila Margarida - Anos 1920

Vila Suzana - 1964

Vila Marli - 1956

Vila Maria do Carmo

Vila São João - Anos 1920

Vila dos Galvão - 1964

Jardim Cristiane - 1971

Vila Scopel -

Jardim Chácara Inglesa - 1971

loteamento. Euclides Rizzaro seguiu carreira militar, ocupando altos cargos na Polícia Militar, inclusive com serviços prestados no Grande ABC.

Vila Duzzi – Por ter sido loteado no período em que São Bernardo fora rebaixado a distrito, o loteamento foi aprovado pela Prefeitura de Santo André: aberto em 1941, aprovado em 1943. A vila é formada por três loteamentos: 1) Siqueira



Casa de pau-a-pique do Sítio dos Pires: neste espaço o DER construiu acampamento para os trabalhadores que construíram a Via Anchieta. Desenho: Hugo Duzzi

e Corradi; 2) Sociedade Civil Vila Campestre; 3) Angeli & Duzzi.

Acampamento do DER

Implementado sobre o antigo Sítio dos Pires, passagem do antigo Caminho do Mar antes da abertura da atual Rua Marechal Deodoro (1812). Ali foram localizados objetos sacros hoje integrantes do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

O acampamento foi projetado e construído por trabalhadores do Departamento de Estradas de Rodagem. As casas desenhadas por Fosche Baddini, desenhista do DER, que nos prestou o seguinte depoimento: “As casas foram construídas sobre colunas de madeiras, possuindo porões de pelo menos 80 centímetros de altura cada um.

Na época da construção, Manoel Araújo era o engenheiro responsável pelas atividades do DER na Via Anchieta. Francisco Franklin da Silva, o Chico Louro, era o administrador do pessoal e Elon Blun o agrimensor”.

As 250 casas construídas foram alinhadas ao longo de ruas denominadas por letras. Este ano nós fotografamos as últimas casas originais do velho acampamento, que guardam ainda características do seu tempo de construção, há 60 anos.

Jardim do Mar – Loteamento de Ciclio Matarazzo – o mesmo eu criou a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em 1949 – e Vicente Cocosa. E antes de criar a Vera Cruz, Matarazzo pretendia montar uma granja no local.

Jardim Maria Cecília

O loteamento ocupa antiga colônia da família Sabatini. Foi loteado por Darcy Villela Itibere, professor de Medicina, e Jardim Ribeiro da Costa, antigo presidente da Colsan. Maria Cecília é o nome de uma filha de um dos loteadores.

Centro Expandido

O hoje Centro Expandido se constituiu, um dia, em espaços



Selo administrativo da Prefeitura de São Bernardo nos anos 1950: homenagem a João Ramalho, Padre Anchieta e Cacique Tibiriçá



1933, Rua Santa Filomena. Os entregadores de pão, leite e carne. Entre as missões do caminhão Chevrolet estava a entrega de produtos no Rio Grande (hoje Riacho Grande) à turma da Light que construiu a Billings. A carroça à direita era comandada por Camilo Giuseppe Lazzuri. Identificados (a partir da esquerda): o padeiro Mario Fontana, Gilberto Lazzuri, José Lazzuri (dono da padaria), Oliveiro Lazzuri, Núncio Zanini, Paulo Lazzuri (pai do Camilo); em pé sobre a cabine do caminhão: Dino, Santina e Lourdes Lazzuri. Mais à direita: Lizeu, seu pai e João Lazzuri. Acervo: Família Lazzuri



1976, cursilhistas da Diocese: nas setas, os jovens Luiz Inácio da Silva (Lula) e Mauricio Soares de Almeida (já advogado)



1930, a perfuração de poço artesiano para a fábrica de móveis São Luiz, da Rua Municipal. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC



Década de 1950. A carruagem da família "Fabrício", apelido dos Vieira do Alvarenga. Acervo: Luiz Vieira



Cappelletti. Comida típica italiana, trazida ao Brasil pelos imigrantes e difundida em São Bernardo – que teve um núcleo colonial formado por muitos italianos. E o alimento digerido principalmente nas festas maiores como a Páscoa e Natal. Acervo: família Salvador



O batateiro, um símbolo: quem nasce em São Bernardo, ou aqui vive, é batateiro – apelido que vem dos tempos antigos e pioneiros do futebol, ainda na primeira metade do século passado. Plantava-se muita batata na cidade, além de outros produtos. Escultura: professor Reinaldo Marques

circunscritos aos novos loteamentos. Ficava claro o espaço geográfico de cada um. O crescimento urbano hoje confunde os loteamentos distintos com o centro tradicional.

Como não dizer que o Conjunto Residencial Rudge Ramos, na Avenida Senador Vergueiro, aberto em 1981, não está inserido no Centro da cidade?

Tanto que a divisa da Região E com a Região B (Rudge Ramos) é

demarcada pela Avenida Wiston Churchil, uma continuidade da Avenida Atlântica, em Santo André, à Avenida Caminho do Mar. A Região E inclui, inclusive, a sede da antiga Fazenda dos Beneditinos, que sobreviveu, ocupada, entre os séculos 18 e 19 – hoje ela é ocupada por uma loja do Carrefour, na confluência do Córrego Borda do Campo com o Ribeirão dos Meninos, num dos limites de São Bernardo com Santo André.

Parque Anchieta

Propriedade da família Perrella, de São Caetano, adquirida em 1936 por Antonio Domingues Pintyo Junior, que ali criou o Haras Anhanguera. Loteado como bairro de recreio destinado a famílias de Santos.

Vila Marlene

Loteamento da família Fongaro, que possuía indústria no bairro do Ipiranga, na Capital.



Tribuna Metalúrgica, jornal do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, o mais antigo veículo de trabalhadores da cidade, um dos mais antigos do Grande ABC

Acontecimentos

Da crônica da Casa da Imigração em 1890 (autor: Orlando Setti) à encenação, em 2009, no Teatro Cacilda Becker, de uma peça sobre os primeiros tempos dos italianos no Núcleo Colonial de São Bernardo.

Em pouco mais de um século de história, a Vila vira metrópole e inscreve sua história no cenário nacional e internacional graças ao movimento dos metalúrgicos que eclode a partir da célebre greve da Scania, em 1978.

Beltran Asêncio

O fotógrafo da cidade. Entalhador de profissão. Trabalhava na Indústria Bellinghausen e aprendeu com o mestre Corradi, do Foto-Estúdio Amaro, a fotografar. Iniciou em 1949. Atua até hoje, documentando as transformações da sua cidade.



O primeiro jornal de São Bernardo (e Grande ABC) tinha redação e oficinas na Rua Marechal Deodoro Era "O Monitor". Circulou pela primeira vez em 1904. Teve vida curta. Mas estava plantada a semente da Imprensa entre nós.



O entregador de jornais: símbolo da Folha de São Bernardo, com redação e administração à Rua Padre Lustosa. Sobreviveu entre 1959 e a década de 1970

Rua Marechal Deodoro

A via pública mais fotografada da cidade, que na verdade é trecho da antiga Estrada do Vergueiro. A imagem mais antiga é o desenho de um viajante. A mais nova é a de hoje, 2012, graças aos trabalhos dos repórteres-fotográficos. O nome "Marechal Deodoro" foi dado ao trecho em 1895.

Educação

– Do primeiro professor, concursado, o padre Lustosa – século 18 - aos dias atuais, toda uma transformação também no ensino. Com seus usos e costumes.

Movimento Sindical

– Do anarco/sindicalismo trazido pelos imigrantes europeus aos grandes movimentos dos metalúrgicos dos anos 70 e 80, a cidade gerou um

moço chamado Lula. E tudo mudou desde então...

Paisagens

– Como imaginar: por onde passa o trólebus havia capoeiras onde jovens faziam educação física. Só a Memória para mostrar esta metamorfose urbana.

Indústria

– No começo do século passado, uma mulher, Terezina Capitanio Fantinatti, que fazia produtos a partir do bicho de seda no centro de São Bernardo, expôs numa feira internacional realizada em Montevidéu. O setor nunca mais parou.

Comercio & Serviço

– Tudo começou na velha Rua Marechal Deodoro. Hoje o comércio e setor de serviços expandem-se por toda a cidade. Cada bairro é um centro econômico em potencial, com seus sonhos e expectativas renovadas.

Imprensa

– O primeiro jornal de São Bernardo (e Grande ABC) tinha redação e oficinas na Rua Marechal Deodoro (sempre ela). Era "O Monitor". Circulou pela primeira vez em 1904. Teve vida curta. Mas estava plantada a semente da Imprensa entre nós.

Religiosidade

– Uma procissão de velas percorre a rua Marechal Deodoro. São Bernardo nasceu em torno da Igreja. É assim até hoje, com muitos credos, com muitas esperanças.

Bairros? Não, morros...

– "Por volta de 1925, os lugares da cidade eram conhecidos com nomes

Notícia

Novembro 1980 - Estádio Presidente Arthur da Costa e Silva - nome de uma liderança do regime militar - passa a se chamar Estádio 1º de Maio. Vitória do movimento social e popular.

de morros: Morro do Cemitério, Morro do Simão, Morro dos Pires, Morro do Mandi, Morro do Rio Grande (hoje demolido), Morro de Piraporinha, Morro do Quitéria, Morro Pelado, Morro da Colônia Montanhão, Morro de Santo André".

Cf. João Gava, 99 anos em 2012.

Previdência social

Falava-se, e escrevia-se, mais em italiano do que em português na Vila de São Bernardo. E o governo não oferecia assistência médica e social adequada. Daí porque funcionava a Societá Mutuo Soccorso Italiani Uniti in São Bernardo, que a cidade, ou ao menos os mais antigos, até hoje conhece por Sociedade Italiana. As atas da Societá eram redigidas em italiano.

Em 27 de maio de 1924, a nova Corporazione Musicale Carlos Gomes enviou ofício à Sociedade Italiana pedindo sala para seus anseios. O que foi prontamente atendido.

Em agosto do mesmo ano foi feita a reforma do estatuto sociale. Não teria direito a socorro o sócio la cui malattia provengo dall'alcoolismo.

Os italiani se uniam em sociedade. E eram comuns registros em atas como este, de 25-4-1916: "Venne



apresentato una conta dalla signora Therezinha Capitanio Fantinatti, per aver assistito il sócio Cestari Battista, per diversi notti, e per le applicazioni di medicamenti, importando della conta 60\$000 reis. Venne aprovata”.

Música

Os nomes dos músicos não soam como italianos mas sim como o de antigos brasileiros: Cardoso, Siqueira, Monteiro, Ribeiro. Eles formavam o Bando Alvorada, depois Bando Sertanejo. Eles se apresentavam em casas de famílias. Na liderança, Joaquim Mariano Ribeiro.

Cotidiano

Os moveleiros e as tecelãs, moços e moças da Vila de São Bernardo. Trabalhavam no Centro, vindos de todos os bairros. Marceneiros, lustradores, folheadores, tu-

pistas, entalhadores geralmente trabalhando das 7h às 17h30; as tecelãs, em dois turnos: das 6h às 14h, das 14h às 22h. Muitos casamentos nasceram entre esses trabalhadores e trabalhadoras.

Havia o footing – ou “tira linha” – no corredor da Marechal Deodoro entre a Praça Lauro Gomes e o campo do EC São Bernardo. Os moços nas calçadas, as moças seguindo em pares, em busca de um olhar mais cativante.

Os bailes eram na sede da Sociedade Italiana ou no salão da fábrica de móveis Pelosini. Corriam os anos 40, 50 do século passado.

Tudo acontecia neste cenário do eixo da Marechal Deodoro, todas as novidades instalavam-se nos terrenos baldios em profusão em pleno Centro. Os parques de diversões, os circos-teatro. Atrações temporárias.

Mesmo as atrações permanentes se foram, como os campos de futebol do Esporte e Palestra e as suas quadras de basquete – que se imaginavam definitivas.

Definitiva ficou a Fonte luminosa Princesa Isabel, de 1956, instalada na Praça Lauro Gomes com seus esguichos coloridos. De todas as partes vinham famílias para apreciar a grande novidade do momento, disputando os bancos de concreto patrocinados pela indústria e comércio.

Sobraram alguns daqueles bancos. O conjunto deles rivalizaria com os primeiros catálogos telefônicos, propagando a fábrica de móveis, a mercearia, o açougue e até mesmo a política partidária.

Um dos bancos trazia a vassoura de Jânio Quadros, o pintinho do Carvalho Pinto e o charuto do Lauro Gomes.

João Ferrador



“Em março de 1972, procurando atrair a atenção do trabalhador metalúrgico e fugir da censura militar, a Tribuna Metalúrgica, jornal do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, criou a personagem João Ferrador. A estratégia foi um pedido do, na época, presidente do sindicato (em algumas fontes seria Lula, em outras Paulo Vidal) para o jornalista Félix Nunes. Com o conceito definido, coube ao chargista Otávio, e depois Laerte, a criação visual de João Ferrador”. Cf. Marcelo Engster, com informações do artigo “Bilhetes do João Ferrador, um gênero comunicativo da resistência sindical”, de Rozinaldo Antonio Miani, e do site “Revista Espaço Acadêmico”.



Antiga Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, com o coreto do Largo da Matriz: igreja sobreviveu entre meados do século 19 e final dos anos 1940. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC



Memória oficial

1945 – Antonio de Oliveira Marques pede licença para instalar uma fábrica de móveis e brinquedos de madeira na Rua Marechal Deodoro, 212. Ele comprou, no local, a velha padaria da viúva Tabet (cf. processo PMSBC 74/45). 1946 – Dussin, Bueno & Murari, com bar na Rua Marechal Deodoro, 184, pede autorização para realizar jogos de snooker e bocce (cf. processo PMSBC 14/46).

1947 – Rudert Sociedade Construtora, construtora da fábrica da Sociedade Elni de Produtos Manufaturados, requer autorização para colocação da placa Rua Elni, a título precário, na atual Rua do Cemitério. Prefeita Tereza Delta defere o pedido (cf. processo PMSBC 956/47).

Nota – A Rua Elni, antiga Rua do Cemitério, é a atual Avenida Redenção.

1948 – Indústrias Elétricas e Musicais Fábrica Odeon pede alvará para construção de fábrica (cf. processo PMSBC 1763/48). Um ano depois solicitava licença de funcionamento (cf. processo PMSBC 1765/49).

Nota – A fábrica da Odeon funcionou por muitos anos no espaço hoje ocupado pelo terminal Ferrazópolis, no final da Avenida Faria Lima.

1949 – Ligh pede alvará para construção de prédio de subestação de energia elétrica na Rua Bela Vista (cf. processo 1672/49).

Nota – A subestação foi construída e encontra-se no local até hoje, no quarteirão entre as Ruas Américo Brasiliense e Silva Jardim.

1949 – Proprietários da Rua Joaquim Nabuco decidem instalar, por conta própria, rede de esgoto na via. Abaixo-assinado neste sentido é assinado pelas famílias Bechelli, Daré, Dellabarba, Marçon, Miele, Rocco, entre outras (cf. processo PMSBC 1695/49).

1950 – Prefeitura executou neste ano o calçamento das seguintes vias: Ruas Rio Branco, São Bernardo, Padre Lustosa, Newton Prado e Dr. Flaquer (cf. processo PMSBC 64/51).

- Em janeiro entra em funcionamento a unidade das Indústrias Elétricas e Musicais Fábrica Odeon. O processo PMSBC 370/53 traz esta informação e relaciona os empregados da firma.

1951 – Em novembro o quadro municipal é formado por 52 servidores, dos quais 15 são professoras, além de uma substituta e uma extranumerária. Entre os servidores estão Jaime Franchini (diretor da Fazenda) e Sérgio Rosa (operador), cf. processo PMSBC 1999/51.



Nobuyuki Tanaami (contador) em frente ao antigo hospital São Bernardo na rua Terezina Setti



Mandi e Sorocabinha, pioneiros do disco de raizes e nome da EMEB na Rua Tiradentes



Gente de São Bernardo

Descubra o herói da Guerra do Paraguai, o cantor de ópera, o cronista e o músico que acompanhava Carmem Miranda

- 1 - Família Basso
- 2 - Família Liberato
- 3 - Família Gava
- 4 - Família Ongaro
- 5 - Família Pessotti
- 6 - João Batista de Almeida
- 7 - Américo Basso
- 8 - Família do prefeito Marinho
- 9 - Família Oliveira Lima



1924



Dia de Natal e o bondinho dos Pujol. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC

1827



A imagem mais antiga. Desenho de William John Burchell, botânico inglês que percorreu o Brasil do Primeiro Reinado, entre 1825 e 1829

Marechal

A história passa por aqui

A mais antiga via urbana de São Bernardo foi aberta em decorrência da criação da freguesia (distrito) em 1812, como uma das vertentes do Caminho do Mar.

1955



Duas mãos de direção. Foto: Beltran Asêncio

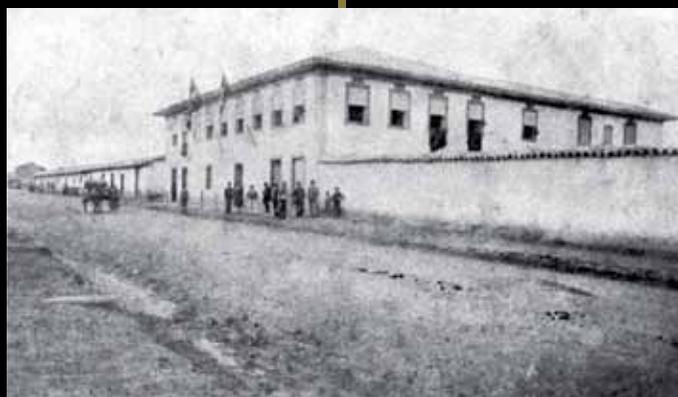
1960



O asfalto cobre o paralelepípedo



1895



Casarão do Bonilha, sede da Intendência Municipal. Acervo: Elisiário Firmo de Lima (em memória)

1930



Os Baraldi e seus cavalos no Largo da Matriz. Acervo: Ana Magnani Asêncio

A via pública mais fotografada da cidade é a Rua Marechal Deodoro, que na verdade é trecho da antiga Estrada do Vergueiro. A imagem mais antiga é o desenho de um viajante. Por aqui passaram majestades no tempo do Império e jogadores de futebol antes da era da Via Anchieta. Os antigos costumavam ler os jornais paulistanos para saber das companhias líricas que chegariam em Santos para apresentação em São Paulo. Artistas internacionais, se não optassem pelo trem, poderiam cruzar a Vila de São Bernardo e, quem sabe, dar uma parada no Recreio Magnólia para uma refeição.

O nome “Marechal Deodoro” foi dado ao trecho em 1895, mas perdeu-se o livro de registros da antiga Câmara. O enigma persiste: exatamente, quando a Marechal ganhou o nome que a consagrou? Quem assinou o instrumento legal?

1980

1970



Ladrilhos padronizados

O privilégio de receber o primeiro shopping-center





Sede da fazenda do Dr. Baeta Neves, localizada na Estrada do Vergueiro, hoje Avenida Senador Vergueiro, a meio caminho do Bosque Municipal (hoje Cidade da Criança): pela divisão de planejamento de hoje, o ponto de férias e finais de semana da família Baeta Neves ficava na Região E, correspondente ao Centro expandido



Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC

BAETA NEVES

Vl. Baeta Neves, Vl. Saracantan, Vl. Santo Agostinho, Vl. Moraes, Conj. Hab. Tulipas, Conj. Hab. Marajoara, Vl. Clarice, Vl. Cerâmica, Jd. Cambuí, Vl. Primavera, Vl. Tupi, Ch. Rialto, Vl. Fonte Radioativa, Vl. Viana, Jd. Dom Alfonso, Jd. Trieste, Vl. São Marcos, Vl. Netuno, Vl. Progresso, Itamarati, Pai Herói, Vl. Itaperuna, Vl. Canarinho, Nova Baeta, Jd. Petroni, Pq. Treze de Maio, Vl. Feliz, Jd. Farina, Conj. Hab. Âncora, Pq. São Bernardo, Novo Parque, Núcleo Itatiba, Sítio dos Vianas, Jd. Industrial, Jd. Floral, Conj. Hab. Metalúrgicos do ABC

Região

IF



O desdobramento do Sítio dos Vianas

No início do século 19 a área do atual Bairro Baeta Neves – Região F - integrava o Sítio dos Vianas. Com o processo de industrialização da cidade, Baeta Neves atraiu muitos migrantes do interior de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Nordeste. Adquirindo seus lotes de terreno, esses moradores ergueram casas de madeira utilizando containeres que traziam peças para a montagem dos primeiros automóveis.

Construção da primitiva capela de Vila Baeta Neves, no nascedouro do bairro, entre as décadas de 1920 e 1930: no local está hoje a sede da Paróquia São José. Acervo: Associação Ítalo-Brasileira de Beneficência (Sociedade Italiana)

A Região F, onde foi aberta a Vila Baeta Neves, em 1927, não serviu como espaço ocupado pelas linhas coloniais destinadas aos imigrantes europeus. A meio caminho entre São Bernardo e Santo André, a região poderia ser maior não fosse uma artimanha descoberta depois de 1944, quando da emancipação do novo Município de São Bernardo do Campo.

Originariamente, a divisa entre os antigos distritos de São Bernardo e Santo André era o espigão da Vila Gilda, em território andreense. Na recuperação da autonomia, a divisa foi alterada, optando-se por outro acidente geográfico, o Córrego Taioca. Com isso, São Bernardo “do Campo” perdeu uma larga faixa de terra onde estão hoje bairros andreenses importantes: Vilas Scarpelli, Apiaí e Floresta, Jardins Stella e Bom Pastor.

A própria área da Vila Baeta Neves original em território são-bernardense diminuiu de tamanho, já que a propriedade do loteador, Luiz Felipe Baeta Neves, vencia a Avenida Pereira Barreto, o Ribeirão dos Meninos e a antiga Estrada do Vergueiro – hoje Avenida Senador Vergueiro - para alcançar o espaço hoje ocupado pelo Jardim do Mar – Região E – onde estão equipamentos importantes como a Cidade da Criança e os estúdios da Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

A própria sede da fazenda do Baeta ficava na Estrada do Vergueiro.

Sistema hídrico - Da área do Baeta destacam-se três córregos: o Taioca, o da Água Mineral e o Saracantan. O Taioca – divisor entre São Bernardo e Santo André – nasce em território andreense, entre os Jardins Las Vegas e Milena; Água Mineral e Saracantan são correntes genuinamente bernardenses.

A excelência das nascentes da Água Mineral resultou na sua industrialização, com o nome de São Bernardo – a partir da segunda metade da década de 1940 – e ofereceu a oportunidade para criação de um dos primeiros poços artesianos da cidade, aberto nos anos 1950 pela indústria de cobertores Tognato, que ficava entre a Pereira Barreto e a Estrada do Vergueiro.

A sub-bacia formada por esses três afluentes do Meninos possibilitou a existência de várias olarias nas partes mais baixas. Possibili-





Começo da Avenida Pereira Barreto, com o bar, a bomba de gasolina manual e os amigos do bairro: aqui começava a Vila Baeta Neves, no ponto onde está o Shopping Metr pole. Acervo: Associa o  talo-Brasileira de Beneficência



Cerâmica no vale do Córrego Taioca, quase divisa com Santo André: unidade mantida pelos loteadores da Vila Baeta. Acervo: Associa o  talo-Brasileira de Beneficência



*Abertura da Avenida
Pereira Barreto
em 1895, à época
conhecida como
estrada nova, para
diferenciar do antigo
Caminho do Pilar.
Foto: Gustavo Koenigswald, in álbum
“São Paulo”*



tou, inclusive, o funcionamento de uma cerâmica, no não oficial Bairro Paulistano, com acesso por trecho do velho – e histórico – Caminho do Pilar, que chegou a interligar São Bernardo a Mogi das Cruzes, cortando Santo André e a faixa entre Mauá e Ribeirão Pires.

Os caminhos - Historicamente, dois caminhos ganham projeção na Região F: trecho do Caminho do Pilar e Estrada dos Vianas.

O Caminho do Pilar em território de São Bernardo foi rebatizado. Ganhou o nome de Rua Tales dos Santos Freire, que começa e termina em trechos distintos da Avenida Pereira Barreto; já a Estrada dos Vianas virou rua – em tempos imemoriais interligava o Sítio dos Vianas à Zona Sul de São Paulo, cortando o território de Guapiu, hoje Município de Diadema.

Mesmo urbanizados, os dois antigos caminhos mantêm as curvas sequenciais dos tempos dos meios de transportes movidos por semoventes. Diferentemente da Avenida Pereira Barreto – aberta na década de 1890 seguindo

a mesma orientação que levou à abertura da Rua Marechal Deodoro no início do próprio século 19.

Urbanização - Vencidas as dificuldades de implementação do primeiro loteamento – Vila Baeta Neves –, inicia-se o processo maior de povoação do bairro, que se estende a partir da década de 1940, período da inauguração da Via Anchieta e que marca a chegada das primeiras montadoras de automóveis a São Bernardo.

Foi um período de crescimento e dificuldades aos moradores pioneiros, a maioria formada por migrantes do interior do Estado de São Paulo, Minas Gerais e Paraná, e com a presença acentuada de imigrantes portugueses.

Entre as dificuldades, o transporte coletivo. O primeiro ônibus, por exemplo, que começou a circular no final dos anos 1940, demorava a passar. As pessoas preferiam seguir a pé do bairro ao Centro, ou vice-versa.

Eram muitas quadras com poucas casas e grandes quintais. As flores preponderavam. As famílias cuidavam das hortas, em es-

pecial os migrantes, vários dos quais descendentes de imigrantes italianos que antes de chegar a São Bernardo trabalharam na roça.

O historiador Newton Ataliba Madsen Barbosa diz que Vila Baeta, nos seus primórdios, foi formada por barracos de madeiras utilizadas na embalagem das peças dos primeiros automóveis montados no Município.

As peças vinham do exterior, via Porto de Santos, devidamente embaladas. E as caixas – na verdade, containeres – eram entregues aos interessados, depois de utilizadas as peças.

Muitos barracos, com o símbolo da VW, podiam ser vistos na Vila Baeta, nos fundos dos grandes lotes. À medida que os donos dos terrenos iam obtendo recursos, construía na frente dos terrenos suas casas de alvenaria, deixando os barracos nos fundos.

Newton Barbosa comenta que, no começo, Vila Baeta assemelhou-se a uma falsa favela, por causa dos barracos – na verdade, eram casas regulares em terrenos comprados com muito sacrifício, e em prestações, pelas famílias atraídas pelo parque fabril.



Zezé Vasconcelos

O lustrador que vestiu a camisa do Vila Baeta FC

Quando Belarmino Francisco de Vasconcelos e Ana Rita Vasconcelos vieram do Rio de Janeiro para São Bernardo, Zezé tinha sete anos de idade. Era 1928. Eram em muitos irmãos, vários dos quais jogadores de futebol como Zezé, casos do Hamilton (Babi) e do goleiro Nascimento.

Uma das irmãs de Zezé, Maria José, casa-se com João Gomes, o maestro que compôs o Hino de São Bernardo; outra irmã, Zulmira, casa-se com Alvimar, o jogador símbolo do futebol de São Bernardo.

E a família se espalha pela cidade: a moradia no nascente Summit Canal, a mudança para a Vila de Rio Grande (hoje sede do Distrito de Riacho Grande), o tempo das Colônias (hoje Bairro Assunção), o casamento de Zezé com Gilda e a fixação na Vila Baeta.

O trabalho nas fábricas de móveis, como lustrador; o divertimento, o futebol, em vários times, até

a paixão pelo Vila Baeta FC. Zezé frequentava os bailes, até para admirar a performance do cunhado João Gomes; cinema, de vez em quando.

- Quando ia ao cinema, todo mundo sabia. Eu começava a dar risada e os outros assistentes diziam: “O Zezé está aí”. e o lanterninha ameaçava: “Se você começar a rir eu te ponho pra fora”.

Zezé jamais sofreu qualquer preconceito por ser negro. Um dia, o companheiro de time, Farina, fez um comentário desprezível: “Nosso time tem um monte de brancos e só um preto”. O time era o EC São Bernardo. Zezé retirou-se diante do comentário. Mas acha que se precipitou: “O Farina não falou querendo me agredir”.

Se bem que os negros jogavam mesmo era no Palestra, casos de Nandinho e Lilico. Entre os dois times, Zezé preferiu a terceira via do Vila Baeta FC. Jamais se arrependeu.

Lembranças na fala do menino que veio de Carmo (RJ)

• Dona Zulmira, mãe de Gilda, sogra do Zezé. Cozinhou para a alta sociedade de São Bernardo: os Pelosini, os Bellinghausen, os Corazza.

A maior cozinheira da cidade. Sua especialidade: macarronada.

• Nos tempos de lustrador na fábrica dos Miele, ia jogar bola no campo do Palestra (hoje Praça Lauro Gomes) em pleno horário de serviço. O campo era cheio de biri, um vegetal semelhante à araruta.

• Da Tereza Delta (prefeita, deputada) eu era bate-pau. Verdadeira mãe. Madrinha do Vila Baeta.

• Tereza nos levou de avião para um jogo em Piracicaba. Eu estava brigado com o clube. E tinha medo de avião. Mas decidi que iria de qualquer jeito. Entrei no avião. E pensei: “Daqui ninguém me tira”. O avião decolou de um terreno ao lado da Vera Cruz.

• Beltran (Asêncio, o fotógrafo de São Bernardo) era um garoto pequeno. A gente ia treinar na Vila Gonçalves e o Beltran ajudava carregando o jogo de camisas. Um dia faltou goleiro. Botamos o Beltran. Ele fechou o gol. Iniciava carreira de grande goleiro

• O Risca Faca do Baeta existiu, mas não era o que o povo fala. Um senhor tomou umas pingas a mais e ameaçou riscar a faca em todo mundo. Nunca houve crime. Vila Baeta era um bairro pacífico.



Zezé Vasconcelos (no destaque), na escola do Summit Canal no início dos anos 30 e no futebol: um acervo familiar que ajuda no entendimento da história da cidade.



Ocupação - Ficam bem claros dois grandes momentos na urbanização da Região F: o da Vila Baeta Neves, aberta em 1927; e o do Bairro Baeta Neves, centro expandido da vila que a Prefeitura oficializou em 1980, com abrangência sobre outros loteamentos ao longo do espigão da Rua dos Vianas, como os antigos Jardins Petroni, Jardim Farina, Chácara Rialto e Vila Tupi, onde está o bar dos descendentes do cantor Agostinho dos Santos.

Baeta, vila, foi aberta em terras do antigo Sítio dos Vianas. O sítio foi um dos maiores latifúndios da Borda do Campo, com registros delineados já no século 18.

A sede da pequena fazenda do Dr. Baeta Neves, junto à Estrada do Vergueiro, era um casarão colonial, já demolido, onde o próprio Dr. Baeta Neves refugiava-se em finais de semana ou períodos de férias, a exemplo de outros capitalistas, como os da família Simonsen, na Chácara Silvestre.

Para trabalhar em suas terras, Baeta Neves nomeou um capataz, João Versolato, que trouxe várias famílias de Rio Claro, Limeira e Piracicaba, entre as quais as Boin, Marssura, Marchioni e Leandrini, esta última que se tornou, depois, uma das pioneiras da atual Vila Gerty, em São Caetano.

Vila Baeta tornou-se um bairro proletário formado por trabalhadores das primeiras indústrias de São Bernardo. As ruas da Vila Baeta original levam nomes de cidades paulistas.

Já o Bairro Baeta Neves, nascido nos setores de Planejamento da Prefeitura, possui área oficialmente calculada em 1.356.927,02

m2. Entre suas referências estão o espaço descaracterizado da antiga fonte de Água Mineral São Bernardo, a igreja São José, o estádio do Baetão e o cruzeiro do Alto do Baeta, próximo ao cemitério.

O Grande Baeta

São Bernardo era uma vila, ponto de passagem, quando a Vila Baeta Neves foi loteada. Semeava-se aquele que é hoje um dos mais antigos bairros de São Bernardo. Fazia apenas 30 anos que a Avenida Pereira Barreto havia sido aberta.

Muitos anos depois, em 1976, Vila Baeta demonstrava referências modernas, como a Matriz de São José. Mas ainda tinha ares simples no seu eixo central.

Ao longo da Rua dos Vianas e no eixo do Vale do Saracantan sucedem-se os loteamentos, cuja primeira etapa de urbanização ocorreu entre os anos 1970 e 1980 por meio de um projeto federal chamado CURA – Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada.



Loteamentos da Região F

Vila Baeta Neves – 1927
 Chácara Rialto – 1949
 Vila Tupi – 1952
 Vila Lília – 1952
 Vila Viana – 1954
 Jardim Farina – 1954
 Parque São Bernardo – 1955
 Vila Cerâmica – 1956
 Vila São Marcos – 1956
 Vila Primavera – 1956
 Jardim Petroni – 1956
 Jardim Cambuí – 1956
 Vila Fonte Radioativa – 1957
 Vila Clarice – 1958
 Jardim Trieste – 1960
 Vila Santo Agostinho – 1965
 Vila Saracantan – 1966
 Jardim Industrial – 1966
 Vila dos Galvão – 1973
 Vila Moraes – 1974
 Marajoara (cj. hab) – 1976
 Jardim Don Alfonso – 1979
 Cj. Metalúrgicos do ABC – 1981
 Novos espaços - V. Canarinho, Conjunto Tulipas, Vila Netuno, Vila Progresso, Itamarati, Pai Herói, Vila Itaperuna, Nova Baeta, Parque Treze de Maio, Vila Feliz, Conjunto Ancora, Novo Parque, Núcleo Itatiba e Jardim Floral.



1976: o comércio de Vila Baeta e o pai com o filho em praça central do bairro. Fotos: Dgabc



Chácara Rialto – Loteamento iniciado por Marcelo Bergamo e concluído por José Toledo Piza.

Vila Tupi – Loteada por Elias Feres Abraão em área adquirida de Ernesto Liviero (quinhão II do Sítio dos Vianas).

Vila Viana – Iniciado em 1949 e regularizado pela Empresa Edificadora Brasil Ltda.

Jardim Farina
Loteamento de Mário Farina.

Parque São Bernard
Loteamento de José Barone e Mário Farina.

Vila Cerâmica
Da Cia. Imobiliária São Paulo, do grupo Simonsen

Vila São Marcos
De Marcos de Marcelo Bergamo.

Vila Primavera – Loteada por Ângelo Scopel e sua mulher. Origem do nome: o plano de loteamento foi elaborado no início da primavera (estação). À frente do loteamento, os irmãos Rodrigues, que eram engenheiros e professores da Politécnica.

Jardim Petroni – Território fazia parte da Vila Baeta original, tendo sido adquirido por Arthur Petroni, que fora gerente da Companhia Construtora Paulista, empresa que loteou Vila Baeta.. Ali, antes de 1948, funcionava uma olaria chamada Bom Jesus, que fornecia tijolos de graça aos compradores de lotes na Vila Baeta.

Vila Fonte Radioativa
De Enéas Cezar Ferreira.

Jardim Trieste
De Luciano Mullis.

Vila Santo Agostinho
De Antonio Carlos Chacur.

Jardim Industrial
Regularizado por Aaron Vougel.



1976: Rua Tales dos Santos Freire (trecho do antigo Caminho do Pilar), a sede da Paróquia São José e os meninos jogando bola na rua da igreja. Fotos: Dgabc





AS LENTAS CONQUISTAS,
A AÇÃO COLETIVA...

O caso do Parque São Bernardo

Urbanisticamente, o Parque São Bernardo faz parte desta série de loteamentos populares assentados em terras do antigo Sítio dos Vianas, propriedade rural cujos registros datam do século 19. Antes, as terras, baldias e rurais, tinham como referência duas estradas legendárias, a dos Vianas e a Carijós, esta em área de Santo André.

O topógrafo e historiador Newton Ataliba Madsen Barbosa informa que, ao ser loteado, em 1955, o Parque São Bernardo não tinha nome. Situava-se em zona rural e só foi aprovado em 1972.

A Prefeitura identificava o Parque São Bernardo como favela na virada da década de 1970 para 1980. Era uma das três maiores de São Bernardo, ao lado das de Vila Ferreira e Jardim Calux. Segundo o Departamento de Promoção Social, naquela época, a população do Parque São Bernardo chegava a 3.039 moradores, com 641 barracos. Naquele tempo, esboçavam-se dois novos núcleos, o do Jardim Silvina e o Pai Herói, no Jardim

Petroni. Não existiam, por exemplo, os núcleos de Vila São Pedro, antecedida pela Vila Esperança, próxima ao antigo lixão dos fundos da Vila do Tanque, e o do Cafezal, na Estrada do Montanhão.

No caso do Parque São Bernardo, a população começa a conquistar melhoramentos importantes apenas em 1981, como a luz elétrica e água encanada. Até então, a luz era clandestina e a água obtida em poços rasos.

Em 1989 participamos de um projeto no Parque São Bernardo para registro da memória de seus mais antigos moradores. Deixaram depoimentos gravados 22 pessoas. Houve um encontro na Escola Municipal Aldino Pinotti e outros dois no bairro - um deles na favela do Parque São Bernardo que se formou em torno do loteamento inicial. Prevalencia a população originária de Minas Gerais. O gosto gastronômico era o frango com quiabo, que saboreamos na casa dos Silva Lemos.

De volta a 1989

Uma mesa-redonda na EMEB Aldino Pinotti. E uma homenagem aos moradores que contaram histórias, hoje registradas e sistematizadas no Serviço de Memória da Secretaria de Cultura.

Moradores entrevistados

Antonio da Silva Lemos
Benedito da Silva Lemos
(Ditinho da Congada)
Fernando M. Castilho
(arquiteto)
Itamar Germano Mesquita
Joaquim Alves de Souza
Joaquim Germano de Mesquita
Jorge Antonio Xavier
José Calixto de Oliveira
José Domingues da Silva
José Geraldo de Oliveira
José Inácio Ferreira
José dos Santos
(Santo Peixeiro)
Maria da Conceição Neto
Manoel Crecencio dos Santos
Maria de Lourdes de Mesquita (Lurdinha)
Maria Mervina de Oliveira
Neusa Borges
Raimundo Firmiliano Mesquita
Ronaldo (do Projeto Piloto)
Serafim José de Moura
Valdeir Cardoso
Valdevino Geraldo dos Santos
Valdir Machado da Cruz

Vila Baeta Neves expandida: as terras livres fora do loteamento original ganharam novas ocupações e a população vai conquistando uma obra básica, que é a urbanização





REENCONTRAMOS MARIA MERVINA,
CHAMADA DE MINERVINA.

E ela nos conduz à Nova Baeta

Dona Maria, mãe do Zé Maria. Mineira de Coroaci, filha do carpinteiro Candido Francisco Pereira e de Rosa Egita de Souza. Vive no Parque São Bernardo desde 1975. Toda uma força de mulher guerreira naquele corpo franzino que segue os passos da evolução da sua comunidade. Vilas que formam o Novo Baeta e se esparrama pela Vila São Pedro.

Jardim Nascimento, Jardim Industrial, Sítio dos Vianas, Parque São Bernardo, Novo Horizonte. E na São Pedro, Vila Esperança, Jardim Boa Vista e a Vila São Pedro propriamente.

Em cada espaço, uma capela. A Paróquia São Geraldo Magella desmembrada da Paróquia São José. E fazendo surgir a Paróquia São Pedro e São Paulo Apóstolos.

Antes da Matriz São Geraldo Magella, uma capela de madeira. A presença do padre Leo Comissari, seu vizinho no Parque São Bernardo. E todos os demais padres operários: padre Nicola, padre Sante, frei José. A ajuda que veio da Itália, da Holanda.

Nossa guia:

Elisabete Vasconcelos de Oliveira
A moça que nasceu na Rua Bauru

Bete nasceu na Vila Baeta, filha do Zezé e da dona Gilda. Nos apresentou o pai e no dia seguinte seguiu com a equipe de Planejamento pelas ruas da Vila Baeta, mostrando

referências, contando histórias.

Por exemplo: o Exalta Samba, este grupo nacional de samba e pagode, iniciou carreira em São Bernardo e ensaiou no quintal dos Vasconcelos, no coração da Vila Baeta, com Pinha, Perez, Téo e companhia.

- *Vila Baeta é terra também de músicos importantes, frutos da bandinha do maestro Irineu Negri. Bocato começou no bairro.*

- *Na sede do Vila Baeta FC, a dança da vassoura: a dama (ou cavalheiro) com a vassoura procurando seu par.*

- *Como herança cultural dos italianos, a minestra (sopa de feijão); da culinária mineira, o cuscuz. Tudo feito no fogão à lenha.*

- *A lenha era buscada na área onde está o cemitério do Baeta. Muita lenha para limpar e dividir o porco que era criado no quintal.*

- *Anos 50, anos 60; as ruas de terra. O ponto final da jardineira era no Risca Faca, que era o bar de Antonio Alberto e que ficava em frente ao Grupo Escolar Dr. Baeta Neves.*

- *Um atrativo da escola era a merenda. Dona Nair, a cozinheira. Polenta e carne, sopa de feijão, arroz-doce, mingau de fubá.*

- *A maioria dos pais de famílias trabalhava em fábricas de móveis. Depois foram chegando as fábricas maiores.*

E encontramos José Geraldo Dias, o Café, que conta: “Vila Baeta era muito rica pelas frutas que dava no mato. Saudades da amora vermelha”.

A minestra



Sopa mediterrânea por excelência e base de qualquer refeição em Itália, é, na sua versão mas elaborada a chamada Minestrone, verdadeiro mostuário de tudo o que uma horta produz e na versão mais simples a lendária Zuppa di Patate, pobre dieta de guerra para milhões de italianos pobres.

Fonte: Luís Pontes, cozinheiro português.

Nota – Não faltavam hortas na Vila Baeta nem na velha São Bernardo. Hortas no fundo do quintal, jardins floridos na frente, junto à rua.

Memória oficial

- 1947 – Fiação e Tecelagem Tognato pede alvará para construção de vila operária e extensão de rede de água (cf. processo PMSBC 2039/47).

- 1949 – Michele Delle Donne pede licença para o funcionamento de uma casa no ramo de consertos de sapatos em Vila Baeta Neves (cf. processo PMSBC 215/49).

- 1949 – Setti & Braga requer certificado para linha de auto-ônibus entre o Centro e a Vila Baeta Neves. Pedido deferido pelo prefeito José Fornari (cf. processo PMSBC 441/49).

- 1950 – Moradores da Vila Baeta Neves entregam abaixo-assinado solicitando o funcionamento de uma feira livre no bairro, preferencialmente às quartas-feiras de manhã (cf. processo PMSBC 604/50).



Vila Baeta



Calçamento com paralelepípedos (conhecidos por macacos) da Vila Baeta Neves na década de 1960: um dos primeiros trabalhos da Construtora Sortino em São Bernardo, empresa hoje absorvida pela Emparsanco S. A. Fotos: Beltran Asêncio



1976. Rua Tales dos Santos Freire. Foto: Dgabc

O Cruzeiro



No Alto do Baeta, o Cruzeiro revitalizado: marca deixada pelos redentoristas. O cruzeiro foi construído por Willy Stucker, dono da primeira serralha e carpintaria da Vila Baeta. Foi fincada no Alto do Baeta em 2-9-1962, missionários da Congregação dos Redentoristas de Aparecida passaram 10 dias em São Bernardo.





Indústrias



Água Mineral São Bernardo e sua fonte, local de passeios Foto: Beltran Asêncio



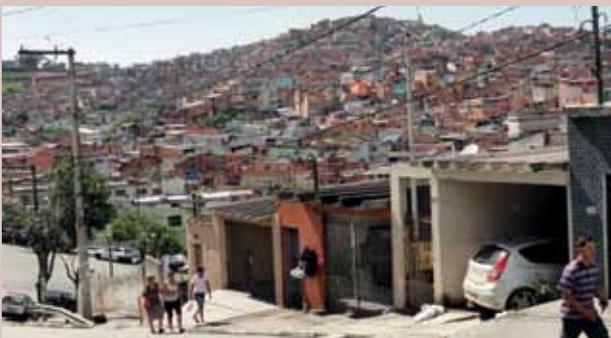
Vista interna da Tecelagem Tognato (à esquerda); à direita, uma vista aérea da fábrica entre a Vila Baeta, a Pereira Barreto e o Ribeirão dos Meninos: ao fundo, a Avenida Senador Vergueiro. No espaço ergue-se um conjunto imobiliário, salvando-se a caixa d'água da indústria, construída na década de 1950. Acervo: Luiza Vezzano de Souza

Paisagens

Duas paisagens observadas em 1969 da Vila Baeta Neves, na divisa com Santo André: a área da Vila Scarpelli (à esquerda) e o Haras São Bernardo. Fotos: Valdir Miraglia



Parque São Bernardo



Visto da Rua Novo Horizonte e da Nova Baeta

Nova Baeta antigo Pai Herói.



Obras 2012 – Casas populares na Giacinto Tognato – Muro de arrimo na Nova Baeta.



Leonardo Motta, Carlos Alberto Nobre Junior, Anderson Pavã Silva, Pedro Henrique Lujan dos Santos, Bruna Lajan dos Santos, Fabio de Araujo e Lucca Motta Santos

Jardim Farina e os pequenos historiadores: o neto ouve o avô



José de Gaspar, que veio de Matão (SP): metalúrgico aposentado ouvido pelos jovens historiadores



Clube de mães do Jardim Farina na Rua dos Vianas: o Baeta preservou a construção de madeira que foi comum na São Bernardo dos anos 60



Personagens



José Geraldo Dias, o Café, da Vila Primavera.



Eugênio Boin (sentado à esquerda) e família. Ele nasceu em Rio Claro, na fazenda do Dr. Baeta Neves, e reside há 87 anos na Vila Baeta. Em janeiro de 2013 completará 100 anos de vida



Família Chelo



Mario Alonso: advogado, ex-secretário jurídico, presidente da SAB Baeta de 1973 a 1975



Capela Sant'Ana, no Jardim Nascimento: dona Minervina com a irmã Franciana, natural de Várzea Alegre (CE)

Dona Maria Minervina

Nos mostra a Paróquia São Geraldo Magella



Capela Santo Afonso, na Giacinto Tognato



A matriz, vista da Chácara Silvestre



Vista aérea do Bairro Nova Petrópolis na década de 1960: quadras livres em torno do reservatório de água e adensadas nas proximidades do Centro.



Acervo: Albertino Pinotti

**NOVA PETRÓPOLIS
SANTA TEREZINHA**

Vl. Santa Terezinha, Jd. Nova Petrópolis, Vl. Delmira, Jd. Wallace Simonsen, Vl. Júlia, Vl. Lília, Jd. Marrocos, Vl. Chaminé, Vl. Antunes, Jd. Nascimento, Sítio Pasto da Grama, Jd. Vanguarda, Jd. Palermo I e II, Vl. Village, Conj. Res. Tiradentes, Cond. Espanha, Jd. Yrajá, Jd. Atlântico, Jd. Saracantan, Vl. Damásio, Vl. Iris, Vl. Aurora, Vl. Iracema, Chacara Benedete

Região

G



São Bernardo Novo e o Sítio dos Piuta

“Em torno da caixa d’água de Nova Petrópolis eram campos de futebol. Tinha meus 14, 15 anos”.

Expedito Soares

Nas colinas, Nova Petrópolis no seu nascedouro visto do alto da Vila Duzzi: em primeiro plano, o vale do Ribeirão dos Meninos e, ao centro, a passagem da Rua Marechal Deodoro. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/PMSBC

Antonio Piuta, Benedito Cesário do Nascimento (o Miranda), irmãos Pujol, Wallace Simonsen. Nomes que ilustram as várias fases do hoje bairro urbano e central de Nova Petrópolis. A exemplo de Vila Baeta Neves, também as terras de Nova Petrópolis não estavam incluídas nas do Núcleo Colonial de São Bernardo. Diferentemente de Santa Terezinha, que completa a Região G.

Santa Terezinha fez parte da Linha São Bernardo Novo, aberta em 1877. Aquela Linha compreendia 82 lotes coloniais, hoje absorvidos, além da Vila Santa Terezinha, pelas Vilas Aurora, Brasília, do Tanque, Montanhão, entre outras.

Uma via referencial é a Rua Tiradentes, o primeiro caminho de penetração em direção ao Montanhão, sinônimo da própria Linha São Bernardo Novo – para diferenciar do São Bernardo Velho, este na bacia do Meninos com o Córrego Borda do Campo.

Nova Petrópolis

Antes do processo urbano, a área se constituía em sítio onde se explorava as matas abundantes e capoeiras, vendia-se lenha, fazia-se tijolos e criava-se gado em pastos com nomes próprios: Pasto da Grama, Pasto da Tapera, Pasto da Catingueira.

Nos últimos anos do século 19, Antonio Piuta vendeu o sítio a Benedito Cesário do Nascimento. Este passou a vender lenha aos colonos italianos que se dedicavam ao fabrico de carvão e ao envio da mercadoria, em carroças, para centros como Santo André, São Caetano e São Paulo.

Fez mais Nascimento: montou uma olaria. Por fim, revendeu o sítio aos irmãos Pujol, responsáveis pela criação do mais moderno loteamento urbano da época em São Bernardo, denominado Nova Petrópolis.

Os Pujol tinham grandes planos e sonhos. Acreditaram, como poucos, no potencial do Grande ABC daqueles anos 1920. Criaram uma empresa imobiliária moderna. Abriram loteamentos em várias cidades. Fizeram aterros e até instalaram um sistema próprio de transportes coletivos para atrair novos compradores de lotes.

Foi o período, entre 1925 e 1930, que São Bernardo pela primeira e última vez na sua história teve um transporte em trilhos, chamado tramway, na interligação com Santo André, vencendo grande parte da Rua Marechal Deodoro e Avenida Pereira Barreto, com um ramal que chegava ao loteamento e que não prosperou.

Nova Petrópolis não prosperou, no seu nascedouro, porque os investimentos foram muito alto por parte da Empresa Imobiliária São Bernardo (EISB) e a venda de ter-





*Urbanismo e natureza:
um João-de-barro vive o cotidiano num
poste da Eletropaulo
no Jardim Yrajá.
Foto: Nei Mello*





renos não correspondeu ao esperado. Resultado: no início da década de 1930, na virada da Velha para a Nova República, os Pujol perdem suas terras em hasta pública para o todo poderoso basnqueiro e empresário cafeeiro Wallace Cochrane Simonsen, diretor-presidente do Banco Noroeste do Estado de São Paulo e de várias outras empresas.

Simonsen assume os negócios dos Pujol na região. Segura por quase 20 anos as vendas de lotes em Nova Petrópolis – ao mesmo tempo em que incrementa as vendas nos loteamentos de Santo André. Concluí a construção de um casarão revestido em pedras no fundo

o antigo sítio dos Cesário do Nascimento, fazendo surgir a Chácara Silvestre. Ali instala sua residência de campo, para descansar nos finais de semana dos atropelos dos negócios no coração da capital paulista, sede das suas empresas.

Chácara Silvestre

Graças à Nova Petrópolis e à Chácara Silvestre, São Bernardo, pouco maior que uma vila, ganha um morador influente em nível nacional antes da Era da Via Anchieta. Wallace Simonsen vai liderar, nos anos 1940, o movimento autonomista de São Bernardo e tornar-se o primeiro prefeito

local no pós-Estado Novo da ditadura de Getúlio Vargas.

Hoje o casarão de Wallace Simonsen, pertencente à Prefeitura, é um bem tombado. Sua vegetação foi salva por um movimento popular. E a atual Administração, depois de incrementar o espaço de lazer, investe no restauro do casarão da Chácara Silvestre.

Santa Terezinha

Vila Santa Terezinha começou a ser loteada no final da década de 1930. Seu primeiro nome foi Vila Stefano Zabo, em alusão ao nome do primeiro loteador. Zabo chegou a contratar para os traba-

Mãos dadas na Chácara Silvestre, em defesa do patrimônio histórico e ambiental. Foto: ABCD Maior





lhos de topografia o engenheiro Fidia Zamboni. Em 1945 os herdeiros de Stefano Zabo revendem o loteamento a Davino Renato de Oliveira, que inicia na prática o desenvolvimento do bairro.

José Soares de Oliveira foi nomeado para administrar o loteamento, incrementando a venda de lotes, abrindo as ruas, batalhando pelos primeiros melhoramentos e construindo a primeira capela, em louvor a Santa Terezinha.

Oficialmente, Vila Santa Terezinha ocupa área de 47,7 mil m², possui 163 lotes. O nome Terezinha é uma homenagem à santa e à esposa do loteador.

Caminhos e sistema hídrico

A partir do eixo da Rua Tiradentes, herança da Linha São Bernardo Novo, a Região G ganhou vias modernas como a Francisco Prestes Maia e a Luiz Pequini. Estas vias cortam antigos lotes coloniais de famílias de origem italiana, entre as quais: Bianchi, Catelan, Coppini, Gastaldo, Giusti e Zagnoli.

As duas vias citadas foram um dos fatores de transformação da Região G, tornando-se vias comerciais. As duas vias, mais a Rua Tiradentes, servem aos loteamentos abrangidos por Nova Petrópolis e Santa Terezinha.

A SAB

A Sociedade Pró-Melhoramentos das Vilas Unidas data de 29-4-1958. Foi uma das primeiras SABs de São Bernardo e funciona até hoje, com vários equipamentos esportivos e sociais. O nome “Unidas” tratou de reunificar os vários loteamentos que seguiram a pioneira Santa Terezinha.

Mais nova, há também uma associação do gênero em Nova Petrópolis.

Jardim Nascimento – Vizinho à Chácara Silvestre. Foi aberto por Renato Gomes Caetano e outros, com aprovação no mesmo ano em que foi aberto: 1955. O nome homenageia a proprietária da área: Isabel do Nascimento Lopes da Silva.

Vila Lília – Loteada por Laerte Alberto Traldi no antigo Pasto da Grama.

Jardim Saracantan – De José Cardamone.

Rua Machado de Assis, Rua Antonio Miolaro

A Rua Machado de Assis estancava no Sítio dos Coppini. Coube ao mecânico João Ruy estende-la alguns metros mais, para tornar possível a divisão do antigo lote rural – dos tempos do Núcleo Colonial de São Bernardo – em lotes urbanos. Era 1950.

A Rua Machado de Assis mudou de nome no seu trecho final. Hoje se chama Antonio Miolaro. João Ruy permaneceu na Vila Coppini até o fim, 60 anos depois. Sobram as lembranças do morador pioneiro:

1. Meus vizinhos mais próximos eram os Zagnoli e os Montanheiro, com propriedades junto à Rua Tiradentes.

2. Para entrar no sítio dos Zagnoli era preciso passar por uma velha porteira. Do lado direito da porteira tinha um cruzeiro e na frente de todo o sítio uma fileira de ciprestes chorões.

3. À noite a visão era macabra. Os ciprestes chorando. A escuridão tomando conta de tudo.

Notas

Nova Petrópolis

Nova Petrópolis - 1925

Jardim Marrocos - 1952

Vila Lília (Sítio Pasto da Grama) - 1952

Jardim Nascimento - 1955

Vila Julia - 1956

Jardim Wallace

Simonsen - 1966

Vila Íris - 1973

Vila Antunes - 1974

Jardim Saracantan - 1975

Vila Damásio - 1976

Jardim Vanguarda

Jardim Palermo I e II - 1979

Vila Village - 1979

Vila Village - 1984

Vila Delmira

Santa Terezinha

Chácara Benedetti - 1948

Vila Coppini - 1949

Vila Aurora - 1950

Vila Santa Terezinha - 1953

Vila Iracema - 1955

Franchini, Jaime João - 1965

Jardim Atlântico - 1968

Kobayashi - 1973

Jardim Irajá - 1973

Conjunto Urb - 1979

Conjunto Tiradentes - 1980

Parque Tiradentes - 1986

Cooperativa dos

Metalúrgicos - 1990



Final da década de 1920: casarão da Chácara Silvestre é construído no fundo de Nova Petrópolis. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/ PMSBC

4. Uma noite, estava retornando do trabalho, trombei no caminho com uma coisa qualquer. Assustei. Tinha batido num burro.

5. Havia também muitos cachorros do mato, jagatiricas, cobras de monte. Tinha jararaca que nem formiga.

Marcas

Tanto em Nova Petrópolis como em Santa Terezinha é possível localizar, entre as casas modernas dos quarteirões floridos e arborizados, residências de tempos idos.

Em Nova Petrópolis é possível vislumbrar, quando da realização de reparos e manutenção no sistema de

água e esgoto, tubulações em cobre importado utilizadas para o primeiro sistema de abastecimento do Centro.

A água vinha de uma nascente, transformada em lago, nos fundos do loteamento, atrás da Chácara Silvestre.

Outra marca da presença dos Simonsen é o reservatório do bairro, a caixa d'água avistada de vários pontos centrais da cidade e dos loteamentos próximos. São 7 mil m² repassados pela família à Municipalidade, nos anos 50, justamente para que o reservatório, que abastece todo o centro e vilas, pudesse ser erguido.

A área verde cedida à antiga Prefeitura de São Bernardo den-

tro das condições impostas pela legislação, na avenida Imperatriz Leopoldina, abriga dois campos de futebol, um cedido em comodato ao Brasil FC – que viu desapropriado nos anos 1970 o velho Estádio Almerindo Protti – e a praça de esportes da Associação dos Funcionários Públicos, que criou uma pista de Cooper em novembro de 1998 ao redor do campo de futebol gramado.

Mais duas marcas: uma antiga, o casarão da família Pelosini, que foi sede do DER local e hoje abriga o IMASF; e a nova sede da Acisbec – Associação Comercial e Industrial.



Memória Oral

“Lembro dos preparativos para o loteamento Nova Petrópolis. Primeiro, as queimadas. Depois os terrenos destocados a machado, à enxada. As ruas foram abertas com carroças”.

Luiz Bardelli

“Papai só se desfez do sítio porque se associou com Narciso Pelosini para montar a fábrica de seda Sulamericana, na Rua Marechal Deodoro. Mesmo assim papai não vendeu todo o sítio. Dos 141 alqueires da propriedade segurou outro, mantendo o Pasto da Grama”.

Benedito Cesário do Nascimento

Junior, o Doca, filho do antigo proprietário de toda a área, o Miranda.

“Ele (Wallace Simonsen) vivia andando a cavalo por São Bernardo. Era enérgico, mas uma boa pessoa”.

Attilio Pessotti, historiador

“Pressentindo que São Bernardo não estava preparada para atrair pessoas interessadas na compra de lotes, Wallace Simonsen preferiu abandonar temporariamente o loteamento iniciado pelos Pujol e aguardar uma melhor oportunidade. Nova Petrópolis não teria condições de ser reiniciado antes de 1948”.

Albertino Pinotti, homem de confiança dos Simonsen.

Memória Oral

“Decreto municipal recentemente assinado criou uma feira livre no Jardim Irajá. Seu funcionamento será às quintas-feiras na Rua 1.090. O bairro, localizado na área da Vila do Tanque, proximidades da Pedreira Municipal e Volkswagen Clube, é um dos mais novos da cidade e já recebeu outros benefícios, como iluminação pública a vapor de mercúrio e árvores nas ruas”.

fonte: Dgabc, 22-1-1981, p. 2

Anos 70. Unidade da Perkins, na Avenida Wallace Simonsen: espaço substituído por áreas de serviço e de habitação

Linha do Tempo

1890 – Continuam a chegar colonos em São Bernardo.

1906 – A sede do Núcleo Colonial, no eixo da Rua Marechal Deodoro, está quase que totalmente ocupado. E a Linha São Bernardo Novo está muito próxima para complementar esta ocupação.

1954 – São Bernardo visto do alto mostra ainda espaços vazios, apesar da mancha urbana mais concentrada no Centro. Nestes espaços à direita ficam os bairros da Região G.

Esta tríplice junta de vias urbanas – Rua Américo Brasiliense, Rua São Bento e Rua Tiradentes é o ponto divisor entre o Centro e a Região G.

A Rua Tiradentes é a antiga Linha São Bernardo Novo.





Personagens - Nova Petrópolis e Santa Terezinha



Família Zagnoli: de origem italiana e com colônia na Linha São Bernardo Novo, hoje Rua Tiradentes. Álbum familiar



A granja do Sadao Higuchi: o bairro é urbano, mas guarda traços fortes rurais na virada dos anos 1950 para 1960. Álbum familiar



Operários (e operárias) caminham em direção ao trabalho na Koppers, em 1954. Acervo: Valdir Miraglia



Na inauguração da atual Matriz de Santa Terezinha, João Mariano de Campos (Nandinho) homenageia Afonso Capitano, presidente da Comissão de Obras; ao centro, Ítalo Castelan



Olga Barbato: Rainha na Rolls Royce; representante dos trabalhadores da Volkswagen



Rua Machado de Assis na década de 1960: ao fundo, a Rua Anita Franchini. Acervo: família Higuchi



A dança de salão na Escola Municipal de Arte e Educação Integrada: um novo curso na cidade



Paróquia Santa Terezinha: Silvio Zanutto, Affonso Capitanio, Judith Pinchiari e Marcelino Capitanio.



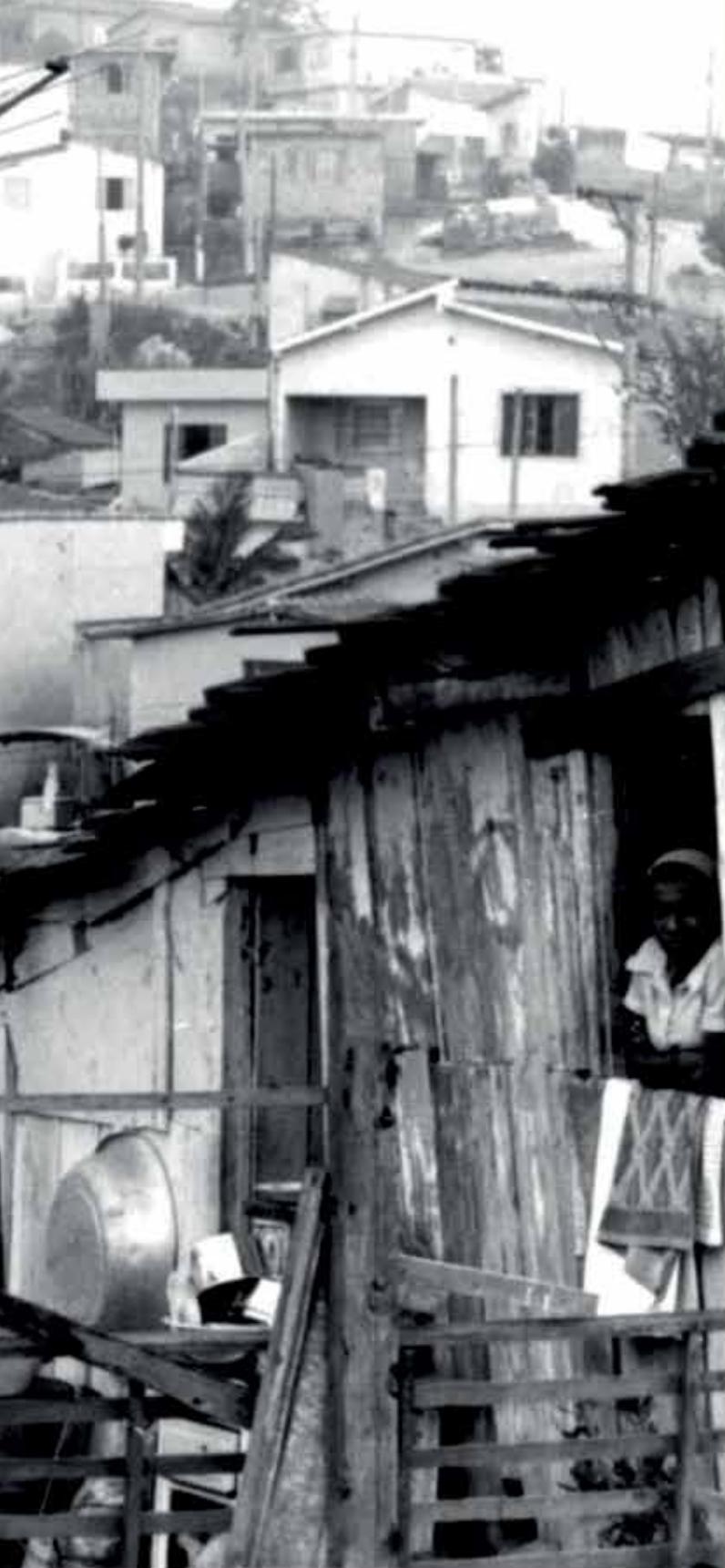
Família de José Antonio da Silva, natural de Floresta (PE): residência em travessa da Rua André Coppini, onde a Prefeitura realiza obras aguardadas há décadas.



Arte inclusiva do Projeto Integrarte, com alunos de todos os bairros e voluntários que atuam como monitores com aulas semanais à Rua Dr. Flaquer.



Vila Ferrazópolis em 1976, numa mescla de barracos e casas de alvenaria: marcas do processo inicial de urbanização

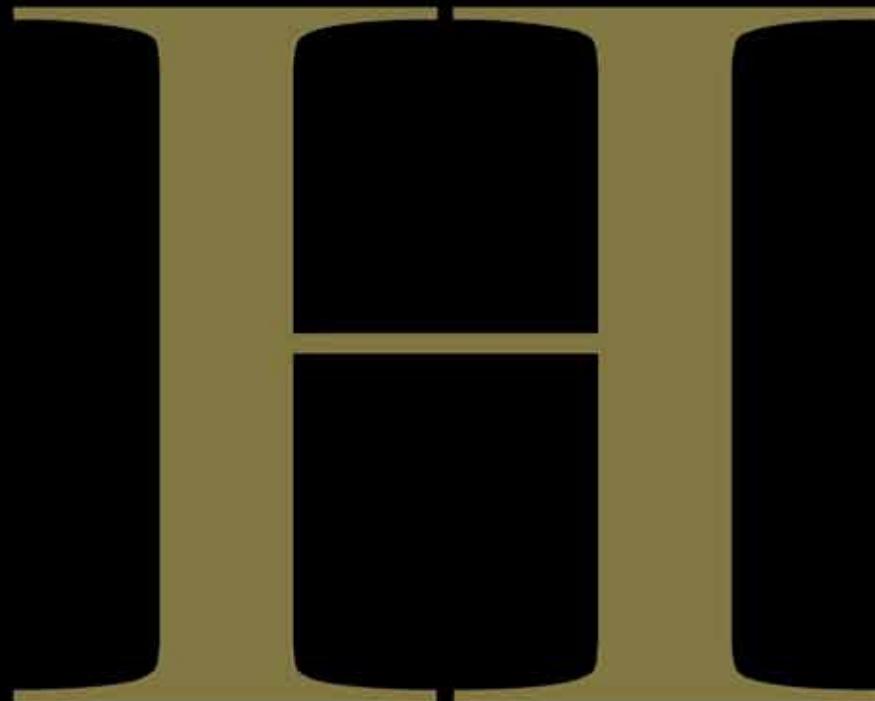


Acervo: Dgabc

FERRAZÓPOLIS

Vl. Ferrazópolis, São Bernardo
Mirim, Vl. Formosa, Jd. Sabatini,
Vl. Boa Viagem, Vl. do Tanque,
Jd. Leblon, Jd. Novo Horizonte,
Núcleo Jesus de Nazareth, Núcleo
Jd. Regina, Jd. Regina, Limpão

Região





A transformação do Sítio dos Couros

Ferrazópolis é o loteamento referencial da Região H. Em torno do loteamento original, cuja primeira parte foi aberta em 1945, semearam-se vários outros espaços urbanos. Um dos mais recentes é o Jardim Limpão, que ocupa área nobre em direção ao Jardim Regina. Ali existiu um campo de futebol.

Ferrazópolis significa “Cidade Ferraz”, em alusão ao seu loteador, o empreendedor paulistano Ferraz Alvim

*Ferraz = nome do loteador;
Polis = cidade.*

Ou: cidade Ferraz, de Ferrazópolis.

Vista aérea de Ferrazópolis em 1968: o campo do Palestra pronto, a Via Anchieta, o trevo da Volkswagen... Foto: Beltran Asêncio

O bairro Ferrazópolis identifica o terminal do sistema trólebus localizado no fim da Avenida Brigadeiro Faria Lima, e que nem faz parte do bairro propriamente dito – pertence ao Centro. Ou à Região E.

Historicamente, Ferrazópolis e os loteamentos vizinhos - São Ber-

nardo Mirim, Vila Formosa, Jardim Sabatini, Vila Boa Viagem, Vila do Tanque, Jardim Leblon, Jardim Novo Horizonte, Núcleo Jesus de Nazareth, Núcleo Jardim Regina e Limpão – ocupam espaço da Linha São Bernardo Novo (1877).

Com a Região H, o centro histórico de São Bernardo expandiu-se e modernizou-se. A Região foi ocupada, inicialmente, por antigos brasileiros e imigrantes italianos e seus descendentes. Com a Via Anchieta, e os novos loteamentos, recebeu brasileiros de todas as partes, geralmente uma mão-de-obra agrícola atraída pela industrialização estabelecida.

Sítio dos Couros

A área de Vila Ferrazópolis e cercanias teve função rural. Nos primórdios de São Bernardo, as terras constituíam o Sítio dos Couros,

que abrangia as áreas hoje ocupadas pelos loteamentos da Região H e mais a Região Q, da Vila São José e Jardim Silvina, acompanhando a Estrada do Vergueiro.

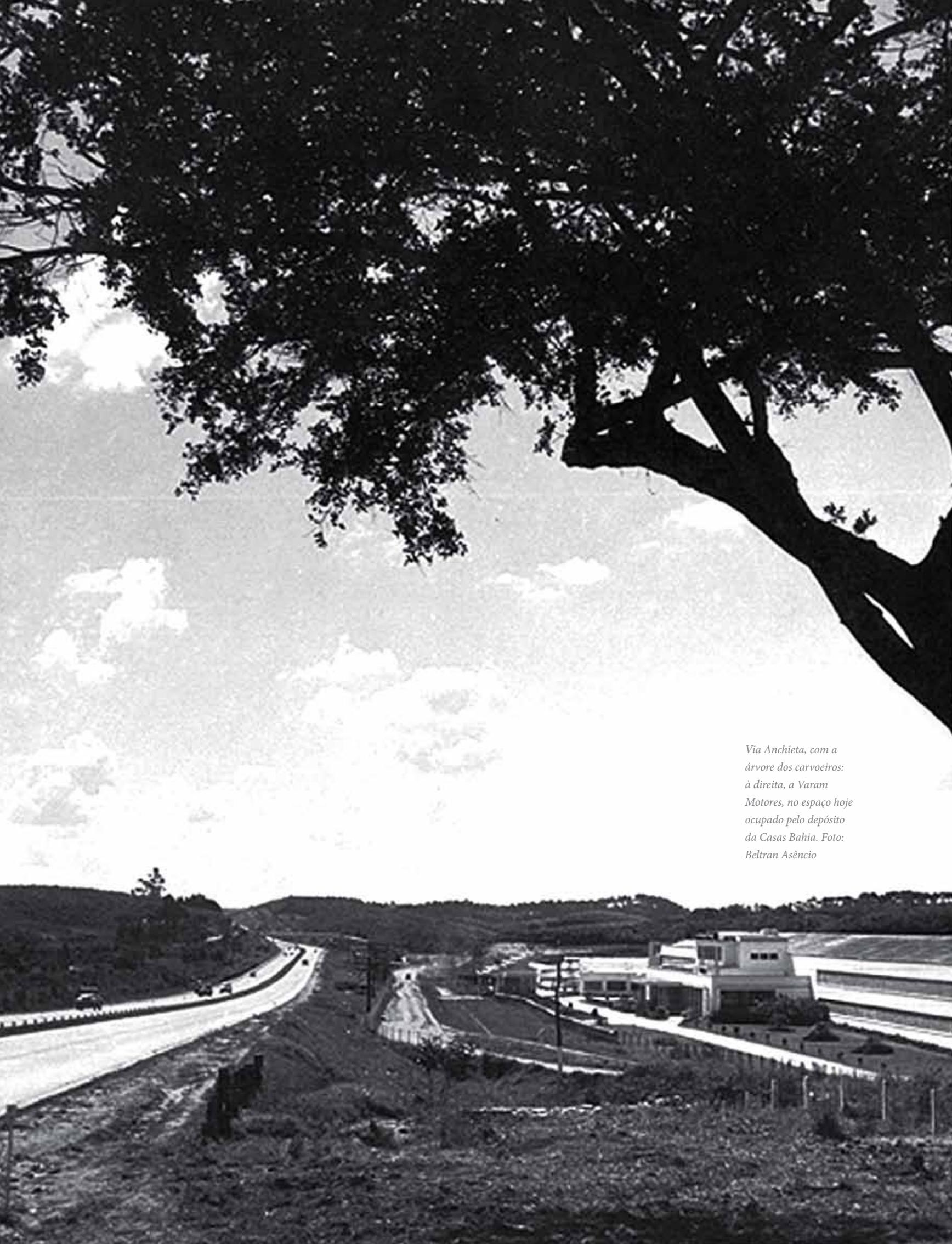
O Sítio dos Couros seguia até as fraldas do Pico do Bonilha, já na Região R, do Montanhão.

Caminhos

A Região H fica na bifurcação de alguns caminhos que marcaram época. Esta bifurcação – cuja referência atual é o Viaduto Miguel Etchenique – era formada pelas seguintes vias: Rua Marechal Deodoro, Estrada Galvão Bueno, Estrada do Vergueiro, Caminho do Mar e os caminhos secundários rumos ao Montanhão, muito antes da abertura da Via Anchieta e de vias modernas como a Rotary.

A memória oral, principalmente, repassa a notícia de que os mo-





*Via Anchieta, com a
árvore dos carvoeiros:
à direita, a Varam
Motores, no espaço hoje
ocupado pelo depósito
da Casas Bahia. Foto:
Beltran Asêncio*



radores em torno desta bifurcação pleitearam junto ao DER – Departamento de Estradas de Rodagem, construtor da Via Anchieta – que o viaduto inicialmente previsto para ficar adiante fosse construído junto às suas propriedades. Isso traria um maior desenvolvimento, na imaginação dos pleiteantes.

De fato isso ocorreu, mas vários deles tiveram suas propriedades, ou parte delas, desapropriadas. Precisaram se mudar. Desfez-se aquele miolo comercial e residencial.

Naquele tempo – até a década de 1940 – quem viesse pela Rua Marechal Deodoro tinha que dobrar à direita para alcançar as colônias do Demarchi e Batistini, pela então Estrada Galvão Bueno. Hoje a estrada, neste trecho com o nome de Avenida Maria Servidei Demarchi, inicia-se após o viaduto do km 23,5.

Do mesmo modo, a atual Avenida Dr. José Fornari era ainda denominada Estrada do Vergueiro e Caminho do Mar, com uma cabi-

ne de pedágio estabelecida desde os tempos em que a via foi reformada, entre os anos 10 e 20 do século passado por Rudge Ramos.

A Via Anchieta é de 1947, a Avenida Rotary de 1955, ano do Jubileu do Rotary Internacional.

Etnia

Prevaleciam os italianos e seus descendentes nos arredores desta bifurcação. Famílias que criaram raízes e permanecem na cidade até hoje. Casos dos Arsuffi, Bonini, Martinelli, Meneguetti, Rocco e Tosi.

Estas famílias viviam da agricultura e de uma indústria artesanal como a oleira. Os Arsuffi tiveram olaria às margens do Ribeirão dos Couros. Os Bonini mantinham uma ferraria em plena Rua Marechal Deodoro. O moinho de milho era outra atividade exercida. Produzia-se vinho, das videiras cultivadas neste espaço a meio caminho das colônias e do centro da

Vila de São Bernardo.

O vinho era fornecido para famílias mais abastadas, como os Flaquer, de Santo André, e os Corazza e Setti de São Bernardo.

O comércio era exercido também por famílias italianas. Dois exemplos: o armazém de João Crescêncio Capassi, o açougue de Angelim Batistini. Bem mais tarde, em 1962, a abertura do bar de Felício Arsuffi, que nasceu neste ponto e ali vive até hoje, repassando-nos as informações agora registradas.

Nas colônias dos Tosi e Arsuffi foram estabelecidas indústrias como a Brasmotor e implementados os loteamentos que formam a Região H.

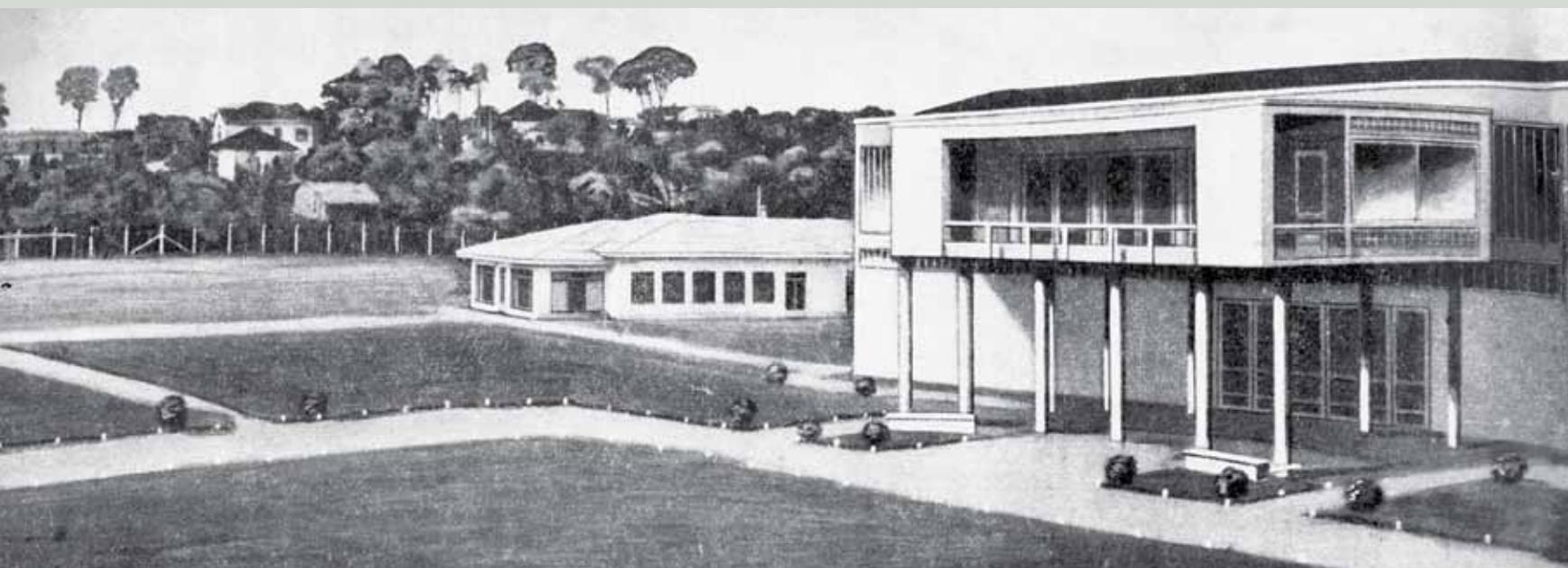
Sistema hídrico

A Vila do Tanque

As pontes do Ribeirão dos Couros

A Região H possui vários cursos d'água, que abastecem o sistema do Ribeirão dos Meninos (ou dos

Em 1948, a Brasmotor, no chamado “fim da Vila” ou “fim da Marechal Deodoro”: antigas colônias cultivadas por famílias de imigrantes italianos abrem espaço à indústria moderna, atraída pela recém-aberta Via Anchieta. Autor: Felício Arsuffi





Couros). O mais central é o Córrego São Bernardo Mirim, que nasce no Montanhão e hoje está praticamente todo embutido.

O Córrego São Bernardo Mirim corre em paralelo à Rua Tiradentes. A paisagem era tipicamente rural, com o moinho da família Cerchiari, a chácara onde a família Ballotim criava carpas e a pedreira da família Margonari, depois transformada na Pedreira Municipal, que tantas pedras forneceu para obras públicas.

A água era de excelente qualidade, tanto que até o final da década de 1970 – mesmo com a desativação da pedreira – era buscada por moradores da cidade.

Junto ao moinho dos Cerchiari havia um tanque e açudes. Eles abasteciam as propriedades locais. Serviam como fontes de irrigação. No tanque praticava-se natação.

Por causa do tanque, Vila do Tanque. Destacou-se a expressão “ir ao tanque”, expressão citada por Newton Barbosa.

Hoje o Córrego São Bernardo Mirim é encoberto pelas pistas da Avenida Rotary.

Já no Centro - próximas à bifurcação citada - existiam três pontes, descritas pelo advogado Nevino Antonio Rocco, que ali morou com a família

1ª ponte – Existia onde terminava o calçamento da Rua Marechal Deodoro, cruzando a via sobre o córrego que vem da Vila do Tanque (hoje Irajá) encarcerado sob a Avenida Rotary, que dividia a casa do velho Bonini e a chácara de Ettore Tosi. O rio seguia fazendo divisa entre a ferraria do Boni e a garagem dos Irmãos Romano (Empresa Auto Viação São Bernardo Ltda). Até alcançar e se unir ao Ribeirão dos Couros, atrás da fábrica Odeon (hoje terminal trólebus).

2ª ponte – Localizada cem metros adiante, na Rua de Pinedo, sobre o Ribeirão dos Couros.

3ª ponte – Localizada 50 metros a frente da segunda ponte, também

Notas

O milho para tomar sol

“Lembro-me do moinho de fubá desde quando era criança; era da família Arssufi; todo feito de tijolos, sem revestimento. Tinha uma grande porta na frente, sem janela. Do lado direito do moinho estava a grande roda, movida a água. Em frente, havia um terreiro estreito, onde punha-se o milho para tomar sol e ser escolhido. Logo após o terreiro, tudo era água represada, até a margem da Rua Galvão Bueno (que, como o moinho e o tanque, não existe mais neste local).

*Dionízio Pessotti,
“O moinho”, op.cit.*





Vista aérea da Gemmer do Brasil, indústria de autopeças para a o parque automobilístico: forma-se o parque industrial ao longo da Avenida Rotary, hoje substituído pelo setor de serviços e de comércio. Foto: Mario Ishimoto/PMSBC

sobre o Ribeirão dos Couros, na Linha Galvão Bueno.

Dr. Nevino conclui: hoje essas pontes estão enterradas debaixo da Praça Miguel Etchenique.

Praça – dizemos nós – que representa uma nova versão da bifurcação histórica citada, área pública, ajardinada, cuidada pelas empresas da família Braga – Setti.

O Córrego São Bernardo Mirim recebe vários afluentes. Um deles acompanha a Avenida Albert Schweitzer, no passado propício à caça de rãs e pequenos carás.

Industrialização

Brasmotor, Brastemp = Walmart

*Gemmer = Center Castilho
Doehler = São Bernardo Plaza Shopping*

Aproveitando a descrição de Nevino Antonio Rocco, é preciso dizer que o Walmart de hoje ocupa a área que foi da Brasmotor (e, depois, Brastemp), empresa instalada no final da década de 1940 na antiga chácara de Ettore Tosi.

Os Arsuffi e os Grotti mantiveram sociedade numa fábrica de alumínio.

Outras grandes empresas foram instaladas e funcionaram nos terrenos sequenciais, com dois destaques: a Doehler (Indústrias Doehler Brasil, fundição, da Rua Adutora, 102, hoje Avenida Albert Schweitzer) e a Gemmer (Indústrias Gemmer Brasil, da Avenida Rotary, 825).

Observa-se, na Região H, a transformação da área agrícola em industrial e, presentemente, em comercial e de serviços. Lenta mas progressiva transformação.

Urbanização

E sobre lotes coloniais do antigo Sítio dos Couros, transformado em parte da Linha São Bernardo Novo, os lotes urbanos.

O inventário da família Arsuffi foi extenso. A família contratou para conduzi-lo o advogado Oswaldo Ferraz Alvim, de São Paulo. Os honorários do advogado foram pagos em terras. A seguir, Oswaldo Ferraz Alvim adquiriu parte das áreas dos herdeiros, e neste conjunto de pro-



priedades abriu Vila Ferrazópolis.

Newton Ataliba Madsen Barbosa foi sócio-proprietário do Escritório Técnico de Agrimensura, ao lado de Otto Pereira de Carvalho. A Sociedade Civil Imobiliária Nacional contratou o Escritório para executar o loteamento, que teve três partes distintas.

Vila do Tanque - Loteamento da Empresa Auxiliadora de Terrenos em Prestações Ltda, proprietária da faixa à direita da Rua Tiradentes. Eduardo Cruz, vendedor de lotes da empresa, foi quem se interessou pela denominação "Vila do Tanque". Solicitou a aprovação do nome em 1952, obtendo sucesso no ano seguinte.

Registro - Inaugurada, em 31-3-1978, a Creche São Francisco de Assis, no Bairro Ferrazópolis, em São Bernardo, num convênio entre a Paróquia de Nossa Senhora da Boa Viagem e a Fubem - Fundação do Bem-Estar do Menor do Município.

Destaque - Em tempo recorde a Prefeitura iniciou e concluiu, em 2011, a reforma e manutenção do Centro Cultural Jácomo Guazzelli, à Rua Rosa Pacheco, 201, esquina com a Rua Francisco Tosi, no Bairro Ferrazópolis. Foram três meses de obras, nascendo um novo teatro, uma quadra esportiva e vestiários. A realização da obra originou-se de indicação da população, por meio do Orçamento Participativo.

Lembranças de João Bernardo de Oliveira. Natural de Cruzeiro (SP), ele vive na Região H desde criança

A Vila do Tanque tinha só duas ruas, a Rua 1 é a atual Rua Bartira, e a Rua 2, a Nossa Senhora da Boa Viagem

O Jardim Leblon era uma chácara com muitos eucaliptos e frutas. O dono, Sr. Eugênio, não dava as frutas. Então a gente roubava. Entrava pelo meio do calipal, fazia um furo na cerca, arregaçava a cerca, e ia roubar as frutas. Era muito mais gostoso.

Numa noite meu pai me mandou no bar. Ele gostava de tomar pinga com groselha. O bar era na Tiradentes.

Vista aérea da Brasmotor no início dos anos 1950: largos jardins hoje ocupados pelo Wall-Mart. Arquivo: Carlos de Oliveira Filho

Notas

Os Loteamentos

Ferrazópolis, 1ª parte - 1945
Vila Formosa - 1947
Vila do Tanque - 1952
São Bernardo Mirim - 1958
Jardim Leblon - 1961
Vila Boa Viagem - 1967
Jardim Regina - 1967
Jardim Sabatini - 1986
Jardim Novo Horizonte - 1989
Núcleo Jesus de Nazaré
Núcleo Jardim Regina -
Anos 1970
Limpão - Anos 1980





Na volta do bar vejo um cachorro enorme deitado no meio da rua, branco. Um monstro de cachorro, que bateu as orelhas: ploc ploc ploc. Nem tomei conhecimento. Depois que passei pelo bicho, dei dois passos pra frente, olho pra trás: cadê? Já não vi mais o cachorro. Tinha um barrancão, umas escadas de barro. Ouço cair aquele monte de terra. E eu, muito bobo, ainda subi pra ver o que tinha acontecido. Não vi nada. Ao chegar em casa, contei a história e escutei meu pai comentando com a minha mãe: “Ele viu um lobisomem”.

O EC Palmeirinha era o time do Henrique Trindade e da dona Anita, sua esposa. O campo ficava na Tiradentes. Tem a Escola Estadual Car-

los Pezzolo, pra frente um conjunto de prédios. Ali era o campo. Agora passou aqui para o lado de cima.

Resolvemos fazer um outro time, Sociedade Esportiva Jardim Leblon. Cores: vermelha, branca e preta; fundação: 1-5-1982.

Fui criado aqui. Nunca mais voltei a Cruzeiro. Tenho vontade de conhecer. Ouvi no rádio: “A maior covardia é o cidadão brasileiro não conhecer a terra natal dele”. Pensei: “O locutor está falando pra mim, não é possível”. Ainda vou conhecer Cruzeiro...

Limpão e a Nova Ferrazópolis - *O Limpão organizou-se em torno do seu Conselho*

Comunitário, cujas lideranças guardam imagens dos primeiros tempos. E hoje apresenta características próprias definidas:

- 1 – A Rua Paulista
- 2 – A Creche
- 3 – O patrono Manoel Torres de Oliveira
- 4 – O Centro Comunitário com sua roupagem nova
- 5 – E a alameda que interliga Limpão ao Jardim Regina.

Entre as lideranças:

Onildo Luiz da Silva, presidente do Conselho Comunitário
Raimundo Nonato de Oliveira, pai
Raimundo Nonato de Oliveira, filho

*José Braga de Brito,
José Simião e Francisco Dantas de Oliveira: história construída*





O Núcleo Limpão começou a ser formado nos anos 80, com a construção de barracos em torno do campo de futebol e depois no próprio campo.

Não existia a Nova Ferrazópolis, só a velha, pelos lados da Boa Viagem. O bairro era calçado com paralelepípedos. Depois que veio o asfalto

O bairro melhorou bastante. Antes as moradias eram mais de madeira, hoje tem muita casa de bloco. Antes não tinha escola, tinha muito lixo, rataria, muito entulho.

José Simião

Ferrazópolis era uma vila em 1966, hoje é um bairro. A Avenida Albert Schweitzer (pastor americano) chamada Rua da Adutora. Já tinha luz, era calçada com paralelepípedos.

A ideia do sacolão veio do nascimento do Partido dos Trabalhadores. O Núcleo de Informações do PT montou um grupo. Fomos atrás e conquistamos o melhoramento. Conseguimos montar o Sacolão na Rua Rosa Pacheco.

José Braga de Brito

Em 1979 a Rua Regente Lima e Silva era diferente. Eram poucas construções, mais barracos de madeira, poucos de alvenaria. Não tinha asfalto, a luz era fraca, com postes de madeira.

Não tinha o Limpão. O lugar era ocupado por um campo de futebol. Quando cheguei, o ônibus vinha até a Rua Nossa Senhora da Boa Viagem. Depois, era preciso caminhar até em casa.

Francisco Dantas de Oliveira

Futebol

Depoimento: Expedito Soares

Onde está o Limpão era um “limpão” mesmo. Um campo de futebol. Certo dia, eu e o Boquinha, cunhado do meu irmão, seguimos para o Limpão. Pedimos pra jogar. – Deixa entrar pra jogar... – pediu o Boquinha.

– Não vai entrar, tá completo. De repente a bola sai de campo. Vem em nossa direção. O Boquinha pega um canivete e fura a bola. Vinte e dois jogadores querendo bater em nós.

– Você é louco! Você bebeu? – re-crimeinei. E correndo, fugimos. Eu e ele.

– Comigo é assim mesmo, se eu não jogo, ninguém joga...

Coração de Ferrazópolis: bairro residencial criado em antiga linha colonial. Foto: Nei Mello



Memória oral

“Lembro da chácara dos Arsuffi, do Recreio Estrela e do restaurante do Heitor e Valdir Marques que servia pensão aos operários do DER”.

Orlando Felipe

“A olaria de Francisco Arsuffi forneceu os tijolos para a construção da casa paroquial da Boa Viagem, em 1922”.

Felício Arsuffi

Vale de Ferrazópolis no final da década de 40: onde foi criado o Estádio do Palestra de São Bernardo. Foto: Beltran Asêncio

Gente

Sebastião Zeferino, o Rio (Almino Afonso, RN, 26-10-1920 – São Bernardo 9-11-2000). Liderança comunitária na Região H. Fundador da Sociedade Esportiva Jardim Leblon. Liderou movimento junto

à Prefeitura para a construção do campo de futebol do bairro, que hoje leva o seu nome.

Filho de Joaquim Zeferino e Francisca Avelino da Conceição. Veio para São Bernardo em 1957. Morou no Jerusalém até 1965. Fixou residência à Rua Nossa Senhora da Boa Viagem, 770, Vila do Tanque, até o seu falecimento. Trabalhou na Light (hoje Eletropaulo), Volkswagen e Motores Perkins. Ao se aposentar, trabalhou como corretor de imóveis e vendeu a maior parte dos lotes do Jardim Leblon.

Casado com Manoelina Ferreira Zeferino, o casal teve oito filhos: Carlos Roberto, Creuza, Clarice, Célia, Celiza, Antonio Carlos, Claudio Sergio e Celso Ricardo. São 15 netos e nove bisnetos.

Mariana Benvinda da Costa, patrona da Escola Municipal de Educação Infantil localizada na Nova Ferrazópolis, na Rua Aureliano de Souza.

Em Ferrazópolis, participou da Igreja e lutou por melhorias do bairro, principalmente na terceira parte, chamada Nova Ferrazópolis. Fez parte da Comissão de Mulheres e foi uma das fundadoras do Posto de Leite.

“Ao lado de Ana do Carmo (hoje deputada), da irmã Lúcia e de outras mulheres, fazia bolos para vender e ajudar na arrecadação dos primeiros recursos para a consolidação do Partido dos Trabalhadores no bairro, ao qual era filiada desde 1981”

*Raimundo Alves Marinheiro,
cunhado*





Personagens - Ferrazópolis



Florentino Vitório, natural de Santa Quitéria, hoje Esmeralda (MG); participou da fundação da Brasmotor e ajudou na construção da Volkswagen



Joaquim Tomaz, a esposa Joana e os filhos Aparecido e Tereza na portaria da Brasmotor. Hoje os descendentes residem no Bairro Cafezal. Acervo: Álbum pessoal



Felício Arsuffi, Olga Dalarovera e a família reunida



Ciclistas e o viaduto do km 23, 5 da Via Anchieta. Acervo: família Batistini



Reginaldo Negri e o Volkswagen Clube.
Acervo: Álbum pessoal



Casal Laudelino e Maria com a neta. Acervo: Álbum pessoal



*Confraternização dos operários da Fábrica de Móveis São Bento
no Restaurante Morassi: populariza-se a Rota.*

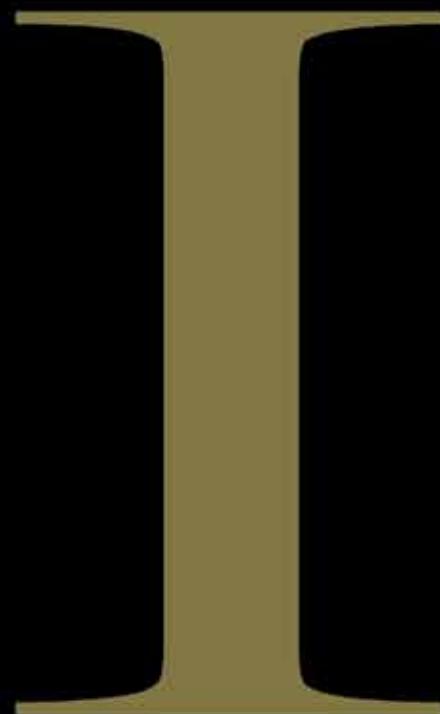


Foto: Acervo: Laerte Francisco Pinchiari (em memória)

DEMARCHI/BOTUJURU

Demarchi, Vl. Jerusalém, Vl. Tocantins, Jd. Das Acácias, Conj. Res. das Violetas, Jd. Andrea Demarchi, Pq. Terra Nova, Pq. Terra Nova II, Cond. Swiss Park, Vl. Lucia, Vl. das Valsas, Ch. Porangaba, Vl. Bela Vista, Capivari, Botujuru (Arco Íris), Jd. Lauro Gomes, Jd. Bartira, Jd. Valdíbia, Res. Morada dos Pássaros, Vl. Santa Angelina, Vl. Judite, Jd. Das Quatro Marias, Nossa Senhora de Fátima, Condomínio Estados Unidos

Região





Berço do turismo e do frango com polenta

Ontem, Linha Galvão Bueno; hoje Bairro Demarchi. No popular, Colônias de São Bernardo. O bairro dos restaurantes especializados em frango com polenta e vinho de cartola, com salada de agrião, que foi o primeiro sentido mais profissional do turismo na cidade, a partir dos anos 1940. O coração da Região I. O nome Demarchi homenageia família italiana estabelecida na área ainda no século 19 e que, na década de 1970, foi considerada a mais numerosa família cujos moradores residiam numa mesma cidade.

Em 1976 a terra ainda era cultivada no Bairro Demarchi: abasteciam-se os restaurantes especializados em frango com polenta. Foto: Ricardo Hernandes/Dgabc

O bairro Demarchi homenageia uma das primeiras famílias de imigrantes italianos radicada na Linha Galvão Bueno, do Núcleo Colonial de São Bernardo, os Demarchi, que chegaram ao Brasil (e desembarcaram em Santos) em 1888. A Linha Galvão

Bueno havia sido aberta um ano antes, em 1887, com 33 lotes rurais.

O Bairro Demarchi permaneceu rural durante grande parte do século 20. Como eixo, ontem e hoje, a Estrada Galvão Bueno, que partia do final da Rua Marechal Deodoro e seguia até o fundo do Bairro Batinini. Com a Via Anchieta, a estrada pioneira perdeu seu trecho inicial.

O novo marco da estrada passou a ser a embocadura com a Estrada do Portão do Tiro (hoje Avenida Capitão Casa). Num segundo momento, a Galvão Bueno tem o nome modificado para Avenida Maria Servidei Demarchi até a curva do Restaurante Florestal. Ali preserva o antigo nome, Galvão Bueno, hoje no sentido da Rodovia dos Imigrantes.

Aspectos rurais

Fábricas não existiam. Dizia-se: “Vamos às Colônias”. As pessoas, de todas as partes do Grande ABC, de São Paulo, de Santos, passaram a vi-

sitar a Linha Galvão Bueno porque sabiam que ali existiam pequenos e excelentes restaurantes que serviam comidas italianas.

No começo eram pescadores atraídos pela recém-formada Represa Billings. Estes pescadores, no retorno, sabiam que podiam contar com a generosidade dos italianos do Demarchi. Paravam para uma boa prosa e devoravam o frango e polenta.

Isso levou à ideia de se comercializar o produto. No início dos anos 1940 surgiu o primeiro restaurante, da família Tolotti, logo seguido do São Judas, de Albino Demarchi.

Sistema hídrico

O Ribeirão do Soldado é um dos formadores da Represa Billings. Pode-se seguir pelas suas duas margens. De um lado, a Chácara Porongaba; de outro, o antigo Clube de Campo Rosa Mística, que pode ser alcançado pela Avenida Nicola Demarchi.





Também ao longo da Avenida Nicola Demarchi localiza-se a sub-bacia do Córrego Capuava, um dos formadores do Ribeirão dos Meninos.

Uma das nascentes do Meninos fica junto à área próxima à indústria Glasurit, na baixada da Avenida Servidei Demarchi, altura da Churrascaria Porteira dos Pampas. Dali segue em direção ao centro. Já caudaloso, exigiu a construção de um piscinão onde funcionava a indústria Resana.

No passado – pelo menos até a década de 1960 – formava um lago nos fundos do Restaurante São Judas Tadeu, onde a família Demarchi mantinha um moinho de fubá.

A Industrialização

Vieram as primeiras indústrias: a Resana, de produtos químicos, que foi transferida para a Galvão Bueno no início dos anos 1950, e a Super, uma fábrica de tintas, construída

mais à frente, incorporada pela Suvinil e hoje pela Glasurit.

A cidade já contava com outras indústrias modernas, que aos poucos substituíram as pioneiras fábricas de móveis como força econômica. Duas dessas novas indústrias ficavam próximas ao Demarchi, a Brasmotor e a Varam Motores, ambas de 1948. A industrialização ganha perfil definido com a chegada da Volkswagen, em 1957.

Frango com polenta

O milho tornou-se o alimento básico dos moradores, pela facilidade de cultivo e qualidade nutritiva. Era plantado em profusão nas colinas hoje ocupadas pela Volkswagen. Espalhavam-se os moinhos, um deles famoso até hoje: o da família Demarchi.

Não é mais um moinho movido à água, mas elétrico. Os antigos da cidade tornaram tradição ir comprar fubá nas Colônias.

A urbanização do bairro inicia-se na década de 1940, mesmo que as atividades agrícolas tivessem prosseguimento por pelo menos mais 30 anos. Na década de 1960, quando a Volkswagen já estava assentada no bairro, existia pelo menos uma granja em pleno funcionamento.

Em 1976 conhecemos Matheo Demarchi, filho dos imigrantes pioneiros, em sua horta junto à Avenida Maria Servidei Demarchi. Fomos convidados por ele a comer pizza e a tomar vinho. Restaurantes locais ainda serviam vinho produzido no bairro, como aquele que saboreávamos com o velho Matheo.

Polenta, vinho e... frango, este criado nos terrenos coloniais, onde se plantava verdura. Ingredientes básicos para tornar o Demarchi – e o seu prato – famoso pelo Brasil afora.

Organização

O Bairro Demarchi organizou-se em torno da sua igreja católica, a

Família Demarchi reunida em torno da matriarca, Maria Servidei Demarchi: 1958, a igreja do bairro estava em construção. Acervo: Álbum familiar



Restaurante Florestal, entre a Servidei Demarchi e a Estrada Galvão Bueno.
Foto: Ricardo Hernandes/Dgabc



“Hoje ninguém mais bebe vinho. Por isso, ao contrário de antigamente, os restaurantes aqui das Colônias preferem trazer vinho de fora, em quantidades limitadas”.

Matheo Demarchi, do Restaurante Florestal, abril de 1976.

igreja de Santa Maria, construída pela comunidade em terreno doado pela família Demarchi. A igreja foi inaugurada em 1954. Na frente da igreja, em 1956, a família Demarchi fez uma fotografia histórica, conseguindo reunir 266 membros em torno da matriarca Maria Servidei Demarchi, considerada a Mãe Símbolo de São Bernardo.

Outra forma de organização foi um clube de futebol famoso, o Florestal, fundado pelas famílias antigas do bairro em 1958, numa celebre reunião realizada na noite de 30 de dezembro na cantina de Victorio Demarchi.

Entre os fundadores do Florestal estavam membros das famílias Demarchi, Morassi, Dalmolin, Batisini, Fanani, Cendes, Marcusso, já mescladas com famílias de descendência japonesa, como a Kodama, do goleiro Makoto.

O Florestal sobreviveu muitos anos. Disputava os campeonatos municipais. Teve dois campos de

futebol – o primeiro próximo à Avenida Maria Servidei Demarchi e o segundo numa área hoje ocupada pelo conjunto Terra Nova, às margens de um dos formadores do Ribeirão dos Meninos.

Urbanização

Dois bairros formam a Região I: Demarchi e Botujuru. A urbanização segue os passos das fábricas, que foram implementadas em colinas que no passado serviram ao trabalho agrícola dos imigrantes.

Os loteamentos chegam para absorver a mão-de-obra exigida pela indústria.

Jerusalém – Loteamento de Joaquim Ferreira Neto, o Joaquim do Cartório, em área de Alfredo Negri.

Coube a José de Oliveira iniciar a venda dos lotes no Jerusalém, por volta de 1950. Em 1973 fizemos reportagem no bairro. Segundo entrevistados, a Alameda das Oliveiras, principal rua local, recebeu

o nome em homenagem ao Sr. José de Oliveira, “na opinião de muitos o fundador simbólico da vila” (cf. Dgabc, 3-1-1973).

Em 1973, Jerusalém não possuía rede de água e esgoto.

Sociedade Amigos do Jerusalém foi fundada em 15-7-1967. Entre as fundadoras, dona Izabel Roddi.

Clube do bairro: EC Jerusalém.

Botujuru - Nome herdado da expressão Morro Botujuru. Esta expressão é muito antiga na cidade. Ela aparece, por exemplo, no registro paroquial da Freguesia de São Bernardo feito entre 1854 e 1856 e assinado pelo padre Tomás Inocêncio Lustosa, conforme determinação da Lei Imperial nº 601.

O Botujuru guarda a fisionomia de reserva florestal, com várias chácaras de veraneio.

Uma das primeiras famílias é a Lewandowski, dos empresários criadores, na década de 1940, de uma das primeiras indústrias da Via An-



Uma fábrica de bebidas nas Colônias. Acervo: Família Demarchi

chieta, a Mercantil-Swiss, fábrica de bicicletas e máquinas de costura.

Houve tentativas tímidas de abertura de loteamentos na década de 1950 no Botujuru, mas os principais empreendimentos iniciam-se nos anos 1970 em espaços próximos ao vizinho Bairro Demarchi.

Hoje os principais espaços do bairro são os conjuntos Terra Nova e Swiss Park, de padrão médio e elevado, respectivamente.

Vila das Valsas – Empreendimento da Associação de Construção Popular dos Servidores e Funcionários Públicos do Município de São Bernardo do Campo, fundada em 2-12-1987. Mariante Projeto. Padrão: popular. Área: 59.000 m². Lei municipal 3174, de 28-9-1988. Referência: Avenida Nicola Demarchi, 2057.

Testemunho

Padre José Aguirre atua no Bairro Demarchi desde a segunda metade da década de 1970. À época,

Notas

Marco Histórico

Nos limites coloniais da Freguesia de São Bernardo, o Botujuru, expressão listada em 1854 pelo registro paroquial da Freguesia de São Bernardo, conforme determinação da Lei Imperial nº 601. Portanto, no ano 2014, serão completados os 160 anos da expressão Botujuru, na antiga área rural de São Bernardo, hoje área de proteção ambiental.



sua paróquia era geograficamente maior. De um lado alcançava os pontos mais distantes do Batistini; de outro, abrangia o Bairro dos Casa e a Grande Alvarenga, até o limite com Diadema.

Expansão Religiosa

Depoimento: padre José Aguirre

1. Me impressionou muito como a cidade de São Bernardo cresceu. Quando cheguei, havia muitos bairros surgindo, mas tínhamos terrenos livres. O povo era pobre. Demarchi era mais classe média, mas os outros bairros muito pobres.
2. Fomos comprando terrenos, construindo capelas simples, depois melhoradas
3. Construimos as capelas do Jerusalém, São Benedito (Bairro dos Casa), Detroit, Terra Nova II, Nossa Senhora de Fátima, Jardim da Represa, Los Angeles, Imigrantes.
4. Celebrei muitas missas na antiga capelinha do Batistini, mesmo com a construção da atual igreja, hoje ma-

triz da Paróquia do Batistini.

5. No Parque Los Angeles temos uma casa de retiro. Fizemos auditório para 200 pessoas, cozinha, capela, banheiro, bosques. É intenção do bispo construir apartamentos para os padres para o retiro do Clero.

6. Eram poucos os padres. Hoje o quadro é diferente. Nunca tivemos tantos padres na Diocese como agora, com Dom Nelson. Mas precisamos mais, pelo menos 40, 50.

Vista aérea da Resana, indústria química, no 975 da Servidei Demarchi: espaço hoje ocupado por piscinão. Fonte: Halo Revista

Restaurante São Francisco





Ônibus vindo de Santos vence o trevo do km 23 rumo a São Paulo: Via Anchieta tira do Centro o trânsito pesado. Foto: Beltran Asêncio

*Canta a todos os momentos,
Canta de noite e de dia,
Canta enquanto tens voz,
Estejas com Deus em alegria*

*Canta enquanto tu poderes,
Canta e não cante pouco
Mesmo que alguém algum dia
Queira te chamar de louco*

*Canta ao teu Deus enquanto puderes,
Canta bastante e com muita alegria,
Canta a teu Deus um cântico novo,
Que logo a paz principia.*

Valdira Alves de Lima, sergipana de Capela e da Fazenda Boa Vista. Veio para São Bernardo com quatro anos de idade. Viveu em Riacho Grande e em outros pontos da cidade. Desde 31-5-1992 reside na Chácara Porangaba, junto ao Ribeirão do Soldado. Ama a natureza. Cidadã São-Bernardense, é casada, mãe de seis filhos, avó de outros 16.



A produção de peruas Kombi na Volks que ocupou espaço agrícola. Acervo: Humberto Pastore

Bairro Demarchi

Vila Jerusalém - 1948
Vila Santa Angelina -
Jardim Valdíbia - 1957
Jardim das Acácias - 1959
Jardim Nossa Senhora de Fátima - 1960
Jardim Lauro Gomes - 1961
Jardim Bartira - 1961
Jardim Andrea Demarchi - 1963
Jardim Quatro Marias - 1967
Conjunto Tocantins - 1971
Conjunto das Violetas - 1973
Vila Judite - 1975
Vila Tocantins - 1978
Conjunto Europa - 1980
Parque Terra Nova - 1972
Conjunto Melodias - 1976
Conjunto Colina do Sol - 1977
Conjunto Backx - 1980
Conjunto Leão de Ouro - 1980
Condomínio Estados Unidos

Bairro Botujuru

Chácara Porongaba - 1951
Jardim Jussara - 1958
Parque Terra Nova (2ª gleba) - 1977
Jardim Capivari - 1979
Swiss Park - 1986
Vila das Valsas - 1988



Jardim Nossa Senhora de Fátima: casal João Alberto Alves de Oliveira e Valdenil Ruiz de Oliveira. Álbum familiar

Memória Oficial

1949 - Indústria e Comércio São Bernardo Ltda pede licença para exploração de jazida de caulim no Sítio Botujuru (cf. processo 1161/49).
1949 - Antonio Demarchi pede certidão negativa dos impostos de conservação de estrada de rodagem em parte do lote 1 da Linha Galvão Bueno, ex-núcleo colonial de São Bernardo.



Personagens - Demarchi e Botujuru



Maria Servidei Demarchi, Mãe Símbolo de São Bernardo, ao lado do marido Matheu Demarchi; o neto que tem o nome do avô, Matheu; as novas gerações dos Demarchi, Batistini, Morassi...

O bairro expandido para o Botujuru, com a Vila das Valsas



Ontem. Pioneiros do conjunto residencial: espaço conquistado pela Associação de Construção Popular dos Servidores Públicos. Acervo: José Silva Adriano



Hoje, na Avenida Beethoven: Louze Araújo, Maria Aparecida da Silva e Ana Paula de Campos



1975. Entrada do Bairro Assunção no km 22,5 da Anchieta: o velho viaduto, a nova marginal a João Firmino engarrafada, a Mercantil Suíça da família Lewandoski

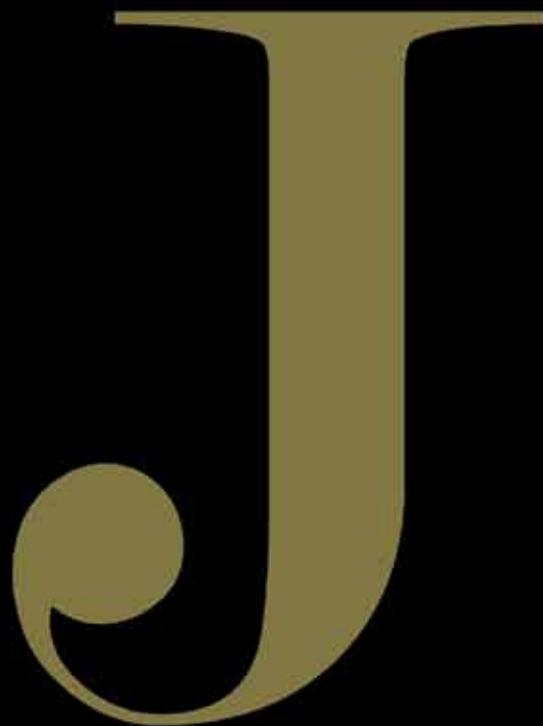


Foto: Dorival de Almeida/PMSBC

ASSUNÇÃO

Assunção, Jd. Lavínia, Vl. Rica, Vl. Artuélia, Vl. Marabá, Vl. Flora, Vl. Rosane, Jd. Beatriz, Jd. das Palmeiras, Pq. São José, Jd. Marina, Jd. Colonial, Conj. Res. Pombeva, Jd. Brasilândia, Jd. Jurubatuba, Jd. Eliane, Jd. Via Anchieta, Vl. Progressista, Vl. Euro, Chác. Nossa Senhora Aparecida, Vl. Luíz Casa, Vl. Lucia, Conj. Res. Amazonas, Conj. Res. Vl. Marininha, Conj. Res. Itaparica, Conj. Res. Nova Assunção, Cidade Miramar, Vl. Claraval, Vl. Simone, Vl. Sacilotto, Vl. Marchi, Assoc. Com. Jd. Anchieta, Pró-Mutirão Lavínia

Região





Em homenagem a uma santa

“A colônia dos Stangorlini ficava três quilômetros distantes do Posto de Imigração. O acesso era por pequena estrada, que deixava a Villa em direção ao Alvarenga. A estradinha era chamada de Linha Jurubatuba”.

Cf. Mario Stangorlini, “As Colônias do Bairro Assunção”: São Bernardo do Campo, 1988.

O Bairro Assunção originou-se da Fazenda Jurubatuba, formada pelos monges beneditinos no século 18. No século 19, a área do bairro serviu à Linha Jurubatuba, ocupada a partir de 1877 por imigrantes europeus, com predominância italiana. A Linha Jurubatuba tinha 79 lotes. O nome Assunção foi dado ao bairro em 1957, para homenagear sua santa padroeira. Neste tempo, segunda metade do século 20, o Bairro Assunção mantinha traços coloniais e já era ocupado por famílias de todas as partes, imigrantes e migrantes, atraídos pelo parque industrial de São Bernardo que se robustecia.

A fazenda - Chamava-se Fazenda Jurubatuba. Pertenceu aos monges beneditinos e fez parte de um lote de três propriedades, juntamente com as Fazendas São Bernardo e São Caetano. E era a mais extensa:

Fazenda Jurubatuba:

33 quilômetros de perímetro;

Fazenda São Bernardo:

23 quilômetros;

Fazenda São Caetano:

14 quilômetros.

As propriedades foram herdadas pelos beneditinos no século 17 e ocupadas na primeira metade do século 18, destinando-se a atividades religiosas, agrícolas e industriais, com a produção de móveis, telhas e tijolos.

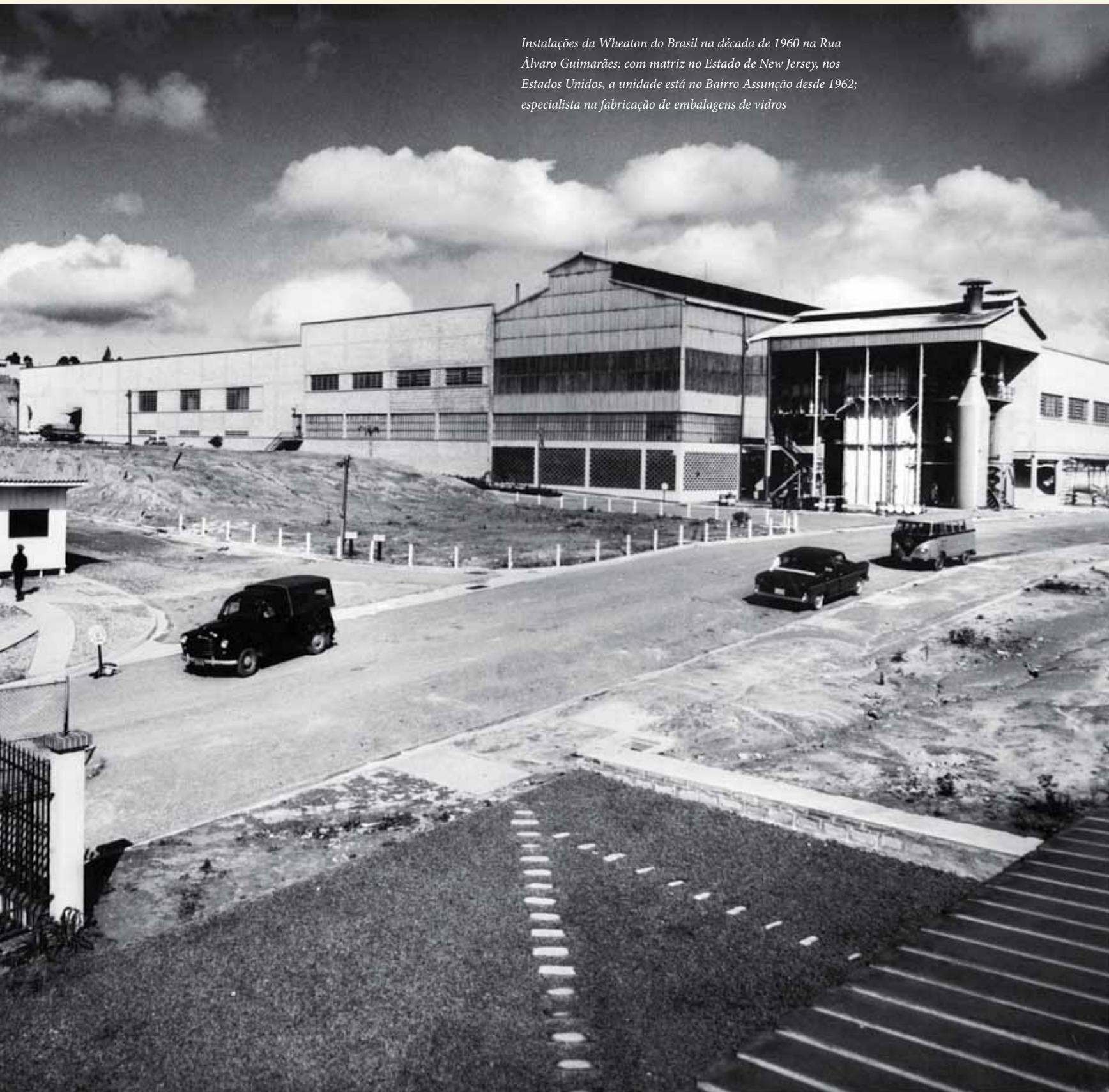
As três fazendas foram compradas pelo governo imperial no início da década de 1870, ao preço de 15:000\$ réis. A escritura de compra pela Fazenda Nacional data de 5-7-1877.

Segundo a escritura, a Fazenda Jurubatuba compreendia o seguinte espaço da antiga Freguesia de São Bernardo: “Principia da ponte de entrada da Freguesia de São Bernardo e segue pelo lado oposto pela estrada até o Ribeirão do Cavalheiro, chamado Jurubatuba, e por este até o córrego chamado de Maria Pessegueiro e por este acima até o rumo que vem dividindo com João





Instalações da Wheaton do Brasil na década de 1960 na Rua Álvaro Guimarães: com matriz no Estado de New Jersey, nos Estados Unidos, a unidade está no Bairro Assunção desde 1962; especialista na fabricação de embalagens de vidros





“Nas Colônias tudo era muito grande, muito deserto e muito silencioso. (...) se podia ouvir o apito dos trens que partiam da Estação de São Bernardo, no atual centro de Santo André, a cerca de 10 quilômetros de distância”.

Cf. Mario Stangolini, “As Colônias do Bairro Assunção”: São Bernardo do Campo, edição revisada e ampliada, 1997.

Pedroso do Espírito Santo, Antonio Silvestre, Francisco Xavier de Lima, Francisco Ribeiro de Godoy, Antonio Mariano Galvão Bueno, Joaquim José de Sant’Anna, até o Ribeirão da Ribeira, e por este abaixo até o ponto de onde partimos”.

Difícil precisar, à primeira vista, que referências eram aquelas. Fica bastante claro que os nomes eram de antigos brasileiros, os habitantes do lugar antes do início do processo migratório.

A Linha - Com a constituição da Linha Jurubatuba, em 1877, o

panorama étnico muda completamente. Os 79 lotes são vendidos pelo governo, em sua maioria, a imigrantes italianos, que vão tratar de tirar o sustento da terra, plantando, mexendo com lenha, produzindo carvão.

A Linha Jurubatuba, do Núcleo Colonial de São Bernardo, corresponderia aos atuais Bairros Assunção (**Região J**), Planalto (**Região D**), Vilas Dusi e Gonçalves (**Região E**) e Demarchi (**Região I**), o que dá um panorama do território da antiga Fazenda Jurubatuba.

Chegam as famílias Adamo, An-

gioletti, Barbatti, Bianchini, Bello, Bof, Bonicio, Boralli, Breda, Capitanio, Casa, Cestari, Costà, Dellabarba, Gambirasi, Genari, Marson, Medici, Moratti, Negri, Odorizzi, Oneda, Ortolani, Pedol, Pancelli, Pedo, Pigossi, Rocco, Sabatini, Sacilotto, Scopel, Stangorlini, Storti, Valério, Visentainer, Zardo e as outras todas, nomes que chegam, neste ano de 2012, às quinta e sexta gerações.

O sotaque italianado, cantado, a comida, as canções folclóricas das montanhas italianas, o gosto pela produção do vinho artesanal e a religiosidade são os pontos que vão marcar este novo contingente populacional numa Linha Jurubatuba que todos chamarão, simplesmente, Colônias.

A terra é cultivada, a mata é derubada, o sustento conseguido, em meio às novenas, trezenas, rezas, nas quermesses da capelinha mais antiga, em honra a Santo Antonio, no atual Bairro dos Casa (**Região L**).

O bairro - O nome Assunção é novo. Foi oficializado pela lei municipal nº 304, de 9-7-1957, uma homenagem à padroeira da igreja inaugurada em 1954.

O nome Assunção, para este bairro referência da **Região J**, tem história iniciada no começo do século 20 em outro ponto da cidade, à beira do Caminho do Mar, na Ponte Alta (**Região Q**), pouco antes da Linha Rio Grande, hoje Riacho Grande.

No início da década de 1950, o espaço hoje cortado pela Rua Santa Rita ainda era tipicamente rural e utilizado ao plantio de tomates
Crédito da foto: Acervo: Rita Ângela Zincaglia





Na Ponte Alta, a família Angeli dá hospedagem a um andarilho e nada cobra pelo leito e refeição. A retribuição vem em forma de um desenho, em dois sacos alvejados de farinha de trigo: a imagem de Nossa Senhora Assunção, escolhida pelo dono da casa, Luigi Angeli.

Para abrigar a tela, a família Angeli constrói uma capela, particular como tantas, e que precisa ser demolida, décadas depois, para a passagem da Via Anchieta. Os Angeli deixam Ponte Alta e vão para as Colônias. Levam a tela. Aos seus pés, os padres da Matriz da Boa Viagem passam a celebrar missas todos os domingos, na garagem de Cristiano Angeli, filho de Luigi. Até que, num jogo de bocha, surge a ideia de se construir uma igreja, a atual igreja matriz do Bairro Assunção, para a tela é levada.

Por causa da igreja, o nome do bairro. E a memória oral, principalmente, lembrando que antes do bairro era colônia e, antes da colônia, uma fazenda - a Fazenda Jurubatuba.

Lembranças

Trabalhadores das duas primeiras gerações de imigrantes labutavam na terra; os da terceira geração come-

çam a trabalhar nas fábricas, sem se esquecer dos tempos rurais. Caso de Agostinho Rocco: trabalhava em fábrica de móveis e levava batatas para

O insipiente comércio da década de 1950: em 1954, o armazém de secos e molhados de Ferri & Stangorlini; em 1958 o armazém de Fumio Ino
Acervo: Mario Stangorlini (em memória)
Acervo: Hilda Breda

Memória oficial

João Sabatini montou o primeiro bar do Assunção, com cancha de bocha. Foi nesta cancha que Cristiano Angeli revelou a ideia de construir a igreja do bairro.

1950 – Emilio Scantamburlo pede licença de funcionamento de armazém de secos e molhados à Rua das Palmeiras, s/n (cf. processo PMSBC 595/50).

A escolinha de duas classes, fundada no final dos anos 1950, ficava na Rua Jaborandi, em Vila Euro. Meninos e

meninas do bairro estudavam até o terceiro ano primário, transferindo-se para o Grupo Escolar Maria Iracema Munhoz para fazer o quarto ano e concluir o primário.

1948 – Luiz Casa pede alvará para construção de escola à Rua Jaborandy, s/n (cf. processo PMS-BC 132/48).

Nota – A escola foi construída na Vila Euro. Era chamada de “A escolinha do Luiz Casa”. Sobreviveu até a década de 1960, quando a Prefeitura construiu um grupo escolar na Vila Marchi.



Gustinho, as batata que eu levei ontem tavam bichadas.
Então são mais cara: você levou carne no meio...

serem vendidas entre os colegas.

Pelo menos até a primeira metade da década de 1950, o Bairro Assunção não possuía telefone. Mario Stangorlini, futuro historiador do bairro, escreveu duas vezes ao prefeito Lauro Gomes pedindo a interferência da Municipalidade para que o seu armazém de secos e molhados tivesse a instalação de um aparelho telefônico.

Stangorlini estava domiciliado à Rua dos Alvarengas, 165 C. Sua primeira carta data de 25-9-1953; a segunda, de 26-11-1954.

“(...) não possuimos na redon-

deza nenhum aparelho telefônico, o que muita falta faz a todos os moradores do hoje Bairro da Assunção”.

NOTA – A oficialização do nome Assunção, como se escreveu, viria apenas em 1957, mas Mario Stangorlini já defendia a ideia de se dar o nome Assunção ao bairro urbano que se desenhava.

Assunta Yagi, a parteira; Luiz Moratti, da Casa Moratti, o que era procurado para dar injeção nas crianças.

A barbearia do Sr. Carlos, o

açougue do Jacó Capitano, o bar do Beque, o depósito de bebidas de Otavio Secol, o velho caminhãozinho do Joanin Sacilotto...

As vias outrora agrícolas ganharam até semáforos, imaginem! Um equipamento nem em sonho imaginado ao tempo em que apenas Joanin Sacilotto passava com seu caminhãozinho Ford soltando fumaça entre as plantações de batatas e as granjas dos japoneses que também chegaram e partiram.

A feira livre chegou entre 1959 e 1960. Primeiro as barracas fo-

O alargamento do viaduto do quilômetro 22,5 exigiu a mobilização do povo e das autoridades, que foram até o governador Franco Montoro exigir a obra



Viaduto Luiz Martins de Oliveira

Viaduto Luiz Martins de Oliveira (Bahia 18-4-1920 – São Paulo 2-5-1985). Nome do viaduto do km 22,5 da Via Anchieta. Presidiu a SAB do Jardim Lavinia. Participou do esforço pelo alargamento do viaduto que leva o seu nome. Eu sua gestão à frente da SAB, trabalhou pela regularização dos lotes adquiridos pelas famílias do bairro, instalação de creche, instalação da quadra de esportes da Praça Pedro Marson.



ram armadas nos primeiros quarteirões da Rua Cristiano Angeli. Em seguida, a feira foi transferida para a Rua Jaborandi. Depois para a Avenida João Firmino e neste ano de 2012 está na Avenida Robert Kennedy, aos domingos.

E o progresso exigiu até mesmo o alargamento do viaduto do km 22,5 da Via Anchieta, que recebeu o nome de um migrante, Luiz Martins de Oliveira.

Transformação

Como colônias, os lotes que os imigrantes italianos compraram foram repassados de pai para filho ao longo do século 20 e hoje formam o

Bairro Assunção de inspiração na tela de Nossa Senhora.

Ao redor foram fincados loteamentos, com lotes menores, residenciais, adquiridos por operários, que foram erguendo suas casas.

Passam a morar nestes loteamentos os operários das fábricas, em especial os das montadoras de automóveis e suas subsidiárias.

A antiga Estrada dos Alvarengas, serpenteando, em direção ao bairro rural do Alvarenga e a Santo Amaro, guarda suas curvas aqui e ali, com outras denominações. Uma nova avenida foi rasgada no fundo do córrego que só recentemente ga-

nhou o nome de Assunção. Surge a Avenida João Firmino, inaugurada no início dos anos 1970 e que marca uma nova fase do bairro.

Sistema hídrico – Nascentes, fios d'água, riachos e ribeirões formam a **Região J**. A própria descrição dos limites da Fazenda Jurubatuba cita uma ponte da Vila (no caso referência ao Ribeirão dos Couros, hoje Ribeirão dos Meninos), mais o Ribeirão do Cavalheiro – também citado na **Região C** - (ou Jurubatuba) e o Córrego Maria Pessegueiro.

O Córrego Assunção já se cha-

Tipicamente residencial, a Região J possui, mesmo assim, algumas indústrias importantes, como a Scania



O Bairro Assunção em 2012: a caixa d'água da antiga Mercantil vista da Rua Cristino Angeli; e o armazém da família Pessotti transformado em bar da moda



mou Córrego das Palmeiras. Ele nasce na atual Praça Giovanni Breda, atravessa o miolo do Bairro Assunção (ao longo da João Firmino), cruza pelo viaduto do km 22,5 da Via Anchieta, segue pela Rua Joaquim Nabuco, atravessa o estacionamento da Coop para desaguar no Ribeirão dos Meninos.

Este córrego, em quase toda a sua extensão, está canalizado. Nos anos 1950 ainda servia para que mulheres lavassem roupas no seu leito.

Da Praça Giovanni Breda saem mais dois córregos: o dos Lima (que cruza o território da Scania) e também deságua no Ribeirão dos Meninos (parte dele corre a céu aberto junto à Rua Jurubatuba, no Centro) e o Córrego Jurubatuba (que segue ao longo da Avenida Robert Kennedy, um dos afluentes do Ribeirão dos Couros – o atual).

No extremo da **Região J**, o córrego que acompanha a Avenida Café Filho. Ali eram pescados camarões e pitus. Havia uma lagoa na várzea, visível, pelo menos, até a virada dos anos 1960 para 1970. “Tudo foi aterrado”, conta a escritora Valdira Alves de Lima, que residiu no Jardim Lavinia.

Urbanização – Não encontramos nos arquivos municipais referências às origens de várias vilas localizadas no Bairro Assunção: as Vilas Lúcia, Luiz Casa, Progressista, Marabá e Artuélia. Elas aparecem como abertas anteriormente à legislação inicial que regulamenta os loteamentos urbanos. Também são os casos do Sítio Stangorlini, no eixo da Rua das Palmeiras, hoje Rua Cristino Angeli, e o sítio de Vincenzo Zingaglia, no eixo da Rua Santa Rita.



Loteamentos da Região J

Cidade Miramar – 1945
 Vila Marchi – 1948
 Vila Euro – 1947
 Vila Beatriz – 1952
 Jardim Lavínia – 1953
 Jardim Via Anchieta – 1953
 Jardim Colonial – 1960
 Vila Flora – 1953
 Jardim Brasilândia – 1953
 Jardim Marina – 1954
 Parque São José – 1954
 Jardim das Palmeiras – 1961
 Vila Rosane – 1966
 Vila Marininha – 1968
 Vila Rica – 1968
 Conjunto Pompeba – 1971
 Vila Claraval – 1972
 Cj. Sesquicentenário – 1972
 Conjunto Silvina – 1973
 Conjunto Indaiá – 1974
 Conjunto Senador – 1975
 Cj. Nova Assunção – 1976
 Vila Sacilotto – 1977
 Conjunto Camboriu – 1978
 Cj. Córrego das Palmeiras – 1978
 Cj. Dona Leonor – 1978
 Cj. Vinte e Um de Abril – 1978
 Cj. Acaé – 1979
 Condomínio Itaparica – 1981
 Vila Verde – 1981

Nova Assunção

Pró-Mutirão Lavínia
 Assoc. Com. Jd. Anchieta
 Jardim Eliane
 Vila Simone
 Vila Claraval
 Cj. Res. Nova Assunção
 Jardim Jurubatuba
 Cj. Res. Amazonas
 Chácara NS Aparecida

Anteriores à legislação
 Vila Lúcia
 Vila Luiz Casa
 Vila Progressista
 Vila Marabá
 Vila Artuélia

Lotes coloniais não divididos entre herdeiros dos imigrantes italianos foram sendo adquiridos por imobiliárias de São Paulo, que iniciaram os primeiros loteamentos.

Vila Luiz Casa – Propriedade de Luiz Casa, nascido na Linha Jurubatuba.

Vila Lúcia – Propriedade de Vincenzo Zincaglia, imigrante italiano que antes de se estabelecer em São Bernardo viveu nos Estados Unidos. Por isso era chamado de Vicente Americano.

Cidade Miramar – Propriedade de Salvador Marchi.

Vila Marchi – Loteamento do Banco F. Munhoz. As vendas dos primeiros lotes de terrenos fracassaram, pela dificuldade de acesso. Em 1959, com a abertura da Rua Assunção, os lotes começaram a ser negociados com maior facilidade.

Uma referência: a SAB de Vila Marchi, fundada em 16-3-1960.
 Famílias antigas: Zanata, Tolotti, Fregel, Marson, Guerreschi, Valin, Viside, Roduca.
 Primeiro comerciante: Elias Jorge, que montou bar e armazém.
 Primeiro presidente da SAB: Roque Dias Valin.

Chegada da energia elétrica: 1956.

Vilas Euro e Progressista – Propriedades do Dr. Euro de Vale Nogueira.

Jardim Via Anchieta

Trata-se da antiga Vila Progressista, esta sem registros oficiais. Foi loteado por Maria Aparecida Alves Franco em área contígua aos terrenos da Vila Euro. E traz uma indicação interessante: os fundos do loteamento embicavam para a antiga estrada que vai a Piraporinha. No total, 89.293,55 m2, com 206 lotes.

Jardim Lavínia – Loteamento de Alcides Martins Queiroga, que possuía chácara na área e depois mudou para São Vicente.

Há uma dúvida acerca da origem do nome Lavínia: uma homenagem à esposa do prefeito Lauro Gomes, Lavínia Rudge Ramos, ou à esposa do loteador, Lavínia Queiroga.

Uma referência: Avenida Capitão Casa, antiga Estrada do Portão do Tiro. Possuía um portão, próximo à chácara do loteador.

Dona Afra Alves de Sant'Ana. Reside no Lavínia desde 1957.
 Dona Noêmia Maria da Conceição. Chegou ao Lavínia em 1958. Ali seus filhos criaram a empresa de ônibus Cate-Rose, a princípio com um único veículo.



Tela de Nossa Senhora Assunção. Pintada na Ponte Alta - adiante da Vila São José e Jardim Silvina - e trazida à Linha Jurubatuba pela família de Cristiano Angeli; origem do nome do bairro. Foto: Abel Azevedo Ferreira/PMSBC



Clube do Mesc nos anos 70: um clube de campo na Avenida Robert Kennedy. Foto: Geraldo Gonçalves/PMSBC

Escola na SAB

Depoimento: Iraci Santana Pereira e Valdira Alves de Lima, irmãs

1 — Quando chegamos, o Jardim Lavinia era um loteamento novo. Havia muito barro. Um deserto. Não tinha condução nem luz. Alguns barraquinhos começavam a surgir.

2 — Nosso terreno era maior, com 300 metros e uma casa de madeira muito gostosa e bonita nos fundos, com um belo poço com bomba para a retirada de água. O terreno foi cortado com a passagem da Avenida Café Filho. Perdemos 110 metros.

3 - O Bairro Assunção também estava nascendo, assim o nosso contato maior era com o Centro. Seguíamos a pé as compras no armazém do Carlos Horita, na Rua Marechal Deodoro.

4 - O Grupo Escolar do Jardim Lavinia funcionava na sede da SAB do bairro, com duas classes de madeira em cinza. Só a sala da diretoria era de tijolos.

Jardim Brasilândia – Propriedade de Bortolo Basso, Ivao Ito, Nino José Masini, Salvador Marchi e Eduardo Speglick.

Sua localização indica que ficava à margem da estrada que ligava a

Rua das Palmeiras (hoje Cristiano Angeli) com o polígono do Tiro de Guerra – no caso, a atual Avenida Robert Kennedy.

Quando da abertura do loteamento, a área era ainda rural e exigiu obras de terraplenagem devido à sua forma acidentada. O processo de aprovação arrastou-se por mais de 10 anos, devido à erosão dos lotes.

No total, 425 lotes, com 10 metros de testada e 250 m².

Jardim das Palmeiras

São 180 lotes distribuídos em três quadras centrais e seis quadras laterais. O ponto referencial é a



Nasce o Novo Assunção, com conjuntos habitacionais e experiência comunitária

Rua Cristiano Angeli, a antiga Rua das Palmeiras, que empresta o nome ao loteamento. O financiamento coube à Volkswagen. Desde o início da sua atuação em São Bernardo, em 1957, uma das preocupações maiores da Volks era com a falta de mão-de-obra. Daí a abertura do loteamento destinado aos seus trabalhadores. No Jardim das Palmeiras a montadora investiu 24 milhões de cruzeiros, colocados à disposição da Cooperativa dos Empregados da Volkswagen do Brasil.

Fazenda, linha colonial, loteamentos e... o Novo Assunção, com os conjuntos habitacionais e condomínios, que chegaram a partir dos anos 1980, e até mesmo a experiência comunitária representada pela Associação Comunitária Jardim Anchieta e Pró-Mutirão do Jardim Lavinia.

Na verdade, pelo menos duas fileiras de casas populares foram construídas na década de 1950 na parte central do Bairro Assunção. Uma delas na Estrada dos Alvarengas, com fundos para o Córrego das Palmeiras – hoje trecho da Avenida João Firmino. Estas casas dão espaço ao comércio do bairro.

A outra fileira de casas resiste, a partir do antigo nº 169 da mesma Estrada dos Alvarengas, construída a partir de 1953 por Cristiano Angeli na então Rua Particular, s/nº.

À época, Newton Barbosa escreveu: “Não se trata de loteamento, mas de uma passagem de servidão para dar acesso a propriedades do antigo Núcleo Colonial, proprieda-

des dessas de terceiros”. O topógrafo realça: “Estrada dos Alvarengas, antiga Linha Jurubatuba” (cf. processo PMSBC 320/53).

Três Corredores

Depoimento: Antonio Lemos

O bairro cresceu, crescemos juntos. Hoje já não há espaço para crescimento horizontal, só vertical. Casas antigas estão sendo demolidas para a construção de dois sobrados novos. Nos terrenos maiores são construídos edifícios.

A parte industrial é reservada para o Bairro Cooperativa.

Duas novas vias demarcam o Assunção (expandido): de um lado, a Café Filho, de outro, a José Odorizzi.

Antonio Lemos fez carreira na Volkswagen. No início dos anos 1980, decide atuar por conta própria e abre uma nova imobiliária e administradora no Assunção, ao lado da esposa Zuleica.

Com a João Firmino, formam-se os três corredores do futuro que virá.

Marco Histórico

A Praça Giovanni Breda simboliza a existência da Fazenda Jurubatuba, dos monges beneditinos, ocupada por eles e por seus trabalhadores, inclusive negros e índios escravizados, a partir do século 18. Já no século 19 vieram os imigrantes italianos e de outras nacionalidades, que cultivaram a terra para desenvolver o cinturão verde da cidade. A partir do século 20, juntam-se aos imigrantes os irmãos brasileiros de tantas paragens, que participaram da formação do parque industrial de São Bernardo do Campo.

A todos, os antigos e novos, brasileiros e estrangeiros, livres e escravos, religiosos e leigos, rende a Administração Pública de São Bernardo do Campo a sua homenagem e o seu reconhecimento.

Prefeito Saladino visita a Linha Jurubatuba em 1926. É recebido pelas famílias reunidas na colônia dos Breda. Ali ficava a sede do Vinte de Setembro FC. Hoje é a Praça Giovanni Breda, que as novas gerações também chamam de Área Verde. Coleção: Museu de Santo André





Governador Franco Montoro recebe comitiva de São Bernardo: em pauta, o alargamento do viaduto do Bairro Assunção.

Acervo: Antonio Lemos



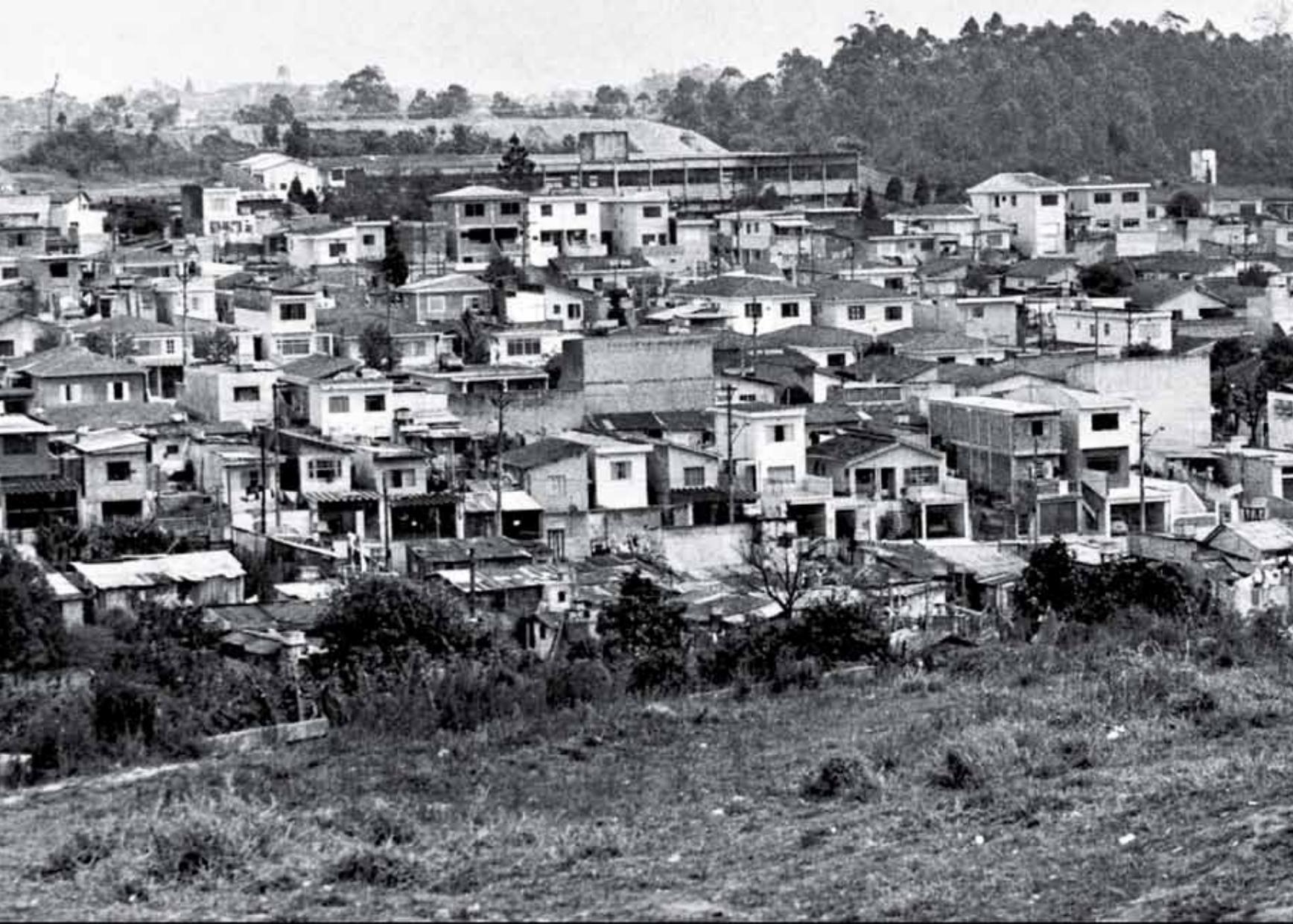
No final da década de 1950, adolescentes participam de competição de planadores do Clube King de Aerodelismo. Local: espaço livre de Vila Euro hoje ocupado pela Scania. A partir da esquerda: Clovis Pelosini (com a mão na cabeça), Waldomiro Pelosini (o Tuta – atrás), Ghunter, Ernesto Bassoli e Luiz Carlos Mancuso (o Peco). Acervo: Clovis Pelosini



Jardim Brasilândia e a pequena Rosa Veloso Acervo: Álbum familiar



Rua Francisco Visentainer, uma das artérias que conduz ao Parque dos Pássaros e que homenagem, no nome, antigo imigrante das colônias locais. Na foto, Maria Regina Veloso, que reside na via até hoje. Acervo: Álbum familiar



*Jardim Nazareth em 1985: loteamento residencial assentado
em trecho da Linha Colonial Camargo*

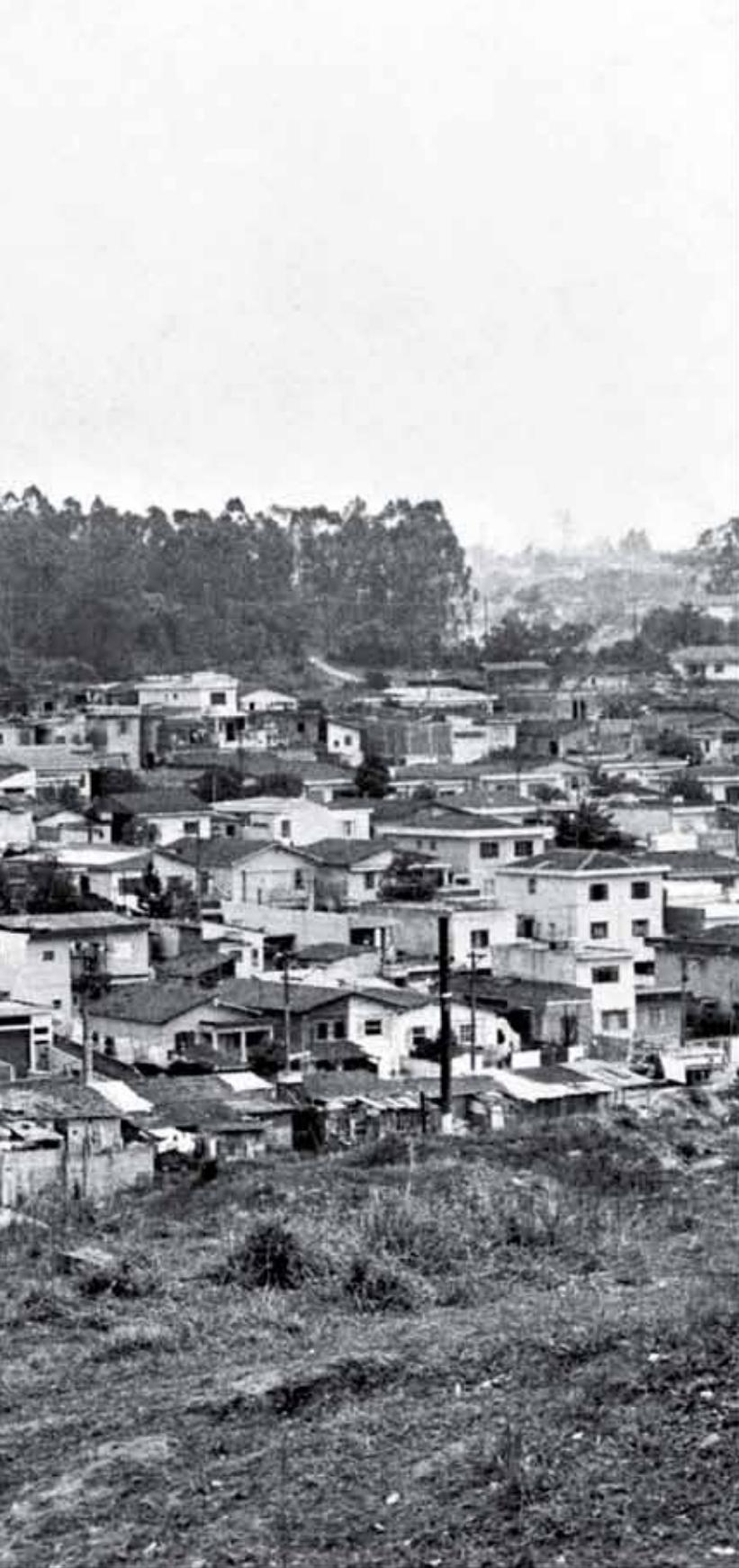


Foto: Mario Ishimoto

COOPERATIVA/ ALVES DIAS

Vl. Alves Dias, Cooperativa, Jd. Clarice, Vl. Sonia Maria, Fei-Mizuho, Vl. Ferreira, Jd. Esmeralda, Pq. Neide, Conj. Hab. Jd. Imperador, Conj. Hab. Felipe Audi, Jd. Continental, Jd. Santa Maria, Vl. Roberta, Vl. Kiko, Jd. Nazareth, Jd. Belita, Vl. Rosa Cruz, Vl. Soares, Jd. Santa, Jd. Uenoyama, Cond. Res. Nova Assunção, CAISB II, Vl. Nova Antunes, Jd. Satélite, Jd. Belas Artes, CAISB I, Granja Ito

Região

K



No eixo da Avenida Castelo Branco, a velha Linha Camargo

“Orestes Lopes de Abreu, Eufrásio dos Santos, João Bananeira, seo Aparecido (pai do Fumaça), seo Anísio (pai do Bebeto). Em termos urbanos, se podemos dizer assim, foram essas famílias que fundaram a região do Alves Dias, a partir do Parque Neide, no final da década de 1940”.

DGABC, 14-12-1980: da série A história dos bairros.

Origens Históricas

Nos primórdios da colonização de São Bernardo, este espaço geográfico de São Bernardo pertenceu à Fazenda Jurubatuba, dos monges beneditinos, que começou a ser formada no início do século 18 – contemporânea a uma segunda fazenda, a “São Bernardo”, origem da

*Passagem
do Córrego
Camargo.*

bicentenária Freguesia (e hoje Município) de São Bernardo.

Foi na Fazenda Jurubatuba que o governo imperial abriu a Linha Camargo, em 1887, com 33 lotes, destinados aos imigrantes trazidos da Europa, em especial da Itália. Entre essas famílias estava a Rocco, originária de Bergamo.

Vizinhas à Linha Camargo espalhavam-se as terras de Antonio Manoel Pedroso, também conhecido por Antonio Monteiro, falecido em 1926.

Pedroso e/ou Monteiro era grande proprietário na região, a partir de Piraporinha, hoje bairro de Diadema. Suas terras se perdiam na imensidão de morros, matas e pastos. Os descendentes venderam as propriedades, por onde hoje se espalham inúmeros loteamentos urbanos, inclusive os desta Região K.

Entre os que adquiriram terras dos Pedroso e/ou Monteiro está

a família Butrico, de Nicolau Butrico, adquirente do Sítio Feital. Tanto os Butrico como os Pedroso e/ou Monteiro não preservaram suas propriedades, a um tempo – o tempo da São Bernardo rural – em que as terras locais, hoje tão valorizadas – não tinham o valor de revenda – a plantação e a produção de tijolos, lenha e carvão tinham valores maiores.

A Linha Camargo, hoje, é representada pela Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, que interliga a Praça Giovanni Breda (Região J – Assunção) a Piraporinha.

Chegam os Italianos

Criado o Núcleo Colonial de São Bernardo, em 1877, formaram-se as várias linhas. Uma das primeiras foi a Jurubatuba, ocupada a partir de 1878. Na sequência, surge a Linha Camargo (1887), com os vários sítios cujo ponto referencial hoje apontado é o da localização



*Jardim Continental.
De volta a 1973,
ruas de terra e
aspectos ainda bem
rurais.*





A Região K – da FEI (Faculdade de Engenharia Industrial) à Região D, do Bairro Independência, seguindo por extensa divisa da cidade com Diamema, ao longo do Ribeirão dos Couros - permite um passeio por várias São Bernardo: a São Bernardo colonial dos monges beneditinos, a São Bernardo dos antigos brasileiros, das famílias Pedroso e Monteiro, a São Bernardo dos imigrantes italianos que colonizaram a Linha Camargo, a São Bernardo rural que assistiu à chegada de imigrantes japoneses e que se dedicaram a várias atividades, da agrícola à oleira; e a São Bernardo urbana, inaugurada pelo Parque Neide, em 1952.

do campus da FEI, outrora Recanto Santo Olímpica, num dos extremos atuais da Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco.

Famílias italianas, principalmente, foram ocupando os sítios ou lotes coloniais. E entre as famílias que há quase 130 anos chegaram, fincaram raízes as seguintes: Rocco, com três lotes entre a FEI e a atual Vila Alves Dias, Valeri ou Valério (com lote hoje substituído pelo Jardim Esmeralda). Depois, os lotes dos Bonicio, Secol, Sacilotto e Dellabar-

ba, na altura da atual Vila Ferreira e do Lar Emmanuel. Por fim, em direção a Piraporinha, completando esta Região K e a Região D, as terras que não fizeram parte do Núcleo Colonial e que pertenciam aos antigos do hoje Município de Diamema, entre os quais os Pedroso e/ou Monteiro.

Entrevistamos, em 1980, Antonio Rocco, então com 75 anos – ele que nasceu em 1905, na Linha Camargo. À época, Sr. Antonio residia no Centro e há anos não visitava as ter-

ras que foram colônias de seus pais e avós. Estava desgostoso.

Até o clima mudou

Depoimento: Antonio Rocco

A última vez que atravessei o viaduto do Bairro Assunção, há 5, 10 ou 15 anos, foi um fracasso. Na metade do caminho, preferi dar meia volta e retornar para casa. Destruíram tudo.

Na Linha Camargo eram plantadas verduras e árvores de fruta, existiam muitos passarinhos. E o clima era especial, todo certinho: geava no tempo certo, de maio a julho, quando fazia muito frio. Em agosto era tempo de plantar e soltar os burros, que corriam pelos pastos para se esquentar. De novembro a março c hovia bastante.

As flores de laranjeiras só sobraram na minha lembrança. Ainda sinto nos lábios o gosto puro das mexericas, dos limões de casca vermelha, dos limões-cravos que não existem mais. O progresso acabou com tudo, até com o bom clima.

NOTA – Confirmando a lista dos imigrantes italianos da Linha Camargo, vizinhos aos Rocco, Sr. Antonio nos contou que as terras próximas às dos seus ancestrais foram coloni-

1957. Rua Reverendo Paulo Licio Rizzo nos anos 60 ainda de terra, sem calçada, quando da chegada da iluminação em domicílio. Constroem-se as primeiras casas. De chapéu, o Sr. Euclides. Acervo: Aguinaldo Severino





Família Nakano: a migração de São Paulo para São Bernardo e a fixação por gerações no Bairro Cooperativa. Acervo: Álbum familiar

zadas pelos Valeri e (ou Valerio) e Dellabarba. E também pelos Boralli.

Chegam os Japoneses

O Bairro Cooperativa fazia parte da Linha Camargo. O espaço se transformou no bairro oriental de São Bernardo, preservando seu feitiço rural, em 1935, quando da chegada das primeiras famílias japonesas.

Organizados em cooperativa, os japoneses labutaram na terra, introduziram a avicultura, produziram até cogumelos. E trouxeram costumes que a cidade foi absorvendo, como a festa poliesportiva Undokai do Bairro Mizuho – Mizuho, que significa Abundância.

Quando a indústria chega, e transforma, o Mizuho semeia um

tratado internacional: São Bernardo torna-se Cidade Irmã de Tokuyama. O ano: 1974.

Notícias do Mizuho Os pioneiros

– Famílias que chegaram em 1935: Riuchi Matsumoto, Kiyoji Inoue, Toshio Tamai, Gumppei Ito, Fukutaro Ida, Ichimitsu Shintomi, Yoshiharu Adachi, Hidekichi Suga, Kogen Takagi e Katsuo Sasaki.

Riuchi Matsumoto foi considerado o “prefeito” ou o “embaixador” do Mizuho, pela sua vivacidade, camaradagem e facilidade de comunicar-se em todas as esferas, municipais e internacionais.

Origem - A gleba adquirida pelos pioneiros media 60 alquei-

res, pertencentes Ângelo Boralli, imigrante italiano, que aí plantava vinha, chá, hortaliças e fabricava vinho para o seu consumo. Utilizava somente uma pequena parcela da propriedade.

Coletivismo – Na divisão das terras adquiridas, os japoneses reservaram um alqueire para uso comum. Ao centro, um pátio arredondado que ainda existe para práticas esportivas e de lazer; ao redor, escola, igreja, salão e quadras esportivas, preservadas também.

Atividades – Pela ordem, os japoneses do Mizuho dedicaram-se, ao longo dos anos, aos seguintes trabalhos de subsistência:



1 – Extração vegetal para a produção e venda de carvão, atividade já desenvolvida pelos imigrantes italianos e antigos brasileiros.

2 – Plantação de tomate e hortaliças para venda e consumo próprio. Cultivo de limão, uva, pêssego, ameixa, nêspera.

3 – Plantação de eucaliptos, castanha, ponkan e cultivo de cogumelos.

4 – Avicultura (a partir de 1942). A atividade ganha importância a partir dos anos 1950. Alcança o auge nos anos 1960, quando chegaram a existir 57 granjas, para chegar ao fim nos anos 1980 – em 1986 eram apenas sete granjas.

A guerra - A Colônia Mizuho, por estar localizada próxima à Represa Billings, foi considerada área de segurança nacional e também por estar entre Santos e São Paulo sofreu várias investidas e tentativas de desalojamento dos moradores pelos oficiais do Departamento da Ordem Política e Social (DOPS).

Urbanização – A configuração rural do bairro manteve-se até os anos 1970. Até então o destaque era para a atividade dos japoneses pioneiros e seus descendentes. A Cooperativa Mizuho lidava com aves, ovos, frutas, hortaliças e legumes. A transformação deste espaço rural deu origem a vários loteamentos populares.

Industrialização - O Bairro Cooperativa integra o Parque Industrial dos Imigrantes, juntamente com os Bairros Alves Dias, Alvarenga (parte) e Batistini (parte). O PII foi estruturado em 1974.

Estudo acadêmico - Professora Utako Fujino Kariya desenvolveu uma dissertação de mestrado sobre a Colônia Mizuho com o nome de “Mizuho: uma colônia de imigrantes japoneses em processo de urbanização”, com orientação da professora doutora Wanda Silveira Navarra: Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, área de Geografia Humana. São Paulo, 1986.

Gincana poliesportiva Undokai, a Colônia Mizuho: a integração entre japoneses e brasileiros. Arquivo: Associação Mizuho



Notas

Mola Propulsora

“A Colônia Mizuho deve à avicultura a sua expansão e seu progresso. Foi a avicultura a mola propulsora de seu desenvolvimento material, econômico e cultural. Este marco simboliza a eterna gratidão dos habitantes da colônia a todas as atividades relacionadas à avicultura”.

De uma inscrição, em japonês e português, na praça central do Bairro Cooperativa, a Praça Tokuyama

NOTA – A Lei de Proteção aos Mananciais, de 1975, regulamentada em 1976, inibe a expansão do Parque Industrial dos Imigrantes, entre os quilômetros 20 e 26 da Rodovia dos Imigrantes. Metade da área do Mizuho é incluída na área de mananciais. A parte livre passa a receber indústrias.

Intercâmbio – São Bernardo e Tokuyama tornam-se cidades-irmãs graças a acordo assinado em 23-4-1974 e 26-11-1974.

Tradição preservada – Os pioneiros partiram. Nisseis e sansseis mantêm a memória do Mizuho. A Associação Cultural de Mizuho existe, na prática, desde 1935. Foi declarada de utilidade pública em 1963. Celebra anual-



mente o aniversário da Cooperativa. Especialmente em 2-5-2010 a Associação festejou os 75 anos de sua fundação, tratados como um sonho dos antigos que deu certo e que chega às novas gerações.

Atividades – A Associação Cultural de Mizuho mantém atividades culturais e esportivas. O ensino da língua japonesa (nihongo-gakko) é preservado desde o início. E mais: caligrafia japonesa com pincel (shodô), pintura em tela, ginástica da saúde (kenko taissô), ginástica lian gong, tai chi chuan, dança artística japonesa (nihonbuyô), dança social (shako-dance), karaokê, tai-kô, gateball, futebol de salão.

Diretoria – A composição da atual diretoria, com os responsáveis pelas várias atividades, inclui nomes de várias gerações das famílias do Mizuho. Por ordem alfabética: Akiyama, Fujii, Fujimori, Fujinaga, Fujinkai, Hayashi, Hyodo, Inoue, Irie, Kabuki, Kinoshita, Kumamoto, Masanori, Matsumoto, Miyamoto, Nakahara, Nakata, Nukumizu, Onaga, Shimizu, Takashima, Tanaka, Toshiaki, Ueno e Yatate.

Sistema hídrico

Rio dos Couros ao longo da Estrada Eiki Kiknte Ribeirão Camargo fornecia areia. Havia um porto de areia no Jardim Brasilândia. E caulim.

No momento da divisão dos lotes da Colônia Mizuho, os fundadores tiveram como preocupação a passagem de pelo menos um córrego, dentro de cada propriedade, elemento importante para a agricultura.

“Nesse esgoto que passa lá embaixo (Ribeirão Camargo) era possível pescar; depois das chuvas se pegava muito cará” (Rinaldo Oliveira Silva, cuja família chegou à Vila Alves Dias em 1957; ele tinha 10 anos).

Urbanização

A Região K abrange os Bairros Alves Dias e Cooperativa. Sua formação urbana é a expansão, de um lado, da Região J (Assunção), de outro, da Região D (Planalto). Consumava-se a travessia da Via Anchieta, a partir do Centro, em direção a uma nova rodovia, a Imigrantes, construída na virada dos anos 1960 para 1970.

Os loteamentos começam a ser implementados quando toda a área era rural., com atividades agrícolas e extrativas. Nas partes alagadiças existiam olarias. Uma delas localizada no espaço hoje ocupado pela Lar Emanuel, na Avenida Castelo Branco.

Professora Utako Fujino Kariya, em sua dissertação de mestrado, relaciona seis leis e decretos que determinaram a transformação do rural em urbano de toda a área:

. Lei municipal 2093, de 18-12-1973 – Destina a área do Muni-

cípio entre a Via Anchieta e a Rodovia dos Imigrantes, delimitada, de um lado, pelos Municípios de Diadema e São Paulo e, de outro, pela Billings, prioritariamente ao desenvolvimento urbano.

. Decreto municipal 3772, de 12-2-1974 – Regulamenta a lei anterior.

. Decreto municipal 3985, de 28-8-1974 – Aprova o Plano de Urbanização do Parque Industrial dos Imigrantes. Localização: entre os km 20 e 26 da Rodovia dos Imigrantes; área: 16,5 milhões de m² junto à represa.

. Lei estadual 898 de 18-12-1975 – Disciplina o uso do solo para a proteção dos mananciais, cursos e reservatórios de água.

. Lei estadual 1172, de 17-11-1976 – Delimita as áreas de proteção.

. Lei municipal 2435, de 30-12-1980, inclui a Colônia Mizuho dentro do perímetro urbano.

“Esse foi o golpe de misericórdia do governo municipal contra muitos proprietários que ainda pretendiam continuar vivendo na Colônia, frequentando as associações e mantendo intacta a vida de relações do Mizuho. Com essa lei, o Estado (na figura do executivo municipal) colocou em funcionamento um dos dispositivos mais

Evolução industrial do Cooperativa

1975 = Toshiba adquire extensa área no Mizuho

Jacuzzi do Brasil adquire 35 mil m²

1978 = 7 indústrias

1984 = 18 indústrias, das quais 25,9% do mobiliário.

2005 = 258 empresas, 100 delas industriais



Alves Dias Cooperativa

Parque Neide - 1952
 Vila Alzira - 1952
 Vila Sonia Maria - 1953
 Granja Ito - 1965
 Vila Ferreira - 1954
 Jardim Uenoyama - 1969
 Vila Alves Dias - 1955
 Vila Santa - Anos 1970
 Jardim Santa Maria - 1956
 Vila Kiko - Anos 1970
 Jardim Clarice - 1956
 Vila Soares - 1993
 Jardim Continental - 1956
 Jardim Três Marias
 Jardim Esmeralda - 1958
 Vila Rosa Cruz - 1958
 Jardim Nazareth - 1960
 Jardim Belita - 1960
 Vila Roberta - 1979

Dois momentos das
vizinhas Praças Jura-
ci Ferreira Campos e
Manoel Lopes Canos,
no entroncamento da
Avenida Humberto
de Alencar Castelo
Branco com Estrada
da Cooperativa:
1976 e 1980

eficazes – os altos impostos imobiliários – para controlar o uso da terra e para um desejável desenvolvimento urbano” (professora Utako).

Parque Neide – Começou a ser formado no final da década de 1940, quando recebeu os primeiros moradores, entre os quais Orestes Lopes de Abreu, que teve 24 filhos. Em 1980 entrevistamos um dos filhos do Sr. Orestes, Orestes Ferreira Lopes, o Didi, que foi o primeiro presidente do Corinthians local, fundado em 1963.

“Quase não existiam casas. Existiam muitas áreas de verduras dos japoneses do Mizuho. Tudo por aqui era chamado de Linha Camargo. Não havia loteamentos. O espaço hoje ocupado pelo Parque Neide era ocupado de canteiros de verduras da família Grotti, mesclado com um pouco de mato e capoeira” (Didi).

Este panorama seguia as áreas da Linha Camargo, a atual Castelo Bran-

co, então uma estradinha estreita, só usada por carroças. A Rua Cristiano Angeli nem chegava ao bairro.

O primeiro serviço do Sr. Orestes (pai) foi o de arrancar tocos da terra para a formação de hortas. Depois fez parte da equipe de Mauro Saldanha, o loteador do Parque Neide. O processo deu entrada na Prefeitura em 1952 e foi aprovado em 1961.

Vila Sonia Maria Vizinha ao Parque Neide.

Vila Alves Dias – Antes de ser aberta, a área era tomada de eucaliptos, a exemplo do vizinho Jardim Esmeralda. Sr. Arthur, dono do Haras Artuélia, mantinha uma criação de gado. Antonio Alves Dias foi o loteador. A imobiliária ficava em São Caetano e mantinha um escritório na Praça Lauro Gomes.

O operador de máquinas Antonio Bispo Nobre, que trabalhava na Volkswagen, quis comprar um lote na Alves Dias. Não conseguiu. Esta-





vam todos vendidos em 1961. Admitido na Volks em 1960, comprou um lote de segunda mão do amigo de firma, Isauro Francisco de Souza, e terminou de pagar as prestações. A casa foi construída aos poucos. Só foi ocupada em 1963.

Jardim Esmeralda – Separado da Vila Alves Dias pela Estrada da Cooperativa. O loteamento foi aberto por Nicola Pardelli e divide-se da Vila Alves Dias pela Estrada da Cooperativa.

A família Lopes chegou ao Jardim Esmeralda em 1966. No ano seguinte inaugurou o depósito de material de construção Irmãos Lopes, que existe até hoje.

Manoel Lopes Cano Filho conta que em 1967 foi asfaltada a atual Castelo Branco e, em 1968, a Estrada da Cooperativa, que recebeu mais de 30 centímetros de base de pedras. As demais vias ganharam paralelepípedos.

Vila Ferreira – Loteada por Antonio Ferreira no antigo lote colonial da família Dellabarba. Teve vários proprietários e deu origem à primeira favela da Região K, hoje em processo de urbanização e regularização.

Parque das Árvores – Figura entre os pontos novos da geografia urbana de São Bernardo. A referência coletiva mais visível é a capela Nossa Senhora das Graças, da Rua Jatobá, que faz parte da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, do bairro Alves Dias.

Do rural ao urbano

*Depoimento: professor
Rubens José Gama*

Notícias

** Pela sua localização, entre o pioneiro Parque Neide e a Estrada da Cooperativa, ao longo da Avenida Humberto de Alencar Castelo Branco, e pelo seu desenvolvimento primeiro, Vila Alves Dias tornou-se a principal referência da Região K. Seu nome é emprestado ao bairro.*

** Em 1957 chegava o primeiro ônibus: a linha Centro a Piraporinha, passando pela Linha Camargo.*

** Nos anos 1960 ainda havia árvores frutíferas do tempo das Colônias à beira da Linha Camargo e da Estrada da Cooperativa.*

** Nos anos 1960, durante alguns anos, peruas Kombis faziam o trajeto Centro – Alves Dias. Era a Circular Gasocar, com ponto final na Cristiano Angeli.*

** Também nos anos 1960, o único telefone pertencia ao Elpídio Carapicho. O nascente comércio, se quisesse ter telefone próprio, tinha que puxar fio desde a Colônia dos Vinte, hoje Área Verde ou Praça Giovanni Breda.*

Vila Rosa Cruz – Loteada por Antonio Calderelli.

Jardim Continental – Aprovado em 1970. A Urbanizadora Continental inaugura uma nova era habitacional na região e providencia intensa campanha publicitária pela televisão, rádio e grandes placas coloridas que especificavam: “Financiado pelo BNH”.

Rubens José Gama e Darci Gama, casal de professores, chegou ao Jardim Continental em 1974: 4 de maio.

1. Em 1974 o comércio do bairro tinha um único empório, onde existia o único telefone, que atendia ao bairro todo. O proprietário, Sr. Washington, costumava dizer: “Quem não compra aqui não vai usar o meu telefone”.

2. A Avenida 1, hoje Avenida Juscelino Kubitschek, estava sendo aberta. Nós somos o segundo ou terceiro a entrar na rua, com habite-se. Na frente de casa existiam

hortas, de uma antiga plantação de pês. Região tipicamente rural.

3. As ruas eram conhecidas por números. A Rua Mario Barreto era a Rua 4. A Avenida Plínio Barreto era a Avenida Marginal. As primeiras casas foram vendidas nessas ruas. Nós, que viemos depois, compramos as casas mais para baixo, junto ao Ribeirão dos Couros.

4. A urbanização começa na metade dos anos 80: 1985, 1986... É quan-



3

*As mesmas Praças
Juraci Ferreira Cam-
pos e Manoel Lopes
Canos: referência no
Bairro Alves Dias*

do se constrói uma ponte sobre o rio, que é retificado, é aberta a primeira praça, chega o asfalto. Nossa rua constava como asfaltada. Não era . Lutamos por muitos anos para convencer a Prefeitura a asfaltar. Primeiro veio o salgadão, que não durou nem meses; depois, o asfalto, o que exigiu profunda mobilização.

5. A Avenida JK é bem larga. Havia um projeto de uma linha férrea, um anel que interligaria São Bernardo com Santo Amaro e o Litoral. Projeto não saiu do papel.

Festa junina – Durante vários anos os moradores do Continental realizaram uma festa junina comunitária, na rua, a céu

aberto, ideia da professora Darci. Armava-se uma fogueira, a rua era enfeitada com bandeirinhas. Ensaivava-se a quadrilha. Muita música, muita comida típica e quentão de pinga e de vinho.

Jardim Santa Maria – Claudedir dos Santos Lemos, menino ainda, chega ao Jardim Santa Maria, com a família, em 1969, numa época de transformação profunda do loteamento. O bairro tinha barracos como residência, em número reduzido, granjas tocadas por japoneses e olarias em fase de desativação.

A atual Avenida Juscelino Kubitschek tinha dois barracos pequenos. A luz vinha emprestada

da Rua Nossa Senhora de Fátima. Água só de poço. Ao longo do Ribeirão dos Couros, brejos, taboas. Ali ainda se caçava rã e preá. Havia muitas cobras.

Estudava-se no Grupo Escolar do Jardim Nazareth, formado por duas salas de madeira, ao lado do campo de futebol. A terra era preta. Os aterros chegaram e transformaram a terra em vermelha, que os moradores usavam para adubar plantas.

Subsistência

Depoimento: Claudedir dos Santos Lemos

1. A gente plantava couve, verdura, pra vender em bacia nas casas do Jardim Continental. No Con-



tinental morava o pessoal de mais posse, em casas de alvenaria. Nos outros loteamentos, barracos de madeira. Demoraria alguns anos mais para que os barracos fossem substituídos por casas de alvenaria.

2. Havia dois campos de futebol: no final da Santa Maria e o campo oficial, no Jardim Nazareth.

3. Em todo o Nazareth, um único bar, o Bar do Pimenta.

4. Dona Maria era a presidente da associação de moradores. Era ela que corria atrás de tudo, cuidando dos interesses da comunidade.

5. E os personagens: José Verdureiro, Maria Rezadeira, Sr. Antonio, Sr. Neivi, Dona Marili. O Tição. Ele me salvou a vida, livrando-me de um cachorro louco que me atacou numa manhã em que eu ia buscar leite e pão.

6. E a tragédia: na esquina da Nossa Senhora de Fátima morava, num barraquinho, a família mais pobre. Uma menina, Sonia, foi pra escola. A mãe saiu, deixou a casa com duas ou três crianças. E a lamparina acesa. Pegou fogo no barraco. Uma das crianças morreu queimada. Foi a primeira vez que eu vi o Corpo de Bombeiros em ação. Jogavam água pra caramba. A mulher gritando, querendo entrar no barraco. Não deixaram. Eu tinha oito anos. Era 1970.

Jardim Uenoyama – Regularizado em 1984. Contíguo às Vilas Santa e Alzira. Área urbanizada em espaço outrora ocupado por granjas e plantações.

Testemunhos

. *Maria Silvolandi Silva Santos. Reside desde 26-10-2010 à Rua Beta Dragone, bloco 6, apartamento 13. Veio de um barraco na Divinéia atingido pelas enchentes. Perdeu tudo. Montou o primeiro comércio do Três Marias: uma banca de revistas.*

. *Jordélio Souza Alves. Veio do Jardim Ipê para residir no bloco 11, apartamento 14. De manhã treina fisicamente para provas de maratona. Já participou de quase 300 corridas. Obteve o sexto lugar na Maratona de São Paulo. Das 14h às 22 é líder de equipe na Wheaton.*

. *Juraci Ferreira Campos, nome de praça na Avenida Castelo Branco. Precursor da Igreja Católica na Região K.*

Patronos

. *Professor João Batista Bernardes (1926 – 1981), nome*

do antigo Grupo Escolar do Jardim Nazareth.

. *Fernando Cardoso da Silva (1947 – 1991), nome de praça pública no Jardim Continental. Biólogo e perseguido político.*

. *Manoel Lopes Cano, nome de praça no Jardim Esmeralda. Antigo comerciante.*

. *Giacomo Capitani, Giovanni Bof e Guilherme Lorenzoni, nomes de ruas na linha Parque Neide – Vila Alves Dias – Jardim Esmeralda. Antigos moradores das Linhas Carmargo e Jurubatuba.*

Vila Soares – Denise Dourado Viana preside da Comissão de Moradores da Vila Soares e do Clube de Leite. Vila Soares é formada por 286 residências entre casas e sobrados. A vila, urbanizada, substituiu uma das favelas do bairro, no Jardim Uenoyama.

A Prefeitura orientou a urbanização e os moradores, em mutirão, realizaram obras coletivas, como a da colocação da rede de esgoto. Era o início dos anos 1990.

As pessoas construíram. Formou-se um bairro, hoje com cartei-

ro, asfalto e em processo de regularização fundiária.

Três Marias – Antiga propriedade da família Ito, da Granja Ito. Conjunto habitacional de interesse social. Obras iniciadas em 2009.

No total, 1.236 moradias projetadas e entregues por etapas, a partir de 2010. São beneficiárias famílias retiradas de áreas de risco em núcleos como os do Jardim Ipê e Divinéia. Ao lado, a construção de um CEU.



Uma Colônia Centenária



2008. Colônia Mizuho se reúne para celebrar o centenário da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil, em 1908



Momentos da imigração japonesa ao Brasil, na disciplina do navio chegado ao Porto de Santos, e na festa do centenário da patriarca da Família Tujimori: tradição resgatada



Fundadores do Mizuho representados pelos chefes das famílias: uma história iniciada em 1935



1948 - Lideranças do Mizuho recebem autoridades municipais durante a realização da gincana undokai: novos costumes assimilados e compartilhados.



e preservada. Acervos: famílias Nakano e Fujimori



Final da Linha Colonial Jurubatuba em 1918: familiares dos Capitães vestem suas melhores roupas defronte à antiga casa, no atual Jardim Ipê

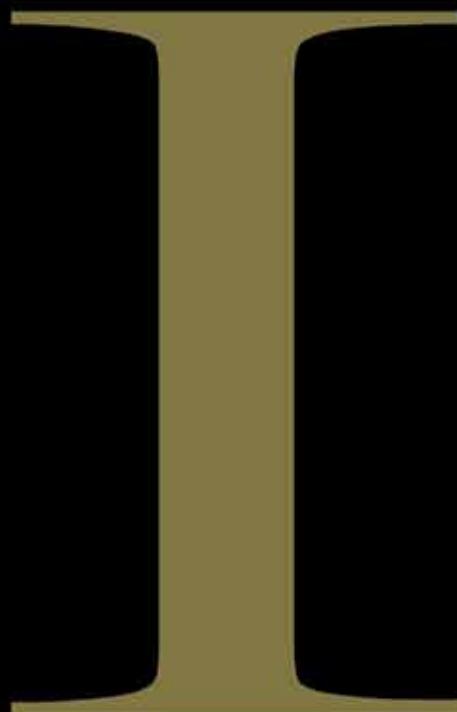


Acervo: Família Capitania

DOS CASA

Sítio dos Casa, Vl. Carminha,
Jd. Detroit, Conj. Res. Tania Maria,
Pq. Espacial, Vl. Cruzeiro,
Vl. Verde, Vl. Vitória I, II e III,
Jd. Cláudia, Nossa Terra,
Jd. Central, Jd. Ipanema,
Pq. Veneza, Jd. Novo Lar, Novo
Lago, Jd. Ipê, Jd. Pró-Terra Ipê,
Jd. das Oliveiras, Divinéia,
Jd. Castelo Branco, Pantanal I e II,
Pq. das Flores, Jd. União e Força,
Jd. do Lago, Jd. Alvorada, Núcleo
Santa Mônica, Sítio Bom Jesus

Região





Os primórdios de São Bernardo

O Lula na quermesse do Bairro dos Casa. Pernambucano, migrante, famoso, metalúrgico, numa festa que durante muito tempo foi uma festa de italianos. Os tempos mudaram. As comadres, descendentes de italianos, dão toda a ficha do Lula astro do telejornal. O Lula casado com a filha da Regineta. Tomando quentão e comendo pipoca. Barbudo. Conversando numa roda de amigos, longe da agitação das concentrações grevistas do Estádio da Vila Euclides, longe dos repórteres, à vontade, muito à vontade.

Cf. Ademir Medici, “São Bernardo, seus bairros, sua gente”, 1982, com reedição em 1984.

A Região L sintetiza três fases importantes da vida da cidade: 1) os tempos imemoriais da Borda do Campo, século 18, com a escravidão e o trabalho de antigos brasileiros; 2) a imigração europeia a partir do final do século 19; 3) a migração interna, motivada, em especial, pela passagem da Via Anchieta e chegada da indústria automobilística a partir dos anos 1940 e 1950.

O bairro mais antigo é o dos Casa, que homenageia, com seu nome, uma das primeiras famílias de imigrantes italianos radicada no Núcleo Colonial de São Bernardo, no final do século 19. É a família Casa, de Marisa Letícia da Silva, mulher do ex-presidente da República e sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva.

Em síntese: no século 18 a área do bairro fazia parte da Fazenda Jurubatuba. No século 19 passa a ser cultivada pelos imigrantes. No século 20, principalmente a partir dos anos 70, é

urbanizado e ganha vários conjuntos residenciais. Seus loteamentos mais antigos são a Vila Beatriz e o Jardim do Lago, ambos abertos em 1952.

Fazenda Jurubatuba – A expressão Jurubatuba, hoje restrita à via central das lojas de móveis de São Bernardo, já foi muito mais genérica em São Bernardo. Em tupi-guarani jurubatuba define uma espécie de palmeira. Os beneditinos tiveram a sua Fazenda Jurubatuba em São Bernardo, cuja sede ficava nesta área estudada da Região O.

Há duas hipóteses: a casa bandeirista localizada no interior do Clube da Ford – preservada como monumento – e a casa habitada pela família Breda, que não existe mais e que ficava na Praça Giovanni Breda.

Quando da demolição desta casa, recebemos dois tijolos da mesma, ofertado por Romeu Bonício, com grau de parentesco com membros da

família Vieira/Fabício.

Em abril de 1977 entrevistamos Camilo Massaropi. Seus pais chegaram a São Bernardo em 1937 e adquiriram um sítio de sete alqueires e meio na Estrada dos Alvarengas. Do sítio fazia parte a casa bandeirista, de paredes grossas. Dizia-se que a casa fora construída e habitada por escravos.

Dialeto recuperado – Em outubro de 1976, flagramos um diálogo típico da São Bernardo rural – e italianada – de tempos idos. Andando ligeiro pela Rua Leonardo Martins Neto, uma rua do Bairro dos Casa ainda com todas as características rurais, Giuseppe Breda – o Bepo – passa por Vitorino Felice Casa e, sem, parar, solta seu carregado sotaque italiano:

- *Vamô dá de cumê pros porco?*
 Vitorino, escondendo a careca com um chapéu surrado de muitos anos, responde ao vizinho, sorrindo:
 - *Agora não dá. Tô dando umas infor-*



mação pro moço (no caso, este repórter, interessado em entender a formação do Bairro dos Casa e região).

É domingo de tarde. Bepe continua andando em direção à sua criação de porcos. Desaparece na curva da rua cercada de bambuzais, casas antigas e conjuntos habitacionais novos. Vitorino, encostado numa cerca, em frente à sua casa, prossegue respondendo as perguntas que lhe são dirigidas. Sabe que suas respostas servirão para que o jornal conte pelo menos um pedaço da história do antigo Bairro dos Casa.

E Vitorino contava que o Bairro dos Casa já não era o mesmo. De antigamente sobrara a capelinha de Santo Antonio, além das barraquinhas de tijolos onde eram ainda realizadas quermesses.

Tradição e transformação

- A posição geográfica do Bairro dos Casa é estratégica. Fica entre a Rodovia dos Imigrantes e a Via Anchieta, próximo ao Parque Industrial dos Imigrantes. Por essa razão, já em 1976, quem conheceu o bairro há 10, 20 ou 30 anos concordava com o velho Vitorino. Concordava e discordava ao mesmo tempo.

Na verdade, o Bairro dos Casa cresceu bastante. Ganhou indústrias de porte como a Tintas Coral e Café São Bernardo. Além de melhoramentos públicos como iluminação e asfalto.

Mas aquela atmosfera de núcleo colonial, aqueles costumes trazidos há 130 anos pelos imigrantes italianos, muitas daquelas coisas, tanto tempo depois, ainda fazem parte do dia a dia do bairro. O próprio lingua-

jar dos mais antigos – como o sotaque italianado do velho Bepe Breda que flagramos há 30 anos; o sotaque de Mario Casa, irmão de Marisa, cunhado do Lula, que captamos neste ano de 2012, quando representantes da família Casa voltaram a passear pelas ruas hoje agitadas do bairro que leva o nome da família.

Lembranças que a família guarda. Lembranças sintetizadas na gravação que fizemos com Marisa Leticia, nascida no Bairro dos Casa em 1950.

A fala de dona Marisa

L. Nossa mãe nasceu na colônia dos Rocco onde está a FEI. Ao se casar veio morar com o marido em outra colônia, aqui no Bairro dos Casa. Todos os filhos nasceram e foram criados neste bairro, aqui trabalharam.

Jardim do Lago em 1974: Ruas largas, mas ainda sem os melhoramentos urbanos exigidos. Foto: Dgabc.



Bairro dos Casa - Nome inspirado numa das primeiras famílias italianas estabelecida na antiga Fazenda Jurubatuba, depois Linha Jurubatuba.

Regina Rocco foi da primeira geração de brasileiros filhos de imigrantes italianos em São Bernardo. Seus pais, Mariano Rocco e Joana Bof, eram italianos, que vieram solteiros da Itália, com suas famílias, fixaram-se na Linha Jurubatuba do Núcleo Colonial de São Bernardo e se casaram na antiga Vila de São Bernardo, hoje sede do Município de São Bernardo do Campo.

1970 - Dona Regina com o neto Marcos, filho da Marisa



2. Minha mãe tirava leite de vaca, que era distribuído na cidade. Ia para a feira e vendia o que era produzido nas colônias, adquirindo sal, açúcar, arroz, esses produtos que não davam na colônia.

3. Sempre digo: nós nunca passamos fome. Havia fartura em comida.

4. Tinha cinco anos quando mudamos mais para o centro, para o Bairro Assunção, mas lembro como era aqui. Havia um rio muito grande. Minha mãe lavava roupa no rio. Ela me contava que eu era pequenininha e ela fazia um buraco no chão – como hoje se usa um chiqueirinho para o bebê -, batia bem o chão e me colocava ali para poder trabalhar na roça. Ela dizia: “Você foi criada dentro de um buraco”.

5. Além de tudo isso, minha mãe aprendeu a benzer. E benzia todo mundo de São Bernardo: o mais pobre, o mais rico, quem o procurasse. Até porque, à época, eram raros os médicos. Custava muito caro uma consulta. E os próprios médicos a recomendavam, caso do Dr. Fornari (José Fornari, prefeito entre 1948 e 1952).

6. Quando o Dr. Fornari descobria que a criança tinha uma doença, e que ele não conseguiria salvar – até

porque não havia os antibióticos que existem hoje – então mandava para minha mãe. Geralmente era o mal de simioto (de símio = macaco). Quando dava, matava a criança. Quando não, era lombriga. A criança morria.

E quando estava dentro do caixãozinho, a lombriga saía pela boca, pelo ouvido. Crianças com três, quatro anos, morriam com lombriga.

7. Minha mãe dava chá. Ensinava a mãe como devia fazer. E a criança sarava.

8. Ela nunca falou pra gente quem a ensinou a benzer. Dizia que aprendeu sozinha e que tinha muita fé. E com essa fé ela ensinava os outros a fazer o chá. Tudo à base de chá. Coisa natural. O acesso ao remédio era difícil. Não havia a facilidade de hoje.

9. Do meu pai, lembro dele muito doente. Ele tinha um problema de estomago. Precisou fazer uma cirurgia. Ele recebeu partes de carneiro no estomago. Deu certo. A família gastou uma fortuna. Ele precisou ir a São Paulo. Mesmo doente, ele ajudava muito a minha mãe. Quando ele sentia dores e não podia ir para a roça, ficava em casa e cozinhava, para os filhos, para os netos. E tudo em fogão a lenha.

10. Era aquela mesa enorme, com bancos do lado. O pessoal vinha do trabalho – da roça, da entrega do leite – e ia comendo. Havia comida o dia inteiro.

11. Estudei na escolinha do Luiz Casa, na Rua Jaborandi. Um barracão. Fiquei até o segundo ano. Então fui para o centro, para o Grupo Escolar Maria Iracema Munhoz. Foi a época em que trabalhei de babá na casa dos Portinari, do Dr. Jaime (dentista) e Dona Nelma. Estudava de manhã e a tarde cuidava das crianças, ou vice-versa, de acordo com o horário de trabalho da dona, que era professora.

12. O uniforme escolar era uma camisa branca, com uma gravata azul-marinho que marcava, em traços brancos, a série em que o aluno estava. A saia era bem pregada, cheia de preguinhas. Vinha para baixo do joelho. As meias eram brancas, os sapatos pretos. Guardo a foto até hoje.

13. Meu segundo emprego foi na Dulcora. Deixei de ser babá. Inez, minha irmã, trabalhava na Dulcora e me levou. E eu não podia entrar, pois tinha 13 anos. A carteira profissional de menor era dada só para quem tivesse mais que 14 anos.



14. O que a Dulcora fez? Preparou um documento, para os meus pais assinarem, autorizando que eu trabalhasse com 13 anos numa fábrica.

15. Permaneci na Dulcora até casar pela primeira vez. Fiz acordo, e saí. Ingressei na Prefeitura como inspetora de alunos em colégio do Estado. Na época o prefeito era o Geraldo Faria Rodrigues (1973-1977).

16. Deixei a Prefeitura quando casei. Nos casamos na capela Santo Antonio, no Bairro dos Casa. Queria batizar um filho de qualquer jeito na capela do meu avô – João Casa. O batizado do Sandro. Então o padre anunciou que me daria um presente: o batizado e o casamento do religioso. E nos casou. Das filhas de minha irmã eu sou a única a me casar aqui na capela.

17. O Capitão Casa, nome de aveni-

da que dá acesso ao Bairro dos Casa, é o meu bisavô.

Tenho saudades dos tempos do Bairro dos Casa. Muitas saudades. Casei e vim morar no Bairro Assunção. Foram seis, sete anos, no Assunção, ao lado do campo do Triângulo, perto do meu Bairro dos Casa. Por causa das atividades do Lula, tivemos, mais tarde, que mudar para apartamento.

18. Dona Regina está sepultada no Cemitério de Vila Euclides. O seu túmulo recolhe todos os parentes falecidos, junto ao setor do Santíssimo Sacramento.

19. Tive a oportunidade visitar a terra dos meus avós, na Itália: Palazzago, em Bergamo. É chamada de “a terra da polenta”. Quando eles vieram para o Brasil, Palazzago era considerado um dos locais mais pobres da Itália – hoje a região é a mais rica. Temos contato com o prefeito

de lá. Encontrei parentes, primas.

20. Guardo a lembrança da casa em que nós morávamos, no Bairro dos Casa. E sempre quis revê-la. Já foi demolida. Mas guardo aquela imagem dos meus cinco anos de idade. Quando visito o bairro, sinto uma grande emoção. Dá vontade de chorar. Está na gente, são as nossas raízes. Venho sempre. Visito os parentes. Gosto daqui.

21. Já existe o projeto de restauração da capela Santo Antonio. Agora estou com tempo. Vamos restaurar essa capela. Eu casei nesta capela, batizei meu filho nela. Quero casar aqui os outros filhos, os netos, contar a eles o quanto a capelinha representa para nossa família, para a história do Bairro dos Casa e de São Bernardo.

A piedosa benzedora

REGINA ROCCO CASA (São Bernardo: 1906 - 11-2-1980;



Três filhos de dona Regineta: Inês, Miro e Marisa; esforço para preservar a capela histórica de Santo Antonio



1972. Repórter ouviu moradores do Jardim do Lago: rua de terra e eucaliptos na paisagem. Foto: Dgabc

nome de CEU na Rua Tiradentes) Dona Regineta aprendeu sozinha a benzer. Benzia a todos, em especial os pequeninos. Rezava baixinho, com um rosário ou crucifixo. Dizia: “Não sei ler, nem escrever, apenas creio em Deus”.

Regina Rocco foi da primeira geração de brasileiros filhos de imigrantes italianos em São Bernardo. Seus pais, Mariano Rocco e Joana Bof, eram italianos, que vieram solteiros da Itália, com suas famílias, fixaram-se na Linha Jurubatuba do Núcleo Colonial de São Bernardo e se casaram na antiga Vila de São Bernardo, hoje sede do Município de São Bernardo do Campo.

Regina, conhecida por Regineta, aqui sempre viveu. Cresceu num ambiente que lembrava a Itália rural do século 19. Mariano Rocco plantava

uvas nas Colônias do atual Bairro Assunção, produzia vinho para consumo familiar, fazia carvão e levava o produto, num carretão puxado por burros, para ser negociado em São Paulo.

Pronunciavam-se dialetos italianos e os filhos, mesmo brasileiros, aprendiam o idioma itálico. Dona Regineta guardava saboroso sotaque herdado do italiano do pai e mesclado com o português dos antigos brasileiros do lugar. As famílias eram numerosas. Mariano Rocco e Joana Bof tiveram muitos filhos. Além de Regineta, Francisco Rocco (o Queco), Joanin, Luiz, Antonio (o Beque, apelido ganho no futebol), Augusto, Margarida, Maria, Catarina, Angelina (casada com um filho de alemães de São Bernardo, Wunderlick), Germania e Luiza.

Jovem, Regina - Regineta ajudava os pais: na lavoura e na lide familiar doméstica. Os Rocco eram vizinhos dos Casa - e de outras famílias fundadoras do Núcleo Colonial. Muitos casamentos aconteciam entre membros das várias famílias. Um ponto convergente era a capela do Bairro dos Casa e a Igreja Matriz da Boa Viagem, para onde seguia-se a pé.

Outro ponto de relacionamento era o clube XX de Setembro, localizado na casa da Família Breda, que ficava próxima à atual Praça Giovanni Breda, mais conhecida por Área Verde. Regina - Regineta não gostava de bailes. Apesar disso, comparecia ao salão do XX. Colaborava com a organização das festas sociais de então.

Um grande acontecimento foi a presença do prefeito Saladino Cardoso Franco às Colônias, em 1926. Fotos foram batidas. Duas chegam aos dias presentes. Numa delas, a colônia fotografada na frente da casa dos Breda e da sede do XX. Muito provavelmente a jovem Regina está entre as crianças fotografadas. Ela e Antonio João Casa.

Antonio João Casa (+ 1970) era mais velho que Regina. Nasceu no Bairro dos Casa, filho de João Casa e Carolina Gambirasio. Foi lavrador e, num segundo momento, trabalhou na extração de caulim, uma argila branca muito procurada.

Os Casa formaram também uma família numerosa. João Casa e Carolina Gambirasio foram pais de Vitorino Felice Casa, Candido, José (Pino), Pe-

“Não encontramos gente nascida em São Bernardo, só os filhos. São todos migrantes, inclusive na Grande Alvarenga. Pessoas de Minas Gerais, Paraná, uma grande maioria do Nordeste, os nordestinos de Várzea Alegre que se encontram em Ferrazópolis”.

Padre Paulo Afonso da Silva, pároco da Sagrada Família



dro, Angelim, Luiz Arcadio (Gijo) e as moças Liza, Joana, Lucia e Angelina, além do irmão Antonio. Todos nasceram no Bairro dos Casa.

Regina casou-se com Antonio em 1928 e, seguindo a regra de então, tiveram muitos filhos. Vários morreram. Onze sobreviveram: Nair Casa Cruz, Santino Casa, Carolina Casa Battistini, Mario Casa, Maria Luiza Casa Campanha, José Luiz Casa, Inês Antonia Casa de Mello, Paulino Casa, Valdemiro Flavio Casa (Miro), Maria Letícia Lula da Silva e Tereza Otilia Casa Moreira.

Marisa é a filha mais conhecida, por ter se casado, em segundas núpcias, com o presidente Lula.

Todos os filhos de Antonio e Regina nasceram no Bairro dos Casa. Dona Regineta, para ajudar no sustento familiar, teve banca em feira livre de Santo André e Mauá. Vendia a produção familiar em companhia de feirantes japoneses, outra nacionalidade que colonizou São Bernardo a partir da década de 1930.

Num segundo momento, Sr. Antonio e dona Regineta tiveram leiteira. Criavam vacas leiteiras. O leite era distribuído entre a freguesia, no bairro e no Centro de São Bernardo. A distribuição era feita em charretes. A alimentação dos animais era feita com farelo. Na guerra, houve racionamento, e os animais passavam a ser alimentados com produtos da terra: cana-de-açúcar, abóbora, batata-doce, mandioca, milho.

Os filhos cresceram. Trabalharam na lavoura com os pais e avós, mas logo foram absorvidos pela indústria que transformou a economia de São Bernardo. Nair, a primogênita, trabalhou na tecelagem Corazza, da Rua Marechal Deodoro; Marisa, uma das

caçulas, trabalhou na Dulcora, fábrica de dropes e chocolates do km 22,5 da Via Anchieta.

Santino, com os colegas Aldo Delabarba e Jorjão, abriam poços rasos nas casas que iam sendo construídas.

A vida com aspectos rurais sobreviveu por muitos anos. O forno de assar pão, o fogão à lenha, a produção de pão caseiro, macarrão, polenta. A possibilidade dos filhos estudarem: os mais velhos no Centro, no velho Grupo Escolar da atual Praça Lauro Gomes; os mais novos na escolinha do Bairro Assunção, na Rua Jaborandi, uma escola quase rural.

Sem o sistema viário dos dias atuais, caminhava-se em verdadeiras picadas, herança dos tempos coloniais.

E a religiosidade. A família frequentava as missas, na capelinha dos Casa, na garagem do Cristiano Angeli e depois na Matriz do Bairro Assunção, com suas quermesses, rezas e procissões.

Dona Regineta, extremamente religiosa, tornou-se a benzedora do bairro. Atendia em sua casa, no Bairro dos Casa, depois no Bairro Assunção - próximo à escolinha do Luiz Casa, seu

primo - e, por fim, no Jardim Miramar, onde veio a falecer. Causa mortis: enfisema pulmonar.

Anotações de 1976 **Vitorino Casa e Luiza Rocco**

– O casal ainda vivia em sua casa muito próxima à capela de Santo Antonio. Uma casa cercada de ciprestes com uma frondosa magnólia no jardim. Na frente da casa, do outro lado da rua, sobreviviam muitos pés de bambus. Eram os remanescentes de antiga plantação feita pelo pai de Vitorino e que se destinavam a sustentar os vinhedos locais.

Lugares e famílias – Antes do processo urbanístico, era costume, em toda a cidade, referir-se às famílias quando se quisesse identificar lugares. Falava-se: “Vamos para os Casa”, e todo mundo sabia que ali era o Bairro dos Casa; ou então: “Vamos para os Capitânio”, e assim por diante.

Na verdade se dizia, ao som cantado do dialeto italiano mesclado ao idioma brasileiro chamado português: “Vamô pros Casa”...

Corporação Musical Carlos Gomes (fundada em 1924) presente na quermesse dos Casa: na regência, maestro Felício Zampieri. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação





E de tanta gente que chegou, a Igreja acompanha essa demanda, e não apenas a católica. Observa-se em toda a Região L levadas e levadas de trabalhadores das multinacionais. No caso da Igreja Católica, semearam-se igrejas, capelas e novas paróquias: Assunção, Casa, Alves Dias, Lago, Orquideas, esta imensa região entre a Anchieta e a Imigrantes e agora recortada pelo Rodoanel.

Santo Antonio – O avô de Victorino trouxe uma imagem de Santo Antonio quando veio da Itália, no século 19. A imagem podia ser vista na capela do bairro.

A capela – A primitiva capela de Santo Antonio não existe mais. Era frágil. Construída ainda no século 19, desabou por volta de 1925. A nova e atual capela foi construída na década de 1930. Como construtor, o pedreiro Amaro Gonçalves, mais conhecido por Amaro Tolotti. Da pintura encarregou-se Antonio Esperança.

6. Urbanização – A Região L pode ser apontada como o Bairro Assunção expandido, inclusive historicamente.

A capela dos Casa pertenceu à Paró-

quia Nossa Senhora do Assunção – e, em outro período, à Paróquia Santa Maria, do Bairro Demarchi.

Nos anos 1960, na Semana Santa, a Procissão do Encontro era entre o Bairro dos Casa e o Bairro Assunção: os homens, com o andor do Senhor Morto, saíam da capela Santo Antonio, nos Casa, transportado pelos homens; as mulheres saíam da Matriz do Assunção, levando o andor de Nossa Senhora.

Em 1963 houve uma procissão em forma de penitência. Os fiéis deixaram o Bairro dos Casa, descalços e à noite, em direção ao Bairro Assunção.

Antes que chegasse à Região L, a feira livre mais próxima era a do Assunção.

A Linha Jurubatuba seguia do Assunção até os pontos mais longínquos da Região L, L, onde hoje estão loteamentos antigos como os Jardins do Lago e Ipê.

De qualquer forma, em termos de formação urbana, vários loteamentos foram lançados no Bairro dos Casa ao mesmo tempo em que o Assunção também ganhava novas vilas, numa influência direta da industrialização da cidade e da chegada da indústria automobilística, com suas montadoras e autopeças. São Bernardo precisava de mão-de-obra. E essa mão-de-obra precisava de um local de moradia. Por que não nos antigos sítios da Linha Jurubatuba - ou Bairro Assunção expandido?

Outro fator que propiciou a urbanização dos dois bairros – Assunção e dos Casa – foi a chegada da energia elétrica. O benefício deveu-se ao industrial João Firmino de Araújo. Sua casa de campo ficava onde funcionou por muito tempo o Clube Aranamy, para onde foi estendida a eletricidade, cortando extensa área além do viaduto do km 22,5 da Via Anchieta.

Hoje no Aranamy está a Fundação Termomecânica, obra de outro industrial, Salvador Arena.

Jardim do Lago – Loteado por Alberto Assunção. Tempo dos Três Lagos, posteriormente unificados num só, origem do nome Jardim do Lago. No final dos anos 1960 também este lago foi aterrado.

Como tantos outros bairros de São Bernardo, o Jardim do Lago teve olarias. Uma delas funcionava ao lado dos lagos que originaram o Jardim do Lago. “Na época das piracemas, quando muitos peixes apareciam, as margens do lago se transformavam em verdadeira festa, com todo mundo procurando pegar o maior número de peixes possível”, conforme Camilo Massaropi.

Fizemos uma reportagem no Jardim do Lago em 1972. E escrevemos no Dgabc que o bairro nem mais tinha o lago que lhe deu o nome. As reivindicações dos moradores eram múltiplas: iluminação pública, pavimentação, serviços de água e esgoto,

Memória oficial

1948 – Regina Rocco Casa requer atestado de vistoria para retirar sua cota de farelo e farelinho. Ela possuía em sua chácara do Bairro dos Casa uma criação com quatro vacas, três bezerras e 100 galinhas.



melhores meios de transportes, mais policiamento e um telefone público.

O acesso ao Jardim do Lago, pela Estrada dos Alvarengas, dava-se por dois enormes pilares, “dando a impressão que outrora serviam para sustentar um grande portão”.

Efeméride

28-6-1966: fundada a Sociedade Esportiva do Jardim do Lago

De volta ao Jardim do Lago, em novembro de 2011, encontramos um outro bairro e entrevistamos Olegário Caxeado dos Santos, que reside no bairro desde 1960. Sua casa fica no lote 14 da antiga Rua 9, hoje Rua Álvares de Azevedo

Sr. Olegário lembrou do loteador Alberto Assunção e das idas até a Rua

da Quitanda, na Capital, para o pagamento das prestações mensais do lote adquirido. De fato, o Jardim do Lago não tinha qualquer benfeitoria, a começar pela jardineira que passava pela Estrada dos Alvarengas, sempre lotada e com grandes intervalos entre uma passagem e outra. No letreiro do ônibus aparecia: “Três Lagos”.

Francisco de Moraes Lima veio para o Jardim do Lago em 1968. Assistiu aos últimos tempos do lago famoso. Havia peixes no lago e o sítio ao redor. Famílias japonesas plantavam repolho, batatinha e mantinham granjas.

Em 1972, quando da chegada de Antonio Gilva de Alcântara, o Jardim do Lago era ainda tomado de muito verde. Havia poucas casas. As ruas eram de terra, depois receberam calçamento em paralelepípe-

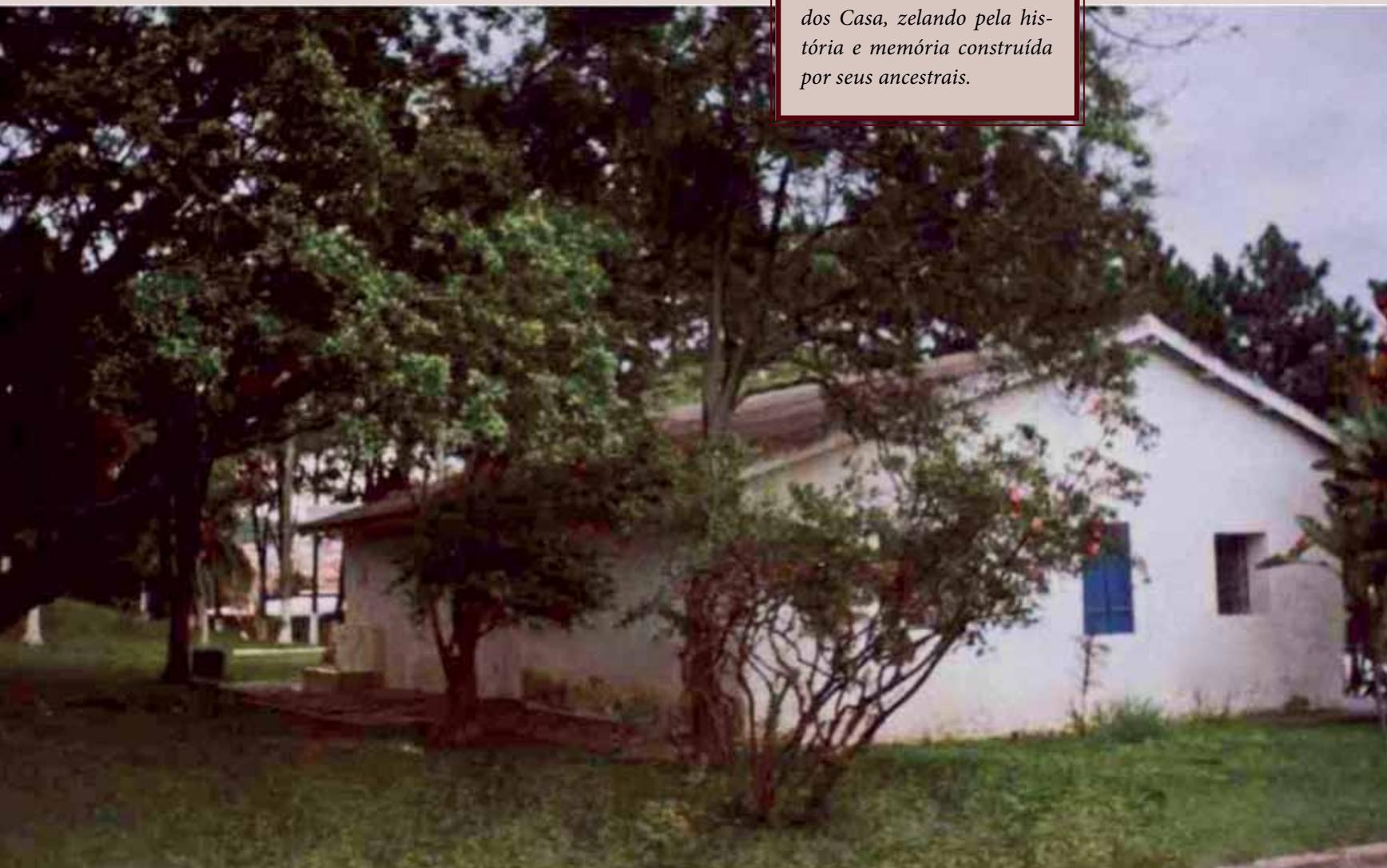
Notas

A magnólia citada não resistiu ao progresso e precisou ser cortada, atacada por pragas.

A capela de Santo Antonio foi tombada pelo patrimônio histórico e aguarda para ser restaurada. Ganhou a companhia da Matriz São Benedito, na área próxima onde existiam as barracas permanentes das quermesses onde flagramos Lula comendo pipoca e tomando quentão.

Vitorino Casa e Luiza Rocco, que em 1976 nos acompanharam na visita à capela, já partiram. Seus descendentes continuam no Bairro dos Casa, zelando pela história e memória construída por seus ancestrais.

Casa bandeirista do tempo da Fazenda Jurubatuba: localizada e preservada no interior do Clube da Ford, na Estrada dos Alvarengas. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/ PMSBC





dos. Por fim, o asfalto. Sr. Arlindo, pai do Antonio, trabalhava na Prefeitura. Hoje tem 90 anos e seu serviço na Prefeitura era retirar o mato que crescia nos intervalos dos paralelos que cobriam as ruas da cidade.

Jardim Ipê – Ocupa área colonizada pelas famílias Capitania, Moratti e Marson, que ali possuíam propriedades agrícolas desde os tempos da Linha Jurubatuba. As

famílias se dedicavam ao cultivo de batata, frutas, verduras e, também, à pecuária, criando bovinos para leite, mesmo que em pequena escala

Quando chegou ao bairro, Moacir Soares de Andrade ainda encontrou um cenário rural, com muitos japoneses trabalhando na terra. Guardou rara planta do bairro, pois além do seu trabalho em fábrica de móveis atuou como corretor, vendendo lotes no Ipê e outros bairros próximos.

Segundo a placa, o Ipê era dividido em três glebas, cada qual pertencente a um descendente de imigrantes italianos: José Capitania (gleba 1), Luiz Moratti (gleba 2) e João Batista Marson (gleba 3).

Da gleba 1, José Capitania reservava uma área de 12.500 m², destinando 70.480 m² para futuro loteamento. Recorrendo à memória, Sr. Moacir lembra que o loteamento foi executado pela imobiliária Bocat. Descendentes dos Capitania comenta que a família vendeu a área bruta “a preço de banana”.

E veio o loteamento, com todas as dificuldades da época. “Nego chegava aqui no Ipê e dizia: ‘Não vou comprar terreno no mato’; hoje todo mundo procura terreno e não tem”, comenta Sr. Moacir.

Totalmente urbanizado, Jardim Ipê tem como entidade mãe a Sociedade Esportiva do Jardim Ipê, fundada em 19-1-1973 e que mantém como modalidade tradicional o jogo de malha. Um dos pioneiros, Manoel dos Santos Portugal, reside atualmente em Londrina.

Entre os moradores antigos está Abdias Alves de Oliveira. Ele chegou ao Ipê em 1957. Construiu um barraco no nº 31 da Rua dos Sobreiros, e quando pôde a substituiu por uma casa de

alvenaria, que existe até hoje. “Havia muito mato, poucas casas e trilhos no lugar das ruas”, relembra Maria Alves de Menezes, filha do Sr. Abdias.

A luz era puxada da Estrada dos Casa, mas era tão fraca que as famílias viviam à luz de lamparina.

Foi neste cenário que Luci Gomes do Nascimento cresceu. Nascida em Santos, sua família chegou ao Ipê quando ela tinha dois anos de idade. Era 1961. O pai, Gonçalo Antunes do Nascimento, pedreiro da Prefeitura, comprou um lote de terreno e construiu um barraco nos fundos. Quando pôde, ergueu a casa de alvenaria.

Luci, como tantas outras crianças do Ipê e do Lago, estudaram no grupo escolar da Artuélia. Mas terminou o curso primário na Escola Professor Euclides Deslandes. Foi da primeira turma. A primeira escola do bairro.

A água usada em casa antes das redes era retirada das minas e guardadas em tambores. Havia festa na favela que se formou, animadas por Geraldo Sanfoneiro. Depois foi criada a SAB. Sr. Abdias já tinha telefone. E os Capitania eram sempre chamados a batizar as crianças na capela Santo Antonio, no Bairro dos Casa.

E em 2012... Luci cresceu e hoje tem um brechó de roupas e calçados na Rua dos Sobreiros.

Jardins do Lago e Ipê, ao lado de outros loteamentos antigos do Bairro dos Casa – Campestre, Detroit, Claudia, Cruzeiro, Espacial, São Francisco, Carminha – ganharam a companhia dos novos núcleos habitacionais, estes implementados em áreas outrora agrícolas.

Entre eles, Divinéia, dos cantores populares da Folia de Reis – da Estrela Guia. Ou condomínios fechados, como o conjunto Tânia Maria.

Loteamentos

Jardim do Lago -1952
Jardim Campestre - 1955
Jardim Ipê - 1956
Jardim Detroit - 1957
Jardim Cláudia - 1962
Vila Cruzeiro - 1963
Parque Espacial - 1965
Jardim São Francisco - 1970
Vila Carminha - 1975
O novo Bairro dos Casa a partir dos anos 1980)
Conjunto Tânia Maria
Vila Verde
Vila Vitória
Nossa Terra
Jardim Central
Jardim Ipanema
Parque Veneza
Jardim Novo Lar
Novo Lago
Jardim Pró-Terra Ipê
Jardim das Oliveiras
Divinéia
Jardim Castelo Branco
Pantanal
Parque das Flores
Jardim União e Força
Núcleo Santa Mônica
Sítio Bom Jesus



Percorremos com o agente de Planejamento João Batista da Silva Lima o Parque Veneza. Ao lado vimos a favela Alvarenga Peixoto, em fase de desativação. Seus moradores foram transferidos para o novo conjunto Três Marias (Região K).

Um córrego divide o Parque Veneza do Jardim do Lago.

O Jardim Ipanema é um desses núcleos novos do Bairro dos Casa, com ruas bem traçadas, floridas, com nomes de pedras preciosas: Rua Pérola, Rua Opala, Rua Quartz, Rua Ouro Branco...

No Ipanema, numa antiga área pública abandonada, a Prefeitura inaugurou, em 3-9-2011, a Praça José Carlos Tavechio, em homenagem a um empresário do bairro que veio para o Ipanema em 1992 e faleceu prematuramente em 2008. Trata-se de uma área de lazer com pistas de skate e de caminhadas. Na placa de inauguração da praça, os nomes dos trabalhadores que participaram da obra.

Na área do Jardim Ipanema funciona uma das maiores empresas de logística do País no ramo de transportes. A empresa ocupa as instalações da antiga Maxion (1989), sucessora da unidade local da Motores Perkins, inaugurada em 1975 – a Perkins chegou ao Brasil, e a São Bernardo, em 1959. Sua primeira planta ficava no Bairro Nova Petrópolis.

Vizinho ao Jardim Ipanema está o Jardim Central, cujas ruas têm nomes de flores. A área do Jardim Central, no passado, servia a uma criação de porcos.

A região L passou por um processo de deterioração muito grande, com o surgimento de favelas, algumas em áreas de risco. Percorre-la traz

muitas surpresas, ao se observar uma verdadeira revolução urbana, com a substituição das favelas por bairros populares e bem construídos.

Por onde se caminha avista-se montanhas de entulhos e uma febre de novas construções.

O eixo da Estrada dos Casa, um comércio assentado. A Casa do Norte Padre Cícero de Leandro Barros, pernambucano de Floresta do Navio; o Restaurante Zé Galego, de José Henrique de Sousa, de Várzea Alegre (CE); o Jardim do Lago Pães e Doces,

de Geneci José da Silva, na Rua Lago da Mangueira; o Mercadinho Madeira, na Rua Largo da Madeira.

Há muita gente de Várzea Alegre no Ipê/Lago, lembrando a cidade irmã de São Bernardo. Várzea Alegre e região, como Cariutaba, terra de Antonio Gilva de Alcântara, do Mercadinho Madeira. Terra de José Erialdo da Silva, o Ceará, presidente do Lavínia EC.

Como diz o velho Moacir do Jardim Ipê: “O ônibus Alvarenga passava às 6 da manhã, ao meio-dia e às 6 da tarde; hoje temos 14 linhas de ônibus”.

De todas as partes, uma nova paisagem: o Hospital de Clínicas em construção na Estrada dos Alvarengas.





Estrela Guia e a Folia de Reis



A partir da esquerda: Glimeldo Sampaio, Lourdes, José de Lima, Malu Toninha e Baiano; agachados Valdemar e Junior o Bairro Nova Divinéia na Chácara Silverstre. Junho de 2003. Acervo: Seção de Patrimônio Histórico/PMSBC.

No Divinéia, a Estrela Guia. O grupo do Batistini se desfez. Há outro grupo, fruto da junção das Folias do Baeta e do Alvarenga.

A Estrela Guia abre e fecha o ciclo natalino na Sagrada Família.

Padre Paulo Afonso: “Chamamos sempre a Estrela Guia. É um grupo bom, muito conhecido. Sentimos muito que os mais novos não estão abraçando. A gente vê os que idosos vão morrendo. A juventude não se importa muito com essa questão cultural. É uma preocupação. No encontro anual os próprios grupos observam essa diminuição, mesmo no interior”.

A resistência

Texto: Neusa Borges

A Folia de Reis do Divinéia tem 20 componentes. Mas, na linha de frente, sempre vimos o que a gente chamava

de “trio parada dura”: seo Zé de Lima, o embaixador; seo Grimaldo, que cantava e tocava; e seo Valdemar, o bastião.

José Alves de Lima, 73 anos, era natural de Malacacheta (MG). Aposentado. Foi um dos primeiros moradores do Bairro Divinéia.

Grimaldo Sampaio, 70 anos, natural de Matão (SP). Aposentou-se como metalúrgico.

O grupo Folia de Reis foi criado em 1984 com o nome de Folclore do Parque Havaí. Alcides José Martins era o embaixador. Em 1998, após sofrer um acidente automobilístico, seo Alcides transfere o comando da companhia ao seo José Alves de Lima, até então vice-presidente

Em 2000 o grupo mudou de nome, passando a se chamar Estrela Guia, com a maioria dos componentes morando no Divinéia. Para o cargo de embaixador, seo Zé nomeou o filho

Valdemir de Lima, falecido dois anos depois, ainda muito jovem, vítima de um acidente automobilístico.

Foi duro continuar. Mas seo Zé não desistiu. Voltou a ser embaixador.

Os foliões do Estrela Guia não medem esforços para visitar as casas no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, Dia de Reis. Até o ano passado, eles faziam toda a peregrinação a pé ou de transporte público. Após muitos anos de economia, conseguiram adquirir uma Van que, mesmo não sendo zero quilometro, foi bastante festejada por todos.

A folia do Divinéia também esteve presente em todas as edições do “Revelando São Paulo”, bem como em várias atividades realizadas na Chácara Silverstre, chácara que voltou a ser do povo.

Neste 2012, em cinco dias, perdemos dois foliões de Reis, Sr. Grimaldo, em 17 de maio, Sr. Zé de Lima, dia 22.



Parque Espacial – Propriedade de Elias Assad Junior, Norma Yasbeck Sabbagh e Renato Assad. Projeto e execução: SEIL – Serviço de Engenharia e Imobiliária Ltda. No total, 25 alqueires.

Religiosidade - A igreja matriz da Sagrada Família, imensa, formosa, em plena Estrada dos Casa, no Jardim do Lago, surpreende pelas dimensões e tempo recorde de construção, em menos de 10 anos.

O pároco Paulo Afonso da Silva fala da sua igreja, com a matriz e capelas Santa Rita, São Vicente de Paulo, Bom Jesus e Menino Jesus, e das demais igrejas da Região L.

Em 2007 realizou-se um censo com as igrejas evangélicas. A mais

antiga é a capela de Santo Antonio, da Paróquia São Benedito. A Igreja da Confissão Luterana, no Jardim Lavínia, é outra bem antiga. São 21 igrejas da Assembléia de Deus, igrejas menores, setorizadas em núcleos. Metodista, Congregação Cristã e várias outras se espalham por esses novos bairros.

Houve vários momentos de trabalhos conjuntos, comunitários. As discussões religiosas foram deixadas de lado. As igrejas se uniram em trabalho social, voltadas às necessidades da população.

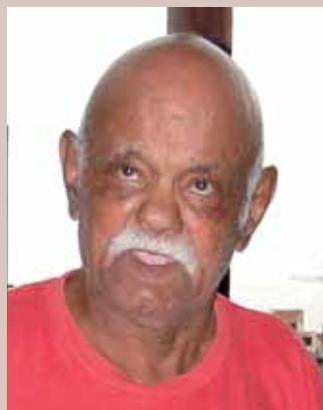
Padre Paulo Afonso relata: “São poucos os trabalhos conjuntos, mas quando a gente se acerta no nível da Pastoral da Criança, do atendimento hospital, os resultados aparecem”

Morro da Fome – Havia um grupo de orações que no Dia de Nossa Senhora de Fátima dirigia-se ao Morro da Fome, no Batistini, e rezavam o terço. A devoção religiosa originou uma procissão que se realiza desde a virada do milênio, no feriado de 1 de maio. Uma cruz é levada. Padre Paulo Afonso acompanha. Faz a benção naquele que é o ponto mais alto da região. Pede a benção para todos os bairros que de lá são vistos. Um terço é rezado em homenagem a São José.

A cruz fincada logo desaparece. Mas no ano seguinte uma nova é transportada morro acima – e pelo menos naqueles momentos de oração e reflexão, domina toda a paisagem.

Personagens

Da esquerda para direita:
Dario Moreira, Antonio
Gilva de Alcântara,
Abdias Alves de Oliveira,
Moacir Soares de Andrade,
Francisco Felix da Silva
e Olegário Caxeado dos
Santos





Rapaz percorre descalço as brasas de fogueira em festa junina celebrada no Alvorenga na segunda metade da década de 1950: fé e religiosidade marcam a formação do bairro



Foto: Beltran Asencio

ALVARENGA – JD. LAURA

Jd. Laura I e II, Porto Novo, Pq. Jandaia, Jd. Primavera, Sítio das Garças, Acampamento dos Engenheiros, Pq. Silvaplane, Sítio Moraes, Pq. dos Químicos, Jd. Nova América, Jd. Novo Horizonte I e II, Pq. Ideal, Jd. Cruzeiro do Sul, Pq. das Garças, Recanto da Amizade, Recanto dos Pássaros, Jd. Vida Nova, Jd. Serro Azul, Pq. Alvarenga, Jd. João de Barro, Assoc. Amigos Casa Nova, Pq. Alvarengas, Vl. União, Jd. América do Sul, Jd. Ana Falleti, Jd. Bela Vista

Região

M



Lembranças dos velhos batelões

Alvarenga – Embarcação para carga e descarga de navios; saveiro, batelão
(cf. “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

O bairro surge alguns séculos antes da formação da Represa Billings, mas sempre teve ligação com a água. Primeiro, com o Rio Grande, por onde iam e vinham os alvarengas na interligação Borda do Campo com Santo Amaro, transportando passageiros e mercadorias.

Eram os tempos antigos da colonização de São Bernardo, quando o transporte fluvial possuía relativa importância, em virtude de não existirem os veículos automotores.

Alvarenga foi um porto de água doce chamado Porto dos Alvarengas. A atividade prosseguiu mesmo depois da formação da Represa Billings, que banha o bairro.

Estrada dos Alvarengas

Texto: Newton Ataliba Madsen Barbosa, topógrafo e historiador

1. Nos tempos antigos da colonização de São Bernardo, quando o transporte fluvial tinha relativa importância, em virtude de não existirem os veículos automotores, as mercadorias dos vales dos Rios Bororé, Taquacetuba, Curucutu, Pedra Branca, Capivari, Pequeno, Rio Grande (ou Jurubatuba) eram trazidas de barco rios abaixo, a partir das regiões de suas produções.

2. Essas mercadorias vinham, inclusive, dos territórios ao sul de Santo Amaro (hoje Distrito de Parelheiros, Capital), que pertenciam a São Bernardo.

3. A produção, pelos rios, era levada até um ponto ao sul da foz de Taquacetuba, atual Distrito de Riacho Grande. Ali existia um porto que servia de ancoradouro aos alvarengas (barcos de transporte).

4. Desse ponto existia uma estrada de ligação com o atual centro de São Bernardo, estrada esta denominada pelo povo de Estrada dos Alvarengas.

A represa – Na descrição de Newton Barbosa, a Estrada dos Alvarengas era mais extensa. Um trecho foi extinto quando da formação da

Represa Billings, que inundou toda a região nos anos 1920 e 1930. Suas águas hoje dividem o Alvarenga de Riacho Grande e o Alvarenga de parte do Batistini.

Vão rareando as testemunhas que viram a formação da represa. Duas delas, os irmãos José Lazzuri (apelidado Pepino) e Oliverio Lazzuri, foram por nós ouvidas em 1977. Eles contaram que a família Lazzuri chegou a São Bernardo no começo do século 20, por volta de 1905 e 1906, quando já estava formado o Núcleo Colonial. Talvez por isso tenham comprado terras no Alvarenga, que não fazia parte das linhas coloniais.

Rafael Lazzuri, pai de José e Oliverio, comprou a propriedade à beira do Rio Grande, um dos principais formadores da Represa Billings. Ali plantou tomate, pimentão, repolho



*Asa White Kenney
Billings (1876 - 1949);
o idealizador da represa
que leva o seu nome.
Acervo: José Castinho
Contreras*



e todo tipo de verduras e legumes. Suas terras estendiam-se por uma área de 35 a 40 alqueires. A produção era transportada em carretões de madeira pela Estrada dos Alvarengas, desde o sítio até a estação ferroviária de Santo André, donde era despachada a Santos.

Eram vizinhos aos Lazzuri as famílias de Antonio da Luz, Domingo da Luz, Antonio Felizardo e Jacinto Pereira, cada qual com seu sítio. Todos trabalhavam na terra: plantando, produzindo carvão vegetal e cuidando de gado.

Veio então o projeto da Ligth & Power para fazer a represa. Costa Marques, procurador da empresa, apareceu no Alvarenga para negociar as terras a serem inundadas, o que significou o fim dos sítios. Segundo os irmãos Lazzuri, o preço pago pela desapropriação foi uma mixaria.

Madeira de lei – No período da formação da represa ainda existia árvores frondosas propícias à fabricação de móveis: passariúvas, canelas, cedros, guatambus, aracás e sapopembas.

Antonio da Luz mantinha uma serraria. Era descendente de portugueses pioneiros do Brasil e bisavô de Antonio Bento.

Serraria e passarinhos

Depoimento: Antonio Bento

1. A serraria de Antonio da Luz funcionava de maneira atrasada, até que João Basso, imigrante italiano, sugeriu ao meu bisavô que adotasse um sistema muito utilizado na Itália.

2. Ai a serraria deixou de ser tocada a mão. Passou a ser movida por meio de uma roda d'água colocada num tanque.

3. João Basso trabalhou alguns anos para Antonio da Luz e depois montou sua própria serraria, em Riacho Grande, na época Rio Grande.

4. Nos tempos das grandes matas do Alvarenga, grandes caçadas. A caça de passarinho também foi uma atividade muito popular. Os passarinhos eram caçados a espingarda.

5. Acidentes não aconteciam, ou eram raros, graças a um lema cumprido a risca: ninguém atirava na altura de um homem, só no chão e no ar.

O bar de dona Rosina

Entrevistamos uma antiga moradora do Bairro Assunção, Rosa Pessotti, a dona Rosina. Ela nos contou que tinha 11 anos de idade quando visitou pela primeira e única vez o antigo sítio dos Lazzuri, às margens do Rio Grande. Era o ano de 1921.

O motivo da ida de dona Rosina ao sítio dos Lazzuri foi uma epidemia de peste que já matara muita gente na região. A população resolveu fazer uma promessa a São Sebastião, em forma de procissão náutica em direção a uma capela antiga com a imagem do santo em Sant Amaro. O ponto de partida foi o sítio dos Lazzuri.

Bem mais pra frente, em 1949, dona Rosina montou um bar na Estrada dos Alvarengas, com fundos para a represa. O bar era freqüentado pelos sítiantes, pescadores e caçadores. Servia pinga e linguiça de porco. O prédio ainda existe, depois de uma curva acentuada, no topo de uma ladeira.

O bar de dona Rosina, em 1977, quando a entrevistamos, continuava a ser freqüentado por pescadores, motoristas de caminhão e oleiros. E também pelos novos moradores: fa-

mílias que no começo dos anos 1970 trabalharam nas obras de construção da Rodovia dos Imigrantes e montaram seus barracos junto à Estrada dos Alvarengas, fazendo surgir as primeiras favelas.

A Rodovia dos Imigrantes foi inaugurada em 28-6-1976. Dividiu o Alvarenga em dois. Acabou com o antigo campo de futebol do EC Bandeirantes e com a casa e bar dos Fabrício, pontos referenciais da região. Mesmo com a Imigrantes, antigas olarias ainda funcionavam no Alvarenga. E o bar de dona Rosina, pela sua localização, não foi afetado.

Dona Rosina tinha, então, 66 anos de idade. Faleceria algum tempo depois, deixando uma imagem recordada até hoje pelos antigos: toda orgulhosa, cruzando as ruas de São Bernardo na direção de sua charrete.

Idario Bonicio

– No mesmo ano de 1949 em que dona Rosina abriu bar no Alvarenga, Idario Bonicio estava se mudando para o lugar. Na bagagem levou as 11 camisas do Bandeirantes, time de futebol rival do Vinte de Setembro e que havia sucedido a um outro antigo clube da Linha Jurubatuba, o Sossega Leão, nome retirado de um samba de Assis Valente para o Carnaval de 1937, interpretado por Carmem Miranda: “Camisa listrada”.

“Levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão.

E sorria quando o povo dizia sossega leão, sossega leão”.

O Bandeirantes jogou muitos anos no Alvarenga. Entre os adversários, equipes de Santo Amaro. Desapa-



receu no final da década de 1950 e ressurgiu na década seguinte. A passagem da Imigrantes significou o fim do Bandeirantes.

Na equipe jogaram muitos jovens nascidos em São Bernardo e descendentes de famílias de imigrantes italianas, entre os quais os Bonicio, Massarope, Breda e Pancelli. A equipe tinha também filhos do lugar, das famílias da Luz (os Fabrício), Cordeiro e Faletti.

Os antigos

Depoimento: Idario Bonicio e Carlos Faletti

1. Tirava-se lenha das matas e areia e barro da represa, que eram destinadas à construção.

2. Sottero Paronetti foi dono da primeira olaria do Alvarenga.

3. Os filhos de Tiorfo de Almeida eram pescadores.

4. Havia um antigo escravo, Rafael Preto.

5. E mais: Nelson Pinheiro (que depois mudou para Ferrazópolis), Antonio Picoli, Francisco Cardoso (o Chico Careca), Benedito de Arruda, Benedito Adão, Antonio do Carmo (o Mineiro), Adolfo Matias (o benzedor), Geraldo Fardini, família Iama, Manezinho Cardoso, Luiz Cordeiro.

Idario Bonicio também teve bar no Alvarenga e atuava voluntariamen-

te como inspetor de quartirão. Era um verdadeiro “faz tudo”, espécie de conselheiro, o homem dos primeiros socorros. Transportava a gestantes, atendia a casos de afogamentos. Por várias vezes fez partos de emergência. Faleceu em 1999.

Personagens

O velho escravo – Rafael de Souza Pereira, o Rafael Preto. Vivia no Alvarenga. Possuía um tipo de engenho onde fazia farinha de mandioca. Plantava verdura. Dizia ter sido vendido três vezes. Após a libertação, casou-se com Maria Rita. Nos últimos anos de sua vida foi assistido pela Sociedade São Vicente de Paula. Dizem que morreu com 120 anos.

Músicos da Corporação Musical Carlos Gomes utilizam barco para percorrer a Represa Billings entre o Alvarenga e a Ilha do Bororé, em Santo Amaro. Corriam os anos 1940 e eram comuns as excursões em janeiro dentro da festa de São Sebastião. Acervo: Família Pedron



O benzedor – Ângelo Florindo. Nasceu no Alvarenga, filho de família antiga do lugar – família típica de antigos brasileiros que residiu no Alvarenga desde tempos imemoriais. Recebeu do pai o dom de benzer. E benzeu até o fim, tanto crianças como adultos e quem mais o procurasse.

O marqueteiro – Antenor de Lara Campos, o Tozinho. De tradicional família paulista. Veio para o Alvarenga em 1960. Criava cães da raça fila na Ilha do Sabiá e tornou comum a inscrição “Cão fila – Km 26 do Alvarenga”, espa-

lhada por estradas paulistas e brasileiras para divulgar a sua criação. Tozinho faleceu em 2012.

Turismo no Alvarenga - A modernização chegou a esta área antiga rural de São Bernardo, mas traços do ontem permanecem visíveis, como o das curvas acentuadas da Estrada dos Alvarengas e imóveis como os das famílias Bonício e Pessotti. Mesmo sem se usar esse termo, fazia-se turismo no Alvarenga.

A pesca, os passeios de barco, a travessia do braço largo da represa para se chegar à Ilha do Bororé, já em São Paulo, por ocasião das pro-

cessões náuticas de São Sebastião. Seguia-se de manhã, em batelões; assistia-se à missa festiva na capela de Bororé; fazia-se piquenique sob as sombras das árvores. Os mais jovens nadavam nas águas puras da represa. Músicos animavam bailes a céu aberto. Retornava-se à tarde, novamente pelos batelões, até o porto junto ao quintal da dona Rosa, a Rosina.

José Candido do Nascimento lida com reciclagem na Estrada dos Alvarengas. Mas desde menino frequenta o Alvarenga, que ele cita como um antigo ponto de turismo.

Vinham pessoas de São Paulo,

Cão Fila e as histórias do Tozinho, dono da Ilha Sabiá. Coleção: revista Veja

VEJA, 8 DE JULHO, 1977

PROPAGANDA
"Cão fila km 26"

Muitos, postes, viadutos, postes, moedas, pedras, barrancos — praticamente não há superfície sólida no país a salvo da rústica, enigmática inscrição "Cão fila km 26". De São Paulo, alastrou-se por outros Estados e, hoje, aparece até na região portuária de Manaus. "O cão de fila vai ficar conhecido como banana", estratégia Antenor Lara Campos, o "Tozinho", de tradicional e abastada família paulista. Em seu modesto e zênico escritório, numa libreta particular da



"Tozinho" e o cão de fila: tornar o produto tão conhecido como a banana

ta de Adhemar de Barros. Até hoje ainda se encontra o nome dele postado em postes e lugares semelhantes. A escolha dos locais, de resto, requer fina sensibilidade mercadológica. O Cercado e o Pão de Açúcar, por exemplo, encostam-se a salvo das investidas de Tozinho: "Só estrangeiros aparecem nesses lugares". Os cachêes do Forte de Copacabana, contudo, estão em sua mira. Assim que a área for liberada à construção de prédios, ele atacará de tinta, pincel e Código Penal.

A pouco mais de 70 quilômetros de Copacabana, por sinal, em Barra de Guaratiba, no Estado do Rio de Janeiro, desenvolve-se outro florcente negócio desse mesmo ramo — o Comércio Maranhão, criado em setembro do ano passado, dedicado exclusivamente à comercialização de cães de fila. A ideia partiu do relações-públicas carioca Armando Brando. Inspirado num condômino que um industrial paulista formou com amigos para explorar o cavalo "Falkland", reproduzido importado da Inglaterra, o loque Brando articulou seis amigos seus para, em comércio, explorarem o reproduzido "Yandu", cão de fila brasileiro de boca característico, criado por ele em seu sítio de Guaratiba. Hoje, o condôcio, para o qual cada membro contribuiu com 5.000 cruzeiros, conta, além de "Yandu", com mais um reproduzido e três filhotes. Já foram vendidos oitenta filhotes, à média de 5.000 cruzeiros cada, e há 126 cachêes na fila para serem cobertos por "Yandu", a 10.000 cruzeiros por tarefa. Resultado de sucessivos cruzamentos entre o insaturo inglês, o Absolument e o budlogue, o fila brasileiro, segundo Brando, é vítima ainda de injusta fama de ferozidade. Um dos objetivos do condôcio é convencer o público de que o fila é dócil, bonito e de manutenção barata. Uma mensagem excessivamente prolixa, por certo, para as sintéticas inscrições que seu colega Tozinho pretende pintar até nos cachêes do Forte de Copacabana.

Brando e "Yandu": fila de espera

polida represa Billings, à altura de quilômetros 26 da Estrada do Alvarenga, no município de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, afimões de taboça colorida animam em mapas pregados nas paredes a exposição nacional das inscrições. "Estados típicos de guerra em livros e revistas", espócia etc. "É preciso atacar pelos flancos para fechar o cerco." Talvez, por isso mesmo, Tozinho se viu sitiado algumas vezes pela suspeita das autoridades. Em longas e lentas sortidas, numa canoeta carregada de latas de tinta, o esotérico propagandista, que se incumbe pessoalmente da pintura, chegou mesmo a ser tomado por agente subversivo. Tanto que, em entranhados tentados in situ mantidos, cobertos outros, na usara das câmeras jurídicas. Até que o intepelam com suspeita república brandindo um insuperável exemplar do Código Penal: "Mostra aqui onde é que tu estás errado".

Cachêes — Cerca de 60% dos que têm as inscrições, admite Tozinho, não as entendem. "Mas, de uma forma ou de outra, as pessoas acabam chegando aqui." Não é, à sua libreta particular, sede da Associação de Criadores de Fila Brasileiro, por ele mesmo fundada em 1972, e centro de suas atividades cinefílicas, onde mantém em zênit com 160 animais daquela raça. Ele alega receber cerca de 600 visitantes por mês, daí resultando, em média, a venda de vinte filhotes, a 7.000 cruzeiros por cabeça. Um apreciável resultado para tão primitiva modalidade publicitária, já praticada, em outros tempos, pelas Casas Pernambucanas e Casas Bari. Foi mesmo precedente mais antigo, entretanto, que Tozinho confessa ter-se inspirado. "Na verdade, baseei-me nas campanhas elabo-

Sistema hídrico

O Sítio João de Barro possui várias bananeiras e bicas d'água. Minas ainda existem

A represa

Billings e a construção da represa: geografia alterada para gerar energia elétrica e abastecer São Paulo.

Braços da represa

Córregos e ribeirões do Vale do Rio Grande formam a Represa Billings. Área de mananciais. O desafio é preservar a beleza estética das enseadas em comum acordo com a natureza do lugar.



Mauá, Ribeirão Pires e outras cidades em busca de pescaria. O antigo bar de dona Rosina servia peixe. A exemplo de Eldorado, em Diademá, e de Riacho Grande, barcos enfeitados tomavam as águas.

“Havia as trilhas, percorridas pelos meninos em busca de lugares para nadar”, conta José Cândido. A Estrada dos Alvarengas era ainda de terra. Com menos casas, não havia esgoto a céu aberto. Os rios que formam a represa eram claros, de água pura.

Atiradores do Tiro de Guerra de São Bernardo faziam marchas até a entrada da Ilha do Sabiá. O campo do EC Bandeirantes ficava abarrotado. Hoje não existe mais. Foi cortado pela passagem da Rodovia dos Imigrantes.

Para José Cândido, a curva descendente começa em 1990. Já José Ferreira dos Santos, o Ferreirinha, conhece o Alvarenga desde 1991. Conheceu a área de lazer representada pelo bairro, ele que gosta de pescaria desde os tempos de menino em seu estado natal, Pernambuco.

A dança dos peixes

Depoimento: José Ferreira dos Santos

1. Me encantei pelo Alvarenga. Era uma paisagem deslumbrante. Tanto que moro no Jardim Vida Nova, construído à beira da represa no lugar de um antigo motel.

2. Existia o Sr. João, que morava aqui nos fundos, próximo à represa. Nós vínhamos para cá às 3, 4 horas da tarde para pescar e comer o peixe à noite. Peixe frito, acompanhado de cachaça.

3. Às 5h a gente parava para se encantar com a beleza que a represa nos oferecia, a dança dos peixes.



Rio Pinheiros antes da retificação: continuidade do Rio Grande. Acervo: Eletropaulo, sucessora da Light

4. Os cardumes de tilápias chegavam a sair das águas mais ou menos dois metros de altura. Milhares de peixes. Aquela dança se repetia cinco, seis vezes, em questão de 20, 30 minutos. Hoje não temos mais este espetáculo e aquela visão fica guardada na memória.

Formação urbana

A segunda metade da década de 1980 marca a explosão de loteamentos populares na Grande Alvarenga. Havia os loteamentos antigos, surgidos a partir dos anos 1950. Loteamentos consolidados, anteriores à era da proteção aos mananciais, todos ainda carentes de obras de infraestrutura. E agora, com a expansão de bairros antigos como o Assunção e Casa, uma nova etapa de vilas populares sacode os lados do velho Alvarenga.

Orlando Kiuti observa esta expansão e abre, em 1987, um depósito de material de construção na

Estrada dos Alvarengas: “Na época em que cheguei estavam se iniciando esses loteamentos”.

Era o início da expansão do antigo Jardim Laura e do começo do Jardim das Orquídeas, Vila União, entre outros. As olarias já haviam praticamente encerrado suas atividades. Restavam seus terrenos – usados para os loteamentos – e as ruínas dos fornos que por décadas produziram tijolos à beira da represa.

Uma das últimas olarias, na Estrada dos Alvarengas, era a de Mário Coia. “Com a ocupação urbana, os depósitos de material de construção tendem a desaparecer. Foi assim no Centro, é assim também na periferia. Os que restam atendem mais na área de acabamento. E os home center, com mais poder econômico, tomam conta. Comércio pequeno como o nosso comercializa mais com material bruto”, analisa Orlando Kiuti.



“Da Área Verde (Praça Giovanni Breda) pra cá praticamente ninguém tem escritura. É tudo considerado área de mananciais. O atual prefeito tem procurado regularizar as áreas irregulares”.

*Elisa Martins Rebert de Oliveira, moradora pioneira do Jardim João de Barro;
Alcides Roberto Zana, morador pioneiro da Vila União*

Loteamentos da Região M

Parque Bela Vista - 1953
Parque Alvarenga - 1954
Parque Silvaplana - 1954
Jardim Laura - 1956
Parque Jandaia - 1964
Vila União - 1988
Jardim João de Barro - 1988
E mais: Jardim Primavera - Sítio das Garças - Acampamento dos Engenheiros - Sítio Moraes - Parque dos Químicos - Jardim Nova América - Jardim Novo Horizonte I e II - Parque Ideal - Jardim Cruzeiro do Sul - Parque das Garças - Recanto da Amizade - Recanto dos Pássaros - Jardim Vida Nova - Jardim Serra Azul - Associação Amigos Casa Nova - Jardim América do Sul - Jardim Ana Falleti.

Nota

Incluindo-se as áreas do Alvarenga Orquídeas (Região N) e Alvarenga Thelma (Região O), que formam a Grande Alvarenga, são 69 loteamentos, entre legalizados e em processo de regularização.

O tijolinho também perdeu sua vez para o bloco e para o chamado tijolo baiano. O velho tijolo das olarias tradicionais é mais usado para os arremates.

Jardim Laura - Loteamento aberto em 1956 e que levou mais de 30 anos para ser regularizado. Havia festas nas ruas. E eleição entre os moradores de todas as idades.

As vendas foram executadas pela imobiliária 1001. Um dos escritórios da empresa ficava na Estrada dos Alvarengas. Outro escritório ficava no Jardim das Orquídeas.

Jardim Laura tem as Ruas Alfredo Caputo, Almeida Duran, Cecília, Silvio, Ribeiro, Amadeu e Avenida 1001. Vários nomes são membros da família proprietária, casos das Ruas Cecília e Amadeu e do próprio nome do bairro, Laura.

É um dos loteamentos mais antigos da Grande Alvarenga. Os moradores pagam impostos, mas o bairro, anterior à Lei de Proteção aos Mananciais, passa ainda por processo de regularização.

Silvio Roque de Macedo reside desde 1978 no Jardim do Laura: “Em 1978 o Jardim Laura passava por uma situação muito crítica. A estrada era de terra. Com minha Brasília velha, para entrar em casa, eu tinha que pedir ajuda dos vizinhos. Era preciso empurrar. O asfalto veio na gestão

1989 – 1992. Foi bom. Até então vivíamos no barro. Foi como se chegássemos ao céu. Foi uma conquista popular”

Na história do Jardim Laura, a participação da Igreja, que criou um centro comunitário, com escola e creche, e que lutou pelas melhorias de condições físicas e sociais do loteamento. Entre as religiosas, uma freira, irmã Nilza, incentivadora do trabalho conjunto das moradoras.

Em agosto de 1983 a irmã Nilza viajara para a Itália, mas não esquecia da comunidade do Laura. De lá ela enviou uma carta à amiga Jamir Costa Oliveira. Dona Jamir guarda a carta até hoje.

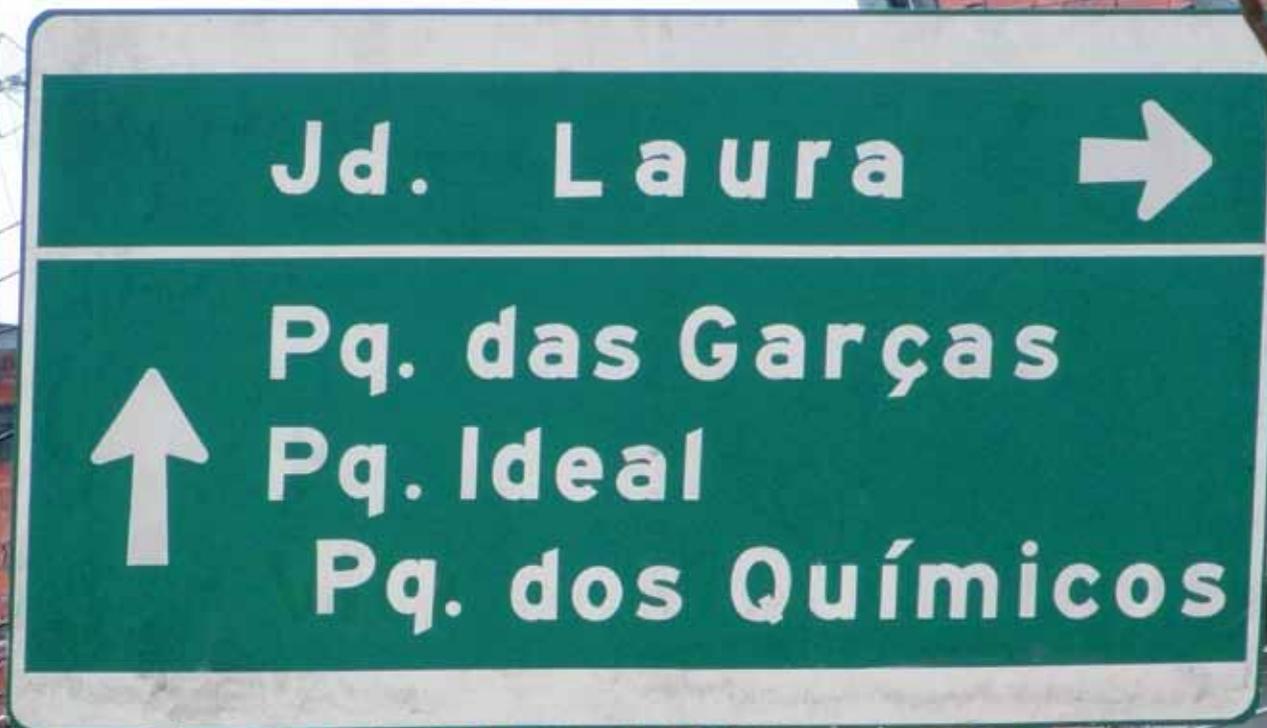
FESTA NA RUA

Depoimento: Jamir Costa Oliveira

1. No tempo da Associação de Moradores, que antecedeu a Sociedade Amigos, realizávamos festas de rua e comunitárias.

2. A gente via a dificuldade que as mães tinham com os filhos. As mães não tinham dinheiro para levar os filhos à cidade. Aqui não tinha nada para se fazer. As crianças ficavam aí, sem nada a fazer.

3. Recorriamos à Prefeitura. A resposta era padrão: nada se pode fazer,



“Jamir

Estou com saudades de todas vocês. Amo cada um, sofro por cada um, e também me alegro com o trabalho de todos vocês.

Acho lindo você, apesar de tanto sofrimento, se preocupando com os outros, que também são nossos irmãos

Cristo lhe deu o dom de falar, e você deve colocá-lo a serviço dos outros. Acho que você deve fazer a reunião. Colocar para as mães como foi o seu contato com o cara da Prefeitura. Pergunte o que elas acham.

Não temos escolas suficientes: nem uma pré, nem uma creche. Você precisa me ajudar. Quando eu voltar, a gente pega com mais força. Vocês são capazes.

Eu daqui ajudo no que posso. Se possível seria bom marcar uma próxima reunião com elas. E que neste tempo elas vão falando com as outras mães.

Irmã Nilza”.

porque o Jardim Laura está em área de mananciais. Vimos Riacho Grande, em plena área de mananciais. E lá tudo era feito.

4. Sentimos que era desleixo mesmo com a região. Então passamos a fazer as nossas festas. A rua era fechada. A criança podia cantar e dançar. Barracas eram montadas. O comércio do Laura ajudava. O mercado Pinheirinho dava dois mil sorvetes. Foram cinco anos seguidos de festas.

5. Quando a Prefeitura deixou de fornecer o palanque, minha filha recorreu à Transportadora Thomé, que nos forneceu um caminhão com palanque.

6. Eram os tempos da Associação de Moradores, com a participação de nomes como Carlão, Alice, Antonio

Coutinho, José Maria Gomide, Mário Dantas, família Saraiva, Agaci, Nice e dona Eliza, João Baleeiro, Almerita, José Maria Vieira, Nazaré e Leandro e família.

Notícias do Laura

1978 – Três moradores se cotizam para comprar o primeiro transformador para a chegada do primeiro trecho de energia elétrica: João Cristo da Silva, Irani Amaro Borges e Vanderlei Lopes Borges.

1981 – Moradores vão à Prefeitura e reivindicam: redes de água e esgoto, luz elétrica domiciliar e posto de saúde. Saem sem uma resposta positiva. Prefeito Tito Costa lembra que antes dos melhoramentos era preciso regularizar a situação do loteamento.

1984 – Extensão da linha de ônibus

No coração do Alvarenga, o indicativo dos novos loteamentos.



da Empresa Expresso São Bernardo passa a servir o Jardim Laura.

1985 – Em mutirão, os moradores constroem o centro comunitário, trabalho da Associação de Amigos do Jardim Laura e da comunidade da capela Nossa Senhora Aparecida.

1987 – Inaugurada a EMEI.

1988 – Moradores interrompem o trânsito da Rua Marechal Deodoro em protesto contra a não pavimentação das ruas do bairro.

- Oficializadas as Ruas Cecília, Almeida Durão, Alfredo Caputo e parte da Avenida II.

Vila União – O loteamento surgiu da iniciativa de um grupo de amigos que trabalhavam na Brastemp. Eles localizaram esta área do Alvarenga. Cotizaram-se. Compraram. E dividiram a área, passando-se uma fração ideal para cada família. Era 1987. Em 1988 já moravam cinco famílias na Vila União.

No total, 50 mil m², junto à Estrada dos Alvarengas, ao lado da Represa Billings. Áreas livres foram reservadas. Numa delas está o posto de saúde que a Prefeitura construiu, a UBS.

As ruas foram abertas pelos próprios adquirentes dos lotes e houve um trabalho junto ao poder público para as obras de infraestrutura. Por mutirão foram realizadas as obras de rede de água e esgoto, em vários finais de semana.

“As mulheres faziam a comida e o bolo e os homens abriam as valetas na unha”, relembra um dos pioneiros, Alcides Roberto Zana, primei-

ro presidente da SAB. “Foi bacana, uma história que ficou gravada na Vila União”.

Vila União, da união dos amigos da Brastemp. E os nomes das ruas ligados a várias atividades: Rua dos Pedreiros, Rua dos Mineiros, Rua dos Evangélicos, Rua dos Industriários, Rua dos Operários.

Hoje 80% dos pioneiros permanecem na Vila União. Existe a escritura coletiva referente à compra do terreno. Impostos são pagos. Caminha-se para a regularização do loteamento, que dará direito à escritura individual.

João de Barro – A história do loteamento começa em Ferrazópolis, do outro lado da cidade. Com reuniões realizadas numa escola estadual do bairro, famílias de várias partes, inclusive de Diadema, buscavam uma forma de obter sua casa própria. Encontrou-se esta área no Alvarenga, de um antigo sítio chamado João de Barro, apresentando-se como proprietário Almino Salles, presidente do Jôquei Clube de São Bernardo. Montou-se a Associação por Mutirão João de Barro e a área foi adquirida. Era 1988.

Na divisão, cada família ficaria com uma área de 5m x 25m, com prestações fixas. Houve desistências. Muitas famílias não acreditaram no empreendimento. Os que ficaram adquiriram áreas maiores, com o consequente aumento das mensalidades. Oitocentas famílias permaneceram.

Os lotes passaram para a metragem de 9m x 25m. E na avenida principal – denominada João de Barro – com lotes de 10m x 23m. As ruas começaram a ser abertas

entre 1990 e 1991.

“Problemas existiram, mas o projeto inicial deu certo. Sobrevivemos” (Elisa Martins Rebert de Oliveira).

Entre as ruas do bairro, a maioria com nomes de pássaros: Tangará, Garça, Beija-Flor, Aves Paraíso, Águia, Condor, Andorinha, Araras e Sabiá.

Era 1977 – O asfalto da Estrada dos Alvarengas terminava logo depois que a via passava por baixo da Rodovia dos Imigrantes. Prosseguia, em chão batido, para atingir o centro tradicional do Alvarenga, o do bar de dona Rosina e o boteco de Idario Bonicio.

Pouco antes, por qualquer trilho que se seguisse, chegava-se a uma ou outra olaria, inclusive na área do futuro Jardim das Orquídeas.

Na curva seguinte ao bar de dona Rosina havia um imenso motel. Mais a frente o acesso ao lixão, que a Prefeitura chamava de aterro sanitário – hoje extinto. A seguir, o acesso à ilha do Sabiá e, finalmente, Eldorado. Aí já estávamos em Diadema.

Equipamentos – Os loteamentos da Região M pipocaram. Eles se cruzam de várias formas, alcançando as demais regiões: N (Alvarenga – Orquídeas) e O (Alvarenga – Thelma).

Há EMEI no Jardim Laura, EMEB na Serra Azul, creche no Jardim das Orquídeas e Parque Esmeralda. O Parque Alvarenga termina na entrada do João de Barro. Vários loteamentos receberam, e tem recebido, asfalto ecológico.

Cada benefício fruto do movimento popular. Como enfrentar a falta de água e de luz nos primeiros



tempos do loteamento. A luz era clandestina, por cabos puxados pelos próprios moradores; a água fornecida por carros-pipa. Os terrenos são acidentados, com morros. Bastava chover para não subir o caminho com água. Dois episódios:

1 – Os entregadores de água entram em greve. Ficam 22 dias sem fornecer água. As mulheres ameaçam levar as roupas para lavar na fonte do Paço Municipal.

2 – Com a falta de luz, uma medida drástica tomada: fechar a Rodovia dos Imigrantes. Com 10 minutos de fechamento da rodovia, chegam a Globo, Record. O presidente da Comissão de Moradores, Ligeirinho, é preso. Resultado: a Prefeitura assina a realização das obras de luz e de água.

Marco histórico - A partir desta colina suave do coração da Grande Alvarenga avistava-se o porto de água doce dos alvarengas, grandes batelões. As embarcações faziam o transporte fluvial na interligação entre a Freguesia de São Bernardo e a Zona Sul paulistana. O porto foi encoberto pelas águas da Represa Billings a partir de meados da década de 1920, mas aquele transporte pioneiro tem sua memória preservada pelos antigos. Ao propor a colocação de um monumento no lugar, quer o Poder Público de São Bernardo do Campo perpetuar uma memória que fará sempre parte da História local, homenageando tantas e tantas gerações, e assinando que a expressão “Alvarenga”, do Bairro Alvarenga, já era dita e escrita no passado dos antigos brasileiros da Borda do Campo.

A CONST. CP. MUT. JOÃO DE BARRO

Inscrição nº C.G.C (MF) 58.159.963/0001-12
R.1001 s/n Jardim Laura II - Alvarenga SBC. SP.

“ INSTRUMENTO PARTICULAR DE CESSÃO DE DIREITO POSSESSÓRIO ”

Por este instrumento particular de cessão de direito possessório e na melhor forma de direito, a ASSOCIAÇÃO DE CONSTRUÇÃO COMUNITÁRIA JOÃO DE BARRO, associado civil sem fins lucrativos, registrada no primeiro cartório de registro civil de pessoas jurídicas de São Bernardo do Campo, sob n. 71084 e no ministério da fazenda sob n. 58.159.963/001-12, representada por seu presidente infra-firmando, AFONSO VIEIRA DE MATTOS, portador da cédula de identidade RG. 13.425.873-SSP-SP e do CPF. 689.801.758-68, de ora em diante denominada apenas de CEDENTE, e com fundamento e cumprimento aos seus estatutos, faz a seu associado (a): CLAUDIO DE OLIVEIRA

solteiro brasileiro (a), portador (a) da cédula de identidade RG. 13.063.124 e do CPF. 029.443.688-00

Adiante designado de CESSIONÁRIO, a cessão possessória de um terreno, lote n.(18), quadra (H) Jardim Laura Dois, Bairro Alvarenga, São Bernardo do Campo, estabelecendo ao associado cessionário os seguintes direitos e deveres:

CLAUSULA PRIMEIRA: A CEDENTE adquiriu através de escritura pública de cessão de direitos possessórios, lavrada no primeiro cartório de notas do município e comarca de Ribeirão Pires, em 10 de julho de 1.990, no livro 166, página 192, a posse de uma área de terra medindo 200.000 (duzentos mil) metros quadrados, de ALMIRO OLIVEIRA SALES e JOQUE CLUBE DO ABC, localizada no Jardim Laura Dois, Bairro Alvarenga, São Bernardo Campo,

CLAUSULA SEGUNDA: A posse acima mencionada, por força do estatuto da cedente, esta sendo dividida entre os seus associados proporcionalmente,

CLAUSULA TERCEIRA: A partir da entrega deste documento de cessão possessória, o cessionário poderá usar do terreno diretamente, bem como transferir sua posse a terceiros, sem necessidade de autorização da diretoria da cedente e isento do pagamento de qualquer taxa de revenda, todavia, toda e qualquer transferência que venha a fazer será de sua iniciativa e responsabilidade,

CLAUSULA QUARTA: A toda construção ou utilização do terreno será de total responsabilidade do cessionário frente aos órgãos públicos, municipais, estaduais e federais, observando-se, que embora a cedente tenha adquirido a posse total da área de manancial, a fim de conquistar juntamente com o cessionário, a urbanização do local,

CLAUSULA QUINTA: A

João de Barro: um instrumento particular.
Acervo: Eliza Martins
Rebert de Oliveira

Memória oficial

1949 – Empresa Auto-Viação São Bernardo Ltda requer atestado de conveniência e utilidade pública para explorar serviço de transporte de passageiros, em ônibus, entre o Centro e o Alvarenga. Linha proposta: bifurcação do Caminho do Mar, Estrada do Vergueiro e Avenida Pereira Barreto (onde está o Paço hoje), Rua Marechal Deodoro, Rua Tenente Sales, Linha Jurubatuba, viaduto da Via Anchieta até o Bar Santo Antonio, junto à represa. Assina o pedido Roberto Romano (cf. processo PMSBC 1554/49).

NOTA – O pedido foi aprovado em 1949 mesmo. Era o primeiro ônibus a servir a região atual do Bairro Assunção e Grande Alvarenga. Alfredo Favini foi o primeiro motorista da jardineira, função exercida pelo menos até a década de 1960.



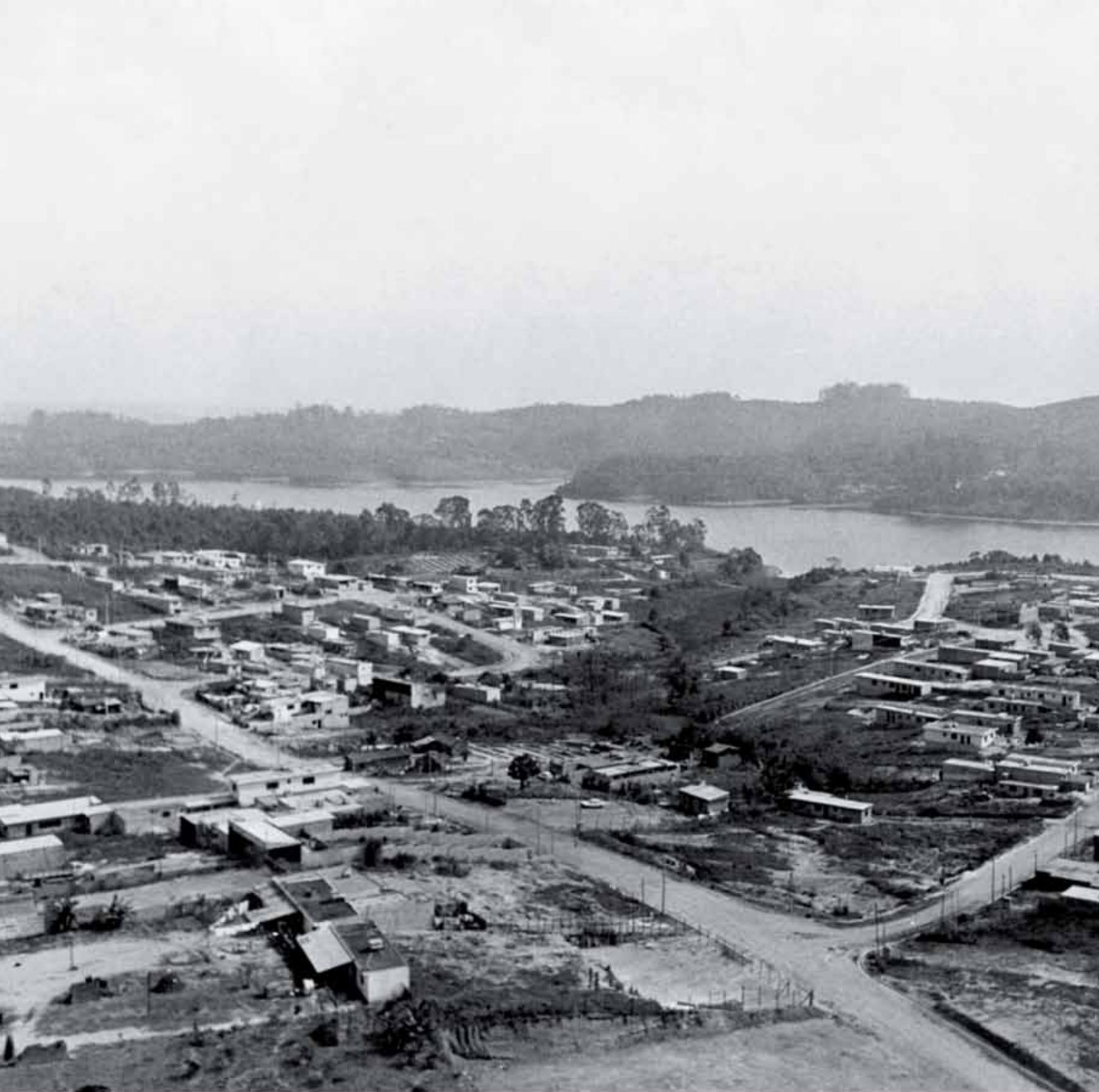
Porto dos Alvarengas: deste ponto do Alvarenga saiam os batelões para as procissões náuticas no Dia de São Sebastião em direção a Bororé. Ao centro, andira Pessotti Bonício, que sempre acompanhou as procissões. Na foto, ainda, Lucimara, os meninos Ryan e Richard e a professora Elisangela dos Santos.



Festa na rua: em 2002 a Associação dos Moradores do Jardim Laura e Parque Alvarenga organizou a primeira festa de rua. Acervo: Jamir Costa Oliveira



Alcides Roberto Zana (1º à direita) e familiares: o trabalho em conjunto e em mutirão para construir a Vila União.



*Jardim das Orquídeas em 1984: no eixo da Estrada do Poney
Clube o nascimento de um loteamento em plena área de mananciais*

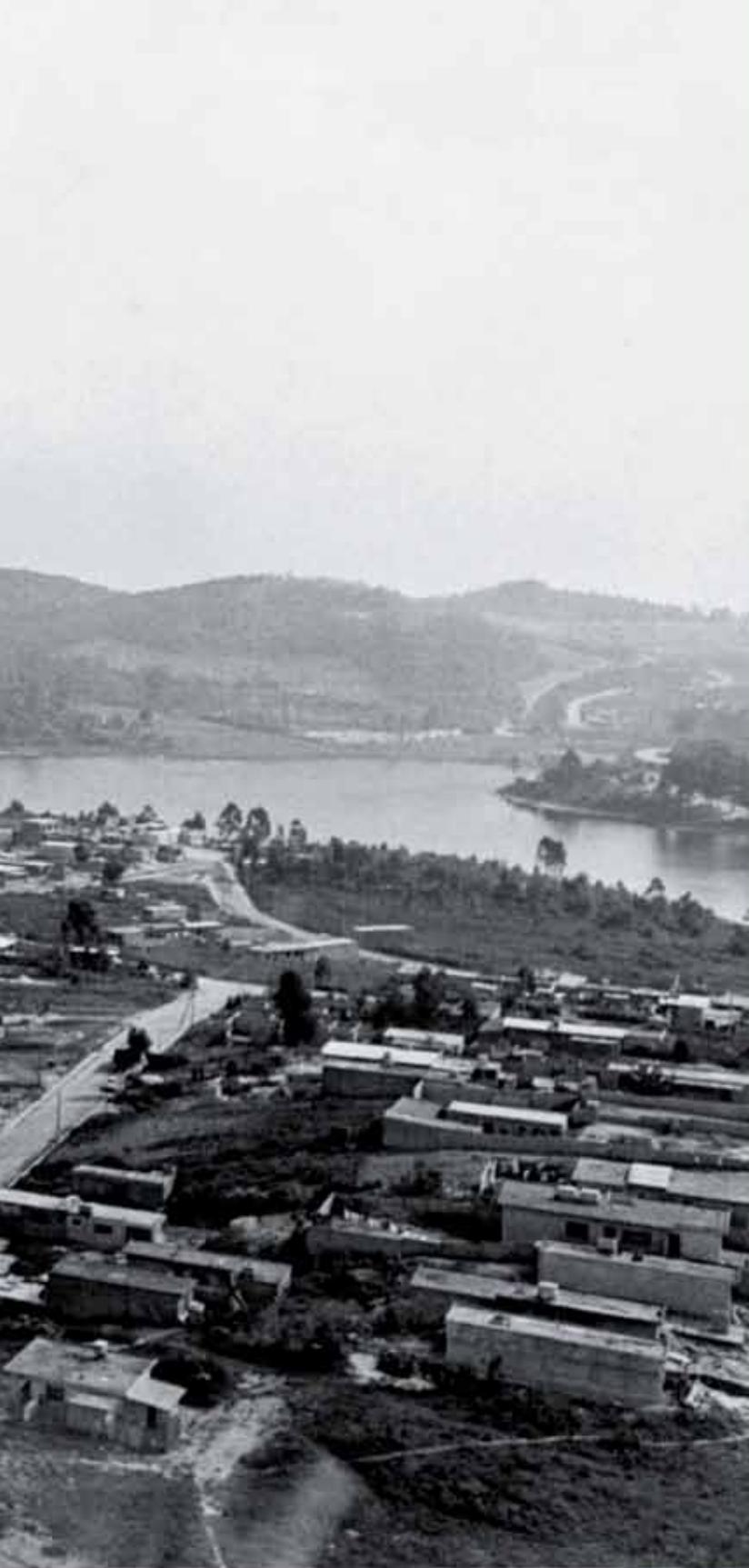


Foto: Dgabc

ALVARENGA – JD. DAS ORQUÍDEAS

Jd. das Orquídeas, Jd. Nosso
Teto, Chácara União, Pq.
Bandeirantes, Pq. Florestal,
Jd. Las Palmas

Região

N



Avança a Grande Alvarenga

Jardim das Orquídeas, Jardim Nosso Teto, Chácara União, Parque Bandeirantes, Parque Florestal e Jardim Las Palmas formam, na Grande Alvarenga, uma região embrionária que pode ser chamada de uma nova civilização dentro de São Bernardo.

Em 2010... mais de 700 pessoas participaram da terceira noite de plenária do Orçamento Participativo (OP) de São Bernardo do Campo, realizada nesta quinta-feira (22/4), no Ginásio Esportivo Orquídeas. A assembleia reuniu moradores do Jardim das Orquídeas, Jardim Nosso Teto, Chácara União, Parque Bandeirantes, Parque Florestal e Jardim Las Palmas. Entre os participantes, foram 328 credenciados com poder de voto.

Antecedentes - Tudo é muito recente. Entre 1979 e 1981, quando a Imobiliária Santa Tereza planejava o Jardim das Orquídeas, ainda funcionavam olarias no lugar, à beira da Represa Billings. Os oleiros resistiram a sair. A Prefeitura fez pressão contra o novo loteamento, localizado em flagrante área de proteção ambiental.

Manchetes do Dgabc da época dão uma clara ideia do quadro local. Seguem alguns exemplos do noticiário de 1981 do jornal:

“Imobiliária invade área em São Bernardo”.

“Prosseguem obras em loteamento irregular”.

“Jardim das Orquídeas pode ser embargado”.

“Regularização depende da Prefeitura”.

“Mais agressões a ocupantes da área”.

“Jardim das Orquídeas, donos de área são multados”.

No corpo das notícias, informações jornalísticas de época que hoje são subsídios importantes para se compreender uma situação que, por certo, levou muitas famílias a desistir de comprar um lote no lugar.

1. Em 10 dias a Imobiliária Santa Tereza ocupou áreas de duas olarias que funcionavam há anos no eixo da já denominada Estrada do Pônei Clube: a olaria Santa Rita, de Abdias Gouveia da Silva; e a olaria de Eugênio Rodrigues Chaves.

2. Chamados de posseiros, os oleiros informavam que desde 1980 vinham sofrendo pressão para deixar a área.

3. Em placas espalhadas pela área, a Imobiliária Santa Tereza informava que o futuro loteamento, denominado Jardim das Orquídeas, media 744.492,78 m². Procurada, a Prefeitura informava que a venda de lotes iniciada era irregular. As vendas não tinham autorização pública.

4. Coube à família Faletti vender a área à Imobiliária Santa Tereza.

Desenha-se um bairro

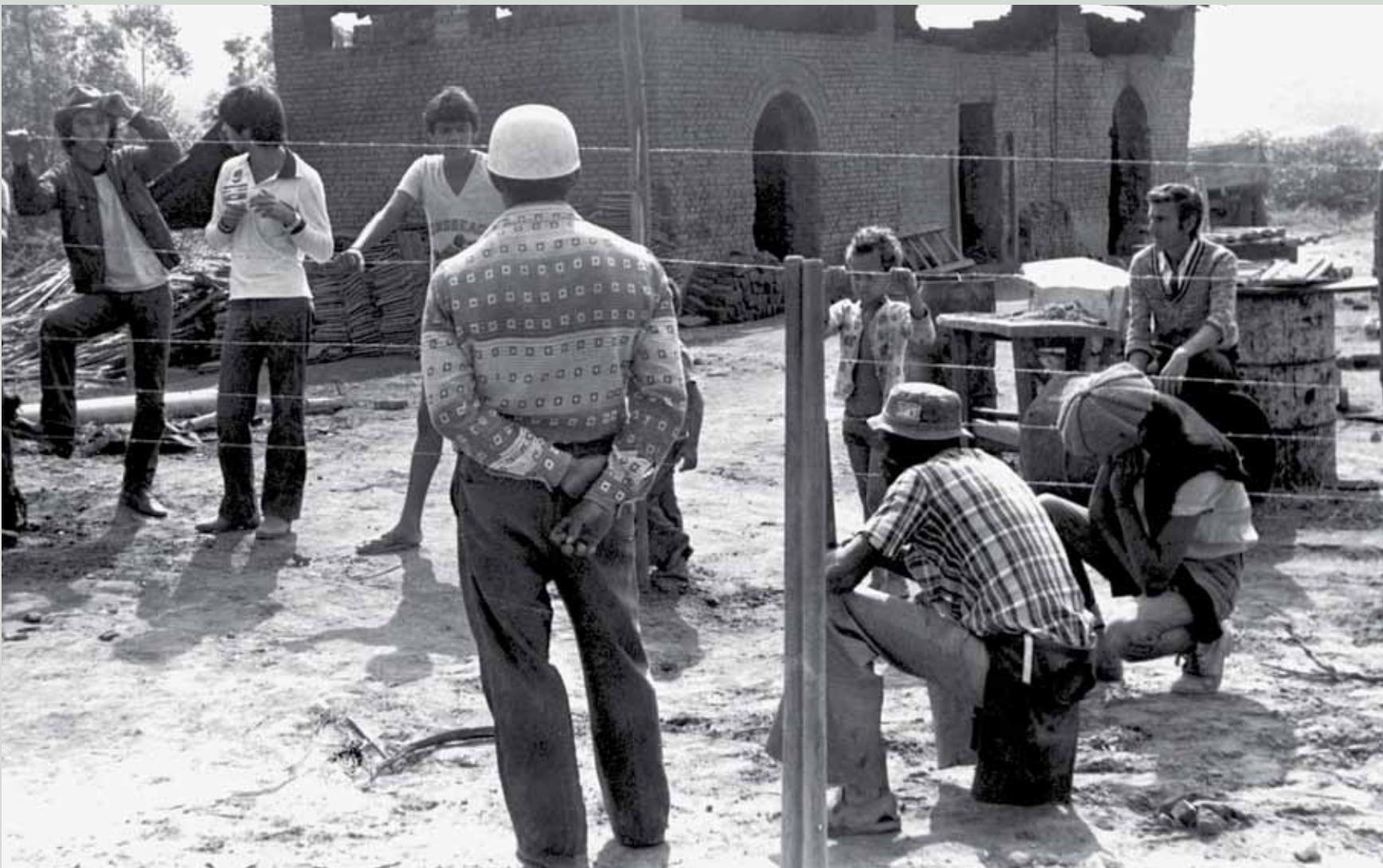
Da sua parte, a Imobiliária Santa Tereza escudava-se em despachos de órgãos estaduais. Exibia o processo 1272/81, da Secretaria dos Negócios Metropolitanos, pelo qual era expedida a licença 011.191/79, de 19-4-1979 da Cetesb; e a licença 011/81, de 29-4-1981, da Emplasa, além de parecer favorável da Secretaria de Saúde já no ano de 1976. Mas faltava a autorização da Prefeitura de São Bernardo.

Com autorização ou não, em 1982 já se desenhava o bairro. Como eixo, a Estrada do Pônei Clube. Se muitos desistiram, uma maioria acreditou que o esforço para comprar um terreno naquele local distante seria a alternativa para conseguir o seu teto.

O panorama de 30 anos atrás mostrava que na subida da Estrada do Pônei Clube, margeando a Rodovia dos Imigrantes, havia um eucaliptal. A



Primórdios do Orquídeas, o início da venda de terrenos (acima) e a resistência ensaiada pelos oleiros (abaixo): a ocupação de área definida como de proteção aos mananciais trouxe dificuldades às famílias compradoras de lotes e exigiu mobilização e resistência. Fotos: Dgabc.



Aqui também o rural tornou-se urbano. Afloram exemplos de conquista de brasileiros de várias partes que acreditaram num dos espaços mais pobres da cidade – e distante dos pontos mais desenvolvidos.



água da represa chegava até ali, ponto de natação dos meninos do lugar.

3. A consolidação - Em 1984 o Jardim das Orquídeas, superadas todas as vicissitudes iniciais, estava consolidado. Mas era preciso ser completado, como diz um dos moradores pioneiros, Antonio Vitoriano da Silva, o Tonhão, que chegou a São Bernardo, e ao Jardim das Orquídeas, em 30 de janeiro de 1982.

Terrão

Depoimento: Antonio Vitoriano da Silva
1. Há 30 anos era tudo difícil. A gente não tinha nada. Tinha as ruas abertas, mas era tudo terraço, não tinha energia elétrica, condução, água.

2. Na Estrada do Pônei Clube, hoje a nossa avenida, havia rede de energia e a gente conseguia pegar. Fui privilegiado porque sempre morei aqui na avenida. Inclusive a Estrada Pônei Clube passava dentro do meu terreno.

3. Água era de poço. Cavei 20 metros pra obter água.

4. Condução, a gente descia, caminhando, até a Estrada dos Alvarengas.

5. A Imobiliária Santa Tereza vendeu os lotes e a briga por melhorias ficou com a gente.

6. Cheguei a conhecer várias ola-

rias. Conheci o mangueirão (criação de porcos) que havia no lugar.

7. Lá embaixo, onde hoje existem barracos, ainda tinha água. O pessoal pescava ali. Daqui para o Alvarenga (Região M) atravessava-se de barco.

SAB – Importante instrumento na organização popular do Jardim das Orquídeas foi a Sociedade Amigos e Recreativa, cujo primeiro presidente foi o Sr. Moura. Luiz Gonzaga da Costa, o presidente atual, chegou ao bairro em 1984. Ainda havia muitos lotes em aberto. As ruas contavam com guias, mas faltava a pavimentação. Havia iluminação nas casas, mas não a iluminação pública.

Prefeito Aron Galante reúne-se com moradores do Jardim Las Palmas. Acervo: Maria Paixão Saraia Soares (dona Lia)





Como tantas famílias, a de Luiz Gonzaga precisou cavar poço para obter água: “Defino o Jardim das Colinas como um bairro de trabalhadores metalúrgicos, da Volkswagen, da Mercedes-Benz, da Scania, da Toyota, da Brastemp. Todos esses metalúrgicos é que formaram o Jardim das Orquídeas”.

Desde o início os moradores tinham consciência de estar ocupando área de proteção aos mananciais. Comprar o terreno e erguer as casas, mesmo sabendo que o bairro não estava regularizado, significou uma forma arriscada de sobrevivência. Mesmo assim, nunca houve uma tentativa mais clara de retirada daquela população inicial.

As ruas – Jardim das Orquídeas é formado por 27 ruas a partir do eixo da Pônei Clube, avenida que interliga a Estrada dos Alvarengas ao Jardim Las Palmas, onde existiu, de fato, um clube criador de pôneis e cavalos.

De início, as ruas eram simplesmente numeradas. Depois, ganharam os atuais nomes, escolhidos e eleitos pela população. Muitos nomes são homenagens a moradores antigos que faleceram. Outros lembram figuras nacionais importantes e santos da Igreja Católica.

Pela vontade dos moradores, uma das ruas homenagearia uma religiosa que até hoje atua no bairro, voltada às causas sociais e religiosas: Irmã Adriana. Por estar viva, não pôde continuar a denominar a antiga Rua 22.

Irmã Adriana Rubino – Italiana de Lucania. Nasceu em 28-11-1936. Pertence à Irmandade das

Sistema viário

A princípio foram numeradas 30 ruas, mas três delas, as Ruas 13, 15 e 16, foram incorporadas às Ruas 2, 22 e 25.

- | | |
|---|---|
| <i>Rua 1 – Rua André Franco Montoro, ex-governador do Estado.</i> | <i>antiga moradora.</i> |
| <i>Rua 2 – Rua Rita Mendes de Oliveira, antiga moradora.</i> | <i>Rua 17 – Rua Nelson Pizolitto, antigo morador.</i> |
| <i>Rua 3 – Rua Professor Florestan Fernandes, ex-deputado federal.</i> | <i>Rua 18 – Rua Irmã Dulce, “beata Dulce dos pobres”.</i> |
| <i>Rua 4 – Rua Luzia Francelina Cimas, antiga moradora.</i> | <i>Rua 19 – Rua Santa Martins, antiga moradora.</i> |
| <i>Rua 5 – Rua São Raimundo, padroeiro de Várzea Alegre (CE), cidade-irmã de São Bernardo, já que aqui residem muitas famílias procedentes daquela cidade. Tanto que existe a Associação Cultural Beneficente Várzea Alegrense, fundada em 14-11-1997, com sede no Bairro Ferrazópolis.</i> | <i>Rua 20 – Rua Lucidalva da Silva, antiga moradora.</i> |
| <i>Rua 6 – Rua Dom Oscar Romero, arcebispo de San Salvador.</i> | <i>Rua 21 – Rua São José Operário.</i> |
| <i>Rua 7 – Rua Luiz Lua Gonzaga, cantor e compositor pernambucano, o Rei do Baião.</i> | <i>Rua 22 – Rua Irmã Adriana, hoje Rua Sheila Melo Sobral, menina do bairro.</i> |
| <i>Rua 8 – Rua Tom Jobim, compositor.</i> | <i>Rua 23 – Rua Herbert de Souza, o Betinho, liderança política brasileira</i> |
| <i>Rua 9 – Rua Chico Mendes, líder sindical assassinado no Acre.</i> | <i>Rua 24 – Rua Tereza Barbosa de Oliveira, antiga moradora.</i> |
| <i>Rua 10 – Rua Padre Damião Calixto Trajano.</i> | <i>Rua 25 – Rua Luzia da Costa Batista, antiga moradora.</i> |
| <i>Rua 11 – Rua Dom Avelar Brandão Vilela, cardeal.</i> | <i>Rua 26 – Rua Sebastião Pacheco, antigo morador, morto em acidente de caminhão.</i> |
| <i>Rua 12 – Rua Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do bairro.</i> | <i>Rua 27 – Rua Paulo Freire, professor.</i> |
| <i>Rua 14 – Rua Vânia Silva Santos,</i> | <i>Rua 28 – Rua Milson de Souza, antigo morador.</i> |
| | <i>Rua 29 – Rua Vinicius de Moraes, poeta e compositor.</i> |
| | <i>Rua 30 – Rua Edson Roberto Vismara, filho de um caminhoneiro do bairro.</i> |



Várzea Alegre presente

Raimundo, cognominado Nonato, filho de pais nobres, porém destituídos de fortuna, nasceu em 1204, em Portel, na Catalunha. Faleceu em 31 de agosto de 1240.

*Cantemos fiéis louvores
Com um eterno amor inteiro
Ao Padre São Raimundo
Nosso fiel padroeiro*

Fonte: site oficial da Prefeitura de Várzea Alegre (CE)



Pias Operárias de São José, com sede em Firenze. Atua desde 1990 no Jardim das Orquídeas. Realiza trabalho pastoral na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe. A paróquia tem matriz no bairro. Alcança toda a Grande Alvarenga, com 13 capelas.

A chegada de irmã Adriana a São Bernardo ocorreu em 1980, no tempo do padre Leo Commisari, dentro do intercâmbio entre as igrejas irmãs das Dioceses de Imola e Santo André. A princípio, atuou no Jardim Farina.

Em 1990, ao transferir-se para o Jardim das Orquídeas, irmã Adriana participou do início da nova igreja. As ruas eram ainda de terra, a atual matriz não havia sido construída. As atividades religiosas se realizavam no pátio da Escola Francisco Cristiano.

Hoje a ação das Pias Operárias de São José mantém duas casas no Jardim das Orquídeas: o Centro Comunitário Criança Vida Nova e a Creche Jesus de Nazaré, com uma segunda unidade no Jardim Las Palmas; outra unidade funciona no Jardim Laura e há o Centro Comunitário das Crianças Nossa Senhora de Guadalupe e a casa de formação para irmãs brasileiras.

Momento atual – O Jardim das Orquídeas chega a 2012 com 2.766 residências que possuem inscrição imobiliária e um total de nove mil eleitores. A sua rede de equipamentos é importante: linhas de ônibus, sistema educacional e de saúde, comércio forte.

Um dos gargalos é o sistema vi-

ário, apenas com a saída clássica pela Avenida Pônei Clube. Faltam acessos ao Rodoanel e à Rodovia dos Imigrantes.

Não há agências bancárias em toda a Grande Alvarenga, e somente em 8-3-2012 foi inaugurada a primeira lotérica, à Avenida Poney Clube.

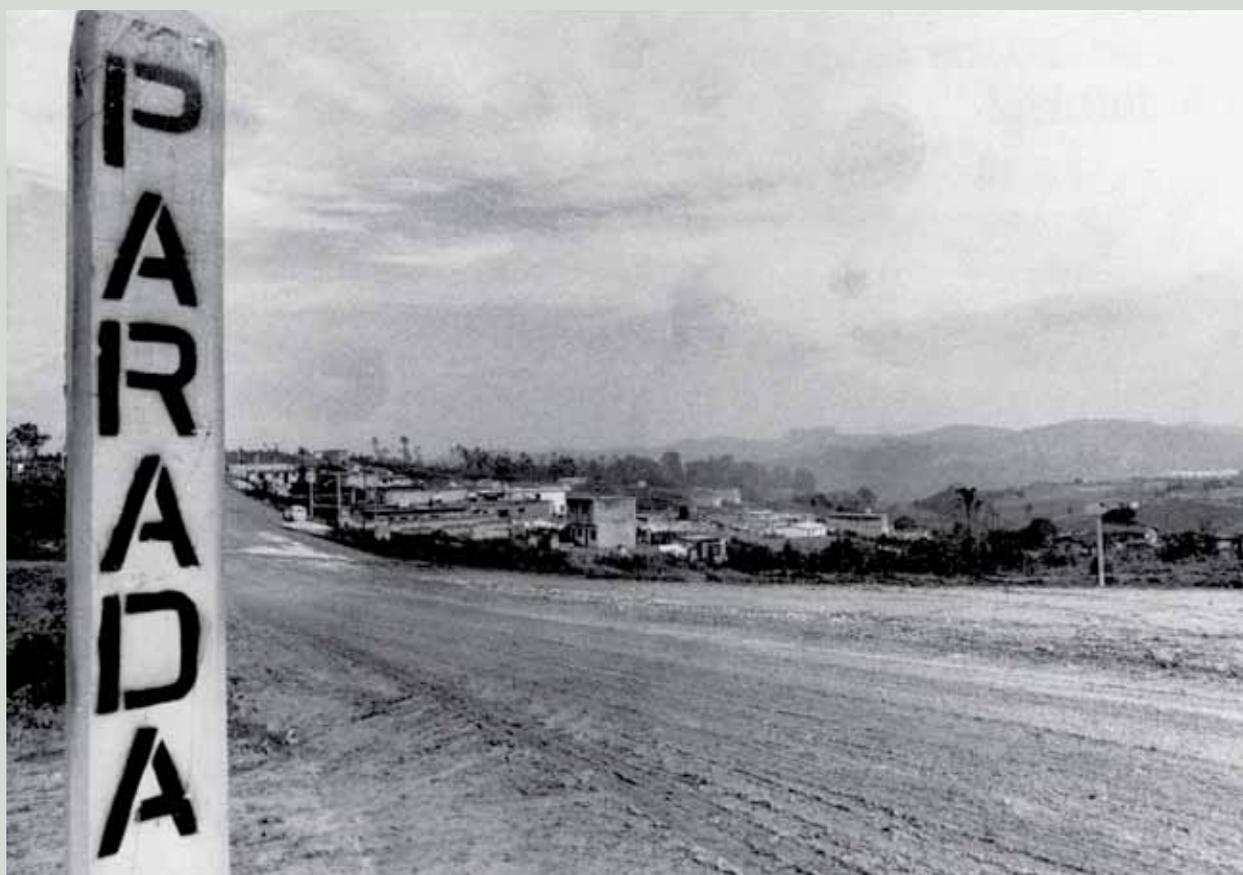
O sonho maior: a regularização fundiária, que poderá se tornar realidade quando da conclusão das obras dos coletores de esgoto pelo Estado, que eliminarão o despejo de esgoto in natura nos mananciais.

Na área de lazer, há o EC Jardim das Orquídeas, fundado no início da criação do bairro, em 20 de março de 1982.

Uma conquista, simples mas referencial: a feira livre. Não havia feira livre no Jardim das Orquíde-

Lentamente, a chegada dos primeiros benefícios, como a linha de ônibus: e um novo bairro nasce na Grande ABC.

Foto: Dgabc





Em torno da associação de moradores, da igreja, do time de futebol, gente das fábricas, estabelecimentos comerciais e de serviços, acreditou que seria possível vencer com dignidade. E eles venceram, construindo um novo espaço de convivência. E houve muita oposição.

as e em nenhum outro bairro da Grande Alvarenga, ao mesmo tempo em que vários moradores eram feirantes, servindo a bairros mais centrais e urbanizados, geralmente como funcionários das famílias de origem japonesa que plantavam e produziam aves e ovos.

Hoje, coincidindo com a divisão da Grande Alvarenga em três regiões, há feiras no Alvarenga/Laura (Região M), Alvarenga/Orquídeas (Região N) e Alvarenga/Thelma (Região O).

“A primeira experiência de feira livre foi na Rua Paraguaçu, no Jardim Thelma. Não deu certo. Faltou um pouco de incentivo do pessoal aqui para estimular o comércio. Deixava-se de comprar aqui para ir até à feira do Jardim do Lago” (cf. Francisco Antonio dos Santos).

Hoje é montada feira livre no Jardim das Orquídeas às terças-feiras; no Jardim Laura às quintas-feiras; e no Jardim Thelma aos sábados.

Loteamentos da Região N

Jardim Las Palmas – 1955
 Jardim das Orquídeas – 1979
 Jardim Nosso Teto
 Chácara União
 Parque Bandeirantes
 Parque Florestal

SOCIEDADE AMIGOS DO JARDIM DAS ORQUÍDEAS

APRESENTAÇÃO A COMUNIDADE, DA CHAPA 2 CONCORRENTE A PROXIMA ELEIÇÃO



1
PRESIDENTE
MANOEL ALELUIA

CHAPA 2



2
VICE-PRESIDENTE
MELÃO (SERVISOR)

 <p>3 1.º SECRETÁRIO MADALENA</p>	 <p>4 2.º SECRETÁRIO GILVAN</p>	 <p>5 1.º TESOUREIRO LUIZ A. NASCIMENTO</p>	 <p>6 2.º TESOUREIRO CUSTÓDIO</p>	 <p>7 DIRETOR SOCIAL OSMAR</p>	 <p>8 DIR. ESPORTIVO EIVALDO (BANHA)</p>
 <p>9 CONSELHO FISCAL JOSÉ IVAN</p>	 <p>10 CONSELHO FISCAL ANTÔNIO (TOTA)</p>	 <p>11 CONSELHO FISCAL TEREZINHA</p>	 <p>12 SUPL. CONSELHO ELIZEU</p>	 <p>13 SUPL. CONSELHO PETRONIO</p>	 <p>14 SUPL. CONSELHO GILSON</p>

CHAPA 2

CONTAMOS COM A COLABORAÇÃO E APOIO DE TODOS OS MORADORES DO BAIRRO



Urbanização – O Jardim das Orquídeas teve um papel importante na urbanização da Região N. Mas, não foi o primeiro loteamento local. Antes dele está o Jardim Las Palmas.

Jardim Las Palmas – Criado pelo menos 20 anos antes da legislação em defesa dos mananciais. Seus moradores se reúnem em torno da Associação de Adquirentes de Lotes do Loteamento Jardim Las Palmas, que teve entre outras lideranças Bosko Preradovic, hoje nome da EMEB do bairro.

Maria Paixão Saroa Soares, a dona Lia, chegou ao Las Palmas nos anos 1980. Acompanhou a fase mais contemporânea do loteamento. Lembra que à época nem imaginava o que seria manancial. Criou os filhos à beira da Billings. E passou a guardar a documentação gerada no bairro, como fotos e recortes de jornais.

São 545 lotes em ruas bem cuidadas, floridas, transformadas. Quando dona Lia chegou, as ruas mais pareciam trilhos. Diziam: “Las Palmas, terra de índios”. A transformação é visível. Como tantos outros bairros, o sonho acalentado é ver o Las Palmas legalizado.

Sistema hídrico – A Região N localiza-se às margens da Billings e , a exemplo das outras Regiões da Grande Alvarenga e Grande Batistini, tem várias nascentes e um ribeirão referencial – Ribeirão Lavras, encoberto pelas águas da represa.

Nas nossas andanças pelo Município, fotografamos as costas da Região N vista do outro lado da represa (Jardim Pinheiro – Região P) – e das margens do Ribeirão das Lavras - aparecendo o Jardim das Orquídeas e o Jardim Las Palmas.



Mutirão no Jardim Las Palmas. Acervo: Maria Paixão Saroa Soares (Dona Lia)



Estrada do Poney Clube hoje: a urbanização do antigo caminho rural



Irmã Adriana Rubino: desde 1980 em São Bernardo e desde 1990 no Jardim das Orquídeas



A saída da escola pela Rua Nossa Senhora de Guadalupe: no espaço antigo dos oleiros



A SAB reunida: presidente Luiz Gonzaga da Costa e moradores do Orquídeas que participam de cursos e atividades recreativas



Campo de futebol do Jardim Thelma em 1981: área pleiteada pelos moradores para a construção de uma escola

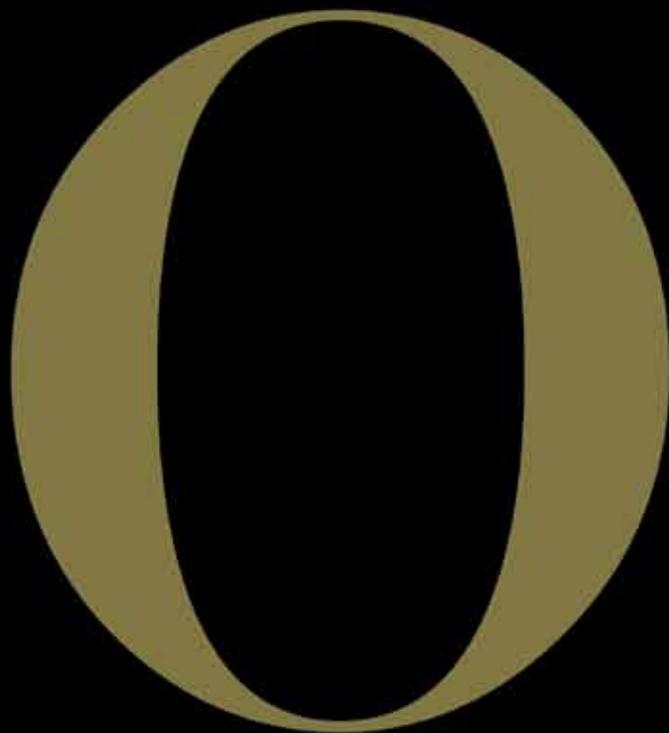


Acervo: Cícero Porfrio dos Santos (em memória)

ALVARENGA – JD. THELMA

Jd. Thelma, Pq. Esmeralda, Jd. Senhor do Bonfim, Jd. Cama Patente, Jd. Campestre, Pq. Hawai, Núcleo São Jorge, Jd. das Oliveiras I, II e III, Jd. Nova Patente, Jd. Nosso Lar, Monte Sião, Núcleo Cantareira

Região





A expansão do Bairro Fabrício

A família Vieira – apelidada “Fabrício” – esparramou-se por São Bernardo, mas há um tronco da mesma até hoje na Estrada da Cama Patente, que é um dos caminhos referenciais da Região 0, anterior à passagem da Imigrantes, mas junto à rodovia.

“A área do bairro Alvarenga era uma região de hortaliças. Um cinturão verde. A coisa mais linda. Nos baixadões você passava e era só alface, couve, tomate...”.
Expedito Soares

Formação étnica - A família Vieira, ou Fabrício, tem uma história que vem de tempos coloniais brasileiros, do Alvarenga que ainda era caracterizado pela passagem do Rio Grande – cuja nascente esconde-se em Paranapiacaba, no Alto da Serra – e seus afluentes, entre os quais o próprio Ribeirão dos Alvarengas.

Irmanam-se aos Vieira (ou Fabrício) outras famílias chamadas de brasileiras do Alvarenga, algumas citadas no capítulo da Região M. Entre essas outras famílias antigas do Alvarenga está a família da Luz, que também tem o seu apelido: Cachoeira.

O caminhão e a lavoura produzida: atividade agrícola sobreviveu até a década de 1980.



Basta falar com os antigos de São Bernardo, mesmo os que moram no Centro, portanto bem longe do Alvarenga. Eles vão citar que entre os antigos do bairro estão os Fabrício, os Cachoeira, os Florindo – dos benzedores que também citamos no capítulo da Região M.

Estávamos fechando este capítulo, em julho de 2012, quando recebemos o telefonema de um jovem pesquisador que estuda as origens da família da Luz. Segundo ele, esta família antiga do Alvarenga tem raízes judaicas, a partir de Maria da Luz, que viveu no século 1.100.

De concreto, temos o depoimento de dois primos, netos de Paulino Antonio Vieira, nascidos no Alvarenga. São deles os tópicos que se seguem.

Memoria oral

Depoimento: Cláudio Luiz Vieira e Neomisia Bonício Vieira Malzone (Tata)

1 - Paulino Antonio Vieira (o Paulino Fabrício) casou-se com Amélia da Luz Vieira (dona Amélia Cacho-

eira). Tiveram cinco filhos: José Luiz Vieira, João Luiz Vieira, Arnaldo Luiz Vieira, Benedita Cristina Vieira Pereira e Natalina Vieira Dellabarba.

2 - Por herança, Paulino Fabrício e Amélia da Luz receberam muitas terras no Alvarenga, em várias das quais estão instalados alguns dos loteamentos da Grande Alvarenga.

3 - Sr. Paulino era comerciante, com seu bar e armazém ao lado da capelinha que ficava quase que nos baixos da Rodovia dos Imigrantes. A rodovia dividiu o antigo Alvarenga e também as terras dos Fabrício.

4 - A escolinha isolada era formada por duas salas de madeira e uma cozinha. Derrubada, foi substituída pela atual Escola Estadual Professor Jacob Casseb, localizada à Estrada da Cama Patente, 200.

5 - Antes da escolinha isolada, meninos e meninas do Alvarenga



Memória oficial

Com data de 4-1-1952, moradores do Bairro Alvarenga (ou também Jurubatuba) pedem à Prefeitura a criação de mais uma escola no prédio Artuélia, “onde já se acha iniciado o plano educacional Dr. José Fornari” (cf. processo PMSBC 028/52).

Assinam o pedido, entre outros, Riuichi Matsumoto, Toshio Tamai, Kazuo Kimoto e Nobuo Myamoto.

precisavam caminhar até quase a atual Área Verde da Praça Giovanni Breda, para estudar em outra escola isolada, e mais antiga: a escolinha do Haras Artuélia.

6 – Todo o pequeno complexo do miolo do antigo Bairro Fabrício foi desmanchado. O último bem demolido foi a capelinha, que chegamos a conhecer na década de 1970 e que foi fotografada por Dorival de Almeida, fotógrafo à época da Prefeitura e do Dgabc.

7 – A unidade da Toshiba do Alvarenga substituiu o que era o coração do Bairro Fabrício. A capelinha citada foi demolida para dar espaço à

grande fábrica instalada em plena área de mananciais.

8 – Quando da demolição da capelinha, as imagens e demais objetos sacros que a mesma abrigava foram transferidos para uma outra capela particular do bairro, que fica na Estrada da Cama Patente e é dedicada a São Benedito e que foi construída pela família Vieira/Fabrício.

Cinturão verde – Até que as Regiões M, N e O, que formam a Grande Alvarenga, iniciassem, timidamente, o seu processo de urbanização, o lugar fazia parte do cinturão verde de São Bernardo, expressão que vem dos tempos do Núcleo Co-

A chegada do ônibus e a interligação Jardim Thelma a Rudge Ramos: prefeito Walter Demarchi conversa com representante da empresa Setti e Braga. Foto: Dorival de Almeida/PMSBC



lonial de São Bernardo (século 19) e mesmo dos tempos das fazendas beneditinas (século 18).

No cinturão verde do Alvarenga plantava-se, criavam-se aves, mantinham-se olarias, graças à terra propícia às margens da Represa Billings.

Localizamos uma documentação interessante sobre o cinturão verde do Alvarenga, transformada no processo PMSBC 277/53. Em ofício endereçado à Municipalidade, Sottero Paronetti pede restituição do imposto pago de Licença de Granja, “em virtude de as demais (granjas) não estarem sendo tributadas”

Paronetti obteve êxito, mesmo que a legislação da época não estivesse a isenção para as granjas de criação.

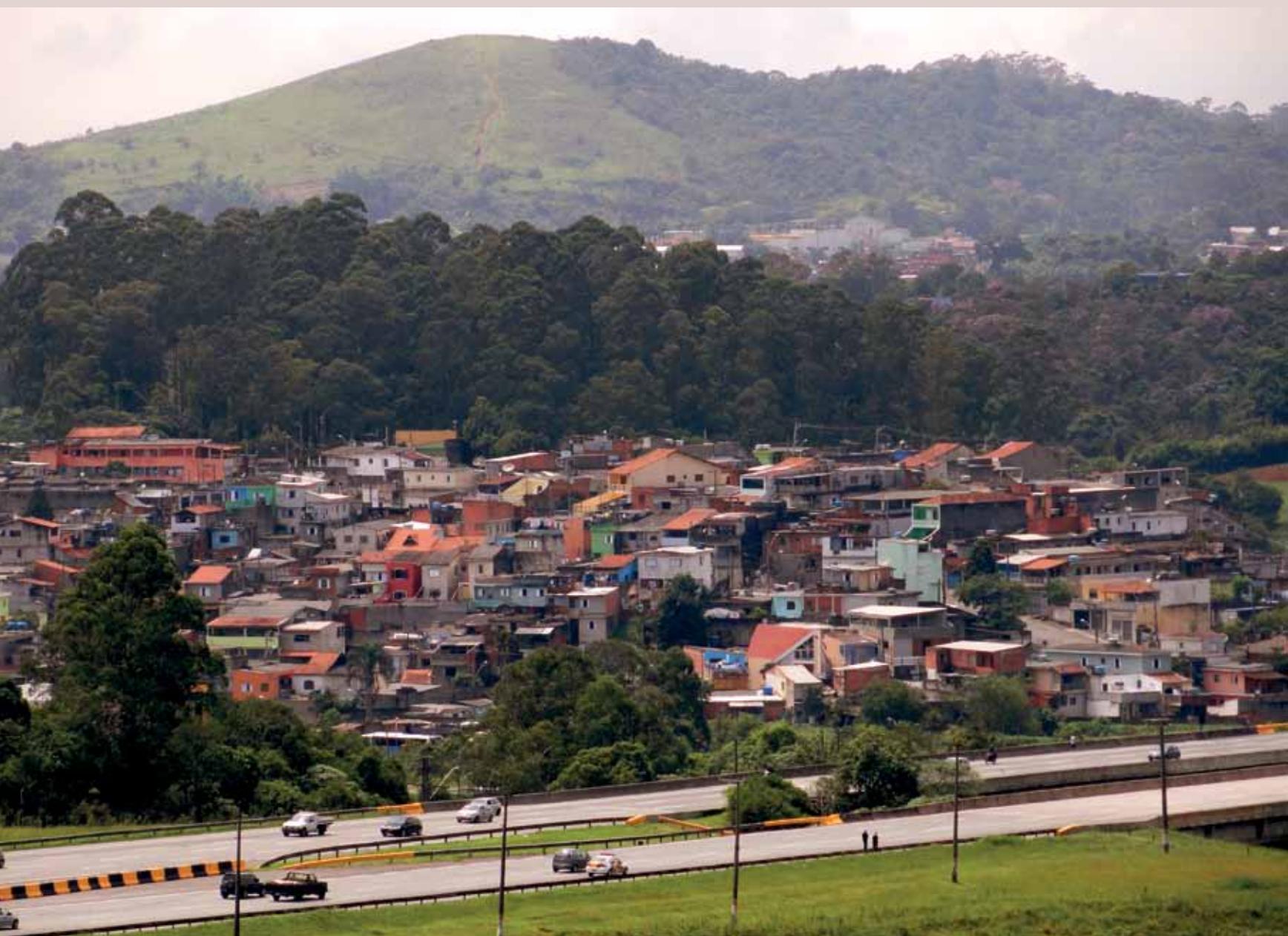
À época – primeiro governo do prefeito Lauro Gomes – era procurador jurídico do Município o jovem advogado Tito Costa, que deu o seguinte parecer: “A Procuradoria está elaborando projeto de lei neste sentido. Por ora, no entanto, somos de parecer de que o presente deve ser deferido, como medida de equidade. E isso terá ainda o mérito de colaborar, de modo concreto, na “batalha da

produção”, já que São Bernardo é parte ativa do chamado “cinturão verde”.

Sistema hídrico, fauna e flora – Córregos, riachos e nascentes da Região O fazem parte da chamada área dos Mares de Morros da bacia fluvial que forma o Sistema Billings. Destaca-se o Ribeirão dos Alvarengas, um dos divisores internos das três regiões que formam a Grande Alvarenga, juntamente com o Ribeirão das Lavras.

Moradores narram que ao longo da Estrada dos Alvarengas o Ribeirão dos Alvarengas já foi mais caudaloso.

Vista geral do Parque Esmeralda, ao lado da Rodovia dos Imigrantes: terras pertenceram à Família Vieira, mais conhecida por Família “Fabrício”.





Tanto que se transformava num dos braços da represa. Hoje nesta área são desenvolvidas atividades de horta, seguindo a velha tradição do Alvarenga, e criadas cabeças de gado.

“Nesse rio os meninos pegavam até peixinho colorido” (Adalgiza Ivak de Almeida, que tem casa à beira do Ribeirão dos Alvarengas desde 1977).

“Vinha pescando pelo rio, com um saco, até o Clube da Ford” (João Coradazio Moreira, residente no Jardim Thelma desde 1969).

A maioria das correntes d'água locais não possui nome. Moradores do Jardim Senhor do Bonfim não tiveram dúvidas: deram ao córrego que atravessa o loteamento o nome de Senhor do Bonfim.

Em 2001 os moradores do Bonfim recuperaram três nascentes. As minas foram limpas. Árvores e grama foram plantadas em toda a área próxima a nascentes. Principalmente, foram recuperadas as matas ciliares.

No site do Bonfim é até mesmo explicado o sentido da expressão mata ciliar: a função é evitar erosão e a poluição; funciona como os cílios dos olhos, daí o nome mata ciliar.

O trabalho do Bonfim tem atraído alunos interessados em realizar pesquisas. Melhor: entre os visitantes estão os pássaros, como coleirinha, beija-flor, sabiá, várias espécies de pica pau e lagartos (teus).

Alvarenga x Casa – Quando das plenárias do Orçamento Participativo de 2012, nas exposições de imagens que precediam cada reunião do prefeito com os moradores, defendemos a ideia da colocação de um marco histórico na bifurcação de duas estradas antiquíssimas: a Estrada dos Alvarengas e a Estrada dos Casa.

A proposta foi levada às plenárias da Grande Alvarenga. Geograficamente, o entroncamento fica na Região O.

Ao longo das gerações as duas estradas sofreram alterações de rotas. Chegaram a se encontrar no atual Bairro dos Casa, ainda no início do século 20, conforme precioso depoimento que colhemos 30 anos atrás numa conversa com Vitorino Casa: “Hoje a Estrada dos Alvarengas passa por fora do Bairro dos Casa. Mas

João Casa, me pai, que faleceu em 1935, dizia que nos seus tempos de menino a estrada passava por aqui (ao lado da capela histórica de Santo Antonio), bem em frente à minha casa (à Rua Leonardo Martins Neto). Era só um caminho, uma trilha no meio do mato”.

Hoje os dois caminhos, retificados, mas preservando formas e curvas dos tempos rurais, encontram-se na Região O. Ali há um largo que pode receber um marco histórico que assinala a passagem pelo local dos dois mais antigos caminhos da região hoje chamada de Grande Alvarenga.

No passado, um entroncamento tipicamente rural, por onde passavam cavaleiros, carroças e charretes com produtos recebidos no Porto dos Alvarengas ou para o porto produtos encaminhados, desde a vila da Freguesia de São Bernardo.

Formação urbana

Considerando que Bairro Fabrício foi o nome genérico das terras de Paulino Antonio Vieira e Amélia da Luz Vieira, desde os tempos de seus ancestrais, a família partici-

Bifurcação das Estradas dos Alvarengas e dos Casa, marco histórico da Região O: vias antecederam a formação urbana da Grande Alvarenga



pou, mesmo que indiretamente, do processo de transformação urbana das Regiões M, N e O.

Paulino e dona Amélia venderam à imobiliária 1001 as terras que hoje formam o Jardim Laura. Venderam também, a Emílio Baccarat, as terras do atual Parque Esmeralda, ao longo da Estrada da Cama Patente.

Parque Esmeralda – Antiga gleba do popular Bairro Fabrício. O mais antigo da Grande Alvarenga. Sua área original era de 59.121,30 m². Deu entrada na Prefeitura em 1952 e foi aprovado naquele mesmo ano, em 26 de maio.

O loteador do Parque Esmeralda, Emilio Baccarat, foi liderança conhecida dos primeiros tempos administrativos de São Bernardo do Campo. Antes de abrir o Parque Esmeralda, Baccarat dedicava-se a atividades rurais.

Possuía dois sítios na Estrada dos Alvarengas, 3000, os Sítios Maria José

e São João. Em 1949 Baccarat entrava com pedido na Prefeitura de licença para venda de leite em domicílio, com timbre dos seus sítios (cf. processo PMSBC 269/49). Detalhe: no então longínquo Alvarenga, Emílio Baccarat possuía telefone: de número 101.

O eixo central do Parque Esmeralda é a Estrada da Cama Patente.

Cama Patente

A cabeceira da cama patente era apenas um arco de madeira vergada. Com o passar do tempo surgiram versões mais ornamentadas e almofadadas - como a Cama Nobre, a Cama Salete, a Maria Antonieta e a Cama Regência, que perderam a simplicidade formal do projeto original.

Numa cidade como São Bernardo, que já foi chamada de Capital do Móvel – antes da era da indústria automobilística – a indústria Cama Patente foi um diferencial.

A cama patente foi idealizada em 1915, num projeto do espanhol Celso Martinez Carrera. Ele trabalhou na marcenaria da Companhia Estrada de Ferro Araraquara. Depois abriu a sua própria oficina.

Carrera desenvolveu a cama patente como móvel popular. O primeiro objetivo, em Araraquara, foi substituir camas de ferro importadas da Inglaterra para clínicas e hospitais. O início da primeira guerra dificultou as importações e favoreceu as vendas das camas patentes inventadas e fabricadas no Brasil.

Um italiano, Luigi Liscio, transferiu a fabricação da cama patente para São Paulo, em 1919. A indústria sobreviveu até 1968. Tinha sede no bairro do Bom Retiro e uma unidade no Batistini, no atual Jar-

dim Pinheiro. Um dos acessos à indústria dava-se pela Estrada Cama Patente, no Alvarenga.

O design da cama patente foi retomado em versões contemporâneas, como a nova cama patente de Fernando Jaegger, que foi fabricada na década de 1980 e foi comercializada pela rede de distribuição de móveis contemporâneos Tok & Stok.

Jardim Thelma – Foi o segundo loteamento da Região O. Extensão: 130.051,00 m². Aprovado em 13-7-1978. Seus loteadores: Roberto Belli e Jean Tombi. O nome Thelma foi uma homenagem à filha de Jean Tombi. A família residia em São Paulo.

Na história do Jardim Thelma, a presença de Cícero Porfírio dos Santos. Ele teve uma participação decisiva em todas as conquistas da comunidade local. Seguiu com sua pasta pelos andares do Paço Municipal e demais setores da Prefeitura, em busca de soluções para os problemas do Thelma. E conseguiu.



Cícero Porfírio Rodrigues e o retrato divulgado pela escola com o seu nome

Loteamentos da Região O

Parque Esmeralda – 1952
 Jardim Thelma – 1961
 Jardim Cama Patente
 Jardim das Oliveiras
 Jardim Campestre
 Jardim Nova Patente
 Parque Hawaii
 Jardim Nosso Lar
 Jardim Senhor do Bonfim – 1990
 Monte Sião
 Núcleo Cantareira – 1988/9
 Núcleo São Jorge

Cícero Porfírio dos Santos lutou intensamente pelo fornecimento de água e luz, implantação da rede de esgoto, pavimentação asfáltica. Sua conquista maior: a aprovação do loteamento que originou o Jardim Thelma.

A construção da igreja católica, da creche, da escola estadual teve a participação do Sr. Cícero. Do mesmo modo, a criação da Sociedade Amigos, em meados dos anos 70. Foi o primeiro presidente da SAB. Nunca se afastou da mesma. Voltou a presidi-la em outras oportunidades. Acreditou na força emanada da comunidade.

*Cícero Porfírio dos Santos
Palmeiras dos Índios, Alagoas
15-9-1935 - São Bernardo 29-7-1992*

“Tudo era barro. Quando chovia, se você quisesse pegar um ônibus lá embaixo, você arrumava uns plásticos e calçava os pés. Lá embaixo você tirava e calçava os sapatos”.

*Josefa Maria da Soledade Santos,
viúva do Sr. Cícero.*

“O Sr. Cícero gostava de uma sanfoniinha no final de semana. O lazer era pouco no Thelma”.

Benedito do Espírito Santo (Dito)

“Todas as pessoas que aqui moraram e moram deveriam cultuar a memória de Cícero Porfírio dos Santos”.

Wantuil Galo

Testemunhos - No passeio pelo Jardim Thelma nós tivemos a oportunidade de conversar com muitos moradores. Todos, sem exceção, citaram o nome de Cícero Porfírio dos Santos com reconhecimento pelo



Na Estrada da Cama Patente, a capela particular de São Benedito (ao lado): para preservar as imagens da capela (abaixo) demolida quando da passagem da Imigrantes. Fotos Dorival de Almeida



Chamava-se Escola Isolada de Primeiro Grau do Bairro Fabrício. Foi construída em área doada por Paulino Antonio Vieira. Ficava junto ao bar e armazém do Sr. Paulino, que todos no Alvarenga aprenderam a chamar de Sr. Paulino Fabrício, apelido familiar. Neste espaço - da escola isolada, do bar e armazém - ficava também uma capela particular.



Esta série de equipamentos não sobreviveu à passagem da Rodovia dos Imigrantes. O pequeno núcleo era chamado de Bairro Fabricio. Se ainda existisse, o bairro estaria localizado logo após a passagem por sob o viaduto do Alvarenga da migrantes, numa grande curva que, mais à frente, aponta para a colina onde está o bar de dona Rosina, focalizado na Região M (Alvarenga–Laura).

seu trabalho comunitário.

Por ordem alfabética, foram ouvidos no Thelma, com os respectivos anos em que chegaram ao bairro:

Adalgiza Ivak de Almeida - 1977

Andréa dos Santos, filha do

Sr. Cícero - 1965

Benedito do Espírito Santo

(Dito) - 1970

Francisco Antonio dos Santos

(Chiquinho do Grande Alvarenga)

1973

Guida Galo - 1965

João Coradazio Moreira - 1969

Josefa Maria da Soledade Santos,

esposa do Sr. Cícero - 1965

Luiz Castilho - 1964

Maria da Piedade Castilho - 1964

Wantuil Galo - 1965

Ou seja: esses moradores, que deixaram seus depoimentos gravados, chegaram ao Jardim Thelma depois da fase inicial de abertura do loteamento – mas ainda com muitas carências de um loteamento junto à Estrada dos Alvarengas que desafiou o antigo cenário rural.

Memória coletiva – Os entrevistados do Thelma chegaram entre os anos 1960 e 1970. Testemunharam, ainda, a ilha que era o

bairro e a Grande Alvarenga, com chácaras, olarias, hortas de flores (eram muitos os cravos produzidos) e granjas. Granjas tocadas por famílias japonesas, numa extensão do vizinho Bairro da Cooperativa.

Foi nesse espaço agrícola de cada granja, chácara ou olaria que nasceram os vários loteamentos vizinhos ao pioneiro Thelma.

Tanto a Estrada dos Alvarengas como as ruas internas do Thelma não possuíam pavimentação. Fazia frio. A neblina era constante. O frio mais intenso, até porque o verde preponderava. Havia muitos eucaliptos. O ar bem mais puro.

A Rodovia dos Imigrantes estava sendo construída e o acontecimento trágico da obra foi o desabamento do seu viaduto em construção.

Tempo dos fuscas, Gordini, TLs, antecessores da perua Brasília. Mas estes modelos da indústria automobilística contavam, ainda, com a concorrência forte de carroças, charretes e cavalos.

Podia-se brincar no meio da Estrada dos Alvarengas. Não havia perigo. Meninos desciam pelas Ruas Paraguaçu e Modesto Salera em carrinhos de rolemã e atravessavam a estrada sem preocupação de serem atropelados.

Na parte baixa do bairro havia um terreno baldio onde eram jogados restos de baterias de caminhões. O que os meninos faziam? Botavam fogo naquele entulho e o transformavam em refletores que iluminavam as partidas noturnas de futebol à beira da represa.

“Nosso divertimento era esse. Brincar à noite, até bem tarde, e ficar preto que nem carvão. E depois tomar banho de água de poço. E pescar. Nem a Imigrantes tinha” (João Coradazio Moreira).

A extensão de energia elétrica em bairros próximos – como os Assunção e dos Casa – existia desde os anos 1950. Mas no Thelma ainda se usava a lamparina. Era longe e dispendioso puxar a luz dos postes que serviam a Estrada dos Alvarengas. As famílias eram pobres.

No futebol, a força do EC Jardim Thelma. O time chegou a ficar 67 partidas sem perder. Empatou com o Bragantino em 2 a 2, durante excursão a Bragança Paulista. A invencibilidade Foi perdida frente ao Palestra local por 2 a 1. Entre os craques do time, Juvenal, Chiquinho e Vando. Santa Mônica era o adversário mais temível.

Estudava-se no Recanto Santa Olímpia, do antigo Haras Artuélia, ou na Escola Jacob Casseb, do Parque Esmeralda, que os antigos do Thelma também chamam de Bairro Fabrício. A primeira escola do Thelma foi a Professora Maristela Vieira. As professoras vinham de ônibus, a partir do Centro.

Sonho maior: a regularização fundiária. O loteamento é legali-



zado, mas as famílias não possuem escrituras individuais.

Linha do tempo

1975 – A SAB já existia, com o sr. Cícero à frente.

1976 – Inaugurada a luz elétrica

1981-2 – Feito o asfaltamento das ruas, com redes de água e esgoto

Gente do Thelma. ou: a velha guarda lembrada...

Adelino Viana

Antonio do Espírito Santo

Cícero Porfírio dos Santos

João Antonio dos Santos

João Fernandes

João Gallo e Iraci Moreira Gallo

José Coelho

Maria de Frias Santos

Dona Neide e Sr. Milton

Sr. Afonso

Sr. Piato

Família Fernandes.

Pastor Adalberto, da Igreja de Deus no Brasil. Cresceu no Thelma. Era o goleiro do time. Permanece no bairro.

São Jorge – Antiga chácara da família que criou a Viação CapNorte.

Jardim Senhor do Bonfim

– Como outros, o loteamento nasceu com a proposta de resolver o problema social de falta de uma política habitacional. A busca da harmonia da moradia, o equilíbrio de morar e preservar, surgiu em 1998, oito anos após a sua abertura pela Associação Social Comunitária Senhor do Bonfim. É quando o Senhor do Bonfim se transforma em bairro ecológico. Uma exigência da Promotoria Pública. No total, 71 mil m².

O loteamento é modelar. O rio corre livre e solto. As ruas apresentam a cobertura do asfalto ecológico.

Sr. Antonio foi o primeiro presidente da Sociedade Amigos, fundada em 1997. Chegou a ser preso, em razão de o loteamento ter sido criado em área de mananciais. Luiz de Deus Tavares, o quarto morador, é o atual presidente, criador do site do bairro:

www.senhordobonfimsbc.com.br

Casal Nilson e Orides foi o primeiro a mudar para o bairro, no início de 1992. Em 1993 nasceu Juliano, a primeira criança a nascer no bairro. Hoje são 960 moradores, dois mercadinhos, um bar, três salões de beleza, uma igreja católica, uma evangélica, duas marcenarias e dois salões que vendem produtos de limpeza.

O plantio de árvores das espécies nativas, mutirões de lixo, semanas do meio ambiente, encenação teatral, plantio de grama são alguns dos programas desenvolvidos no loteamento. Recuperação de nascentes, distribuição de lixeiras e o envolvimento da população são outros programas. E uma tradição vai se cristalizando: desde 2005 é montada uma árvore de Natal coletiva, com garrafas pet e com a preocupação de se constituir também educação ambiental. A árvore - gigantesca e iluminada - é vista pelos que transitam pela Rodovia dos Imigrantes.



A Linha Bronze

Desenho do monorailho pensado para interligar o Alvarenga ao Centro, Santo André, São Caetano e São Paulo



Gente do Jardim Thelma



A primeira comunhão na capela Santa Luzia Acervo: Benedito do Espírito Santo (Dito da SAB)



Luiz Castilho e Maria da Piedade Castilho



Wantuil Galo, Margarida Moreira Galo e o neto Jhonatan



Adalgiza Ivak de Almeida e João Coradazio Moreira



*As curvas da Estrada Galvão Bueno em 1976: prepondera
o verde na interligação Demarchi a Balistini*



Foto: Ricardo Hernandez/Dgabc

BATISTINI

Batistini, Nova Canaã II, Pq.
Los Angeles, Jd. da Represa,
Chácara Royal Park, Pq.
Imigrantes, Jd. Pinheiro, Assoc.
Com. Nova Era, Vl. Bosque, Vl.
Norma, Jd. Skaff, Jd. São Judas
Tadeu, Vl. Santa Maria, Vale do
Sol, Jd. Uiriçaba, Marco Pólo

Região

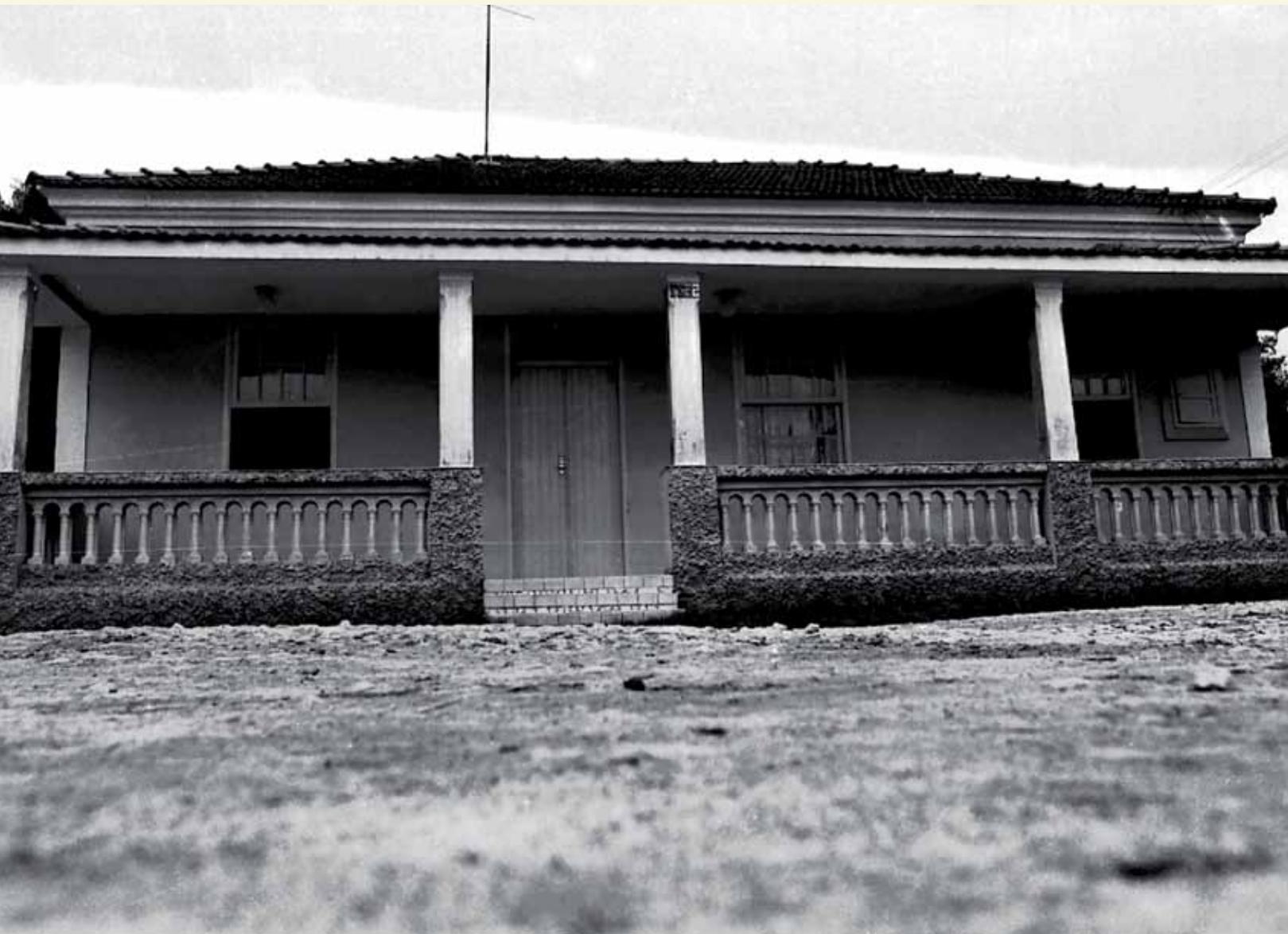
TP



Nas curvas da Estrada Galvão Bueno

*Casa da família de
Joanin Marson em
1976: referência na
Galvão Bueno. Foto:
Ricardo Hernandes*

Oferecemos este trabalho ao Sr. Joanin Marson (em memória). Um dos mais antigos moradores do Batistini, o entrevistamos em 1976. Semanas depois ele nos procurou com um caderno escolar onde escreveu as memórias do bairro. Verdadeiro tesouro. Muito obrigado, amigo.



A meio caminho entre a Via Anchieta e a Rodovia dos Imigrantes, o Bairro Batistini tem na Estrada Galvão Bueno o elo entre o presente e o passado.

O velho caminho em curvas ganhou retificações em vários trechos, mas mantém o formato que serpenteia entre colinas hoje defendidas pela Lei de Proteção aos Mananciais.

Quando os primeiros imigrantes chegaram, no final do século 19, aqui encontraram antigos brasileiros, vários dos quais escravos. Juntos, plantaram repolhos e outros produtos que eram despachados para Santos e São Paulo.

Origens históricas

Parte da área da Região P integrou o Núcleo Colonial de São Bernardo, por meio da Linha Galvão Bueno, que foi aberta em 1887 com 33 lotes.

O traçado da Linha Galvão Bueno causa a chegada de várias famílias de origem italiana, que aqui encontram antigos brasileiros, vários dos quais escravos. A família mais numerosa, os Batistini, prevaleceria e daria o nome ao bairro, que durante décadas teve na atividade agrícola sua principal função.

Destaque-se a plantação de repolhos, que era enviada para a Capital e Santos.

Muito religiosas, as famílias fundaram uma capela e até hoje mantêm tradições religiosas fortes, com destaque para as festas juninas, com o leilão de prendas.

O Batistini mantém a velha Estrada Galvão Bueno, hoje ocupada por vários restaurantes da rota do frango com polenta.



Os seis irmãos Batistini

Depoimento: Joanin Marson

1. Os seis irmãos Batistini chamavam-se Giacomo, Antonio, Luigi, Carlo, Agostinho e Giovanni. Foram eles que ergueram a primeira capela do lugar, em 1887.

2. Vim morar no Batistini em 1922. Naquele tempo existiam poucas casas por aqui. Os Batistini eram seis irmãos italianos que chegaram ao Brasil como imigrantes. Ao chegarem neste local começaram a derrubar matas para fazer suas plantações.

3. Estradas não existiam. O que havia era uma simples picada que dava acesso à Vila de São Bernardo.

4. Moramos durante quatro anos no Jardim da Represa. Ali meu pai era carvoeiro. Até onça tinha.

5. Era um tempo em que o capim crescia tão alto que a gente passava de

manhã e com o orvalho da madrugada molhava toda a calça.

O milho, a polenta

Joanin Marson nos contou muitas histórias, faladas e escritas. Com uma delas abrimos reportagem publicada, em 1976, no Diário do Grande ABC. Esta história fala de milho e fubá.

Alimento nas colônias

Do livro São Bernardo, seus bairros, sua gente

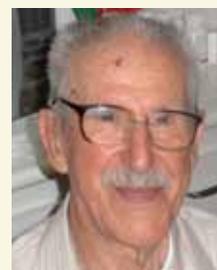
Dez quilômetros com um saco de milho nas costas. Tarefa comum para Matilde Ferrari, mulher de Artur Marson, mãe de Joanin. Artur cozinhava carvão. Matilde cuidava dos filhos, da criação e da plantação. Na época da colheita separava robustas espigas. E levava o milho para ser moído por João Arsuffi.

Arsuffi era dono de um moinho de fubá perto do centro da Vila de São Bernardo, onde estão as garagens da Auto Viação ABC, da família Setti e

No Jardim da Represa, lado a lado, a antiga e a nova capela de São Judas Tadeu.



“A polenta era feita num tacho de cobre e em fogão à lenha. Quarenta minutos mexendo. Colocava-se meio quilo de linguiça moída na mistura até que a polenta ficasse dura. Éta polenta boa!”



Cf. João Gava a caminho do centenário



Braga, no começo da Rua Marechal Deodoro, não muito longe do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Matilde levava o milho. Três ou quatro dias depois voltava para pegar o fubá. Com o fubá fazia polenta para o marido e filhos. Polenta e queijo, peixe e batata-doce, ovo frito e carne, pepino e repolho. Era a base da alimentação das primeiras famílias que resolveram enfrentar a solidão das chamadas Colônias de São Bernardo.

Quase todos esses alimentos eram tirados da própria colônia. Claro, não faltava o vinho, produzido no próprio mato, saído das uvas que a família de Artur Marson – e as outras famílias do lugar – amassavam com os pés, dentro de grandes cartolas.

*Restaurante Santo
Antonio no seu início:
50 anos em 2012.
Acervo: Alexandre
Batistini*

A memória oficial, extraída dos arquivos municipais, comprova o que Joanin Marson falou de improviso e escreveu.

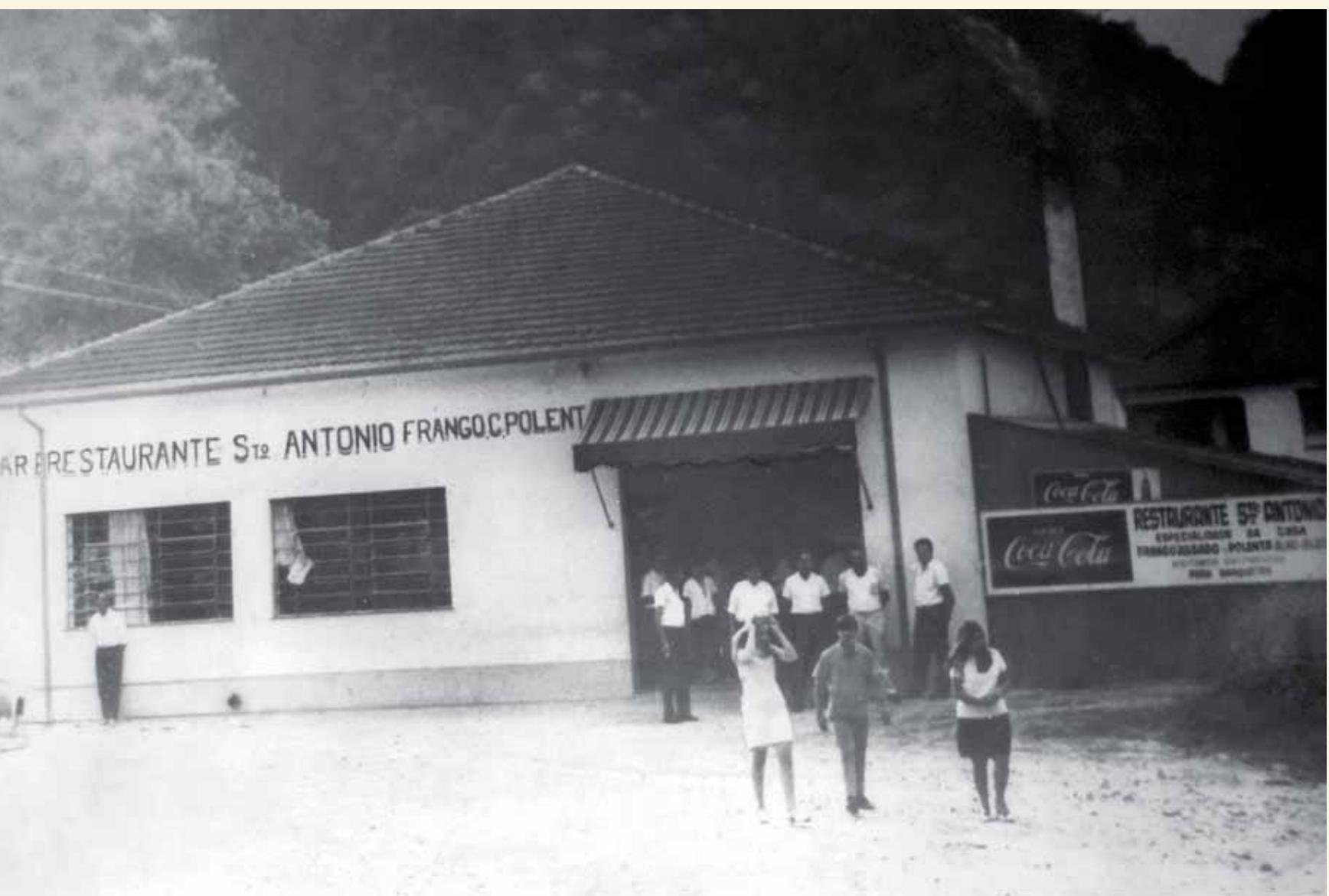
De antigos processos da Prefeitura extraímos as informações que se seguem, subsídios importantes para se conhecer um pouco das origens rurais da Região P.

Notícias da Linha Galvão Bueno

1945 – João Baptista Marson, com propriedade agrícola na Linha Galvão Bueno, pede isenção de impostos para venda de legumes e verduras como ambulante. Pede também chapa para o seu carrinho de duas rodas, a animal (cf. processo PMSBC 27/45).

1948 – Arthur Marson e Mathilde Ferrari Marson ofertam à Prefeitura um terreno, adquirido em 20-3-1923, para a construção de um grupo escolar. A doação foi efetivada em 4-11-1948, com registro no Tabelião João Borges Jr., livro 57, fls. 4-v (cf. processo PMSBC 378/48).

1949 – Empresa Auto-Viação São Bernardo pede autorização para uma linha de ônibus entre o Centro e o Batistini, obedecendo ao seguinte itinerário: posto de gasolina da Estrada do Vergueiro, Rua Marechal Deodoro, Linha Galvão Bueno, travessia da Via Anchieta, Estrada do Batistini, com ponto final na escola e capela do Batistini (cf. processo PMSBC 1549/49).





1953 – A expressão Bairro Battistini não estava consolidada. Até em documentos oficiais aparecia a expressão “Bairro Galvão Bueno” para identificar o Battistini (cf. processo PMSBC 114/53).

A expansão da rota do frango com polenta – Perdemos Joanin Marson. Hoje o memorialista do Battistini é Alexandre Battistini. Neste resgate histórico do Planejamento de São Bernardo, gravamos um depoimento com o Sr. Alexandre, no Restaurante Santo Antonio, o último da Rota do Frango com Polenta de São Bernardo.

Alexandre Battistini nasceu em 23-3-1925, no Battistini. Seu pai, Sante, veio da Itália com dois anos e três meses de idade. Faleceu nas Colônias em 1937. Alexandre cresceu trabalhando. Foi lavrador e motorista de caminhão. E acreditou no turismo de São Bernardo, criando, em 1962, o Restaurante Santo Antonio, da Rota do Frango com Polenta.

1. Os Battistini vieram do Vêneto, como outros italianos, entre eles o Demarchi. Aqui, na Linha Galvão Bueno, misturaram as raças. A Alice Demarchi, minha tia, que faleceu agora, aos 102 anos, era casada com um Battistini, irmão do meu pai.

2. No meu tempo, aqui era uma beleza. Lembro que a gente escutava uma onça miar no mato. Não sei se onça ou um cachorro do mato. Era tudo mato. Dava para contar o número de casas, 6, 7 casas.

3. Pela Galvão Bueno passavam carroças. A mercadoria produzida por aqui era levada até Santo André, de

onde era despachada no trem para Santos. Depois começou a vir o Gregório Morassi e o Cristiano Angeli que pegavam as mercadorias ali no Demarchi em seus caminhões. A gente levava até lá. Porque do Demarchi para o Battistini não vinham caminhões. A estrada não deixava.

4. Aqui onde é o restaurante (Santo Antonio, na Estrada Galvão Bueno, bairro Battistini), tinha uma quadra de pêras. O chão ficava forrado de pêras. Tinha maçã, marmelo, repolho, tomate, abóbora, abobrinha. Era tudo destinado a Santos. Era obrigado a mandar pra lá. Essa ordem vinha do tempo da imigração: o imigrante pagou pela terra recebida, e era obrigado a fornecer mercadorias ao Porto de Santos.

5. Casei em 1948 e a gente era como escravo. Não tinha nada. A gente não tinha dinheiro para comprar duas garrafas de cerveja. Não ganhava nada enviando mercadorias para Santos.

6. Para estudar era preciso ir até a Praça Lauro Gomes (o pátio do governo onde havia o casarão colonial do Grupo Escolar de São Bernardo). Não havia dinheiro nem para o lápis nem para o caderno.

7. Durante 25 anos trabalhei com caminhão. E aos sábados e domingos trabalhava no restaurante, em sociedade com os irmãos. E tinha a chácara e olaria. Carregava lenha. O restaurante funcionou por seis anos lá no Capassi. Depois paramos quatro anos e abrimos o Santo Antonio. O restaurante ficou torto porque não quisemos derrubar uma grande ár-



vore que havia na frente. Nós mesmos construímos, com enxado e pá – 50 anos de restaurante completados em 1º de abril (2012).

Religiosidade – A centenária capela de Santo Antonio não existe mais. Foi substituída pela atual igreja matriz do Battistini. Sobrevivem as imagens fotográficas da capelinha, entre as quais as guardadas por Santa Battistini Vinturini.

As fotos focalizam a capela numa fase de transição. Estava pronta a nova igreja, inaugurada em 1977, e a capela antiga resistia, para ser demolida alguns anos depois. Data das fotos: março, 1981.

Anos antes, em 1973, o jornalista Hildebrando Pafundi esteve no Battistini e escreveu sobre a velha capela. A reportagem foi publicada

Alexandre Battistini, capa do suplemento do Dgabc em 20-8-1994: uma nova rota, a do vinho.



A capela original, preservada em tela. Acervo: Restaurante Santo Antonio

pelo jornal Correio Metropolitano, em janeiro de 1977.

A visão artística da capela

Texto: Hildebrando Pafundi

1. A arte do pintor De Castro, da Capital, há pouco mais de um ano (1971), retratou, num desenho romântico, a capela de Santo Antonio e a paisagem que a ladeia, na parede dos fundos do Bar e Bilhar Batistini, localizado na Estrada Galvão Bueno, 5.500, em frente à capela.

2. Nesta pintura, o artista foi bastante fiel, retratando os seis coqueiros, três de cada lado da capela, o

templo ao fundo, com seus vitrais, a pequena porta da entrada principal e as frondosas árvores que existem na parte de trás do terreno.

Nota

O estabelecimento comercial citado por Pafundi ainda existe na Galvão Bueno, mas a pintura na parede não foi preservada.

Em sua gravação, Alexandre Batistini fala sobre os coqueiros que o jornalista citou, definindo-as como palmeiras. Ao invés de seis, fala em oito.

3. Na sua pintura aparece ainda um céu azul anil e um verde gramado, que atualmente não existe. De Castro omitiu, talvez propositalmente, para dar uma imagem mais poética à sua obra, a existência do grupo escolar, que aparece aos fundos, em flagrante contraste com a pequena capela.

4. Se os moradores do Bairro Batistini demolirem essa capela para construir uma moderna e ampla igreja, como estão pretendendo, os futuros habitantes da localidade, daqui a vários anos, ainda vão conhecer a antiga capela construída pelos seus antepassados – os imigrantes italianos, que aqui desenvolveram a agricultura e posteriormente se dedicaram a outros ramos de atividades.



“Cheguei a tirar carta de cocheiro para vender mercadorias como ambulante em Santo André. Fazia feira nos bairros do Ipiranguinha e de Santa Terezinha. E em São Caetano. Saia de casa, no Batistini, com a carroça carregada de legumes e verduras, às três horas da manhã”.

Joanin Marson



Em mutirão, a infraestrutura chega ao Jardim da Represa

Loteamentos da Região P

Jardim da Represa - 1954
Jardim Uiriçaba - 1955
Jardim Skaff - 1958
Royal Park - 1968
Bueno, Tereza Marson - 1962
Marson, Alexandre - 1974
Parque Los Angeles
Chácara Royal Park - 1968

O novo Batistini

Nova Canaã
Parque Imigrantes
Jardim Pinheiro
Comunidade Nova Era
Vila Bosque
Vila Nova
Jardim São Judas Tadeu
Vila Santa Maria
Vale do Sol
Marco Polo

lina Alves Rebechi, viúva do Sr. José, falecido em 1997).

Urbanização – Da fase urbana, o Jardim da Represa é o loteamento mais antigo local. Foi aberto em 1954. Os arquivos municipais não trazem a data da abertura do Parque Los Angeles, que também fica no chamado Batistini expandido.

Palmeiras e Ingá

Depoimento: Alexandre Battistini

Era menor a capela do Batistini. Depois foi ampliada e ficou mais comprida. O padre Fiorente fez uma terceira ampliação, que deu um formato de cruz à capela.

Na frente tinha oito palmeiras plantadas, quatro de um lado, quatro de outro. Foram plantadas no tempo dos meus avós. Moleque, eu subia nas palmeiras para pegar coco. E no canto do terreno da capela havia um pé de ingá. Ali era a cabeceira de todas as colônias.

Sistema hídrico – A expansão urbana e a passagem do Rododanel, que corta o Batistini, foram responsáveis pelo aterramento de muitas das nascentes no Batistini.

Sobrevivem correntes de água que formam a Billings. O córrego principal do Jardim da Represa recebe a carga de esgotos in natura.

Braços da represa ocupavam áreas mais extensas. Chegava à beira da própria Estrada Galvão Bueno. Nos tempos de grandes chuvas, as águas da represa encobriam a pista.

Paulistanos como José Rebechi vinham pescar nos braços da represa. Um dia resolveu comprar um terreno no Jardim da Represa. Não havia asfalto nem luz. O ônibus parava longe. Não chegavam ao bairro. Mas havia a represa. Era o que Rebechi queria. Mudou-se para o bairro em 1972.

“Vou passear para tudo o que é lugar; na volta, bateu o cheiro da represa lá no começo da Imigrantes, ah, estou no meu território” (Laude-



“No Los Angeles não havia nada. Pinheirinho era criação de repolho e de chuchu”.

Laudelina Alves Rebechi, desde 1972 residindo no Jardim da Represa.

Jardim da Represa

Loteado por Carlos Faletti. Oficialmente, teve aprovação parcial, por se tratar de uma grande área: 1.632.347 m². A área aprovada correspondia a 40% da propriedade.

Manoel Tavares da Silva veio para o Jardim da Represa em 1979, mas conhecia o loteamento desde o início da década de 1960. Encontrou muitos pescadores e acalentou o desejo de um dia ali morar.

Mesmo em 1979 os melhoramentos públicos eram ínfimos. Havia a Estrada Galvão Bueno. No loteamento, mesmo, ao invés de ruas, trilhos, como o da Rua Ponta Grossa. A luz elétrica parava na Galvão Bueno.

O núcleo 30

Depoimento: Manoel Tavares da Silva

1. Marcamos uma reunião com o Aron Galante (1983 – 1988). Ele viu aquele povo do Núcleo

30, que estava crescendo. Já havia bastante moradores.

2. O prefeito chamou o seu secretário, e determinou:

- A partir de hoje vocês não vão mais multar os moradores daqui. Deixem o pessoal fazer as suas moradias. Na segunda-feira, quero máquinas aqui limpando todas as ruas.

3. Muita gente saiu desacreditada. Na segunda-feira, amarelou de máquinas. Abrindo ruas, caminhões colocando pedras. Foi aquela alegria.

4. O povo acreditou e iniciou uma luta por novas melhorias. Conseguimos a luz. Para se ter uma ideia, antes da luz chegar, eu puxei da Galvão Bueno 150 metros de fio até minha casa. Então emprestamos a luz a dois companheiros do Núcleo 30, que se encarregaram de levar a luz aos outros moradores, mais ou menos 18 famílias.

5. À tarde, quando todos começavam a ligar a luz, a minha luz caía. Meu sonho era ter uma geladeira. Morei 18 anos sem geladeira. Quando caía a força, tudo parava. A luz chegava a ficar vermelha dentro de casa. Era muito peso.

6. Assim, no tempo do Aron, foram duas conquistas importantes: a luz e a abertura das ruas. A água veio no tempo do Mauricio Soares. O asfalto o Mauricio fez um pouco e o Demarchi outro.

Um ponto de cultura, a AMIRP.

Uma homenagem a oão Tavares da Silva

Defronte a AMIRP – Associação Movimento Integrado de Reivindicações Populares, à Rua Ponta Grossa, 1, fizemos uma espécie de mesa-redonda com quatro moradores do Jardim da Represa: Catia Pereira Cirilo, nascida no Alvarenga e que chegou ao Represa em 1981, Antonio Pinheiro Fernandes (1988) e Afonso Ferreira (1995), além do Sr. Manoel, que preside a AMIRP.

Depois, individualmente, ouvi-

Melhoramentos conquistados e o mutirão para levar árvores às ruas do Nova Canaã
Foto: Nei Melo
Acervo: Fidencio da Silva





mos duas moradoras antigas: Dorinda Tavares Ferreira, a Maria Portuguesa, da Rua Maringá; e Laudelina Alves Rebechi, no bairro desde 2-2-1972 – 40 anos de Jardim da Represa; reside à Rua Aracati.

Todos os ouvidos citaram como prioridade maior no Jardim da Represa a urbanização e a legalização da propriedade.

Além da AMIRP, o Jardim da Represa mantém a sua SAB. Pelo último Censo, são 25 mil moradores, o que inclui os loteamentos Jardim da Represa, Los Angeles, Parque Imigrantes, Pinheiro, Nova Canaã.

São muitas chácaras, algumas grandes. A primeira escola, onde Catia estudou, é a José Gonçalves. Começou com classes de madeira. Hoje são três escolas.

Em 1981, quando a família de Catia chegou, o ônibus que servia o Jardim da Represa parava defronte ao antigo restaurante Gauchão, hoje padaria. Mas se o tempo estivesse ruim, o ônibus parava na antiga Cantina Azul, na Galvão Bueno.

Eram vielas, de terra. A família passou a morar num barraco comprado na Rua Maringá.

Hoje residem no Jardim da Repre-



O sistema de transporte coletivo atende todos os loteamentos da cidade

sa trabalhadores e aposentados. A parte mais pobre é o Núcleo 30.

São muitas igrejas: a capela São Judas Tadeu, Congregação, Assembléia, Quadrangular, Adventista, Universal,

Deus e Amor, Testemunhas de Jeová, Centro Espírita Mãe Emília.

As ruas são asfaltadas. Há redes de água. O esgoto é a céu aberto e corre para o córrego do bairro.



Jardim Pinheiro, o bairro ecológico, visto dos Jardins Las Palmas e das Orquídeas; e a paisagem rural na Estrada Marco Polo



A rodovia moderna corta a Billings e transforma o antigo núcleo colonial.

“O Grotti tinha um sítio no Batistini e eu ia levar lavagem para os porcos. A gente pegava nos restaurantes da Rota do Frango com Polenta aqueles baldões de lavagem e transportava numa camionete”.

Expedito Soares

“O Jardim da Represa representa uma relíquia. Eu gosto daqui. Foi aqui que vim aprender muita coisa. Consegui muitos amigos. E lutamos por um bairro melhor” (Sr. Manoel).

“Por mais humilde que seja (o bairro) nós temos que agradecer. Moramos aqui, saímos do aluguel” (Antonio Pinheiro Fernandes).

“O Jardim da Represa, para mim, representa tudo. Aqui criei os meus quatro filhos, que estudaram no bairro” (Catia Pereira Cirilo)

“Aqui é um sossego. São 18 anos de bairro. Aqui construí minha casinha. Criamos nossas quatro filhas” (Afonso Ferreira).

Nova Canaã e Pinheiro

– Dois modelos de novos núcleos habitacionais da Região P, em plena área de mananciais, como toda a região do Batistini. Os dois loteamentos começam a ser formados no início dos anos 1990. Receberam asfalto ecológico.

“Em 1992, quando chegamos, havia

criações de cavalos e vacas. Os animais eram criados em pastos. Havia muitos eucaliptos. Não havia luz. Usava-se iluminação a querosene ou lampião a gás. Depois se puxou a luz da Estrada Galvão Bueno” (Fidêncio da Silva).

“Pinheirinho era plantação de repolho, de chuchu” (Laudelina Alves Rebechi).

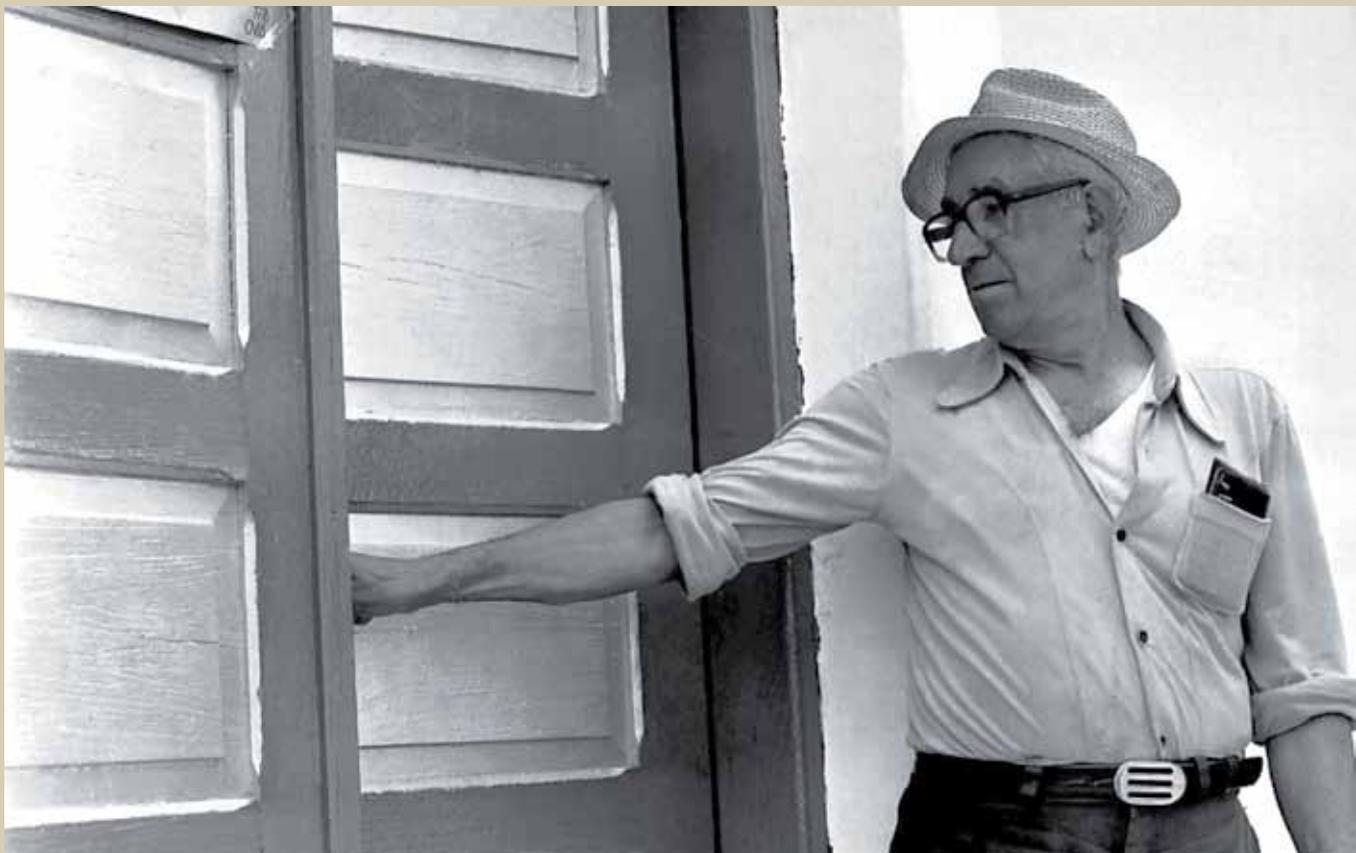
Ou seja: no Novo Batistini, tudo lembrava os tempos coloniais. E isso há 20 anos.



Alexandre Batistini e família em 2012: ainda se planta uva no Batistini



No Jardim da Represa, Manoel Tavares da Silva e amigos: Afonso Ferreira, Fidêncio da Silva, Catia Pereira Cirilo e Antonio Pinheiro Fernandes



Joenin Marson abre a porta da antiga capela do Batistini, em 1976



Os Batistini reunidos



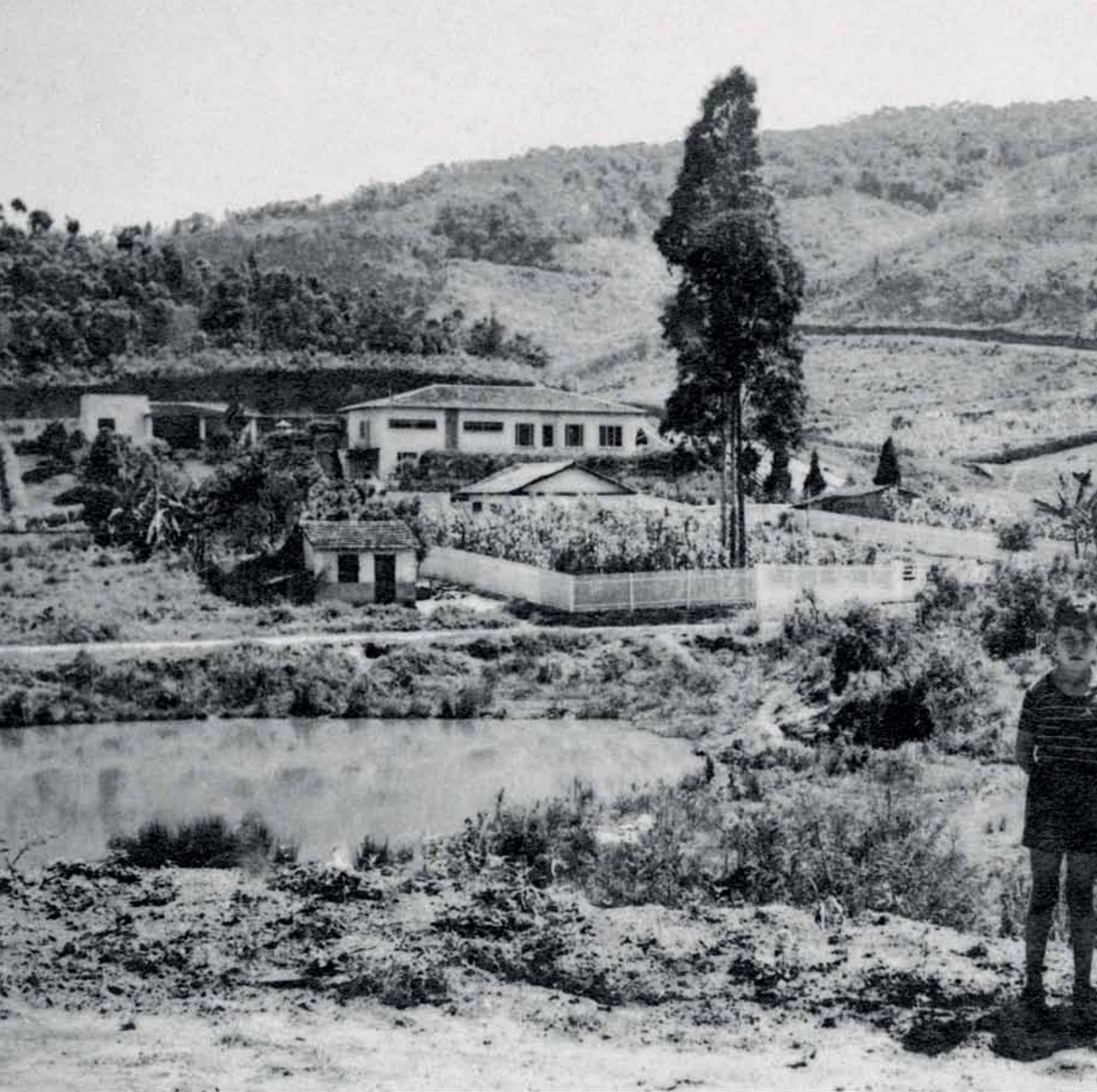
Amigos do Batistini, nos anos 2000



Dorinda Tavares Ferreira, a Maria Portuguesa



Alex, José Carlos e a coleta de lixo



Vila São José em 1956: o mais antigo loteamento da região. Nasceu como bairro de recreio e após a abertura da Via Anchieta perdeu a suas características originais, abrindo caminho para se transformar em bairro operário.



Acervo: Therezinha do Menino Jesus Cintra

SILVINA

Jd. Silvina, Silvina Audi,
Montanhão, Cafezais, Pq. Selecta,
Núcleo Bananal, Gonden Park,
Biquinha, Pica Pau, Vl. São José,
Pq. São Rafael, Sítio Ponto Alto,
Represa Baraldi, Jd. Balneário
Alvorada, Vl. São Bernardo Novo

Região





Antes e depois da Via Anchieta

Quando a pequena Pina descobriu a espada de bronze perdida no quintal de sua casa não imaginava que, pouco mais de 20 anos mais tarde, “perto daquele fim de mundo”, iria ser construída uma grande fábrica de automóveis. Por volta de 1932, quando achou a espada, a pequena Pina tinha oito anos e morava num modesto povoado de São Bernardo chamado Ponte Alta, junto ao antigo caminho do Mar – primitiva estrada de terra que ligava São Paulo e Santos.

Cf. Ademir Medici, “Jardim Silvina”, in “São Bernardo seus bairros sua gente”, op. cit

O rigens – Até a passagem da Via Anchieta, os lugares que formam a Região Q – da Vila São José, do Jardim Silvina e de

todas as demais vilas e loteamentos do antigo Montanhão – tinham uma característica rural. Com uma exceção: a Vila São José, loteada em 1927 mas que sofreu muitas alterações em mais de 85 anos de história.

Cada pedaço da Região Q, antes do processo de urbanização, teve outros nomes, indicando a sua origem rural.

Anotamos os seguintes casos:

Sítio João Manoel,

Chácara São José = Vila São José

Ponto Alto = Jardim Silvina

Ponte Alta = espaço entre o

Oleoduto e a Sabesp

Pedra Branca = Represa Baraldi

Montanhão, São Bernardo novo =

nomes genéricos de várias partes da cidade, inclusive a atual Região Q.

O caso do Jardim Silvina permite várias constatações:

1. Ao ser loteado, em 1954, fazia parte da Zona Rural de São Bernardo.

2. Sua via de acesso, hoje denominada Avenida Dr. José Fornari e Avenida General Barreto de Menezes, que formam antigo trecho da Estrada do Vergueiro, foi grafada, na planta dos loteadores, como Avenida Marginal ao Córrego dos Couros.

3. O Sítio Ponto Alto pertencia, ao ser vendido, a Leoni Angeli e outros, no caso, seus irmãos, Cristiano, Caetano e Luiz.

História oral – Os quatro irmãos Angeli eram filhos de Luiz Angeli e Josefina Fabretti, italianos de Veneza, onde também nasceu o primogênito, Leoni – os demais nasceram em São Bernardo.

Luiz Angeli, o Gigio, deixou esposa e filho na Itália e viajou para a Argentina. De lá mudou para São Paulo e foi ser carroceiro do conde Siciliano. Conheceu a Vila de São Bernardo e

Nota

A mesma Pina – Josefina Maria Angeli da Silva - lembrava sempre que pelo Caminho do Mar passavam, constantemente, tropas de soldados. A espada que ela encontrou, e guardou, provavelmente foi perdida por um daqueles soldados.

E o ano 1932 citado nos faz acreditar que o soldado esquecido, e desconhecido, talvez tenha sido um dos combatentes da Revolução Constitucionalista registrada há 80 anos.



Oferecemos este capítulo ao saudoso padre Leo Commissari, humanista, cujo nome irradia por toda a cidade a partir das áreas mais pobres

aqui reviu Bepo Tozzi, italiano como ele, praticamente seu vizinho na Itália.

Foi Bepo Tozzi quem informou a Gigio Angeli que o Sítio “Ponte Alta” iria a hasta pública (leilão). Angeli pediu empréstimo ao conde Siciliano e comprou a propriedade.

Interessante que os descendentes citavam sempre “Ponte” Alta, nunca “Ponto” Alto. Agora a documentação examinada do loteamento Jardim Silvina (processo PMSBC 4023/54) mostra que os Angeli também adquiriram o Sítio “Ponto Alto” onde o Jardim Silvina nasceu e se desenvolve até hoje, com a gigantesca comunidade

do Oleoduto em processo de urbanização e regularização.

Os Angeli residiram na Ponte Alta até a construção da Via Anchieta, mudando-se então para a Linha Jurubatuba – hoje Bairro Assunção. “Assunção” cujo nome tem origem nos tempos do Sítio Ponte Alta, como se observa na formação da Região J.

Caminhos – Antes da construção da Via Anchieta, a interligação São Paulo a Santos passava pela Região Q. A Estrada do Vergueiro, aqui, fazia uma grande curva à direita depois do atual Jardim Silvina, altura do quar-

tel do TG, embicando para os lados da atual Vila Balneária (Região S), desviando-se do morro da Sabesp que separa o Oleoduto do Areião.

Outro caminho interligava a atual Balneária ao Pedroso, em Santo André, cortando o Areião: é a Estrada da Pedra Branca, que resiste com este nome e com suas características originais entre o Areião e o Baraldi.

Outra alternativa, também com curvas mantidas ainda hoje, é a Estrada do Montanhão, que ganhou o noticiário nos últimos dois anos com a ameaça da Prefeitura de Santo André em interdita-la, sob a alegação de que



estaria servindo à desova de automóveis roubados e de cadáveres.

O Rodoanel corta a Região Q em direção à Mauá e à Zona Leste de São Paulo. A construção da nova rodovia destruiu vegetação e desrespeitou veios d'água junto aos braços da Represa Billings. Mesmo assim, a área guarda uma reserva florestal e ambiental significativa, com muitas nascentes a serem preservadas.

Sistema hídrico - A Região Q é formada pela bacia do Ribeirão dos Meninos, antigo Ribeirão ou Córrego dos Couros, que em mapas mesmo atuais é denominado de Ribeirão da Chrysler – numa alusão à indústria que existiu no espaço hoje ocupado pelo depósito das Casas Bahia.

O ribeirão era piscoso, contam moradores como Manoel Inácio da Silva, que chegou ao Silvina em 1977. Havia

tilápias no Ribeirão da Chrysler, pelos lados do Tiro de Guerra.

Este ribeirão nasce aos pés da colina do Parque Selecta, o que o impede de seguir em direção à Represa Billings. Seguindo em direção ao Centro, o ribeirão se junta a outro que vem de nascente do Montanhão onde se formou a chamada Lagoa Azul da Pedreira São Bernardo.

A Bacia dos Meninos é formada por vários córregos oriundos de nascentes que já foram em maior número nos tempos antigos do Montanhão. Várias das nascentes foram aterradas com a abertura de núcleos e loteamentos. Sobrevive a expressão Biquinha de um dos morros da Vila São José, com uma comunidade crescente que busca a regularização fundiária e a urbanização.

Em contraste com a Biquinha, que sofre com o adensamento populacional, a Região Q possui uma reserva

hídrica municipal junto ao stand do Tiro-de-Guerra, com fauna e flora preservadas. Todo o sítio é preservado pela indústria Sherwin-Willians, da Estrada do Montanhão, entre os núcleos Pica-Pau e Cafezal.

Urbanização – Entre a abertura da Vila São José, em 1927, e o loteamento do Jardim Silvina, em 1954, São Bernardo recebeu dois equipamentos com influência direta na atual Região Q: a Represa Billings (anos 20) e a Via Anchieta (anos 40).

Billings e Anchieta atraíram grandes negócios para a cidade. Com isso, a Região Q ganhou, naturalmente, um misto de vocação dormitório, residencial e comercial. Aos poucos perdeu o cenário agrícola dos tempos coloniais. Foi cortada pelo moderníssimo Rodoanel, é certo, mas também por um corredor de pobreza hoje enfrentado

Casa do antigo Sítio Ponte Alta na década de 1980 vista da Via Anchieta: entre a Vila São José, Jardim Silvina e Areião e de onde saiu a tela que deu o nome do Bairro Assunção. Foto: Mario Alonso.





O nome Montanhão foi inspirado nos terrenos elevados da área cujo ponto culminante é o Pico do Bonilha, na divisa da cidade com o Pedroso, em Santo André.

por um projeto internacional fruto de convênio entre as Dioceses de Santo André e Imola, na Itália.

Os pontos iniciais de moradia da Região Q exemplificam as várias fases da metamorfose de São Bernardo.

A Linha São Bernardo Novo, com 82 lotes dentro do Núcleo Colonial de São Bernardo, teve, como as demais linhas, a função agrícola: fornecer verduras, frutas, legumes, carvão e lenha para São Paulo, Capital.

Quando surge a Represa Billings, a Linha São Bernardo Novo é banhada pelo manancial e um dos seus braços recebe o nome de uma das famílias pioneiras, a Baraldi, que até a era do Rodoanel teve vários familiares no local.

A Vila São José nasce em decorrência da reforma da Estrada do Vergueiro. Ficou fácil subir a Serra do Mar pela estrada de rodagem inaugurada. Nada melhor do que ter, próxima a São Paulo, e às barbas da Vila de São Bernardo, uma vila de recreio dos santistas que quisessem por aqui veranejar.

Mas logo veio a Anchieta, que isolou a Vila São José e atraiu as multinacionais. O bairro recreio da Vila São José se transforma em vila operária, insuficiente para abrigar levas e levas de migrantes de todas as partes do País. Daí a necessidade de se abrir novos loteamentos, a começar por aquele que recebeu o nome de Jardim Silvina, no antigo Ponto Alto.

Silvina em homenagem à mãe do loteador, o estudante, depois enge-



Década de 1950. São Bernardo vista da Vila São José. Acervo: Therezinha do Menino Jesus Cintra

nheiro, Walter Rosa Leite Praça, irmão de Waldir Rosa Leite Praça, herdeiro dos espólios de Silvina Dias Leite Praça e de seu marido Alberto Praça.

Silvina em homenagem à mãe do loteador, o estudante, depois engenheiro, Walter Rosa Leite Praça, irmão de Waldir Rosa Leite Praça, herdeiro dos espólios de Silvina Dias Leite Praça e de seu marido Alberto Praça.

Jardim Silvina foi aberto com uma área de 405 mil m², abrigando 864 lotes de 280 m², em média. E entre as suas primeiras ruas várias ganharam nomes familiares ao loteador: Rua Silvina, Rua Leite Praça, Rua Waldomiro Praça, Rua Walter Praça, Rua Waldir Praça e Rua Augusto Praça.

Alguns nomes foram mantidos, outros alterados. Dois casos:

Rua Waldomiro Praça – hoje Aveni-

da General Barreto de Menezes

Rua Silvina – atual Rua Afonso Furtado de Mendonça.

Nos intervalos físicos entre os quatro pontos originais da Região Q – São Bernardo Novo, Represa Baraldi, Vila São José e Jardim Silvina – vai surgir, a partir da década de 1970, o que chamamos de Novo Montanhão.

Formação étnica – Coincidindo com a inauguração da Via Anchieta, em 1947, a industrialização de São Bernardo pós-guerra atrai as

Montanhão

São Bernardo Novo – 1877

Represa Baraldi – 1927

Vila São José – 1927

Jardim Silvina – 1954



Da Rua Jorge Ramalho, no Parque São Rafael, que fica na Região Q, avista-se o Parque Selecta (à esquerda), Jardim Silvina, Vila São José, Ferrazópolis e, no horizonte, a Via Anchieta e a Volkswagen do Brasil – pontos referenciais enumerados por Jair dos Anjos Barbosa.

grandes multinacionais e estas grandes levas de trabalhadores.

A princípio vieram famílias do interior de São Paulo, norte do Paraná e sul de Minas Gerais – as grandes massas de nordestinos viriam nos anos seguintes. O deslocamento populacional originou uma série de loteamentos urbanos ao longo da Anchieta, a começar pelo Jardim Silvina.

Pelas suas dimensões, o Jardim Silvina original empresta o nome a equipamentos como o Tiro de Guerra de São Bernardo, prédio projetado no final dos anos 1960 e cuja primeira turma é de 1970.

Do mesmo modo, ao longo da Via Anchieta, registrou-se, exatamente em 1970, a primeira ocupação de um dos morros, vizinho aos antigos Sítios Ponto Alto e Ponte Alta. O núcleo, antigamente chamado de favela, ganhou o nome de Silvina ou Oleoduto, em alusão à passagem dos dutos que servem à Refinaria de Capuava, hoje do Sistema Petrobrás, em Mauá.

Seguiram-se outras ocupações. Esta área em morros passa por processo de reurbanização e já ganhou conjunto de apartamentos.

As primeiras correntes migratórias que chegaram assistiram ao fim de equipamentos antigos, como as olarias do vale do Ribeirão dos Meninos e a

Pedreira São Bernardo, no início da Estrada do Montanhão, onde hoje está o Parque Selecta. E onde se formou a citada Lagoa Azul.

Testemunhos – Do chamado Novo Montanhão, é possível enumerar a formação dos novos lugares acompanhando a ação pastoral da Igreja Católica. À medida que cada espaço crescia, demograficamente, era construída uma capela. Reunidas, elas formam a Paróquia Jesus de Nazaré, com sede no mais antigo loteamento, Vila São José.

Do Baraldi ao Areião seguindo pelas curvas da estrada da Pedra Branca

Os bairros Pedra Branca e Baraldi formam uma comunidade localizada no coração do Montanhão. Localidade formada por chácaras e sítios habitados por 220 famílias. A caça é proibida, a pescaria já não é tão praticada. Não se faz mais piquenique. Mas quem ali mora relaciona os motivos da escolha de um bairro tão distante: sossego, qualidade de vida e preço bom das propriedades.

“Aqui me encontro com a natureza. Tem rio, pesqueiro, nascente, represa”, conta Daniel Abrahão Tomandl, presidente da SAB local.

De carro são 10 minutos até o Parque Selecta ou ao Pedroso, em Santo André. O problema maior parece ter sido equacionado: a Estrada do Montanhão permanece aberta, contrariando posição da Prefeitura de Santo André, que queria interromper a passagem por um caminho mais que centenário.

Vencido o obstáculo, os moradores convivem com a passagem do Rodoanel, num contraste com a tradição das antigas estradas.

Pela Estrada da Pedra Branca, por exemplo, segue-se em poucos minutos até o Areião e a Via Anchieta,

Novo Montanhão

*Silvina Audi
Cafezal
Parque Selecta
Núcleo Bananal
Golden Park
Biquinha
Pica-Pau
Parque São Rafael
Balneário Alvorada
Oleoduto ou Eucalipto*

São José Silvina

O ano de fundação das
comunidades

Jesus de Nazaré (V. São José): 1978

São João Batista (Areião): 1980

São Francisco de

Assis (Sabesp): 1981

NS Aparecida (Selecta): 1981

José de Nazaré (Silvina): 1973

São Sebastião (Montanhão): 1982

Santo Expedito (Cafezal): 1983

Maria de Nazaré (Silveira): 1983

Santa Luzia (Baraldi): 1992

Cristo Rei (Silveira): 1996

NS de Guadalupe

(Golden Park): 1996

NS Consolação (Biquinha): 1999

NS de Fátima (Silvina): 2001

São João e

São Pedro (Pica-Pau): 2004



Julio Zabuscha, o Passarinho:
Jardim Balneário - Alvorada

serpenteando ao longo dos braços da represa. A estrada guarda as características do passado. De chão batido, há trechos gramados, outrora percorridos por pescadores, caçadores e, em especial, caboclos e imigrantes que seguiam com seus carros-de-boi aos acessos para retirada de lenha e carvão.

O sonho é pela chegada do asfalto ecológico.

Encontramos um neto dos imigrantes poloneses pioneiros de São Bernardo

Entre os moradores do Montanhão, Julio Zabuscha, apelido Passarinho, que reside no loteamento Jardim Balneário – Alvorada.

Passarinho descendente de imigrantes poloneses que vieram para o Núcleo Colonial de São Bernardo no final do século 19. Os polacos do Capivari, com suas tropas de burros para puxar madeira para serrarias como a de Rudolf Primitz e que criaram uma comunidade própria bem à frente da antiga Vila Rio Grande, hoje sede do Distrito de Riacho Grande.

Esta comunidade chegou a ter um cemitério próprio, o cemitério dos polacos, encoberto quando da formação da represa.

Nomes citados: área dos Prado ou Pradinho. Vila São Bernardo Novo. Linha Dutra Rodrigues

Numa mesa-redonda realizada em plena Estrada da Pedra Branca, anotamos expressões antigas de São Bernardo que hoje só são encontradas facilmente em antigos mapas.

O casal Rosa Catalani Guerta e Arlindo Guerta mantêm casa de lazer na Estrada da Pedra Branca, quase no cruzamento com a Estrada do Montanhão, desde 1960. E moram, definitivamente nesta chácara de 2.200 m², há 20 anos. O casal aprendeu com a documentação familiar a citar nomes como os das Linhas Dutra Rodrigues e São Bernardo Novo, neste caso chamada de Vila São Bernardo Novo.

Também citam a propriedade da família Prado – ou Pradinho.

E narram que as olarias vizinhas, as últimas de São Bernardo, foram criadas em 1961 entre a Estrada da Pedra Branca e as margens da Represa, sendo desativadas “há mais de 20 anos”.

O casal Guerta, mais os vizinhos José da Silva e Josefina de Matos da Silva, explicam o porquê de a estrada rural da área de mananciais chamar-se “Pedra Branca”: é que na subida do Areião havia uma pedreira.



Rodoanel corta a Estrada da Pedra Branca: Arlindo Guerta, Rosa Catalani Guerta, José da Silva, Josefina de Matos da Silva, Lucas Odirlei Mariano e Nicole.

A estrada não parava no Areião. Seguia adiante até o Sítio dos Oliveiras Lima (os Teco da Balneária – ou da Região S). Mas isto antes da passagem da Via Anchieta. Até então, a Estrada da Pedra Branca era um dos desvios da Estrada do Vergueiro

Chega o primeiro ônibus. No volante, o velho Barbosa

A família Baraldi, que dá nome a este braço da represa e ao próprio bairro afastado, usava como meios de transporte barcos, carroças e cavalos. O ônibus é uma condução nova, da década de 1960, quando a família Setti e Braga criou a Viação Cacique. *Julio Zabuscha, o Passarinho, é quem conta:*

1 - O primeiro ônibus era um Che-

vrolet “boca de sapo” dirigido pelo velho Barbosa.

2. Quando chegava no Montanhão, ele parava o ônibus. Se o tempo estava garoando ele dizia: “Daqui vocês vão a pé. Não vou pagar guincho não”.

3. E a gente vinha. Ônibus só com tempo bom, com cinco ou seis viagens por dia, e um ônibus só. Se quebrava, não tinha ônibus. Era a linha Baraldi – Montanhão, que existe até hoje.

O Silvina começa junto ao rio. E segue em direção às colinas

Manoel Inácio da Silva. Em abril de 1977 mudou da Rua Jurubatuba para o Jardim Silvina.

1. O Jardim Silvina era pobre. A

maior concentração de casas ficava na Rua Teles de Menezes. E grande parte delas eu ajudei a encher as lajes.

2. Naquela época o rio era mais raso (não tinha grande profundidade). Ocorriam muitas enchentes. A água entrava nas casas. O loteamento começou de baixo (junto ao rio) para cima (em direção às colinas).

3. Quando vim morar aqui a pedreira ainda estava ativada. Quando a pedreira estourava, caíam pedras em cima das casas.

4. Vim pagar aluguel. Ainda tinha aquela ilusão de nordestino, de vir para São Paulo, passar uma chuva e retornar. “Vou ganhar muito dinheiro, comprar roupas bonitas e voltar”. Não foi isso que aconteceu.



“O Silvina é um bairro-centro, uma continuação da Rua Marechal Deodoro”.

Manoel Inácio da Silva, que reside no Jardim Silvina desde 1977.

5. Os núcleos da Via Anchieta estavam começando. A Vila São José era pobre.

6. Eu não troco o Silvina por bairro nenhum. Vejo pessoas que saem daqui, vão para outros bairros e retornam. É tudo perto. São três quilômetros até o Walmart, uma bela caminhada.

Da Pedreira São Bernardo a um novo povoado: nasce o Cafezal

Núcleo, Bairro ou Vila Cafezal surge na primeira metade da década de 1980. O espaço acolheu 22 famílias que moravam perto, no acampamento da extinta Pedreira São Bernardo.

Desalojadas, as famílias deixaram o acampamento (ou alojamento). Foram orientadas pela Promoção Social da Prefeitura e acolhidas pelos pioneiros do Cafezal.

Josefa Aparecida Tomaz Souza lembra dos pioneiros: Edson, Hortálicio, Sr. Lamartine, Zaier. O nome “Cafezal” deve-se a Joaquim Tomaz, pai de Josefa, que plantava café no acampamento da pedreira e continuou o cultivo no novo bairro. Nascia o núcleo Cafezal e, depois, o Cafezal FC, fundado em 15-2-1987.

A incrível história do Zé da Areia

José Leopoldino de Melo mora no Cafezal desde 1988. Ganhou o apelido de Zé da Areia. Durante oito anos presidiu a Comissão de Moradores. Mas, por que Zé da Areia?

1. Eu não tinha onde morar e com-

prei um barraco no Cafezal. Estava desempregado. E como havia muito material pra carregar, comecei a carregar esse material do pessoal para construir lá em cima, em todas as vielas que tem aqui, num total de 13 vielas na Passagem do Cafezal.

2. Fui ficando conhecido. Cheguei a pegar caminhão de areia fechado, de cinco metros, caminhão de pedras, dois mil blocos. O caminhão encostava lá embaixo. Descarregava. E eu negociava: “Eu carrego até o seu terreno por tanto”.

3. De tanto material que o pessoal colocava, parte do muro lateral que divide o bairro da Lazzuril (atual Sherwin-Williams) chegou a cair, quase o muro todo.

4. Moleque novo, ganhava um bom dinheiro. Punha o material num saco de farinha de trigo e transportava nas costas. Chegava a carregar duas latas, duas latas e meia em cada viagem. Era magro, pesava 76 quilos, solteiro, gostava muito de dançar, principalmente lambada. E o saco é bom porque não machuca as costas. Você pode carregar o material o tempo inteiro que não machuca as costas. A lata machuca.

5. Carregava um metro de areia por dia, até um metro e meio, se fosse mais perto. Se fosse mais longe, aí não. Carregava pouco.

6. Começava às 4h da manhã, às vezes às 5h, às vezes às 3h, que era o horário mais frio. Hoje o metro de areia custa

110 reais. Na época, dependendo da distância, eu cobrava o mesmo preço para transportar o mesmo metro. Foi um bom salário.

7. Fiz muito tempo esse trabalho: 1988, 1989... aí conheci o meu vizinho, o Gilson, que é pedreiro. Gente boa. Fui trabalhar com ele de ajudante. Com um mês e tanto já comprei uma colher de pedreiro, um nível, um metro, um prumo. Não tive dificuldade em aprender. Assim vim trabalhar de pedreiro no Cafezal.

8. Assisti e participei da construção do bairro, carregando material e trabalhando de pedreiro.

9. Num certo dia, passei em frente à antiga sede da Associação e vi que eles estavam em reunião. Entrei. Conheci o Vagner Lino. Eles queriam construir uma nova Associação. Disse que era pedreiro. Me ofereci para construir a sede.

10. Botei uma pasta debaixo do braço e sai pedindo contribuições. Consegui mais de 60 sacos de cimento, umas sete barras de ferro de 3 oitavos, dois metros de areia, dois metros de pedras e dois mil blocos. E construímos o prédio, com dois pavimentos.

11. Saíram 39 caminhões de terra. Nem eu, nem o pessoal que me ajudou, recebeu um centavo pelo trabalho. Comida, bebida, material, tudo doação. Muita gente lutou. O pessoal tinha consciência que era preciso fazer uma sede que fosse de todos



Vila São José na década de 60: no carro, Vandir do Nascimento, hoje advogado com escritório no Centro de São Bernardo



Primórdios do Cafezal: Família Tomaz. Álbum familiar



12. Toda a rede de esgoto do Cafezal foi feita em sistema de mutirão. A Prefeitura enviava o material, os canos, os blocos, e nós fazíamos.

13. Comecei a participar dos movimentos sociais e a adquirir gosto pela política. Conheci as equipes do projeto “Meninos e Meninas de Rua”, do MST.

14. Ao mesmo tempo em que tomava conta da construção da sede, participava da diretoria.

15. O Cafezal virou um bairro referência. Recebemos sempre a visita de universitários da Metodista, da Fundação Santo André, gente das Pastorais. É um bairro que foi ocupado desordenadamente, que vai enfrentando e resolvendo os seus problemas.

Dos cafezais paulistas à Vila do Cafezal

Oswaldo Francisco nasceu em Cantanduva, em 1937, mas durante 45 anos residiu e trabalhou em Pená-

polis (SP). Era meeiro de café. Perdeu o plantio por dois anos seguidos. Quis trocar a roça pela sede da cidade. O filho, que residia em São Bernardo, o convenceu a vir para cá. Desde 2000 Sr. Oswaldo reside no Bairro Cafezal.

Lembra que o Cafezal, na Estrada do Montanhão, ainda era formado por barracos. Logo depois ganhou alvenaria de blocos. O ônibus não chegava. Parava no Jardim Silvina. Era preciso caminhar no barro até o ponto inicial, usando sacos de plástico nos pés para não sujar os sapatos.

Trocando o campo pela cidade com mais de 50 anos de idade, Sr. Oswaldo hoje está integrado à cidade grande. Mas não esquece Penápolis que ficou lá atrás na sua história de vida.

Era a favela do Oleoduto; hoje é Jardim Eucalipto. Pertence ao Silvina

Jair Juventino da Cunha, mineiro que viveu no Paraná e que está em São Bernardo desde 1978.

1. Quando vim morar aqui, não havia nada. A gente fez um barraco de madeira, como até hoje tenho um barraco. Conversei com a Igreja da Assembléia de Deus e fui autorizado a morar aqui; se eles precisassem do terreno, iriam me tirar e colocar em outro lugar.

2. Plantei mandioca. Fiz muita lavoura aí embaixo. Foram loteando, loteando, e eu fiquei só com quatro metros de largura.

3. O Ministério construiu a primeira igreja, de madeira, depois de material.

4. Trabalhei no Aeroporto de Congonhas, na Volkswagen. Andava lá pela Sabesp (tratamento de água), mas sempre morando aqui.

5. Na época em que foram postos estes postes de concreto, eu participava da comissão da Eletropaulo. Amarrava os postes com cordas para puxar lá para o alto. Não tinha nem estrada.

6. Hoje temos gás, açougue, avícola. Tem de tudo. Até cabeleireiro. Ficamos um tempo sem luz, usando lampião.

7. Já teve time de futebol. Não tem mais. Estamos tentando montar de novo.

Sociedade Amigos do Núcleo 66 Silvina Audi Associação Comunitária

Na complexidade do antigo Oleoduto, a organização popular se faz em várias frentes e com várias entidades representativas. O cenário é este visto à esquerda da Via Anchieta, no sentido São Paulo a Santos, a poucos



metros da Volkswagen. A Associação Comunitária, fundada em 5-3-2001, calcula uma população formada por 9 mil famílias ou 36 mil moradores. Só o Núcleo 66 abriga duas mil famílias, num total de 20 mil pessoas.

Alexsandro Rodrigues de Moraes, mineiro de Governador Valadares, preside a Associação Comunitária do Jardim Silvina.

Henrique Vieira da Costa, pernambucano de Goiana, preside a Sociedade de Amigos do Núcleo 66.

Alexsandro chegou com a família a então favela do Jardim Silvina quando tinha oito anos de idade, em 1988.

Henrique ali vive desde 2006.

São testemunhas da transformação do lugar.

“Participamos da urbanização do núcleo do Silvina, eu como membro eleito do MDF – Movimento em Defesa dos Favelados. Hoje a nossa luta lá de trás valeu a pena. As favelas de São Bernardo estão urbanizadas, ou caminham para a urbanização” (Henrique).

“Vieram: iluminação pública, correio, asfalto. Famílias foram retiradas das áreas de risco. As ruas

ganham CEPs. A regularização fundiária está em andamento. As ruas ganham nomes. Algumas homenageiam fundadores, como Joas Soares da Silva e Antonio Vargas Farias. Pelo menos um fundador vive, Chico Braz” (Alexsandro).

Sr. Raul, o 17º inscrito no plano do Parque Selecta

O anúncio publicado pela revista Família VW, em 1976, chamou a atenção de muitos funcionários da Volkswagen interessados em ter a sua casa própria: um conjunto habitacional seria construído perto da fábrica, no começo da Estrada do Montanhão. Os interessados deveriam se inscrever para concorrer à compra de uma unidade. Entre eles estava Raul Joaquim da Silva, admitido em 1974 e que foi o 17º inscrito no programa da companhia.

Nascia o Parque Selecta, em plena área de mananciais, com a devastação dos morros em torno da Pedreira São Bernardo, que seria desativada em 1982. A obra se arrastou naqueles primeiros anos de vigência da Lei de Proteção aos Mananciais. E quando o conjunto ficou pronto, houve sorteio das unidades, realizado no Volkswagen Clube. Coube a Raul uma casa localizada à Avenida Sergio Trevisan, 316. Era fevereiro de 1982.

Raul criou uma chácara de árvores frutíferas na sua propriedade: “O Parque Selecta era ainda um poeirão. Não tinha escola. Faltava acabamento das casas. Não fizeram os azulejos da cozinha. Diziam que seríamos ressarcidos para completar a casa. Até hoje ninguém recebeu nada”.

O ônibus parava no Jardim Silvina. Era preciso caminhar até lá. Depois, não havia sentido tomar ônibus, então

os moradores pioneiros prosseguiram a pé até a Volkswagen.

Trinta anos depois não são apenas funcionários da multinacional que residem no Selecta. Dos pioneiros, Raul é um dos mais antigos. A sua chácara está formada. Parque

Selecta é o seu bairro. Não pretende mais mudar. E é sempre uma referência quando se pretende contar histórias de como tudo aconteceu.

Lembranças da infância em Catende

Depoimento: Raul Joaquim da Silva

Fui à escola para conversar com os alunos. Um deles, com aquela ingenuidade própria dos meninos, perguntou:

-O que o senhor fazia quando tinha minha idade?

Virei pra professora:

-Posso responder?

-Está aberto para o senhor, pode responder.

E eu respondi:

-Com 10 anos eu andava pelado no mato, nadando no rio.

Por isso a minha chácara me faz lembrar a minha infância em Catende (PE), com muito passarinho. O sabiá come na mão. Tem até tucano que vem comer fruta. É o retrato da minha terra, aqui em São Bernardo.

Da nossa época tinha o Laurentino. Ele sempre diz que se todos fizessem como eu o Parque Selecta seria bem melhor. Mas tem morador que até arranca o pé de árvore. Eu respondo: você mata uma árvore ali, eu planto 10 aqui.

Planto na rua; ipê, figo...

(Ao fundo da gravação, o som de pássaros e até o cantar de um galo).

Organização Popular

A Associação dos Moradores do Cafezal nasceu como Conselho Comunitário do Núcleo Montanhão, fundado em 12 de março de 1989. Teve os seguintes presidentes: Mauricio, Manoel, Donizete, Zé da Areia, Roque, Zé da Areia e Tião.



Procissão no Jardim Silvína. Acervo: Escola Profissional Padre Leo Commissari

Esta Associação criou o Golden Park nos altos da Vila São José

O nome é de condomínio fechado: Residencial Golden Park. E, de fato, este novo bairro da Região Q é formado por casas boas e é mais uma prova da força do trabalho associativo. Nasceu dos ideais dos que formaram a Associação de Construção Comunitária.

A Associação adquiriu a área que pertencia à família Setti e Braga. No total, 752 famílias. E no início dos anos 1990 começava a nascer o Golden, com diretoria e estatutos próprios.

O bairro consolidou-se. Dos pioneiros, houve os que venderam suas propriedades. Mas é fácil encontrar muitos dos fundadores, entre os quais o atual presidente, Joaquim Nicomedes Lourenço.

“Era uma mata. Roçamos. Trouxemos as máquinas. Fizemos a terraplenagem. Construímos o nosso bairro”, testemunha Lourenço.

Regras foram obedecidas. A Associação não tem fins lucrativos. Lotes

e casas seriam vendidos para quem não tivesse moradia. Quem tivesse escritura de outra casa em São Bernardo não poderia comprar.

José Edvaldo Leandro de Souza foi o primeiro presidente. José Dias foi o engenheiro responsável. As ruas de terra foram pavimentadas. A regularização do Gold está em processo. Uma das conquistas é recente: a abertura de uma nova via de acesso. Desde o ano 2000, anualmente, o bairro se encontra num jogo entre solteiros e casados no vizinho campo do EC Vila São José.

Pela construção de um conjunto habitacional aos moradores da área de risco

A Sociedade Amigos do Jardim Silvína tem uma história que vem da década de 1960. No seu livro de atas aparece a data 15 de março de 1968, indicando a sua reestruturação. O que significa que ela existia antes disto. Reestruturou-se com o nome de SAB

do Jardim Silvína, Vila São José e vilas circunvizinhas e na assembléia daquela noite foi apresentado o seu novo estatuto, já que o anterior e os documentos antigos haviam sido extraviados.

Nestes 44 anos, tudo mudou no raio de atuação da SAB do Silvína.

As primeiras reuniões foram realizadas no então Grupo Escolar Iolanda Noronha do Nascimento. Elegeram-se os primeiros dirigentes: Ângelo Santaguitta, Claudinei Trebbi, Valter Herrera, Benedito José de Moraes..

Em 1972 a SAB já contava com sede própria, à Rua Silvína, 666.

Novos presidentes eleitos e empossados: Gilberto Patron, Francisco Gerbelli, Martinho Almeida dos Santos, Vanderlei Almeida Moura.

Cresce a Sociedade, as eleições passam a ser acirradas. Duas chapas em 1983: União e Trabalho e Unidade. Osvaldo Camargo Rodrigues é o novo presidente.

Em 1986, três chapas: Unidos Venceremos, Constituinte, Pés no Chão. Uma mulher chega à presi-



dência: Maria de Fátima Pereira de Oliveira Araújo (Pés no Chão, com 439 votos) vence Oswaldo Camargo Rodrigues (Unidos Venceremos, 161 votos) e Jorge Peres (Constituinte, 79 votos).

Fátima Araújo é reeleita em 1988, em chapa única. E elege seu sucessor em 1990, Ananias Fernandes de Almeida, reunindo na posse lideranças de outras SABs: Casa, Lago, Laura, Cafezais, Lavinia, São José...

Novos presidentes: Sebastião Figueiredo Araújo, Fátima novamente, Antonio Teixeira Gomes...

Momentos bons, momentos ruins...

Na posse de Fátima Araújo em 1998 a lembrança da morte do pároco, padre Leo Commissari, 56 anos, um dos fundadores das CEBs de São Bernardo (Comunidades Eclesiais de Base), assassinado por traficante no sábado 20 de junho de 1998.

Em 2001, formando o processo PMSBC 008.467, um abaixo-assinado:

1. Nós, moradores da Rua Padre Léo Commissari, e área da Via Anchieta, juntamente da SAB do Jardim Silvina, solicitamos ao prefeito Mauricio Soares a construção de um conjunto habitacional, próximo ao campo de futebol, para os moradores das áreas de risco

2. Reivindicamos a urbanização nos locais onde tecnicamente for possível a construção de casas.

3. O sofrimento é grande.

4. Há convivência de insetos, ratos, esgoto a céu aberto, iluminação clandestina, com risco constante.

5. Têm ocorrido vários acidentes e um com vítima fatal.

6. Queremos exercer nossa cidadania para podermos criar nossos filhos em moradia digna, assim pedimos a compreensão e aguardamos soluções.

Bananal, Biquinha, Pica-Pau. Expande-se o Silvina

Ouvimos Fátima Araújo, na SAB, no 666 da agora Rua Afonso Furtado de Mendonça. O que a SAB acompanha, o que está sendo feito:

Núcleo Bananal. Uma rua, 60 famílias. Urbaniza-se a área, investe-se na infraestrutura.

Jardim Silvina. Rua Washington Luis. Em 2002, deslizamento mata nove crianças. Cento e sessenta famílias de área de risco são transferidas para os apartamentos construídos no antigo campo de futebol.

Rua Diogo de Menezes e outras ruas: regularização fundiária.

Vila Biquinha, 150 famílias: regularização das ruas. Rua Visconde de Cairu: obras em vielas.

Sítio Pica-Pau Amarelo: regularização do loteamento.

Festa na SAB do Jardim Silvina. Acervo: Sociedade Amigos





Garagem na Rua São João do Núcleo Pica-Pau: ali funciona a capela de São Pedro e São João, na casa de Antonio Adão da Silva.

Praça do Trabalhador Armando Ruivo

(Portugal 1926 – São Bernardo 1981)

Como comerciante antigo do Jardim Silvina, Armando Ruivo deu força à criação da Sociedade Esportiva Jardim Silvina. Ele e os amigos Francisco Gerbelli, Moraes e os da velha guarda do bairro. As reuniões do clube eram realizadas no seu bar e mercearia, o Bar das Pombas, que também servia de vestiário.

Católico, pai rigoroso, benemérito. Ajudava os semelhantes, mas partiu muito cedo, aos 55 anos. Quando se construiu uma praça pública às margens do Rio da Chrysler, na divisa do Jardim Silvina com a Vila São José, os amigos reivindicaram que se desse o nome de Armando Ruivo ao logradouro. A Câmara aprovou, a Prefeitura sancionou.

Reformada e modernizada entre 2011 e 2012, a praça manteve dois nomes num, homenageando o co-

merciante que partiu e os trabalhadores da cidade: Praça do Trabalhador Armando Ruivo.

Imola – São Bernardo, a solidariedade que vai do Jardim Industrial ao Pinheirinho

“Nas capelas o pessoal se encontra para as reuniões das comunidades de base e não apenas para rezar”

Irmã Inês, “Padres moram em favela e organizam comunidade”: reportagem de Marilena Degelo, Dgabc: 15-4-1981.

O trabalho missionário foi iniciado por três padres e cinco irmãs de congregações diferentes enviados da Diocese de Imola, na Itália. E o ano referencial é 1980. Nestes mais de 30 anos os religiosos semearam uma ação evangelizadora e de promoção social que se espalha por um corredor de pobreza que começa no Jardim Industrial, na divisa com Santo

André, junto ao Sítio dos Vianas, e prossegue até Pinheirinho, às margens da Represa Billings.

Pelo corredor são atendidas as comunidades mais pobres: Parque São Bernardo, Jardim Petroni, Vila São Pedro, Vila Esperança, Parque São Rafael, Vila São José, Cafezal, Baraldi, Areião, Jardim Silvina e tantos outros pontos habitados por famílias humildes e de trabalhadores.

Escreve-se uma história e ficam os exemplos, lições e a própria vida dos missionários, com dois momentos de muita dor: a morte de uma das irmãs pioneiras, irmã Rosa Mariani, atirada de um ônibus que se locomovia com as portas abertas quando ela completava 21 dias apenas de Brasil, e o assassinato do padre Leo Commissari, na madrugada de 21 de junho de 1998, quando voltava de uma quermesse na Paróquia Jesus de Nazaré para o seu barraco no fundo da favela do Oleoduto, onde fazia questão de morar, ao lado dos pobres que tanto amava.



Quando padre Leo morreu, vítima involuntária de uma disputa de traficantes de drogas, imaginou-se que o trabalho dos padres e irmãs seria interrompido. Da dor eles tiraram a força que move este projeto de solidariedade até hoje e que tem na Escola Profissional Padre Leo Commissari o seu esteio.

História continuada – Visitamos a Escola Padre Leo Commissari em 19 de outubro de 2011. Fomos recebidos pela irmã Daniela Bonello. Uma visita de surpresa, não agendada. E por essas coincidências da vida, naquela tarde, exatamente, a escola recebia a visita do irmão do padre Leo, Sr. Celso Commissari, vindo da Itália e recebido pelo filho, padre Francesco Commissari, sobrinho do padre Leo e atual pároco de Jesus de Nazaré.

Na Escola Padre Leo Commissari, fotografamos os visitantes na sala que guarda a memória do patrono, inclusive a bala que o matou. E gravamos o depoimento da irmã Daniela Bonello. Ela veio para o Brasil em 1985. Durante quase dois meses, em sua fase de adaptação à língua e aos costumes, jogou bola com crianças da comunidade Pai Herói. Trabalhou depois com pobres em Guarulhos e desde 1989 atua em São Bernardo.

Sucedem-se as lutas

Depoimento: irmã Daniela Bonello

Padre Leo Commissari viveu durante sete anos na Bahia, retornou à Itália e disse ao bispo de Ímola que gostaria de voltar ao Brasil, mas não sozinho.

- *Quero voltar com uma equipe, para se fazer um trabalho de equipe, de padres e irmãs.*

Padre Leo retornou em 1979. Esta-

beleceu-se em São Bernardo, na área do Jardim Petroni. E em 1980 recebeu a companhia dos padres Sante Collina e Nicola Silvestre e mais cinco irmãs, de congregações diferentes: irmã Paula (Sagrado Coração de Jesus Ressuscitado), irmã Innocenza (São Francisco de Sales), irmã Rosa Maria (Servas do Sagrado Coração de Jesus Agonizante), irmã Inês (Santa Terezinha do Menino Jesus) e irmã Adriana (Pia Operária de São José).

Os religiosos passaram a atuar na Paróquia São Geraldo Magella. Os padres moraram num único barraco, onde realizavam reuniões com a comunidade.

Irmã Rosa, depois de 21 dias, foi jogada fora do ônibus, que andava com as portas abertas, bateu a cabeça e veio a falecer. Foi substituída em 1984 pela irmã Graziana Broccoli. Em vim em 1985. Depois da adaptação, trabalhei quatro anos na periferia de Guarulhos, no Cabucu. Em 1989 houve uma troca: irmã Graziana foi para Guarulhos e eu vim a São Bernardo para integrar o projeto “Igrejas Irmãs”, resultado de um intercâmbio entre as Dioceses de Santo André e Imola, num trabalho missionário e pastoral.

Desde o início o objetivo foi bem claro: evangelizar, mas também fazer promoção humana, sempre com atividades junto ao povo, nas suas lutas por moradia. Lutamos muito no lixão do Alvarenga. Acompanhamos a luta daquele povo que, fechado o lixão, ficou sem trabalho.

Ao longo do tempo, as lutas foram se sucedendo e se diferenciando.

Meninos – Todo projeto tem um início e fim. Durante seis anos atuamos com meninos com riscos de viver na rua enquanto os pais trabalhavam.

Recolhíamos as crianças em espaço de nossas comunidades, nas igrejas, e realizávamos com eles atividades: reforço escolar, atividades lúdicas, para não deixá-los abandonados.

O projeto teve o apoio da Prefeitura de Imola e de outras prefeituras próximas. De lá vinham os salários das jovens das comunidades que trabalhavam com as crianças.

Trabalhamos também com os meninos de rua de São Bernardo, junto ao Projeto Menino de Rua. Findos os seis anos, padre Leo, sempre buscando alternativas e melhoria no atendimento social, propôs a idéia de se organizar uma escola profissionalizante.

Expansão – Naquele tempo, os três padres e as cinco irmãs atendiam não só no Jardim Petroni e Parque São Bernardo, onde moravam, mas também em toda essa região da Vila São José, Jardim Silvina, Parque Selecta, Pinheirinho, Areião, Sabesp – ainda hoje atendemos. Região bem ampla – do Jardim Industrial até o Areião e até Pinheirinho, na represa.

A gente ficava com essas crianças. Elas cresciam. Perdíamos o contato. E o padre Leo achava que isso não era suficiente. Daí a escola profissionalizante. Fomos convencidos, como estamos, que cesta básica não resolve o problema de ninguém. É um pronto-socorro. Precisa? Precisa. Mas ela não resolve. Às vezes até acomoda em certos casos.

O que dá dignidade a uma pessoa? É o trabalho. Ajuda o jovem e o não tão jovem a entrar preparado no mercado de trabalho.

Cooperativismo – Entre 1993 e 1994 iniciou-se a sensibilização de pessoas na Itália. Houve a resposta



A mulher e a organização popular. À esquerda, dona Palmira, com 105 anos, ao lado de Maria Aparecida Bezerra Antero, Fátima Araújo, dona Cícera, Zilda, Nora, dona Maria... Acervo: SAB do Silvana



particular da Sacmi, uma cooperativa de Imola que produz maquinário para cerâmica, e agora tem uma filial no Brasil. Prefeituras começaram a se movimentar para construir uma escola profissionalizante no Brasil.

A Diocese de Imola deu dinheiro para comprar esse terreno na entrada da favela do Oleoduto. O último terreno regular, depois é favela. Várias outras firmas se envolveram, mas a maior parte dos recursos vem desta cooperativa – Sacmi, de Imola.

Padre Leo tinha bem claro que uma das soluções para o desemprego – muito forte à época – vinha das cooperativas.

As cooperativas em nossa região lá em Imola, e na Itália no geral, foram a saída da pobreza depois da guerra. A Sacmi mesmo começou com nove pessoas sem trabalho. Hoje se espalha por 16 países ou mais. E muitas outras cooperativas surgiram: do vinho, da fruta, da roupa...

Etapa 1 – Em novembro de 1996 foi inaugurada a primeira parte da nossa escola. A Sacmi propôs iniciar com dois galpões e, se desse certo,

construiria o resto. Os dois galpões foram construídos. Neles foi realizado o primeiro curso, de formação de pedreiros; logo em seguida, o de padeiro; no ambiente da paróquia, um curso de informática, outro de marcenaria. Ficou muito claro que o projeto seria vitorioso.

Luto – Padre Leo assistiu à inauguração da primeira parte da escola, não assistiu à inauguração da segunda parte.

Nos primeiros anos de São Bernardo, padre Leo dormia num barraco do Parque São Bernardo. Depois passou a dormir na Paróquia da Vila São José. Só que começou a dizer que não se sentia bem – “porque o missionário tem que estar no meio dos úteis”.

Em 1996, padre Leo havia comprado um barraco bem no fundo do Oleoduto, onde viveu durante dois anos. Uma semana antes de ser assassinado ele me mostrou um mapa em que apontava sete buracos nas telhas. Chovia dentro do seu barraco e ele já não sabia onde pôr a cama. Era preciso consertar o telhado, mas não deu tempo.

Na virada do dia 20 para 21 de junho de 1998, a meia-noite e meia, padre Leo estava voltando ao barraco, no seu carro, com o farol alto. No caminho, foi confundido. Traficantes estavam esperando outros traficantes para acerto de contas. Atiraram. Padre Leo estava morto.

Na Itália pensavam que fôssemos embora. Mas isso nunca passou pela nossa cabeça. Assumimos, com muita garra, todo o trabalho do padre Leo. E com muitas dificuldades estamos tentando levar para a frente.

Etapa 2 – O projeto da escola profissionalizante deu certo. A Sacmi desenvolveu o restante deste complexo. E veio a inauguração oficial da escola, que recebeu o nome de Padre Leo Commissari.

A Sacmi é a nossa grande parceira até hoje. Há dois ou três anos até comprou outro terreno próximo, para servir como estacionamento.

Demos conta que, além dos jovens, havia muitos adultos que saíam das empresas. Foi a época que a Brastemp saiu de São Bernardo, a Volks começou a demitir em massa. Vimos que a escola deveria servir também aos adultos. Começamos a incluir jovens e adultos.

Temos até hoje convênio com o Senai. Uma grande parceria que temos no Brasil.

Alternativa - Na passagem do ano 2000 houve esse desemprego. As firmas não estavam mais admitindo. Nos demos conta que preparar muita gente para o trabalho, e não ser absorvida ao trabalho oficial, com carteira, não estava dando certo.

Refletimos: por que não realizar outro sonho do padre Leo, o de



criar cooperativa e incentivar em nossos alunos o trabalho por conta. Se você aprendeu a fazer pão, monta uma padaria; se você aprendeu a cortar cabelo, corta cabelo. Monta a sua própria cooperativa. Mas esbarramos com um grave problema: a lei brasileira. Para a criação de uma cooperativa é preciso reunir pelo menos 20 ou 21 cooperados.

Não é possível criar uma cooperativa dando de comer a 21 famílias. Na Itália são suficientes, se não me engano, seis ou sete cooperados.

Conseguimos constituir uma cooperativa de pedreiros, que é mais fácil por exigir muitas especialidades: o que assenta o bloco, o que coloca o azulejo, o que faz o piso, pinta, constrói o telhado. A cooperativa está conosco até hoje, nos moldes do estabelecido pelo governo. Mas para outras cooperativas ficou mais difícil. Optamos, então, pela microempresa.

Microempresa - O Sebrae nos orientou. Deixa o povo traba-

lhar e depois, aos poucos, vamos regularizar.

Em 2004 inauguramos 104 microempresas aqui constituídas. Pequenas empresas, empresas familiares.

Partimos, então, para grupos de economia solidária. Hoje trabalhamos muito com isso. Acredito que muitos nos conhecem como escola profissionalizante, mas o nosso foco muito forte agora é a economia solidária.

Economia solidária - Temos três grupos aqui dentro. Incentivamos as pessoas a trabalharem de qualquer jeito. Ano passado perguntei às mulheres que estavam terminando o curso de cabeleireira quem pretendia trabalhar na área. E elas todas levantaram a mão afirmativamente. Algumas em casa, outras de casa em casa. São os pequenos empreendedores.

Fazemos tudo com projetos. Se a gente não tem projeto, não vive. São projetos de cursos junto com a Prefeitura. E projetos nossos. Tivemos, este ano, cursos com a Fundação Banco do Brasil.

Trabalhamos muito com economia solidária. Fizemos há pouco um seminário internacional de economia solidária, que teve uma boa participação e se constituiu num momento muito bonito. Todos na região nos reconhecem como quem tem algo a dizer sobre economia solidária, até para ensinar para os outros.

Moeda social - Temos a nossa moeda: moeda social. É usada por esses grupos gerados por nós. Naturalmente que nem todos aceitam e concordam. Aos que aceitam, são

distribuídos em redes: 20, 24 redes. A moeda circula entre eles. E já estamos preparando pessoas para ter um banco comunitário.

Por enquanto a moeda é feita no computador, por isso ela é muito controlada; quando começarmos com o banco comunitário – e são pouquíssimas essas experiências no Brasil – o banco vai cunhar uma moeda para nós e poderemos abrir o leque para que a moeda seja usada em toda essa região.

Por que uma moeda nossa? Porque ela não pode ser aplicada no banco financeiro convencional, nem ser gasta no Walmart, no Carrefour. Onde ela circula? Na periferia. E não pode ficar parada, porque ela não rende. Ao circular, a moeda produz riqueza. E riqueza na periferia.

Ou seja: a moeda social criada circula no Jardim Silvina, no Parque Selecta, na Vila São José, em todos esses lugares atingidos pela Paróquia Jesus de Nazaré, e mais as comunidades pobres ao redor, como Areião e Sabesp.

Creche - O trabalho da Pastoral da Criança começou em 1994. Eram oferecidas dicas de alimentação barata e nutriente às mães, entre outras ações. Em 1996, padre Leo construiu uma creche no final do Oleoduto, bem no meio da favela, com atendimento de meio período, terminando com o almoço, o que garantia a alimentação das crianças. Tudo à base do voluntariado.

Com a morte do padre Leo, a creche passou a ser conduzida pelo padre Gilberto Raffini, que veio da Itália. A creche foi ampliada e o espaço serve a inúmeras atividades até hoje.

*Escola
Profissional
Padre Leo
Commissari*

*Uma realização dos colaboradores do Projeto de Solidariedade Imola – São Bernardo
– 14-1-2001*



Grupo de moradores pioneiros da Vila São Pedro na primeira metade da década de 1980: Movimento de Moradia e Melhores Condições de Vida



Acervo: professora Roseli Dias Ortigoso

VILA SÃO PEDRO/MONTANHÃO

Vl. São Pedro, Vl. Santana,
Vl. Mariana, Vl. Boa Vista,
Alto da Bela Vista,
Vl. Esperança, Jd. dos Químicos,
Jd. Tiradentes, Pedreira

Região

IR



O exemplo que chega das colinas da São Pedro

“Quando das festas de final de ano, todo mundo tem o prazer de estar aqui no alto da Bela Vista para observar a queima de fogos no horizonte. É uma visão indescritível pelos lados do Centro de São Bernardo e de São Paulo. Observa-se, até mesmo, aquele imenso farolete luminoso e giratório que vem lá da Avenida Paulista. Por isso que a nossa vila não poderia ter outro nome senão Alto da Bela Vista”.

Martinho Monteiro, um dos pioneiros do Alto da Bela Vista e liderança local.

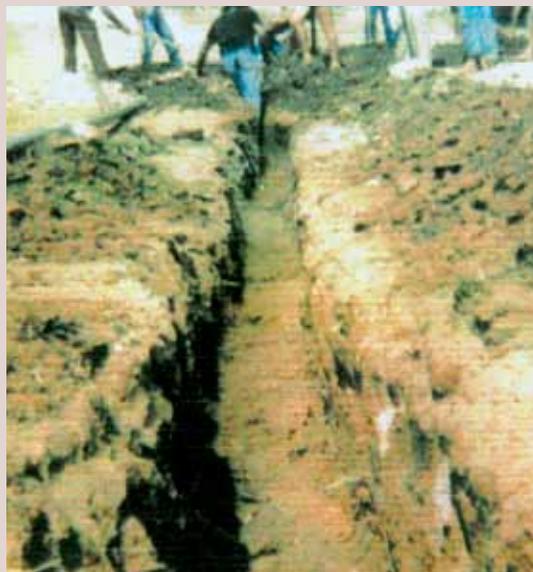
A Região R tem como centro convergente a Vila São Pedro, bairro totalmente urbanizado e que se configura como uma conquista do movimento popular. Esta área de geografia irregular ganhou levas e levas de famílias num movimento que tem como data referencial o Dia de São Pedro de 1987 – 29 de junho.

Com disciplina, os ocupantes escreveram uma história heróica e mostraram que é possível resolver problemas contemporâneos com uma política centrada no coletivismo. O problema habitacional, seguido pelo urbano, educacional, de infraestrutura, possui uma receita. E obstáculos como o da violência têm remédios de solução.

Testemunhos

Vinte e cinco anos após a sua ocupação, Vila São Pedro tem poucos testemunhos daquele grupo de 100 pessoas que chegaram ao lugar, com ferramentas e disposição de ficar. Mas a história do dia 29 de junho de 1987 é conhecida daqueles com quem conversamos e que preservam uma história oral e forte.

1988. Av. Dom Pedro de Alcantara em obras. Acervo: Antonio F. dos Reis





O revolucionário

Damião Conrado Pereira, 54 anos. Técnico-químico que exerceu várias outras atividades e hoje é comerciante na Vila São Pedro. Uma das lideranças da ocupação, com história no movimento estudantil, sindical e político.

Depoimento: Damião Conrado Pereira

1. Vila São Pedro foi o meu doutorado de cidadão. A área era municipal. Pertencia a uma empresa de economia mista chamada Prosb. Buscamos essas informações no Fórum. E erguemos os primeiros barracos em meio à mata que dominava a área.

2. Antes disto o movimento ocupou o cemitério da Vila Carminha (Bairro dos Casa). Três dias de enfrentamento com a polícia. Estávamos saindo do regimão. Tivemos a colaboração da Igreja, por meio de suas pastorais.

3. Na véspera da ocupação, decidimos que iríamos demarcar a área. O povo fechou com a proposta, acreditou.

4. Feita a ocupação, vimos um povo sem luz e sem água. Cortei um cano de três polegadas na Vila Esperan-

ça, emendamos e puxamos a água. A pressão era pouca. Tivemos que adotar uma disciplina militar, com horário até para tomar banho.

5. A Vila São Pedro é uma capital hoje. É um orgulho. Um exemplo de mundo. Ela gera emprego e renda. Tem os seus problemas como tantas outras partes da metrópole.

6. Eu subia com meu jipe traçado em quatro rodas nos morros, no mato, junto com os companheiros, pra fazer assembleia. E seguimos...

Violência e meio ambiente – Adiel Vieira Marins é outro dos pioneiros que permanece na Vila São Pedro. Trabalha na Rua do Oleoduto.

“A maior causa é a família ter o documento do seu imóvel, registrado em cartório”.

“Daqui pra frente a grande meta nossa seria a urbanização e a legalização da terra. Este é o nosso sonho”.

Síntese de vários depoimentos ouvidos e anotados tanto na Vila São Pedro como em outras vilas.

Transporte coletivo e o nome do bairro: a região é interligada com todo o Município

1. Vila São Pedro, em 1987, era só mato, barro. Abrimos as ruas na mão, à base do mutirão, como formiguinhas. Durante o dia, o trabalho na firma. À noite e nos fins de semana, enchíamos as lajes. Nem as ruas estavam abertas. Era o pessoal andando e chutando tocos. Formávamos uma família, todos no mesmo barco.

2. A ocupação teve por base a Rua Jerônimo dos Santos, sede da primeira associação de moradores.

3. Foi preciso desmatar. O meio ambiente estava começando, não tinha força. Então a ocupação pequena inicial foi se desdobrando e a vila se formou.



4. Depois tivemos problema com os bandidos. Muita gente foi expulsa por eles, tiveram que abandonar suas casas. Sobrou o pessoal que não tinha para onde ir. Essa gente permaneceu e enfrentou a bandidagem. Soubemos que a vida de um bandido é de seis meses, um ano. Eles se foram, nós fomos ficando.

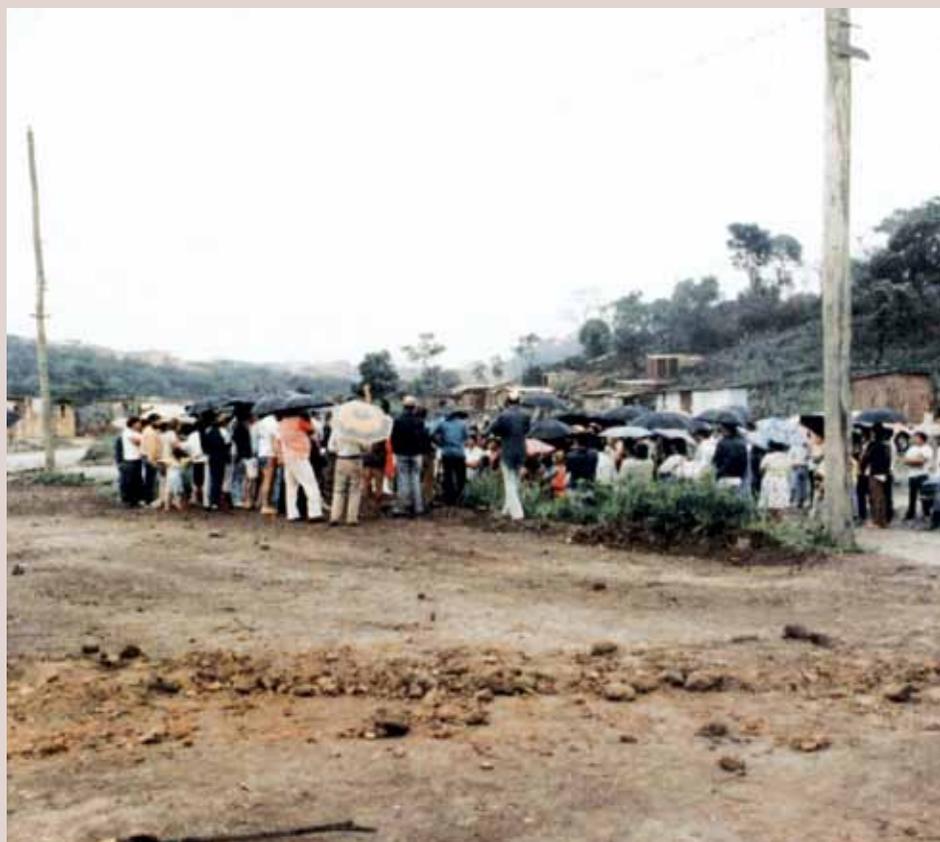
5. Mas à época era comum chegarem à sua porta 20, 30 vagabundos. A gente tinha que abrir. Eles entravam, aprontavam, roubavam. Pintavam e bordavam. Hoje não tem mais nada disso.

O poeta - Zeca Alfredo. Comprou um lote na Rua 1º de Agosto em 1990. Ergueu uma casinha no fundo. Mudou para a vila em 1992. Aos poucos fez uma segunda construção, na frente.

1. Naquele tempo a Vila São Pedro ainda não tinha todas as suas ruas abertas. Nós mesmo que abrimos a Rua 1º de Agosto. Com outros moradores abrimos uma espécie de trilho para poder passar. O material de construção era difícil de chegar até aqui.

O som das horas vividas
O som do sangue escorre
O cheiro do viver da vida
O som do coração imóvel
Nos versos o cheiro fica
Depois que o poeta morre.

*José Alfredo dos Santos,
o POETA DA VILA SÃO PEDRO.
Ele é autor do livro "O cheiro
verde do verso".*



2. Onde está a Adega do Luiz havia um córrego. Não passava carro. A gente comprava material e o caminhão do depósito descarregava ali. Então trazíamos para cá os blocos, areia em carinho e em latas, um sacrifício muito grande. Valeu a pena.

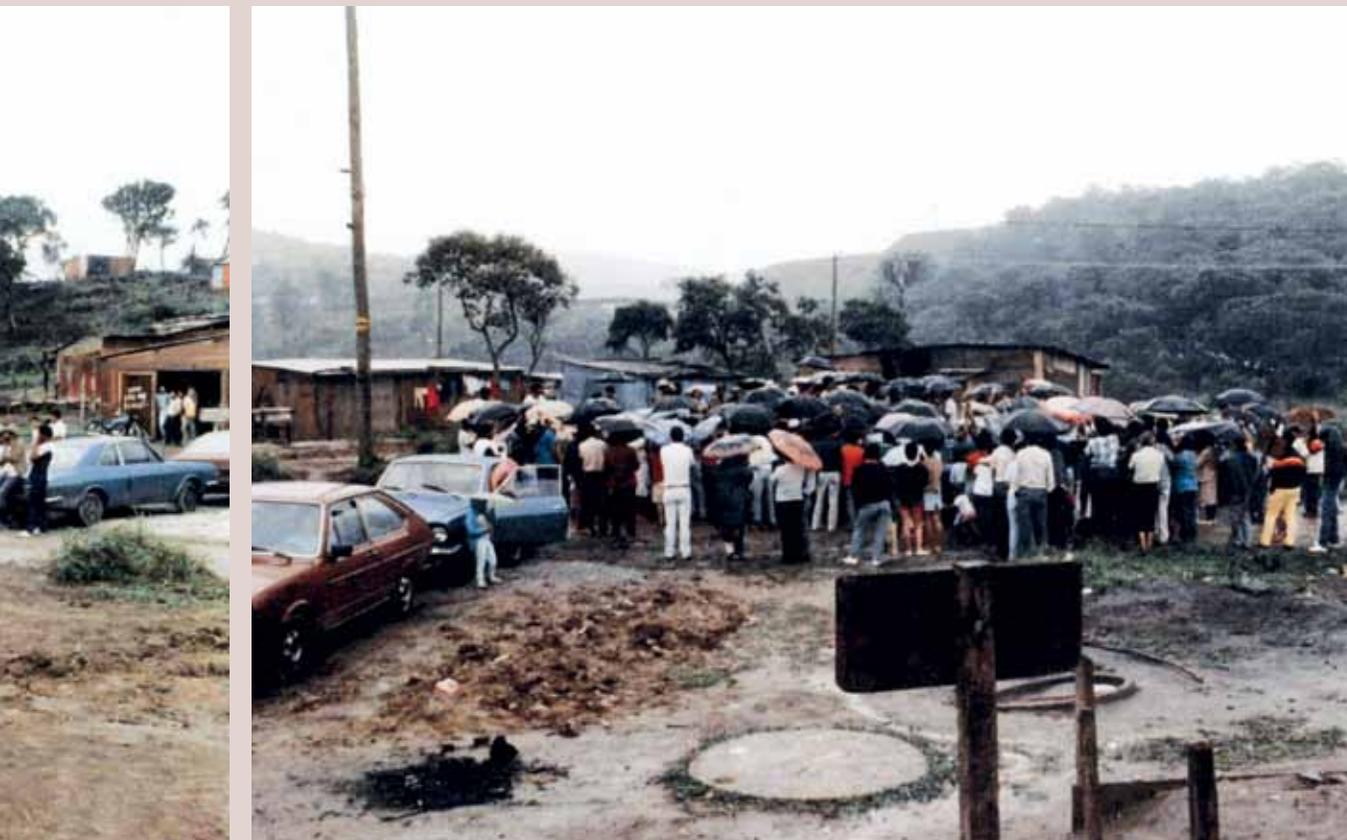
3. Em 1987, o ano da ocupação, eu morava em Diadema. Alguns parentes vieram para cá. Eu tinha medo. Não é fácil você investir aquilo que você ganha na construção de uma casinha e depois ver a casa vir abaixo, como aconteceu na Vila Falcão. Um primo meu construiu uma casinha lá. Investiu todo o salário dele. E depois a casa foi demolida.

4. Mas em Diadema a situação foi ficando cada vez mais difícil. A vio-

lência era muito grande. Muita gente foi morta na região do Jardim Inamar, Jardim Ruyce, Jardim União. Então decidimos vir para a Vila São Pedro.

5. A Vila São Pedro representa uma conquista coletiva. As pessoas são gratas por terem esse local de moradia. Uma das coisas boas que consegui na minha vida, na minha história.

O fotógrafo – Francisco Dantas, do Foto Franc, à Avenida Dom Pedro de Alcântara. Fotografa e possui estúdio na Vila São Pedro desde 1991. Possui um acervo fotográfico a ser organizado com imagens das primeiras famílias em seus momentos mais solenes: o casamento, o aniversário, o batizado das gerações nascidas no bairro.



Assembléia na Avenida Dom Pedro de Alcântara em 30-7-1987: movimento de moradia e melhores condições de vida. Coleção: Antonio F. dos Reis; sistematização: Roseli Dias Ortigoso

A dona de casa – Leda Maria Fausto Cardoso Silva. Vive na Vila São Pedro desde a virada de 1989 para 1990.

1. Vila São Pedro era diferente. Não havia luz. Os moradores se viravam com umas gambiarras. Caía a luz, de tão fraca, então apelávamos para a luz de lamparinas;

2 Não havia ruas abertas. Eram veredas. Tudo feito no mutirão, na mão. Rede de água, esgoto, tudo em mutirão. Iniciativa do povo. Quando a prefeitura chegou, a vila já estava crescendo.

“A esperança está no CEU que está surgindo”.

3. O contato maior era com o Jardim Yrajá e a Vila do Tanque. As escolas dos nossos filhos eram para aquele lado.

4. O povo se organizava em comissões, reuniões, muita discussão. E foram se conquistando os primeiros melhoramentos.

5. Eu amo Vila São Pedro. O centro comercial é ótimo. Tudo o que precisamos encontramos aqui, em bons preços.

O pároco – Padre Ariel Alberto Zottola. Natural da Argentina. Atuou na Vila São Pedro até o início de 2012.

1. Nossa área tem uma população entre 60 e 70 mil habitantes. Uma cidade, com mineiros, nordestinos, sulinos. É possível até mesmo encontrar latino-americanos, mesmo que poucos, como alguns peruanos.

2. Somos uma paróquia típica de periferia, com várias comunidades que nasceram da Comunidade Eclesial de Base. É uma comunidade que tenta estar inserida no meio social, comprometida com a realidade. Existem projetos sociais em praticamente todas as comunidades. Começamos com projetos nossos. Mas há dois anos priorizamos as parcerias com o governo, com o terceiro setor. E nessas parcerias buscamos alcançar aquele que mais sofre e precisa.

Dona Leda, Vila São Pedro



3. A comunidade possui outras igrejas cristãs e algumas de origem africana. E dentro da mesma família vai nascendo a necessidade do diálogo. Tentamos dialogar com aqueles que se mostram abertos a esta partilha.

4. Alguns estão abertos. Há um diálogo especial com o pastor Messias (da Igreja Louvor e Adoração), com outros pastores. Mas mais com ele, por ser vizinho. Eles fizeram a festa da criança, em 12-10, e num momento estivemos presentes.

5. O povo ainda é muito sofrido. Sofre a instabilidade do emprego, a violência, especialmente a droga, o alcoolismo, que atrapalham muito o dia a dia. Também a doença psicológica, pela pressão da realidade social. Há muito a melhorar.

6. Meu sonho... que a gente possa continuar caminhando juntos, pela melhoria do povo. E que o povo possa viver nas suas convicções, religião, ateísmo, mas com a experiência da comunhão, do respeito. E que num jeito ou outro, todos nos comprometamos com o bem comum aqui do bairro.

O industrial – Lucivaldo Jacinto Ramos vive na Vila São Pedro desde o ano 2000. Trabalhou em indústria e no comércio, e desde 2000 mantém, com a família, uma fábrica de lingerie, inspirada em sua cidade natal, Santa Cruz do Capibaribe (PE), conhecida como a Capital das Confecções.

A fábrica de lingerie da família Ramos fica na Rua Beira Rio. Há lojas junto à fábrica, que dão novo visual ao bairro. A fábrica tem 10 máquinas de costura. Emprega mão-de-obra da própria Vila São

“Hoje ninguém pisa no barro por aqui” (*Tião, Vila Esperança*)

Pedro. As mais jovens cuidam as embalagens, as mais experientes, da costura. A produção diária varia de 700 a 800 peças, colocadas no mercado paulistano.

O trabalho diário começa às 7h e vai até às 17h, com uma hora de almoço. A média salarial é de 600 reais. Entre as trabalhadoras, Vânia da Rosa dos Santos, que mora na Vila São Pedro desde o ano 2000. Tem máquina de costura em casa e trabalha na fábrica desde 2006.

O documentarista – João Medeiros dos Santos documentou, fotograficamente, a construção da Vila São Pedro. Nas imagens, o trabalhador de São Bernardo constrói o seu bairro, com esperança e competência.

No Bar do Tatu – Sebastião Galdino dos Santos, o Tatu, residente na Vila São Pedro desde 1988; José Anchieta, morador desde 1990.

1. O rio que passa aqui era um rio de água limpa. Cheguei a pegar peixe. No lugar dos prédios da Rua Amazonas havia a chácara da dona Rosa.

2. A gente emprestava luz, trazida por longos fios, suspensos em postes de madeira improvisados. Luz que nem esquentava o chuveiro, de tão fraca. Havia aroeiras. Uma mata grande.

3. A gente comprava o terreno, e tinha que ficar vigilante 24 horas, porque senão uma outra família tomava. Você comprava 500 blocos, os caras roubavam 200.

A historiadora - Roseli Dias Ortigoso, professora e historiadora. Tem um trabalho importante, pessoal, organizado em conjunto com as duas primeiras escolas públicas da Vila São Pedro.

Em 2005, pela Escola Municipal Professora Marineida Meneghelli de Lucca, Roseli organizou uma excursão à nascente do Córrego Saracantan, da qual participaram outras professoras, alunos e moradores.

Em 2011, pela EMEB Irmã Odete (Maria Ramos Pinto), Roseli sistematizou os levantamentos realizados desde 2005 – entre eles depoimentos e fotos – e organizou um livro que permanece inédito com a história da Vila São Pedro. Título da obra: “Vila São Pedro, vinte e quatro anos de transformações: de 1987 a 2011”.

Em vários momentos, preocupada com o entorno da escola, professora Roseli saiu a campo com lápis, prancheta, gravador e máquina fotográfica. E conta a história da ocupação do bairro: Roseli organizou a memória coletiva de um povo. E tudo começa no Jardim do Lago, conforme ela conta:

1. Em 1983, um grupo de trabalhadores do Jardim do Lago organizou-se na luta por moradia, por conta da precária situação habitacional em que se encontrava. Nasceu o Movimento de Moradia e Melhores Condições de Vida, cujo objetivo era realizar ocupações ordenadas e reivindicar loteamentos e casas populares. Surge daí o Núcleo Santa Mônica.

2. Com o crescimento do movimento, houve a necessidade de mais uma

ocupação, que deu origem à Vila São Pedro. Foi em 1987 que esse grupo, com mais ou menos 100 pessoas, ocupou a área onde hoje se encontra a Vila. O local era composto por vegetação de Mata Atlântica, entrecortada por córregos. Na parte baixa não existia qualquer moradia, no alto do morro já existiam alguns barracos.

3. Os novos moradores chegaram na noite de 29 de junho debaixo de forte chuva. Vieram na companhia de líderes comunitários como Santiago Gondim (Pombinha), Ronaldo Silva Barrence, dos irmãos Raimundo Policarpo dos Reis (Pantera) e Antonio Felipe dos Reis (Jacaré), entre outros participantes do movimento ocupacional surgido no Jardim do Lago.

4. Inicialmente limpavam e mediram os terrenos, usando como instrumento uma vara de dois metros e meio. Cada família ficou com um lote de 5 por 25 metros. Montaram barracas de estacas e lonas plásticas, a fim de garantir a posse.

5. Meses depois o padre Léo Commisari e a irmã Adriana aderiram ao movimento. Foi então construída a igreja, de forma improvisada.

6. As condições eram precárias. Não havia saneamento básico. Recorria-se às nascentes para a higiene pessoal. A água foi puxada, inicialmente, da Vila Esperança. Um tempo depois, a Prefeitura forneceu canos e os moradores puxaram água do Jardim Yrajá. E através de gambiarras trouxeram, também, a luz do Yrajá.

7. Nos primeiros meses os moradores passaram por outros problemas além



Vila São Pedro em 2010: transformação e urbanização. Acervo: Roseli Dias Ortigoso

da falta de saneamento básico e transporte, a presença de marginais que assaltavam as residências levando os móveis e objetos das famílias.

Geografia urbana

Na paisagem de Vila São Pedro, a geografia urbana do Córrego Saracantan – um dos formadores da bacia do Ribeirão dos Meninos – e o Pico do Bonilha. Onde nasce o Saracantan? Nas fraldas do Bonilha. Quem chegou até lá: Roseli Dias Ortigoso, seus alunos e a comunidade da Vila São Pedro.

Professora Roseli conta:

1. O alto da Vila São Pedro faz parte da área de mananciais. Várias nascentes ali se encontravam. A maioria foi aterrada para dar lugar a construções. As poucas que restaram foram canalizadas por moradores.

2. A nascente que ficava em área pertencente ao antigo Volkswagen Clube,

apesar de aterrada, ainda jorra água que corre para o Córrego Saracantan, cuja nascente fica no sopé do Morro da Represa, já quase na Vila Esperança.

3. O Córrego Saracantan nasce próximo à Vila Esperança, atravessa a Vila São Pedro e deságua no Ribeirão dos Meninos, na embocadura do Paço Municipal. Em sua nascente vivem alevinos e girinos; no percurso vai sendo poluído por esgotos e todo tipo de lixo, levado pelas chuvas e ventos, uma vez que a mata ciliar não foi preservada.

Imprensa

A Região R teve jornal próprio: “Jornal Comunitário – Órgão Informativo Vila São Pedro e Adjacências”. Pelos números que a professora Roseli Dias Ortigoso reuniu, pode-se informar que o jornal circulou entre 1997 e 2000. O jornal tinha a frente Santiago Gondim; como jornalista responsável, Ana Valim. Sua circulação era semanal, com tiragem



anunciada de 10 mil exemplares.

“Jornal Comunitário” era mantido com anúncios do comércio local. Focalizava os assuntos locais, sempre em defesa de uma qualidade de vida melhor; por isso mesmo, um jornal crítico.

Manchetes

“Vila São Pedro, uma cidade dentro de São Bernardo”: Nicolas Tamauskas (texto), Claudinei Plaza (fotos). DGABC, 30-3-2003.

“Ninguém vai tirar a gente daqui”: Illenia Negrin (texto), Nario Barbosa (fotos). DGABC, 14-5-2006.

“Terra de grilagem será regularizada; Prefeitura de São Bernardo promete tirar da clandestinidade as 60 mil pessoas que moram na Vila São Pedro”: Illenia Negrin e Miriam Gimenes (textos); Fernando Dantas (foto). DGABC, 25-5-2006.

“Dinâmica social e econômica dá vida própria à Vila São Pedro”: Carol Scorce (texto), Amanda Perobelli (fotos). ABCD Maior, 10 a 13-2-2012.

Origens históricas

Quando da ocupação, a área de Vila São Pedro e adjacências pertenciam à massa falida do banco Interinvest, falido na mesma década de 1980; os credores do banco, no entanto, não pagavam impostos desde 1985.

O acidente geográfico mais grave ocorreu em 1999; num deslizamento, cinco pessoas morreram soterradas.

Em janeiro de 2005, 40 famílias foram removidas de uma área de risco e instaladas num alojamento da Rua Paraná.

Cálculos não oficiais estimavam em 60 mil o número de moradores em 2006, dos quais 30 mil eleitores.

Neste ano de 2006 o Dgabc publicou a série “Máfia dos Terrenos”, mostran-

do a venda irregular de lotes por grileiros em área de risco da Vila São Pedro.

“No bairro temos de tudo – cantores, violeiros, poetas. Mas essas pessoas não aparecem”.

Sandrovania Ferreira de Oliveira, a Vânia.

O dia em que o juiz suspendeu a ordem de despejo na Vila São Pedro

Antigos moradores ouvidos lembram que desde a ocupação nunca houve uma tentativa concreta de desocupação da Vila São Pedro. Não houve embates, presença de tropas policiais, enfrentamento. No entanto, houve um momento em que a área da Vila São Pedro poderia ter sido transformada em campo de batalha, conforme relato de Expedito Soares, advogado trabalhista, ex-sindicalista e ex-deputado estadual.

1. Tínhamos um cadastro de sem tetos e havia aquela área, que pertencia a um banco que havia quebrado, o Interinvest. E havia a ameaça representada pelo Esquerdinha, um matador profissional, que tomava conta da Vila Esperança.

2. Fizemos as primeiras assembleias. No começo era em torno de 200 famílias. Medimos os lotes e fizemos a ocupação da parte mais baixa. Não era ideia ocupar os morros, como está hoje. Ninguém nem achava que isso fosse ocorrer.

3. A ocupação ocorreu sem problema algum, na perspectiva de se fazer uma negociação com o banco.

4. Eu estudava Direito e tinha um escritório na Rua Joaquim Nabuco. Certo dia, chego lá e me deparo com cinco

pessoas me esperando. Eram travestis.

- Olha, deputado, nós viemos aqui pedir ao senhor para interceder junto ao 6º Batalhão. Há um grupo de militares que nos recolhe da rua, nos leva até o fundo do 6º Batalhão e nos enterra num daqueles tambores de 200 litros de óleo queimado. Eles nos batem, dão borrachadas.

5. Entendi: “Isso é tortura”. Procurei o 6º Batalhão. Fui atendido pelo comandante Aguilar. Fui bem recebido. E na conversa, observo na mesa do comandante uma ordem de despejo para a Vila São Pedro. Naquele momento, a conversa muda de rumo.

6. O comandante confirma. Diz que estava pedindo reforço, que eram mais de 200 famílias. A ordem era desalojar o povo no próximo final de semana.

7. Era uma quinta-feira. Argumentei com o comandante que aquele povo não poderia ser retirado, que eu conhecia bem a história da ocupação, até por ter sido um dos seus mentores.

8. Peguei a ordem de despejo e li o nome do juiz de Direito: Dr. Otacílio Felizardo. Uma pessoa fantástica. Hoje desembargador do Tribunal de Justiça. Era o meu professor de Direito.

9. Fui à Vila São Pedro. Chamei as lideranças: Toninho Jacaré, Pombinha, Damião... Fizemos uma assembleia. Colocamos o povo em alerta. Expliquei que havia uma ordem de despejo, descoberta acidentalmente.



10. No sábado de manhã, em comitiva, fomos à casa do juiz. Ele morava em frente ao Colégio Wallace Simonsen, no Jardim do Mar. Estava de roupão. Nos recebeu.

- *Dr., não pode despejar. Estamos tentando, junto ao Dr. Aron (Aron Galante, prefeito), um caminho para negociar com o banco para não tirar o povo de lá.*
- *Mas quanto tempo vai levar essa negociação?*

11. Na verdade, não havia uma negociação engatilhada. Havíamos falado com o Dr. Aron, sim, mas a preocupação maior era com a consolidação da ocupação, pelo menos naquele momento.

12. Dr. Otacílio nos ouviu e garantiu: iria suspender a ordem de despejo. Da casa dele ligou para o comando da PM: "Suspende, por ora, que estou tratando com os meninos do PT, vou falar com o Aron..."

13. De fato, a ordem foi suspensa. Aí ficou aquele imbróglio todo. E a verdade é que a Vila São Pedro está lá até hoje.

14. A vida continuou. Fui tratar de outros assuntos na Assembléia Legislativa. O caso ficou nas mãos do Zé Ferreira, do Laurentino (vereadores). O Aron Galante demonstrou ser um grande aliado. Nos ajudou, sempre com muita ética.

15. Quanto aos travestis, não sei o que aconteceu. Eles não mais me procuraram. A PM sabia que a gente estava de olho. Sabia que nós poderíamos fazer uma representação na Corregedoria contra o comando. Talvez isso tenha ajudado

para que as prisões e torturas não mais ocorressem.

4. Urbanização

Vila São Pedro faz parte do Bairro Montanhão e integra a Região R, num dos limites de São Bernardo com Santo André. A 10 minutos do Paço de São Bernardo, a Região R ainda mostra um quadro ambiental diferenciado a caminho do ponto culminante do Grande ABC, o Pico do Bonilha.

Pela sua densidade populacional e história de pioneirismo, Vila São Pedro é a referência do CEU Regina Rocco Casa (Centro Educacional Unificado) e o estádio modelo de atletismo para as Olimpíadas que o Brasil sediará em 2016.

Percorrendo a Região R, de onde se olhar observa-se a nova São Bernardo. Gente que veio de longe (Minas, Nordeste) e de perto (Diadema, Mauá e mesmo de outros pontos de São Bernardo). Essa gente construiu...

Vila Esperança – Sebastião Custódio, presidente desde 1994 da SAB do bairro.

1. Era uma área municipal. As primeiras famílias vieram para cá no tempo do prefeito Tito Costa (1977 – 1982). Construíram barracos de madeira. Daquele tempo não temos mais ninguém.

2. Foi construída uma creche (inaugurada em 15-3-1980). Aquela construção não existe mais. A primeira sede foi ocupada. E criamos uma nova associação, em 1994: Associação dos Amigos de Bairro da Vila Esperança.

3. Hoje a Vila está consolidada. Os barracos de madeira foram substituídos por casas de alvenarias. Re-

Região R

Vila Esperança – 1978

Vila São Pedro - 1987

Vila Santana

Grotão

Vila Mariana - 1989

Vila Boa Vista

Alto da Bela Vista – 1988

Jardim dos Químicos - 1989

Jardim Tiradentes

Pedreira

des de água e esgoto foram instaladas. Melhorou a energia elétrica e iluminação pública. O sistema de transportes. O correio.

4. Temos o apoio da Emparsanco, com usina vizinha à Vila.

Alto da Bela Vista – Martinho Monteiro. Veio de Diadema, a exemplo de vários outros moradores pioneiros do loteamento.

1. Noventa por cento das famílias vieram de Diadema. Trocamos o aluguel que pagávamos pela nossa moradia própria. A maior dignidade para o homem é chegar o dia 5 ou dia 20 e ele não dever homenagem para outrem.

2. Difícil relacionar todas as lideranças. Entre elas estão os saudosos Sr. Jorge, Josino de Oliveira e Francisco Ferreira da Costa, Sr. Raimundo, Elton (que mudou para a Bahia), Gilberto (o Amendoim, da direção executiva do Sindicato dos Metalúrgicos), João Silvério, Sr. Francisco Gonçalves, José Humberto. Entre as mulheres, Severina, que é ministra da Eucaristia da Igreja Santa Rita de Cássia.



3. O nome “Bela Vista” baseou-se no nome da mais íngreme das alamedas de acesso, depois de uma conversa entre os moradores mais antigos, dentre os quais Francisco Ferreira da Costa, apelidado “Fazendeiro”, hoje nome de rua no bairro.

4. A Rua Alto da Bela Vista oferece vistas gerais da cidade. A vista já foi mais ampla. Hoje há muitos edifícios residenciais erguidos, as chamadas “torres”, que vão aos poucos ofuscando a “bela vista” que dá nome ao loteamento.

5. São 13 ruas e duas delas homenageiam lideranças que partiram: Francisco de Assis Gomes Teixeira (o Chiscão) e Francisco Ferreira da Costa.

6. No começo, faltavam melhoramentos. Não havia iluminação. Passava das 7 horas da noite, era um breu só por aqui.

7. Foi preciso ter coragem para deixar bairros urbanizados em Diadema, como o Jardim das Nações, para fugir do aluguel, e ocupar um espaço onde tudo estava para ser feito.

8. Houve quem comprou sua casa aqui no bairro, mudou-se no sábado e retirou-se na segunda-feira, revendendo sua casa pela metade do preço pago.

9. A violência era grande. Você ia trabalhar, de madrugada, e tinha que passar por cima de um “presunto”. Lugar de desova de cadáveres.

10. Havia o toque de recolher, às 8h da noite. Era preciso pagar “segurança”. Havia a “milícia”. À vista do que era, hoje moramos no céu.

11. Hoje as 13 ruas estão asfaltadas. O bairro é bem servido por linhas de ônibus. Existem duas UPAs – Vila São Pedro e Baeta Neves. Existem as UBSs do Parque São Bernardo e no Jardim Farina. Em 15 minutos alcançamos o Centro. O comércio é bom, com padarias, mercados, açougues, lojas. Falta apenas uma agência bancária. Mas existem os caixas 24 horas de todos os bancos no Supermercado Vô, aqui perto. Idem os serviços prestados pelas casas lotéricas de estabelecimentos como a Coop, na Rua dos Vianas. Vô e Coop, grandes redes comerciais que chegaram à Região nos últimos quatro ou cinco anos.

Vila Mariana – Lúcia Maria de Lima Gomes, presidente da Associação dos Moradores.

1. O nome do bairro homenageia Mariana Benvinda da Costa (1933 – 1985), que fez história no movimento de organização popular de Ferrazópolis.

2. Em 1989 o terreno era cercado, com muitas árvores. Ocorreu o despejo de várias famílias em Ferrazópolis. Procuramos um espaço. Tivemos o apoio de Ana do Carmo, que ainda não era vereadora, e do prefeito Aron Galante. Um segundo grupo foi formado por famílias de outras áreas de risco.

3. Esta área estava abandonada. Depois ficamos sabendo que pertencia a Prosbic (empresa municipal), uma parte, e outra parte à massa falida do Banco Interinvest. Houve a ocupação e demarcação, com o auxílio da Prefeitura e orientação da Promoção Social.

4. Os terrenos foram divididos em metragens de 5x25 e 5x30, cada um para duas famílias. As redes de esgoto foram feitas em mutirão. Aos poucos foram sendo conseguidos outros melhoramentos, como água, luz, abertura das três ruas, iluminação pública.

5. Os moradores denominaram as ruas: Rua Ana Maria (em homenagem a Ana Maria do Carmo Rosseto), Rua Floral e Rua São Raimundo, porque a maioria era formada por cearenses, que têm devoção pelo santo.

6. Valeu a pena. Não me arrependo de nada. Estou cheia de cabelos brancos. Cada cabelinho deste tem uma história longa. Faria tudo de novo, se fosse preciso. A luta maior é pela escritura.

Jardim dos Químicos – Localizado entre a Vilas São Pedro e Esperança, ocupa área de 72 mil m² distribuída em 300 lotes. Nasceu de iniciativa de trabalhadores da categoria química que se reuniam na subseção do Sindicato dos Químicos do ABC. À época – segunda metade da década de 1980 – foram criados o Jardim dos Químicos, no Bairro Montanhão, e o Parque dos Químicos, no Alvarenga.

O Jardim dos Químicos ocupava uma área onde se destacava o cultivo de bananas, que extrapolava a área do atual loteamento, seguindo do Volkswagen Clube, na Rua Tiradentes, até a Alameda Dom Pedro de Alcântara.

Um dos compradores pioneiros de lote, Florisvaldo Araújo Souza, permanece no bairro.

1. Os trabalhadores se organiza-



vam com o objetivo de adquirir um terreno. Assembléias eram realizadas, com atas registradas em cartório e sorteio dos lotes. Ninguém sabia a localização do seu lote até a realização do sorteio.

2. O acesso ao loteamento era feito por um trilho. Só a Alameda Dom Pedro Alcântara era asfaltada. Aqui era um poeirão, com muitas pedras. A luz vinha emprestada da Vila Esperança, com 150 metros de fio para puxar a energia. Com o tempo foi melhorando. Hoje o Jardim dos Químicos é um bairro bem evoluído.

3. Houve a fase da violência. Hoje melhorou. Moro aqui há mais de 20 anos. Não troco por lugar nenhum.

Arlindo Silva de Castro, presidente da SAB do Jardim dos Químicos. Reside na área desde 1995. Desde 1999 está à frente da SAB.

4. Criamos uma nova SAB no Jardim dos Químicos, pois ao chegarmos a antiga estava desativada. A data oficial de fundação da atual SAB é 6 de abril de 1997.

5. O Jardim dos Químicos é um loteamento adquirido com escritura definitiva, registrada em cartório, mas que trouxe algumas imperfeições que impediram a sua regularização.

6. Não se fez uma planta oficial, mas apenas um croqui, sem a assinatura de um engenheiro responsável. Houve atraso no pagamento do IPTU

7. O objetivo da SAB é triplo: implementar melhorias, regularizar a situação fundiária e promover cursos de informática e geração

de empregos e renda, por meio de campanhas e em parceria com o Poder Público.

Grotão – Sandrovania Ferreira de Oliveira, a Vânia, presidente da Sociedade Amigos dos Moradores.

1. O Grotão é um lugar retirado e muito pobre, com 250 famílias, cerca de 1.700 pessoas.

2. São muitas nascentes, algumas aterradas por construções, outras possíveis, ainda, de serem usadas na captação de água. Estas nascentes formam o curso inicial do Córrego Saracantan.

Trabalhos sociais

CEAL – Cantinho da Esperança Alvorecer, com matriz na Vila Esperança. São vários programas de qualificação, dentro do projeto de Oportunidade de Renda. Em agosto de 2011 estabeleceu-se um programa novo, de fabricação de sacolas e embalagens. Um total de 82 alunos, em sua maioria mulheres, inscreveu-se. Em dois meses restavam cinco – todos os demais haviam sido colocados no mercado de trabalho.

Além dos cursos, os alunos – que recebem ajuda de custo pelos trabalhos realizados – são estimulados a prosseguirem os estudos regulares.

São mantidas parcerias com cooperativas, Prefeitura e entidades como a própria SAB do Jardim dos Químicos.

Além da formação, o trabalho social. No inverno, a distribuição do sopão, acompanhado de pão. A cada noite, de 400 a 500 sopas dis-

tribuídas, com a colaboração do comércio local. E as festas anuais, dedicadas às crianças e às quermesses. “A ideia é montar uma quadrilha ao estilo das quadrilhas de Campina Grande, em Pernambuco” (Vânia).

Juventude - Nasce uma Cidade da Paz. É o Projeto Protejo

Território do Montanhão, Cidade de Paz. Nasce um projeto diferenciado, chamado Protejo. Ele envolve três comunidades de São Bernardo: Vila São Pedro, Parque dos Químicos e Vila Esperança. Hoje são 150 jovens envolvidos, com idades variáveis entre 15 e 24 anos. Semanalmente eles se reúnem em espaços como o da Igreja São Pedro e São Paulo para discutir temas como sexualidade, combate à violência, formação profissional.

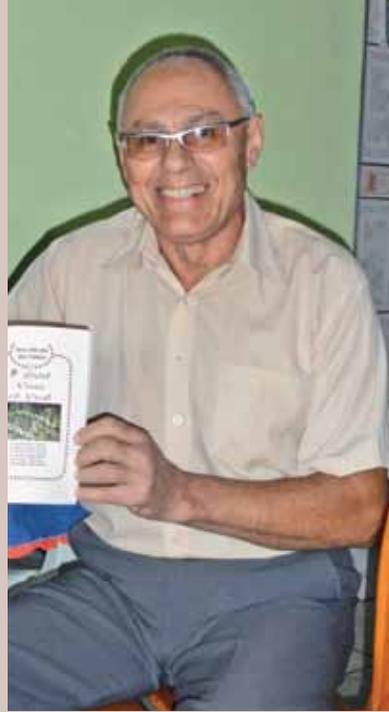
O Protejo, em São Bernardo, também alcança o Bairro Ferrazópolis.

Os participantes do projeto estudam na escola regular e em cursos como os do Senai. Alguns trabalham profissionalmente. Planejam seu tempo. E no Protejo recebem, como ajuda de custo, lanche, vale-transporte e 100 reais a cada mês. Em especial, participam, para melhor, da transformação da sua comunidade. É o caso da Vila São Pedro.

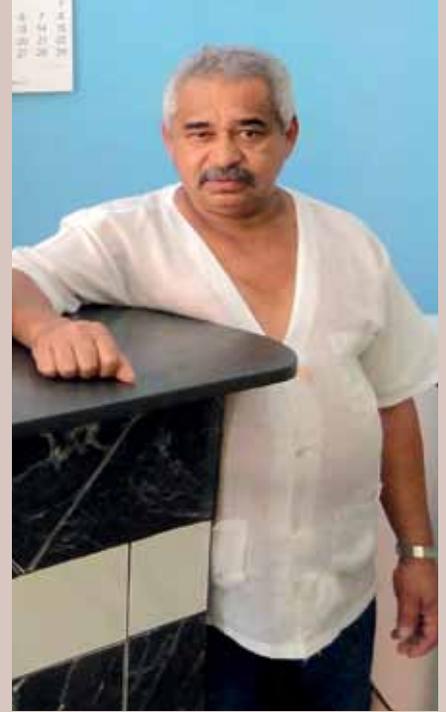
Florisvaldo Oliveira da Silva Júnior, Gloria Machado Bezerra, Silem Ferreira Alves e Ariel Almeida de Souza tornaram-se nossos parceiros. Têm entre 16 e 17 anos. Florisvaldo está no terceiro ano do ensino médio da Escola Mauricio Ferraz; Gloria, Silem e Ariel estão na Escola São Pedro. Cursam o segundo ano. E fazem Senai, cada qual numa área: Tapeçaria, Marcenaria, Vidrado Cerâmico e Cerâmica Modelar.



Martinho Monteiro: Alto da Bela Vista



Zeca Alfredo, o poeta da Vila São Pedro



Zé Lapada: um bar e restaurante na Vila São Pedro



*Em primeiro plano, Francisco de Assis Gomes eixeira, o Chicão (em memória).
Acervo: Martinho Monteiro*



Francisco Ferreia da Costa (em memória)



Antonio Carlos e o filho Dácio. Ao fundo as Ruas Oleoduto, Chico Mendes, Bahia, Santa Cruz e o morro do Alto da Bela Vista antes da sua ocupação, o que ocorreu em 1989



1995. Antonio Carlos de Souza com os filhos Paulo César e Rutnelen: ao fundo, elevação próxima às Ruas São Francisco, Primeiro de Maio e 28 e Agostinho Acervo: João Medeiros de Souza



Renan, Janaina e o bebê Gabriel: a caminho do Grotão



Antonio Carlos de Souza: ao fundo, prédios do Jardim Yrajá Acervo: João M. de Souza



1993: churrasco após ter enchido laje de casa na Rua dos Pássaros. Edson (o 1º à esquerda), Chico Catapora, Neco, Wilson, Sebastião, Manéé Bahia, Enoque, Vandico e José Marques Acervo: João Medeiros de Souza



*Bar de João Cavinato, o João da Ponte, às margens do Rio Grande:
estabelecido foi encoberto quando da formação da Represa Billings,
juntamente com todos os imóveis na parte baixa do vale*



Acervo: Evaristo Setti

RIACHO GRANDE/AREIÃO

Pq. Riacho Grande, Areião, Alto da Serra, Jd. da Colina, Zanzalá, Monte Sião, Pq. dos Lagos, Pq. Estoril, Vl. Jurubatuba, Jd. Anchieta, Pq. Yara Praia, Jd. Monte Carlo (Vl. Tosi), Vl. do Rio Grande, Jd. Dona Luiza, Pq. Rio Grande, Vl. Roccio, Vl. Pelé, Jd. Tupã, Vl. Olaria, Sonho Real, Jd. Brooklin Rio Grande, Recreio Rancho Alegre, Jd. Icaraí, Jd. do Lago Azul, Sítio dos Finco, Vl. Praia Grande, Jd. Boa Vista, Boa Vista Pantanal, Capelinha, Jd. Cocaia, Colônia dos Pescadores, Varginha, Jd. Borda do Campo, Jd. Vista Alegre, Vl. Balneária, Vl. Santos Dumont, Jd. Jussara, Lulaudo, Vl. Jurubeba, Sabesp, Vl. dos Estudantes

Região

S



Às margens do nosso rio maior

“A localização dos imigrantes no vale do Rio Grande deu novo impulso ao lugar. E quando já se firmavam economicamente, para se atirarem às atividades urbanas, ocorre a desapropriação dos vales, para serem inundados pela Represa Billings. A represa matou a sua agricultura”.

Cf. Newton Ataliba Madsen Barbosa, in Subsídios Históricos I, 1971 (mimeografado)

O nome original da localidade foi Rio Grande, em alusão ao mais volumoso rio do Grande ABC, que nasce em Paranapiacaba e deságua no Rio Pinheiros. No tempo da imigração, ganhou várias linhas.

O nome atual, Riacho Grande, foi adotado em 24-12-1948 (lei estadual 233), para diferenciar de Rio Grande (estação férrea de 1867), hoje Município de Rio Grande da Serra.

As linhas coloniais

Quando da criação do Núcleo Colonial de São Bernardo, criado em 1877, as terras do Vale do Rio Grande ficaram de fora da demarcação oficial. Demorou 11 anos para que a primeira linha local fosse criada e começasse a ser povoada por imigrantes. E as linhas mais próximas ao Rio Grande se desenvolveram mais rapidamente, até que ocorresse a inundação do vale, já nos anos 1920, para a formação da Re-

presa Billings. Começaria, então, uma nova era na história da denominada Vila de Rio Grande, hoje Distrito de Riacho Grande, com a mudança de famílias inteiras para o Centro, para as áreas mais elevadas e fora da represa ou para outras cidades.

Algumas das linhas traçadas sofreram bruscamente. Inundou-se o chamado Cemitério dos Polacos e algumas famílias perderam imóveis imponentes, imaginando-se que seriam atingidos pela represa. Caso da família de Fortunato Finco, que construíra um lindo casarão, de dois andares, na Estrada do Rio Acima, e o demoliram. Depois observaram que a água não chegaria até o imóvel.

Segue-se a lista das linhas coloniais criadas em Riacho Grande:

Linha Rio Grande, de 1888, com 83 lotes

Linha Rio Pequeno, de 1891, com 70 lotes

Linha Capivary, de 1891, com 76 lotes

Linha Dr. Bernardino de Campos, de 1894, com 62 lotes

Operários e o caminhão transportador de pedras: uma das atividades do Riacho Grande do passado
Acervo: Irene Gascheler Conrado





*Linha Dr. Campos Sales, de 1897,
com 76 lotes*

Linha Curucutu

Linha Voluntários da Pátria

O Bairro dos Finco

Depoimento: Augusta

Bisognini Brentegani

Dona Augusta nasceu no Bairro dos Finco, em 1916. Mora no bairro até hoje, depois de uma passagem de alguns anos pela Vila Duzzi.

Sua filha caçula, Anselma, guardou e identificou com a mãe fotos de várias épocas do bairro e do Riacho Grande.

E aos 95 anos, dona Augusta contou muitas histórias.

1. Nos Finco nada havia de bonito. Era terra e mato. Luiz Bisognini,

meu pai, mantinha uma serraria. A madeira vinha de longe, dos confins mais distantes do hoje Distrito de Riacho Grande, por onde passa a Rodovia dos Imigrantes.

2. A madeira era serrada aqui. Fabricava cadeiras, que eram despachadas para São Paulo. Com um caminhão velho, dava-se um jeito de levar as cadeiras em viagens por estradinhas de terra.

3. Não, não tinha represa. Aqui era só mato. Perto de casa passava um rio, mas era pouca coisa. Começaram a falar que uma represa seria construída. Não acreditamos.

4. Falaram que era para tirar as casas que ficavam nas partes mais baixas, porque a represa iria subir. Ninguém

acreditou. Mas a Light veio, insistiu. Tirem as casas porque senão vocês vão ficar debaixo d'água.

5. Alguns mudaram para as partes mais altas, outras famílias mudaram para São Bernardo (Centro). O casarão maior era do Fortunato Finco. Novo ainda, majestoso. Tanto insistiram que o casarão foi demolido. Nem precisava. A água não chegaria até ele.

6. Meu pai construiu uma nova casa, em lugar mais elevado, aqui do lado, às pressas. Mudamos o quanto antes. Depois os Finco vieram morar na nossa casa.

7. Todo mundo falava em italiano no bairro. Não tinha ninguém que falava em “brasileiro”. Minhas cole-

*O batelão carregado
de lenha: lembranças
do barqueiro Quirino
Vizentim, o Léli.*



Acervo: Arlindo Vestri

“Lembro bem quando eu e meus colegas almoçamos com Washington Luiz. O presidente, depois de vistoriar as obras da Estrada Velha, fez questão de passar alguns minutos com a gente”.

Paschoal Scarano, em entrevista concedida em agosto de 1976. (em memória)



gas de escola eram todas de famílias italianas. Zaia, Bisognini, Spessotto...

8. Catarina Nazandré era a nossa professora. Vinha de São Paulo e ficava durante oito dias com a gente; ia embora no sábado e retornava na segunda-feira. Dormia em casa. Era bonita e bondosa. Há pouco tempo visitou o bairro. Foi recebida por uma antiga aluna, disse que estava com saudades da Augusta, Assunta e Nair, as três irmãs. Mas não deu tempo de nos visitar. Aguardamos por outra visita. Tem um único filho, que é médico.

9. Aqui no bairro se plantava milho, café e batata. Por isso que se fala que o povo de São Bernardo é batateiro. Ah, eu tenho os meus parentes lá no Bairro Assunção, são todos batateiros. Mas por que batateiro? Porque eles plantam muita batata.

10. Pêras. Nossa! Eram: pêra maçã, pêra do inverno, que é outro tipo, mais verde. Pêras de vários tipos.

11. Nossa mãe ordenava: “Meninas, vamos levantar cedo e ir ao campo juntar todas as pêras que estão no chão”.

12. Enchiam baldes de pêras para a alimentação das vacas, nas cocheiras. As vacas comiam, e como comiam. Quanta pêra...

Referências – Represa Billings e seus vários equipamentos, como a Balsa João Basso (1927); estação de tratamento (1959); barragem sob a ponte da Via Anchieta (1974); o ninhário.

A represa - Projetada para gerar energia elétrica para São Paulo, Capital, a Represa do Rio Grande começou a tomar forma em 1927. Obra da Li-

ght. Modificou a própria geografia local. Inverteu o curso de rios. Obrigou à desapropriação de terras. Criou a nova sede do atual Distrito de Riacho Grande. E ganhou o nome do seu engenheiro responsável.

O nascente turismo

Depoimento: Sátiro Furtado Satiro Furtado nasceu em Cabreuva (SP), em 1924.

Veio já casado para Riacho Grande. Trabalhou sempre em torno da represa. Pode-se dizer: participou do nascente turismo do Riacho.

1. Havia provas de barco na represa e eu ajudava no balizamento. Eu tinha muita prática com barco, inclusive com barcos a motor. Então eu organizava a raia.

2. Eu morava do outro lado da represa. Pra frente da Pedra Branca,

Escola isolada do Summit Canal no início dos anos 1940. Acervo: Zezé Vasconcelos





na Estrada do Botujuru, onde tem a linha de transmissão.

3. Fazia muito serviço na água, sempre que precisassem. Transportava o pessoal. Levava famílias a passear.

4. Quando nasceu o Estoril, eu tinha barco de lotação, barco de remo, lancha. Alugava aos interessados. Construía barcos

5. Era muita gente. E quando o turismo começou, eu já estava há muito por aqui.

6. Conheci todos aqueles antigos pescadores. O Antão era profissional.

7. Era vizinho do guarda-linha da Light, o que corre a transmissão e fiscalizava.

8. A cerração naquele tempo era maior. Pelo vento a gente achava o caminho de volta. Salvei muita gente, socorri muitos que no meio da represa cismassem de nadar. Muitos não conhecem o perigo. Saem nadando, cansam, não conseguem voltar. Essa água da represa é pesada. O cara tem que ter fôlego.

Meio ambiente

Depoimento: Hermínio Costa

Riacho Grande teve caçadores, carneiros, madeireiros e lenhadores. Mesmo assim, tem uma história importante na área de preservação ao meio ambiente e respeito à natureza.

1. Hoje temos à beira da represa, na Vila Tosi, velhos tanques construídos no tempo da Light e que estão assoreados. Aqueles tanques eram subdivididos por criação e engor-

da de peixes, que depois de criados eram soltos na represa. Ou seja: a Light, no passado, se preocupou com o meio ambiente bem mais que a prefeitura e outras instituições.

2. Hoje devemos lembrar de nomes como o do Geraldo, que foi presidente da Associação dos Moradores aqui na Vila Tosi. Ele liderou os moradores no reflorestamento do bairro. Deixou um legado, hoje seguido pela própria Prefeitura. Uma pena que ele tenha mudado para o interior.

3. Riacho Grande e São Bernardo foram pioneiros em várias frentes. O primeiro loteamento embargado foi aqui no Riacho, em frente ao clube do Banespa. A primeira delegacia, o primeiro delegado, o primeiro promotor de Meio Ambiente foram de São Bernardo

4. O SATS (Serviço Aero Terrestre de Salvamento) começou sua atuação em 1954, oficializando-se em 1956. Foi um grupo de paraquedistas/socorristas, voluntários que atuavam na Serra do Mar.

5. Logo o SATS descobriu que era preciso, também, cuidar do reflorestamento da Serra do Mar. E atuou em pleno regime militar. Não era brincadeira. Fui o primeiro a ser chamado em São Paulo. Eles sabiam o que a gente fazia, quem era quem.

6. Éramos inquiridos: “Por que vocês estão brigando?”. Respondíamos: “Brigamos pela represa, pela preservação da Billings”.

7. Meu avô, Domingos, não admi-

tia que os filhos matassem bicho de pelo. Certa vez uma onça atacou o chiqueiro da família e estraçalhou a criação. Meu avô não permitiu que ninguém fosse atrás da onça, alegando que ela estava em seu lugar. “Vamos limpar os porcos e aproveitar a carne”, determinou.

8. O pessoal antigo olhava o animal. Se fosse uma fêmea, não podia ser abatida. Os passarinhos eram conhecidos pela cor da pena. Era fêmea? Não podia matar, mesmo no tempo da caça aberta.

9. Se os nossos antepassados tivessem feito o que se faz hoje, nem a represa teria resistido.

10. Hoje tem um esquilo que aparece em casa. Ele vem pra comer pitanga e jabuticaba. São dois pés de jabuticabas e um de pitanga, todos carregados. Ninguém toca. É do esquilo. Tem o palmito com semente. Vem tucano, papagaio, jacu. Comem junto com as galinhas.

11. O Sátiro era caçador da época da caça. Hoje nem pensa em fazer isso.

12. Um dia me chamaram, à noite. Chegamos aqui na árvore. Bate-mos o farolete: um porco ouriço em cima da árvore. Deixamos.

13. Tem jararaca de um metro e 30. Uma delas já foi vista na caça do Mineiro. Pegamos no laço e soltamos. É a fauna protegida.

14. A luta em defesa da Represa Billings deve-se ao Fernando Vitor, de Diadema. Com ele começa a nossa briga pela preservação do manancial.



1917 Viagem de automóvel pelo Caminho do Mar: uma pose na curva da morte; ao fundo a baixada santista. Acervo: Guido Fidelis

Comércio - O bar e restaurante João da Ponte é um dos exemplos da modificação geográfica de Riacho Grande. Ele ficava no vale do Rio Grande, nas imediações da estação de tratamento. Precisou ser desativado pois foi encoberto pelas águas da represa. João Cavinato, o João da Ponte, era o seu proprietário. “João da Ponte” porque ficava junto à ponte do leito antigo do Rio Grande.

Tantas décadas depois, Riacho Grande possui um comércio típico e movimentado a poucas centenas de metros de onde funcionou o Restau-

rante do João da Ponte. No centro do Riacho Grande, ruas movimentadas onde a família Rosa distribui vinho de cartola, patês deliciosos e pão caseiro; a poucos metros dali, os restaurantes especializados em costela no bafo com todo tipo de feijão, inclusive o tropeiro.

Mas até a consolidação do novo comércio, Riacho Grande precisou vencer etapas. Um exemplo: em 1952, Leonel Botani, prático de farmácia, pedia autorização à Prefeitura de São Bernardo para a abertura de um ambulatório farmacêutico no Distrito de

Riacho Grande. Informava, o postulante, que não existia nenhuma farmácia num raio de seis quilômetros (cf. processo PMSBC 790/52).

O primeiro telefone público apenas foi instalado em Riacho Grande no primeiro governo do prefeito Aldino Pinotti (1956 – 1959). O aparelho teve até inauguração solene quando da sua instalação na antiga sede da Subprefeitura, na Estrada do Rio Acima.

Estrada Velha - Interliga Riacho Grande a Cubatão e ganhou seus monumentos em 1922, quando se fazia o crescimento do trânsito de veículos automotores. E também em comemoração ao primeiro centenário da Independência.

Via Anchieta - A estrada começou a ser projetada na década de 1930. As obras tiveram início em 1939. A primeira pista, de São Paulo a Santos, foi inaugurada em 1957; a segunda em 1953. Permanece em franca atividade como uma das referências de Riacho Grande.

Formação étnica - Riacho Grande segue os passos do restante

Restaurante dos Quaglia no Caminho do Mar, altura do atual Bairro Capelinha: uma paisagem da década de 1910. Acervo: Seção de Pesquisa e Documentação/ PMSBC





Centro do Riacho Grande em 1976: espaço urbano formado a partir da formação da Represa Billings.
Foto: Dgabc

do Município e recebe todos os povos: dos antigos brasileiros e portugueses (das famílias Mariano Galvão Bueno e Oliveira Lima, esta última apelidada família Teco, do famoso coronel Oliveira Lima, com raízes na Vila Balneária) aos imigrantes italianos, de famílias como os Bisognini, Cassettari, Finco, Oliari, Pessotti, Rosa, Scarano.

A esta comunidade juntaram-se os técnicos canadenses que construíram a Represa Billings, alguns dos quais aqui faleceram e estão sepultados no cemitério de Vila Euclides.

Presentes também os brasileiros de todos os Estados.

O casal Manoel Joaquim de Sant'Ana e dona Afra Alves de Sant'Ana chegou à ainda Vila do Rio Grande em 1946. Vieram de Capela (SE). Dona Afra, ainda jovem, tinha claro na memória as estripulias de Lampião pelo Nordeste afora. Quase 70 anos depois, hoje residindo no Jardim Lavinia, ela gravou conosco os versos que aprendera menina:

—●●—
*Acorda Maria Bonita
acorda vai fazer café
que o dia já vem raiando
e a volante já está de pé*
—●●—

A família de dona Afra assistiu à chegada, em Riacho Grande, da primeira leva de pastores norte-americanos da Igreja Presbiteriana. Os sobradões construídos por aqueles religiosos pioneiros continuam no Riacho. A família Sant'Ana mantém até hoje correspondência com o casal Willian George Le Roy e Jane Thomas Le Roy, que viveram no Riacho.

Na formação étnica e religiosa do Riacho Grande, duas instituições distintas são vizinhas na Estrada do Morro Grande, no Bairro dos Finco: o santuário Imaculada Conceição e a Associação das Famílias pela Unificação e Paz Mundial, a Igreja da Unificação, criada em 1936 pelo reverendo Sun Myung, que vive na Coreia do Sul.

Junto ao santuário Imaculada Conceição estão os estúdios de TV, rádio e demais meios de comunicação da Milícia da Imaculada, transferida em 2006 da Cidade dos Meninos, em Santo André.

Do outro lado do muro, o retiro para seminários da Igreja da Unificação, que aqui chegou na primeira metade dos anos 1980.

Nos dois recantos, a convivência com a natureza e a presença de jovens. São jovens, na sua grande maioria, que

levam adiante a missão de comunicação da Milite; e foram jovens, de todo o País, que retratamos, em janeiro de 2012, participando de um seminário costumeiro realizado pela Igreja da Unificação.

“A Igreja da Unificação chegou ao Brasil em 1978. Começou uma grande perseguição. Diversas igrejas foram apedrejadas entre 1981 e 1982. Buscou-se um local de retiro, que levou a Igreja a São Bernardo. Aqui ficou resguardada de toda agressão. As pessoas não sabiam que aqui (em Riacho Grande) existia uma sede do movimento da Unificação. Os primeiros (aqui alojados) saíam de madrugada pra ninguém ver e perceber o movimento, até como uma forma de se proteger”.

Cf. Inowan Almeida, que nos recebeu na Igreja da Unificação.

Os bairros - Entre os bairros mais antigos do Distrito de Riacho Grande estão: Capivari, Curucutu, dos Finco, Rio Acima, Rio Grande, Santa Cruz, Zanzalá e Tatetos. A eles se juntaram outros bairros igualmente extensos, como Vila Balneária e Areião (que integra o Bairro Montanhão), ambos separados da sede Riacho Grande pela



Represa Billings.

A extensão total do distrito é de 228,70 km², o que não inclui os 74,40 km² da represa. Ou seja: a maior parte do território são-bernardense está em Riacho Grande.

Neste capítulo reunimos material dos bairros e linhas localizados no espaço antes da balsa – Região S da Secretaria de Planejamento. Os territórios depois da balsa formam a Região T, de bairros como o Santa Cruz.

Formação urbana

Seguem-se os loteamentos situados antes da Balsa João Basso. Localizar cada um deles, ouvir seus moradores, anotar as suas histórias, isso tudo levaria a escrever novas passagens da história de Riacho Grande e da cidade de São Bernardo. Afinal, esses núcleos populacionais ocupam espaços de antigas linhas coloniais. A maioria depende de regularização fundiária. Todos têm como cenário a beleza da represa e da Mata Atlântica.

Balneária, o lar dos Teco, os Oliveira Lima

Balneária de banho, referência à Represa Billings, que banha todo o bairro, dividindo-o do Distrito de Riacho Grande. Suas origens datam dos pri-

meiros séculos da colonização brasileira, como trecho do Caminho do Mar e, a partir do final do século 18, pela recuperação do mesmo caminho, que passa a ser conhecido como Estrada do Vergueiro. Nos séculos 19 e 20, a presença da família Oliveira Lima, apelidada Teço, do coronel João Batista de Oliveira Lima, presidente da Câmara de São Bernardo na primeira parte da República Velha.

Um nome - Onório de Lima nasce em 4-3-1899 no sítio dos Teco, hoje Vila Balneária, em São Bernardo. Memorialista. Deixou informações gravadas e arquivadas no Serviço de Memória e Acervo de São Bernardo. Faleceu em 1997.

Referência histórica – Trecho intacto da Estrada do Vergueiro, todo em curva e com a placa com o nome original da via.

Com a Billings, Vila Balneária é procurada como recanto de lazer e passa a receber chácaras de veraneio.

20-8-1947 – Iate Clube Cruzeiro do Sul é fundado na Vila Balneária por austríacos e alemães moradores de São Bernardo, amantes de barcos à vela. Endereço: Rua Josephina Valério Capitano,

3600. Presidente em 2010: João Marcos Riotto; número de sócios: 35. Localização: baía da represa Billings, rica em diversidade vegetal e animal.

Fonte: Folha do ABC, 20-8-2011.

Cotidiano

Depoimento: Leonor

Gobetti Bueno

Foi na década de 1960 que a família de Geraldo Bueno e dona Leonor Gobetti Bueno veio para a Vila Balneária. Sr. Geraldo era pedreiro. Um primeiro convite para a realização de obra no bairro. Padre Johanes Beill, holandês, chamado de padre João, e dona Dora, sua irmã, com chácara no bairro, precisavam de um caseiro. Sr. Geraldo e dona Leonor se candidataram e foram admitidos. Começava uma linda história

1. Vila Balneária tinha muitos eucaliptos. Chácaras e casas de alemães. Ali morou um vice-presidente da Volkswagen.

2. Não havia um sistema de energia elétrica geral. Muitas famílias viviam de luz emprestada. Outras usavam lamparina. Não havia pavimentação nas ruas. Usava-se água de poço.

1976 – A quadrilha junina da escola de Vila Balneária em apresentação na Associação dos Funcionários Públicos e a grande área livre onde os rapazes jogavam futebol. Este cenário é hoje cortado pelo Rodanel Acervo: Leonor Gobetti Bueno





3. A represa era mais cheia. Atraía os pecadores de tilápias.

4. Ônibus era um só. Demorava a passar.

5. As famílias tinham hortas. Planta-va-se repolho, mamão, abóbora.

6. Havia a olaria do Chico Mineiro no 27 (em referência ao Km 27 da Via Anchieta).

7. Havia a chácara dos Marinotti.

8. Giovani alugava barcos aos pescadores.

9. A escola era humilde, com classes de madeira.

10. Nossa família ganhou a confiança do padre João. Meu marido construiu uma capelinha na sua chácara.

11. Sinto muitas saudades.

Estrada da Xiboca – Um são-bernardense de raízes reside desde 1998 na Estrada da Xiboca - travessa da Estrada Velha do Mar. Walter Scarpelli, esportista, ambientalista, amigo da natureza. E as

histórias que presenciou ou escutou dos primórdios do lugar.

1. Quando começaram a construir a Via Anchieta, é lógico, tudo isso aqui era mato. Não existiam as pontes que vemos hoje em dia. Então foram construídas duas frentes de trabalho: uma para chegar até a represa e outra da represa pra frente. Foi assim que foi aberta a Estrada da Xiboca, para possibilitar o acesso à segunda fase da construção da Anchieta.

2. Construída a Anchieta, a estrada deixou de ser percorrida. Surgem, então, os lenhadores do Riacho e de São Bernardo em busca de lenha para uso nos fogões da época, antes da era do gás de cozinha. A função deles era cortar. Com isso perdeu-se a mata atlântica original.

3. Com o gás, a mata se refez.

4. Penso que a Estrada da Xiboca deveria ser lembrada pela sua importância, tanto na construção da Anchieta como no trabalho artesanal dos antigos são-bernardenses.

4. Já pelo Caminho Velho do Mar passava toda a mercadoria que de-

Marco Histórico

Esta curva de Vila Balneária, junto à casa da família Sabó, corresponde a trecho do histórico Caminho do Mar, chamado oficialmente de Estrada do Vergueiro. É uma sequência de outras vias urbanas do atual Município de São Bernardo do Campo, entre as quais a Rua Marechal Deodoro, Avenida Senador Vergueiro e Avenida Dr. José Fornari. Ao inaugurar esta placa, dentro da programação do II Congresso de História do Grande ABC, a Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo tem por objetivo perpetuar a importância de um caminho pioneiro.
Julho de 1992

Nota

Dizeres de nossa autoria estampados em uma placa que realmente foi inaugurada em 1992, e que hoje está desaparecida.



Walter Scarpelli, 73 anos: da Rua Marechal Deodoro para a Estrada da Xiboca

1970 – A entrada de Vila Balneária (à esquerda)
1977 – Detalhe da chácara do padre (abaixo)
Acervo: Leonor Gobetti Bueno





Maio 1943, funcionários da oficina central D.E.R.: eles participaram da construção das primeiras rodovias paulistas, entre as quais a Via Anchieta. Acervo: Armando Silva

sembarcava no Porto de Santos e que era remetida a São Paulo em lombo de animais, antes ainda da estrada de ferro. Tempo da Calçada do Lorena.

Yara Praia. Loteamento do Dr. José Vitor de Lauro e de Josefina Caputo de Lauro (cf. processo 890/49). Localizado no cruzamento da Estrada do Mar com Estrada das Colônias, perto do km 29 da Via Anchieta, fazendo frente para o pedágio do DER: 5 quadras, 104 lotes; área total: 49.400 m².

Uma passarela no km 30 da Via Anchieta interliga Yara Praia à sede do Riacho Grande. Ao lado, o Jardim Monte Carlo e a Vila Tosi.

“Quando chegamos, havia apenas quatro ônibus por dia daqui para São Bernardo”, relembra Moisés Oliveira de Vasconcelos, cuja família chegou ao Yara Praia em 1961.

Parque Riacho Grande. Loteamento de Abrahão Sabbá, Al-

demar Ferrero e Elias Aun. Os sócios deram entrada de projeto completo de loteamento inicialmente chamado Parque Rio Grande (processo PMSBC 92/53). O nome precisou ser modificado, pois já existia loteamento com o nome Parque Rio Grande.

Capelinha – Estrada Velha do Mar, km 32,5. A ocupação do espaço se dá entre 1982 e 1983. Entre os ocupantes, famílias próximas, de outros bairros de São Bernardo, de outras cidades, como Diadema. A proprietária, família de dona Rita de Luca, entrou com ação pedindo reintegração de posse. Iniciou-se uma conversação, com a intermediação da Prefeitura e da Promotoria do Meio Ambiente. Hoje a Associação de Moradores contabiliza bons avanços.

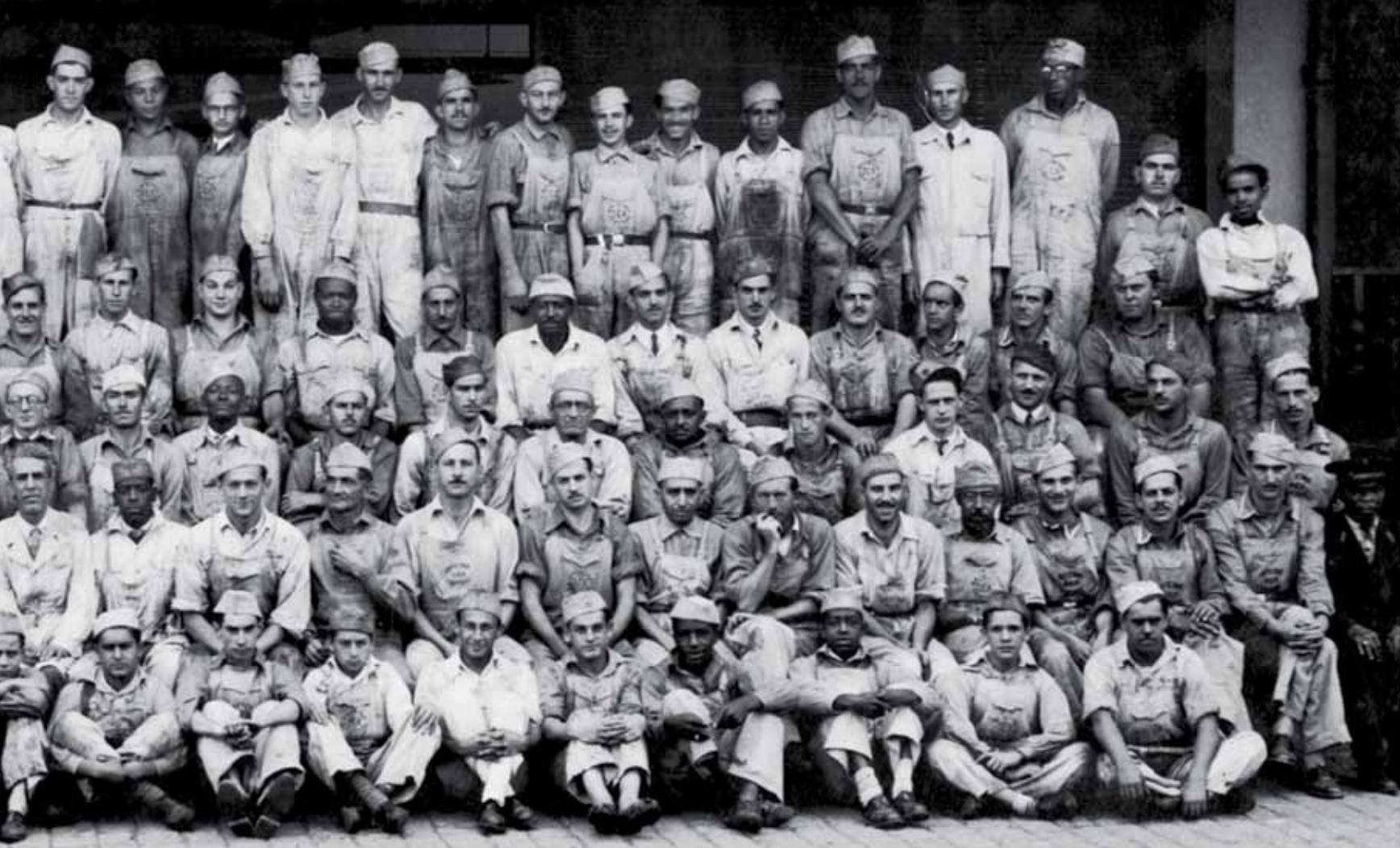
45% da área já tem escritura registrada em cartório. Há uma pendência de fechar o restante com os proprietários”, informa Antonio Timoteo Delmondes, que reside no Capelinha desde 1988.

O bairro se transformou em residencial, com um comércio tímido, duas funilarias, uma oficina mecânica, uma padaria, algumas lojas. O grosso das compras é feito na sede de Riacho Grande. Cinco linhas de ônibus servem ao bairro. A energia elétrica foi regularizada em 2008. No total, 876 famílias cadastradas. Saúde e escola também se concentram em Riacho Grande. São 11 ruas.

O nome Capelinha baseia-se na capelinha dos anos 1920 junto à Estrada Velha do Mar, erigida para marcar um crime que abalou a sociedade da época: o crime que atingiu o casal de italianos da família Quaglia, que possuía restaurante no local.

Uma aldeia familiar. Dona Cleonice, a matriarca

A mais antiga moradora do Capelinha é Cleonice Oliveira da Silva, descendente de peruanos, que viveu em vários locais do Norte do País e que



chegou ao lugar em 1972 – bem antes da ocupação coletiva. O nome Capelinha não existia. O lugar se chamava Sítio das Caveiras.

Henrique Costa da Silva, marido de dona Cleonice, já falecido, iniciou a plantação de árvores frutíferas na área, formando-se uma espécie de aldeia. Ali reside a maioria dos 10 filhos do casal. “Aqui era mato puro. Temos até plantação de café. Já criei porco, galinha. Hoje o nosso trabalho maior é de reciclagem”, conta dona Cleonice.

Quando chegamos à aldeia de dona Cleonice, ela não estava. Aguardamos. Como faz diariamente, em busca de material para reciclar, ela estava longe. Quilômetros distantes do velho Caminho do Mar. Aguardamos. Ela chega caminhando e simpática. E concorda em fazer uma foto coletiva com filhos, netos, bisnetos...

Pitanga, açaí, jaca, O pé de abacate morreu. Jambo. Biribá do biribazeiro (uma fruta do Norte). Há

vários tipos de frutas na aldeia da dona Cleonice.

Cocaia – No bairro Cocaia, um ecomuseu étnico criado por Edmir Oneda. Ele nasceu na Linha Jurubatuba, em 1936. Filho de Rodolfo Oneda e Elide Grotti, que nasceram e se criaram na região do atual Jardim Calux.

Antenore Grotti, o avô, é nome de praça pública no Jardim Calux.

Edmir Oneda atuou como operário e empresário no ramo moveleiro. Ao se aposentar, mudou para o Riacho Grande, para onde levou retratos familiares.

Zanzalá – Origem histórica: em 1727, Manoel Ferreira da Costa Zanzalá recebe as terras situadas entre o Rio Pequeno e o Rio das Pedras.

Fonte: Livro de Sesmarias nº 2, p. 236 a 266, Arquivo do Estado de São Paulo.

É no Bairro Zanzalá que estão bairros como Morada Colina e Jardim dos Lagos.

Morada Colina (ex-Jardim da Colina) – Acesso pelo km 38 da Estrada Velha do Mar. Um condomínio de 60 chácaras formadas. Antiga propriedade da família Tosi, loteada por Fábio Tosi. Entre os proprietários, famílias da Baixada Santista, Grande ABC e Capital. Entre os primeiros compradores, Almir Guimarães, ex-vereador paulistano.

Passa pelo bairro uma via histórica: a Estrada de Mogi das Cruzes. A praça foi denominada pelos moradores de Praça dos Queros-Queros. Entre as chácaras, nomes como Recanto Gafanhoto, Recanto Terrinha, Recanto Sabiá, Sítio do Bruno, Recreio da Serrinha, Rancho Acalanto e Chácara Santa Sara Cali (uma santa cigana).

Débora Zechetti Gonçalves, da SAB, conta que na estrada já se viu um veado, um casal de capivaras entre outros animais silvestres.

A praça central serve é utilizada, coletivamente, quando das festas juninas e por ocasião das reuniões da SAB.



Um problema é o da comunicação, tanto telefônica como pela Internet.

Em plena Serra do Mar, na Morada Colina, a educadora Jane Odival Sakai mantém um centro de aprendizado em antigas cocheiras restauradas para tal. Ali são ministradas aulas de artesanato, computação e mantida uma biblioteca, com obras que contam a História do Riacho Grande.

Parque dos Lagos

Surgiu de parte desmembrada do clube de golfe, o antigo Like Side Clube. Bairro de chácaras. São 80 chácaras. Os proprietários vêm mais nos finais de semana. Durante a semana, permanecem os caseiros.

Oswaldo Joaquim de Melo é considerado o fundador do Parque dos Lagos, seu mentor. Médico naturalista, falecido em 1997.

A família de Sandra Helena Gonçalves e Maria Zélia Gonçalves da Cruz reside no Parque dos Lagos desde 1983. Durante dois anos viveu sem luz elétrica. Sempre valeu a pena, pela exuberância da natureza. Depois, a luta pelo ônibus escolar – que hoje atende ao bairro três vezes ao dia – e pelo telefone. Está em andamento o processo de iluminação das ruas. Ruas ainda de terra. Escola e posto de saúde, só na sede de Riacho Grande.

“Esse ônibus nós temos aqui graças à Jane – Janete Gonçalves da Cruz – que é uma guerreira”, define Sandra Helena. “Foi ela quem solicitou a linha, que correu atrás. Vitória do Orçamento Participativo”.

Parque das Garças

Na divisa com Santo André. O acesso é por São Bernardo. Entre os moradores, Antonino Escolás-

tico Ramalho, natural da Ilha de Madeira, Portugal. O gosto pela pesca o levou ao lugar. Era 1985.

Há luz. A água é de poço. O esgoto, em fossas cépticas. Não há transporte coletivo.

Areião, Sabesp, Estudantes

Na história do Areião, a presença de um são-bernardense de nascença e cuja origem familiar é tão antiga que se perde na história secular de São Bernardo: Bernardino Galvão Bueno.

Entre 1973 e 1975, residiam no Areião 13 famílias, iniciando-se uma demanda promovida pelos que se diziam proprietários da terra. As famílias chegaram a ser retiradas, mas a justiça promoveu o retorno, dando-se início à formação do que é hoje um núcleo habitado por cerca de 12 mil pessoas, em sua maioria no Areião propriamente dito mas também nos núcleos anexos.

São dois os núcleos vizinhos ao Areião: Sabesp (junto ao complexo adutor de tratamento de água) e Vila dos Estudantes, cujo nome foi inspirado nas três escolas ali localizadas: as EMEBs Professor Claudemir Gomes do Vale d Dom Jorge Marcos de Oliveira, e a EE Professor Célio Luiz Negrini.

Mariano Galvão Bueno, filho de Bernardino Galvão Bueno, era um dos moradores. Entre os demais pioneiros, as famílias de Dona Quitéria, Sr. Pedro, Baiano, Fazendeiro, Boca Rica e Mané Testinha. Todos residiam na hoje entrada da vila, perto da Via Anchieta.

Vencida a primeira resistência, o núcleo começou a crescer. Em 1981 as ruas começaram a ser abertas.

“Nessa abertura de ruas, ia começar a entrar material de construção. O bairro ainda não tinha nome. Foi assim que eu e Dona Quitéria resolvemos dar o nome de Areião, já que havia um monte de terra no fundo”, rememora Mariano Galvão Bueno, que hoje reside na Estrada do Rio Acima.

Outra versão para a origem do nome Areião foi a existência de um porto de areia no local, conforme lembrança de outra moradora antiga, Maria do Carmo Alves Carvalho, cuja família reside no Areião desde 1974.

Por cima da biquinha, o rodoanel

Depoimento: Maria do Carmo Alves Carvalho

1. O Areião era uma estradinha de terra. Não tinha ônibus. E a gente pra ir ao médico tinha que enfrentar o barro, ir lá pra pista (Via Anchieta) e pegar o ônibus.

2. O meu filho (Maurício) ficou doente. Sofreu meningite. Ficou internado durante 21 dias. Logo que recebeu alta, vieram os advogados da dona para nos retirar daqui. Resistimos.

3. Naquele tempo, a gente usava água de uma biquinha para tudo: lavar, cozinhar. A biquinha ainda existe. Fica bem debaixo da ponte do Rodoanel. Mas a água não serve mais. Está suja.

4. A gente comprava velas no Riacho Grande para aluminar a casa. O fogão era a lenha. Meu marido fazia poços para as famílias. E uma vez recebeu por pagamento um fogão a gás e um botijão emprestado.

5. As crianças estudavam na Escola



Maria Pires, em Vila Balneária. Até que foi construída a primeira escola do Areião, a Escola Célio Luiz Negrini.

6. Igreja a gente frequentava no Riacho. Depois construímos uma igreja de capim no Areião. O padre Leo celebrava missa. Depois foi construída uma capela de tijolos, que agora vai receber a UBS. A nova igreja é a São João Batista.

7. Foi o finado Albertino Hilário dos Santos quem colocou um enorme cruzeiro para marcar o lugar da futura capela. Ele era bem divertido e alegre. Gostava dos bailinhos que eram realizados e tinha amor pelo Corinthians. Partiu novo. Deixou saudades.

Rua do Cruzeiro, Rua 1º de Maio Rua Nossa Senhora Aparecida...

Foram os próprios moradores quem denominaram as ruas do Areião, cada qual com a sua explicação.

Mas os nomes terão que ser alterados, pois existem outros, semelhantes, na cidade. Marineide Aparecida Barbosa, a Mara, pesquisou outros nomes, de pássaros, árvores, animais em extinção. E a lista é examinada pela Prefeitura.

Já a Travessa José Conceição Santos (Aracaju 1959 – São Bernardo 1992) deverá ter o seu nome preservado. Trata-se de homenagem a uma das lideranças do bairro, trabalhador da construção civil que partiu precocemente.

Areião, Sabesp e Vila dos Estudantes organizam-se e o sonho maior é a regularização fundiária. Nestes anos todos conquistaram os melhoramentos básicos, das redes de água e esgoto à pavimentação das ruas.

Como referência ao passado, a Estrada da Pedra Branca, na interligação Areião ao Baraldi e que mantém todas as características do velho Montanhão.



Pouso Paranapiacaba, a primeira casa de pedra, no início da descida do Caminho do Mar: inauguração em 7 de setembro de 1922. Foto: Hermano Pini Filho

Loteamentos da Região S

BAIRRO DOS FINCO – Vila Praia Grande (1950), Jardim Icarai (1956), Jardim Boa Vista (1968), Recreio Rancho Alegre (1956), Jardim Lago Azul (1967) e Sítio dos Finco.

RIO GRANDE – Jardim Anchieta (1948), Yara Praia (1949), Jardim Monte Carlo/Vila Tosi (1953), Vila Jurubatuba, Vila do Rio Grande, Parque Rio Grande, Vila Pelé, Vila Tupã, Roccio e Vila Olaria.

BAIRRO ZANZALÁ – Lake Side Village (1975), Morada Colina ex-Jardim da Colina (1975), Recanto Billings (1976), Parque dos Lagos (1977), antigo Sítio das Caveiras (1982), Cota 400, Alto da Serra.

VILA BALNEÁRIA – Jardim Vista Alegre (1953), Sítio Simão, Jardim Jussara e Lulaudo.

AREIÃO (1973) – Sabesp (anos 1980) e Vila dos Estudantes (anos 1990). Na documentação da Prefeitura o Areião aparece como integrante do Sítio Ponto Alto, do Bairro Montanhão.

VARGINHA – Jardim Cocaia, Capelinha e Estoril.

OUTROS LOTEAMENTOS – Jardim Brooklin Rio Grande, Boa Vista Pantanal, Colônia dos Pescadores, Jardim Borda do Campo, Jardim Vista Alegre, Monte Sião

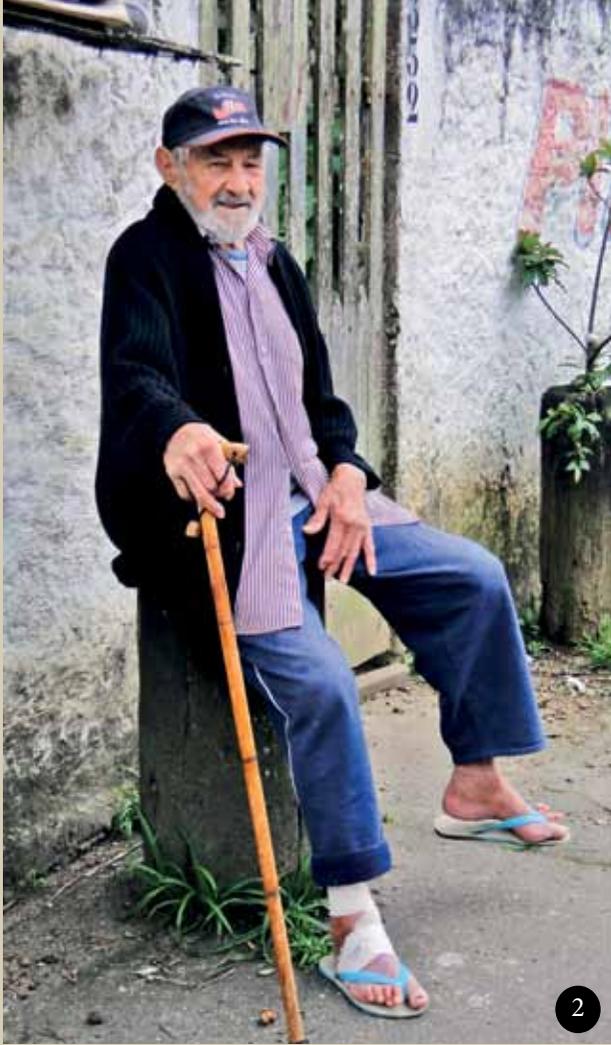


Gente do Riacho



1 - Comunidade Santa Teresinha do Menino Jesus: Bairro Estoril 2 - Sátiro Furtado, o barqueiro, 3 - Edmir Oneda e esposa, 4 - Floriano Pedroso, 5- Dona Augusta Bisognini Brentegani, aos 95 anos, rodeada, com Vitória Medici (sentada à esquerda), Maria Regina Veloso, Neuza Rodrigues, o filho Bruno, a filha Anselma, 6- Dona Cleonice Oliveira da Silva e familiares: aldeia no Bairro Capelinha.







Comunidade indígena de Bororé na década de 1970: Usos e costumes preservados nos limites de São Bernardo e Santo Amaro

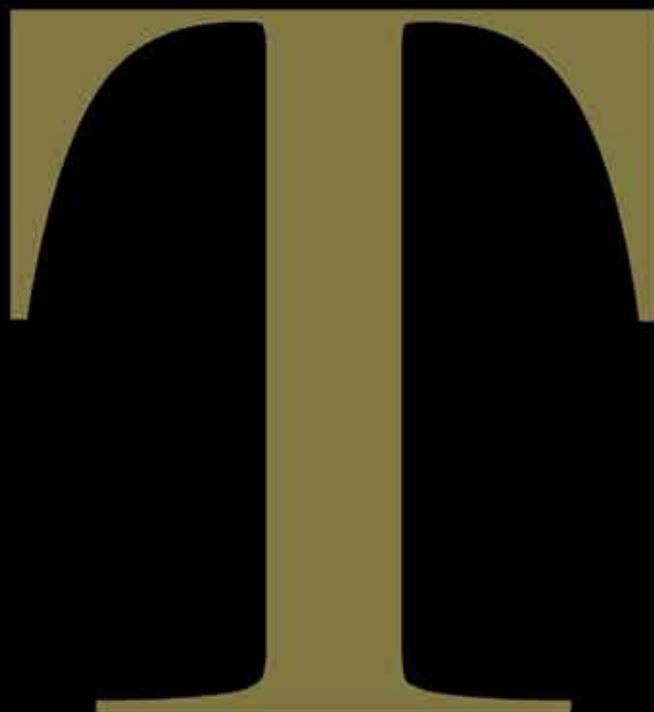


Foto: João Colovatti/Dgabc (1980)

SANTA CRUZ

Santa Cruz, Tatetos,
Municipal, IV Centenário,
Curucutu, Dos Imigrantes,
Taquacetuba, Bananal,
Capivari, Rio Pequeno,
Porto de Areia

Região





Nos limites de São Bernardo, a região entre balsas

“Tudo o que saia aqui do mato – lenha, carvão – era levado em carros de boi até o Rio Grande, e de lá transportado em barcos para a Vila do Rio Grande ou para Pedreira, em Santo Amaro.

Henrique Rodrigues, 86 anos em 2012, nascido e criado em Santa Cruz, o mais antigo morador do bairro.

A velha balsa João Basso, fruto de trato entre o governo estadual e a Light: com a construção da Represa Billings, a comunicação das primitivas estradas rurais foi interrompida, o que obrigou a empresa canadense a criar um sistema de balsa. Acervo: Irene Gascheler Conrado

Do lado de cá da Balsa João Basso, a Linha Rio Grande (aberta em 1888, com 83 lotes). Do outro lado, as últimas linhas coloniais do Núcleo Colonial de São Bernardo: Linha Rio Pequeno (1891, com 70 lotes); Linha Capivari (1891, com 76 lotes); Linha Dr. Bernardino de Campos (1894, com 62 lotes); Linha Dr. Campos Sales (1897, com 76

lotes); Linha Curucutu Linha Voluntários da Pátria – não chegou a ser ocupada na ocasião.

Nestas linhas coloniais foram localizados vários bairros rurais de São Bernardo, cada um deles estudado pelo topógrafo e historiador Newton Ataliba Madsen Barbosa. As informações que Newton Barbosa sistematizou, e divulgou de várias formas, são adotados, oficialmente, pela Seção de Pesquisa e Banco de Dados da Prefeitura.

Neste 2012, conversando com o Sr. Henrique Rodrigues, e gravando com ele, confirmamos muitas das informações que o saudoso Newton Barbosa nos legou. O historiador pesquisou fontes primárias e secundárias, cruzou dados, escreveu artigos; o morador apontou detalhes, que vão lançados neste capítulo.

Começamos com uma síntese do estudo de Newton Ataliba Madsen Barbosa.

Tatetos – Originou-se do remanescente de sítios localizados à margem esquerda de três rios: Pequeno, Capivari e Grande; e à margem direita do Rio da Pedra Branca. A origem do nome Tatetos prende-se a uma hipótese de que seria a maneira errônea dos estrangeiros, que povoaram a região, pronunciarem o nome do porco do mato cateto, que existia em grande número no local.

Capivari – Compreende as terras que vão da via Anchieta, além da ponte do Rio Pequeno, à barragem reguladora, a barragem da Passareúva e do Cubatão de Cima. Constituiu, no passado, uma das mais ricas regiões de São Bernardo. Berço da indústria são-bernardense de móveis. Ali se instalaram as primeiras serrarias, as de Rudolfo Primitz e de João Ballotim. Também foi nessa área que se localizaram imigrantes italianos e poloneses.





Curucutu e Taquacetuba

Área que corresponde aos limites do Sudoeste de São Bernardo. Fica às margens direitas dos Ribeirões Curucutu e Taquacetuba. É a área mais afastada da sede do município. Destinou-se à extração de madeira, seguida da extração de lenha e produção de carvão vegetal.

Monos e córrego preto

Esta área compreende o território situado além do Ribeirão Curucutu. Fica entre a margem esquerda do Curucutu e direita do Monos, nas cabeceiras do Taquacetuba. Pertenceu a São Bernardo até 1944. Nessa ocasião foi tirada do município e incorporada ao distrito paulistano de Parelheiros, em Santo Amaro.

Em protesto contra a Light, Henrique Rosa

escreve em sua lancha: “Nossas águas”

Depoimento: Henrique Rodrigues

Henrique Rodrigues nasceu em 5 de abril de 1926, num momento de transição entre o Rio Grande e o surgimento da Represa Billings. O pai, João Rokumback, filho de imigrantes alemães; a mãe, Antonia Rodrigues da Conceição descendente de portugueses; o sogro, Eduardo Berneck, polonês que veio menino para o Brasil – e para o fundão de Riacho Grande. Sr. Henrique casou com Ana Berneck, que também nasceu nesta Região T, entre as balsas. Tiveram nove filhos. São muitos os netos e bisnetos espalhados pela cidade.

1. O lugar em que nasci hoje tem o nome de Núcleo Santa Cruz. Mas já se chamou Bairro Rio Acima. Houve muita troca de nomes dos bair-

ros, por causa da grilagem.

2. As terras eram todas plantadas. Plantou-se muito mais do que se planta hoje.

3. Meu sogro era polonês, filho de imigrante. Meu bisavô (Miguel Rokumback), alemão, imigrante. Meu avô (João Rokumback) nasceu no Rio Acima. As terras eram do governo. Foram vendidas aos imigrantes.

4. A represa começou a ser formada em 1926, quando eu nasci. Ela encheu em 1932. Meu irmão mais velho foi barqueiro no tempo do Rio Grande (depois represado). Ele e meu pai participaram de demanda contra a Light. Quando a Light fez a represa, fechou tudo. Não deixou a turma passar. Os barqueiros se uniram. Meu irmão, meu pai, os outros. Ganharam a demanda.

A mesma balsa João Basso na década de 1970, no transporte de automóveis produzidos no parque industrial de São Bernardo: o patrono Basso é o mesmo que dá nome à rua do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; ele foi pioneiro na indústria moveleira local e sua fábrica ficava na Rua Marechal Deodoro, espaço posteriormente ocupado pelo Colégio Cacique Tibiriçá, recentemente adquirido pelo próprio Sindicato dos Metalúrgicos. Foto: João Colovatti (em memória)/Dgabc



Estrada rural em Taquacetuba e caminhão carregado: a extração e comércio de lenha foram atividades comuns em toda a região, sendo praticadas até mesmo nas décadas de 1970 e 1980, apesar das barreiras estabelecidas pela Lei de Proteção aos Mananciais (1976). Acervo: Irene Gascheler Conrado

5. O Henrique Rosa teve uma das primeiras lanchas a puxar barco com lenha, carvão. Tudo o que saía do mato era levado em carros-de-boi até o rio e daí transportado até o Riacho Grande (Vila Rio Grande), de onde seguia para São Bernardo ou para a Pedreira em Santo Amaro.

6. Na demanda contra a Light, Henrique Rosa chegou a escrever na sua lancha: “Nossas águas”. E quando o caso chegou ao juiz, quem acompanhou orientou o Rosa a tirar a placa da lancha, pois ia haver vistoria. Ele tirou a placa. Até jogou a placa na água pra ninguém ver. Foi feita a vistoria mas nada foi constatado.

7. Foram chamadas testemunhas, que eu conheci: Joaquim “Barqueiro”, Pedro Rokumback – descendente de alemão. Os barqueiros

ganharam de novo. Não era pra ter nenhum barco na represa formada.

8. Eu conheci as embarcações. As que a turma puxava lenha, eram de madeira; os barcos da Light eram de cimento. Acho que ainda tem um desses barcos lá no Rio Pequeno, um batelão de cimento.

9. A gente fala de cimento e a turma duvida: “Como um barco de cimento vai navegar, ficar em cima da água?”. Flutuava. Conheci a primeira lanchinha, que naquele tempo era tratada como naviozinho, aqueles barcos da Light, vaporzinho, tocado a lenha. Era o Ramalho, português.

10. Lembro do rio. Não era grande. Tinha uns quatro metros de largura. Conheci um trecho por onde passou o Rodoanel. Ali tem um barco da Li-

ght que afundou. Estava carregado de zinco, usado em cobertura. Aquele barco é capaz de estar por lá. Nunca soube que alguém o tenha tirado.

11. No “Marcolino” tinha outro barco afundado. Bem no aterro do “Marcolino”, no Capivari, perto da balsa. Agora chama aterro “Capivari”, com porto de areia.

12. A represa encobriu a igreja, a ser-raria do francês, até o cemitério dos poloneses – que ficava na baixada dos Tatetos, onde a Igreja constrói a matriz da Paróquia São Maximiliano Maria Kolbe (altura do nº 6242 da Estrada do Rio Acima). Os santos da igreja foram levados para uma nova igreja, no Tatetos. Esta igreja ainda existe em propriedade particular da Estrada do Rio Acima.

13. Com a guerra (1939 – 1945) o



movimento parou. Depois melhorou. Ainda foi tirado muito mato. Apareceu serviço. Era lavar madeira, tirar tora, palmito, bambu, taquara do mato pra fazer cesto. Tudo o que se tirava era vendido.

14. Havia benzedores. Dona Benedita era a parteira. Morreu há uns 40 anos.

15. A Estrada do Rio Acima foi feita depois que se encheu a represa. A represa mudou tudo. Foram feitos aterros. E só uma vez ela secou, entre 1963 e 1964.

16. Cheguei a ver onça, de longe, pelos lados do Matarazzo. Onça pintada e jaguatiricas amarelas, pequenas. A gente via e dava no pé. Ainda tem um pouco de anta por aqui.

17. Os antigos plantavam milho, feijão, tomate, pepino, abóbora. Só não se plantava arroz. Quem plantava milho trocava com feijão. O milho era moído no Demarchi, pra fazer fubá. Num moinho da Varginha se fazia farinha de milho.

18. No tempo da imigração o governo prometeu muita coisa: semente, esterco, hospital. Não deu nada. Não havia estímulo. Por isso muita gente saiu pra Santo André. Não tinha como viver por aqui. Era preciso tirar toco, beneficiar a terra.

19. A turma matava lagarto, passarinho, tatu. Tempo das caçadas. No mato não tem mais palmito. Só nas reservas, nas chácaras. Até a guaricanga acabou, aquela palmeira que era usada pra fazer coroas das pessoas que morriam.

20. Cheguei a conhecer todos os antigos rios: Rio Acima, Rio Capivari, Rio Taquacetuba, Rio Grande. Cheguei a trabalhar em batelão com vela de pano. Depois tudo acabou.

A Billings inunda plantações, interrompe estradas, faz nascer duas balsas

Antes da formação da represa, as vias de acesso ao local eram precárias e marginais aos rios. Aquelas estradas primitivas foram substituídas pela Estrada do Rio Acima, com a parte de seu trajeto coberto pelas águas da represa, trecho somente possível de ser vencido pela Balsa João Basso.

Bairros rurais como Tatetos perderam sua parte fértil depois da construção da represa. Restaram as regiões montanhosas.

Percorridos os vários bairros mais afastados da cidade, chega-se à Zona Sul de São Paulo, depois de uma caro-

na via segunda balsa – que interliga a São Bernardo à Capital.

As duas balsas foram construídas pela Light and Power como item de contrato por ocasião da formação da Represa Billings. Era preciso garantir o ir e vir das pessoas, gratuitamente, o que ocorre até hoje.

João Basso, imigrante, foi pioneiro no setor moveleiro da cidade – criou a primeira fábrica, no início do século passado, em plena Rua Marechal Deodoro – próxima à rua que leva o seu nome e que é a rua do terminal trólebus e do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Os antigos bairros rurais são-bernardenses entre as duas balsas abrem espaço aos atuais bairros que formam a Região T, vários dos quais com viés urbano, mesmo que afastados e protegidos, ao menos oficialmente, pela Lei de Proteção aos Mananciais.

O trabalho principal no Curucutu era a produção de carvão. Também



Os Martinelli no Curucutu num ano entre 1936 e 1937: Casal Pelegrino e Thereza, e os 11 filhos. Ao fundo, a casa de madeira dos Martinelli que servia também como venda para uma população rural que era um misto de imigrantes europeus, inclusive poloneses, e velhos brasileiros que habitavam em casas de barro. Ao fundo: Martin, o idoso de barbas com o cavalo, empregado dos Martinelli. O meninote ao fundo chamava-se Luiz Angeli, que anos depois seria convocado e combateria na guerra da Itália. Os Angeli – do Caetano Braço Forte Angeli, o Caetano Venessia – tinham uma serraria no Curucutu.



Os Martinelli reunidos no Curucutu. As folhagens eram plantadas nas cercas de lenha.

Davam uma flor chamada saia-de-maria. Uma era branca, outra cor de rosa. Cresciam rapidamente. Entre a cerca com as flores e a colina ao fundo, no vale encoberto, passava um dos córregos citados na descrição oficial. Mais um dos tantos riachos formadores da represa Billings, piscoso, com muito lambari, bagre, traíra, cará e cascudo em profusão.

A tilápia famosa dos dias atuais demoraria a procriar. Dizem que foi um projeto do governador Jânio Quadros. Os Martinelli na foto estão do lado oposto da casa de madeira.

tirava-se madeira de lei para a indústria moveleira. E plantava-se para o sustento. Quase todos tinham tropas de burros para enfrentar as estradinhas quase intransitáveis do futuro distrito de Riacho Grande.

A mudança da família Martinelli do Tatetos para o Curucutu ocorreu em função da formação da represa. Oficialmente, a represa foi aberta em 1927. Mas levou alguns anos para que os rios represados da área fossem inundados formando o grande lago.

Quando Luiz Martinelli nasceu, em 1934, a água começava a chegar até o sítio da sua família, engolindo estradas rurais e plantações. Daí a mudança dos Martinelli de Tatetos para o Curucutu, onde foi construída a casa de madeira ontem mostrada.

Crescia a família Martinelli, com a

chegada das duas primeiras netas dos agora nono Pelegrino e nona Thereza. Maria e Angelina, as filhas mais velhas, trazem nos braços suas primeiras filhas: Maria Martinelli segura a filha Adélia, que hoje vive em São Bernardo, é casada com um Guazzelli e tem comércio no bairro Ferrazópolis; Angelina segura a filha Maria.

O menino da frente, entre os nonos, é o Luiz Martinelli. Com todo esse tamanho, o menino de calça curta que está contando essa história já era tio.

Quando a represa ficou formada, esta área do Riacho Grande – então chamada de Alto da Serra, pois se interligava com Ribeirão Pires e Parana-piacaba – parecia o fim do mundo. A névoa era comum. As famílias eram chamadas de posseiras. E a paisagem começava a mudar.

Batelões enormes incrementavam o transporte fluvial. Em cada ponto – Curucutu,

Taquacetuba, Tatetos, Barragem, Finco – surgiam pequenos portos improvisados. Ali encostavam os batelões para o transporte do carvão. O carvão era embalado em sacas imensas de café.

Os italianos do Curucutu – e de todas estas localidades distantes do atual Distrito de Riacho Grande, como Rio Acima, Taquacetuba, Tatetos, etc – usavam de uma expressão italiana que era uma verdadeira filosofia de vida: “Como e bebo; pensamento nenhum.” Uma forma de enfrentar as dificuldades. Era trabalhar de sol a sol, muitas vezes sem sol, debaixo de neblina, para tirar o sustento da terra em forma de sacarias de carvão. Em compensação, sempre que surgia uma oportunidade, as famílias

se reuniam para comemorar.

Nestas ocasiões servia-se: macaronada, radicchio (salada de chicória), carne assada, vinho de cartola. E rolava: música.

As canções eram aprendidas nos discos que giravam num ou outro gramofone que alguém ousara comprar no comércio de São Paulo. Organizavam-se bailes nas casas das famílias. E quando o número de pares crescia, o baile seguia no quintal, em chão batido.

As festas de São João eram bem animadas. Claro, tinha fogueira, assava-se batata-doce, comia-se pipoca. Não era costume soltar balões. Pelo menos Luiz Martinelli não se lembra de balões no Curucutu.

Missas eram celebradas na capela do Rio Grande, hoje centro de Riacho Grande. Mas era fora de mão. As famílias do Curucutu preferiam rezar o terço em casa. A caça era farta: tatu, capivara, veado, paca.

A iluminação era à base de querosene, vela, lamparina e lampião. Martinelli recorda das filas de carretões puxados por tropas de burros que seguiam pelas estradinhas em direção ao Rio Grande e à Vila de São Bernardo. Saíam todos de madrugada, carregados de carvão. E seguiam juntos porque era difícil vencer a estrada. Em caso de dificuldade, os carreteiros auxiliavam-se. Talvez os últimos carretos de carvão em lombos de burros pelos sertões deste setor do Alto da Serra.

Certo dia apareceu no Curucutu um caminhão da Antarctica, carregado com caixas de garrafas de cerveja e refrigerantes. Um acontecimento! Chamaram o motorista de maluco. Imagine se aventurar num caminho daqueles! E se o caminhão encalhasse? Quem iria socorrê-lo?

Com os batelões e o transporte flu-



vial as coisas começariam a melhorar.

Em ocasiões como esta, da ida a Pirapora, os Martinelli deixavam o sítio em Curucutu de madrugada, a pé. Seguiam em direção a Parelheiros. Percorriam trechos conhecidos em função do trabalho diário para fazer carvão. Pisavam o chão que ia sendo coberto pelas águas da represa em formação. E depois de duas ou três horas de caminhada alcançavam Parelheiros.

Estava vencida a área são-bernar-

dense, hoje paulistana, dos Córregos Monos e Preto. De Parelheiros seguiam em carro de praça até Pirapora.

A religiosidade dos Martinelli veio da Itália. O pai, Pelegrino, nasceu no norte italiano em 1888. Chegou ao Brasil com 17 anos. Viajou em companhia de dois irmãos. Um seguiu para a Argentina e outro embrenhou-se no interior de São Paulo. Perderam contato.

Pelegrino Martinelli ficou aqui mesmo no Grande ABC, vivendo entre

Irmãos Martinelli exibem instrumentos musicais: Germano ao violão, José com a sanfona e Constante com o cavaquinho; acima; em 1939, os Martinelli em Pirapora do Bom Jesus: Luiz Martinelli, o Gijo, ainda veste calça curta, acompanhada de paletó e boné



“Um lugar chamado Curucutu, onde as crianças andam nove quilômetros por dia no meio de uma floresta para estudar, poderia ficar conhecido como a última fronteira do Grande ABC. Localizado no Município de São Bernardo, Curucutu está a 16 km do Centro de Riacho Grande pela estrada rio Acima. Lá não existe polícia, pronto-socorro, ônibus, lojas, telefone e água encanada. A eletricidade passa em alguns pontos e não há sinais de avanço.”

Cf. jornalista Dinilson Vieira, Curucutu: a última fronteira do Grande ABC, reportagem especial, Dgabc, 27/8/1992.

Ribeirão Pires e Riacho Grande. Passou a se dedicar à fabricação de carvão. Conheceu a mulher Thereza Guize, nascida na região. Casaram-se e tiveram 11 filhos.

A mais velha, Maria, nasceu em 1914. Casou-se com Alfredo Bechelli, um dos tantos tropeiros que cruza-

vam as trilhas do velho Rio Grande.

José, o segundo filho, fixou-se em Mogi das Cruzes.

Angelina, a terceira, casou-se com Saule Bechelli, que possuía armazém de secos e molhados na Rua Marechal Deodoro. Hoje mora na Vila Baeta.

Ricardo, o quarto, seguiu também para Mogi das Cruzes e depois fixou-se em Santo André.

João, o quinto, fez carreira profissional no setor moveleiro de São Bernardo. Aposentou-se na Cooperativa Santa Terezinha.

O sexto filho, Germano, também

Moradores do pós-balsa. À esquerda, Agostinho, Maria e a filha Julita; à direita, Bertina Borba Coelho, Mario Coelho e José Euclides





radicou-se em definitivo em Mogi das Cruzes.

Jorge, o sétimo, vive hoje em Guarulhos, e aqui há uma curiosidade. Pelegrino, ao registrar o filho no cartório de São Bernardo, deu a ele o mesmo nome que o sexto filho, Germano. Dois Germanos na família, registrados oficialmente. Mas entre os familiares, o Germano II ficou com o apelido Jorge.

O oitavo filho recebeu o nome de Constante. Fixou-se em Mogi das Cruzes.

A nona, Elidia, também. Hoje mora em São Miguel Paulista, Zona Leste de São Paulo.

Elisa, a décima, reside na Vila Humaitá, em Santo André.

Luiz (Gijo), o caçula, reside em Santo André.

Entre a filha mais velha, Maria, e o mais novo, Luiz, uma diferença de 20 anos. Uma história vivida no sertão do atual distrito de Riacho Grande, do referencial Curucutu.

Até a mudança dos Martinelli para Mogi das Cruzes, em 1942.

Luiz Martinelli, o Gijo, residiu no Curucutu nos oito primeiros anos da sua vida, entre 1934 e 1942. Desde então, retornou algumas vezes ao lugar em busca de marcas que o remetessem à época da formação da sua família, dos 11 irmãos que ajudavam os pais na produção de carvão e nos trabalhos agrícolas.

Luiz Martinelli testemunhou a retirada da madeira de lei para a indústria de móveis de São Bernardo. Viu o trabalho de tropeiros e carreteiros, dos posseiros. Os antigos brasileiros que residiam em casas de barro e os imigrantes que mantinham casas de madeira. Os Mazini, os Bechelli, os Martinoni, os Guazzelli...

Quando a Light fechou as comportas ninguém acreditava que a represa seria formada. Nem davam muita bola aos cavaleiros que passavam e diziam: “A represa

está enchendo. Deixem a área. Retirem suas indenizações na Light”. Somente com a chegada da água é que os colonos apressaram-se em deixar suas casas, com os Martinelli trocando o Vale do Tatetos em direção às colinas do Curucutu, até a mudança em definitivo da região, em 1942, rumo a Mogi das Cruzes.

O pequeno Gijo ainda residiu alguns anos no Centro de São Bernardo, até 1947, no auge das fábricas de móveis. Depois a ida para Mogi e o retorno, em 1953, para trabalhar como metalúrgico em indústrias como General Electric, Mercedes-Benz, Perkins, ZF e Molins.

O menino que ajudava os pais e irmãos a fabricar carvão se transformava em torneiro mecânico.

Luiz Martinelli reside até hoje em Santo André. É diretor Associação dos Metalúrgicos Aposentados da cidade.

Início do século 20. Colonos poloneses da Família Copeinski no Curucutu. O pioneiro José Copeinski foi o primeiro morador da região do Rio Pequeno. Natural de Varsóvia, nascido em 1873. Casou-se em São Bernardo com a também polonesa Maria Dizinski (1879). Trabalhou como lavrador, madeireiro e carvoeiro. Acervo: Pedro Paulo Copeinski



A família Acioli de Oliveira: presença no pós-balsa de 1963 até hoje. Luciene, Rosa, dona Olívia, Antonio, Manoel, Gilmo, Paulo, Celso, Célia, César e Cilene

Histórias migrantes a partir do Tatetos

Olívia Ferreira de Oliveira completou 85 anos em 15 de fevereiro de 2012. Ela nasceu em Santana do Ipanema (AL), em 15 de fevereiro de 1927, e vive em São Bernardo desde 1963.

Foi uma viagem rumo a São Paulo, repleta de acontecimentos. O destino era a Bahia, desde Alagoas. Não foi possível chegar. Uma ponte caiu. Parados à beira do caminho, os Oliveira travam contato com outra família, que os convida a vir para São Paulo.

Oséas Acioli de Oliveira, marido de dona Olívia, recorda-se, então, que tinha um tio em São Paulo. E a viagem é reiniciada, de carona, cidade em cidade. O casal Olívia e Oséas traz os quatro primeiros filhos: Luciene, Gilmo, Antonio e Areli, bebê de colo. O ano: 1960.

A primeira morada: Vila Mariana. Em seguida, São Caetano. Depois, Guaianases, Vila Ré e, finalmente,

em 1963, São Bernardo, no pós-balsa.. Aqui nasce o caçula, Manoel Ferreira de Oliveira, em 1964.

Tatetos ou Capivari

Depoimento: professora Luciene Ferreira do Nascimento

1. A mata era fechada. Neste mesmo local. Temos como endereço: Bairro Tatetos. Mas na Internet aparece como Capivari. O CEP é Capivari. Aqui nos instalamos e estamos até hoje.

2. Crescemos aqui, estudamos aqui. As professoras vinham de fora. Elas ficavam a semana inteira. A escola era rural. Ficava onde é hoje a Igreja Católica (Núcleo Tatetos, altura do nº 8555 da Estrada do Rio Acima; comunidade Nossa Senhora de Lourdes).

3. A escola se chamava: Escola Municipal do Rio Acima. A Prefeitura que mantinha a escola.

4. Quando terminamos a 4ª série aqui, fomos estudar no Riacho (sede do Distrito – Região S), na Escola Antonio Caputo, para fazer a 5ª série. Não havia condução. Íamos de carona, em cima dos caminhões de lenha. Ou a pé: duas horas de caminhada.

5. Foi uma jornada longa. Quando aqui chegamos, em 1963, eu tinha 13 anos. Uma vida bastante difícil. Não tinha luz nem asfalto. A Estrada do Rio Acima era bem estreita. Passavam caminhões carregados de lenha.

6. Para sobreviver, autorizava-se o corte de lenha, exploração de minas de caulim, olaria – onde meus pais trabalharam. Eles também cortaram lenha e os filhos ajudavam. A lenha era vendida por metro quadrado.

7. Era bem mais saudável. A represa era limpa. A gente vivia com mais tranquilidade. A gente ia nas festas,



à noite, com a família, na casa das pessoas mais próximas. Eram bailes nos finais de semana, aniversários dos moradores.

8. A festa junina era na escola. A minha professora vinha de Osasco: Mirna Ligia Castilho. Chegava na segunda-feira e permanecia a semana toda. Residia na casa ao lado da escola. A casa ainda existe, ao lado da igreja. Ficavam quatro professoras. Uma vinha de Marília. Tivemos uma infância boa com elas. Eu mesmo ficava com elas. Fazia comida para elas. Tinha amizade com a merendeira.

E o testemunho dos últimos trabalhos rurais

Os filhos de dona Olívia são da mesma geração de duas outras moradoras nascidas no Capivari, Flora Borba e Bertina Borba Coelho. E todos testemunharam a fase final de atividades rurais na Região T – os anos 1960, adentrando um

pouco na década de 1970. Até então ainda se explorava caulim, cortava-se lenha, fazia-se tijolos e carvão.

Usos e Costumes

Depoimento: Flora Borba e Bertina Borba Coelho

1. Nossos pais são descendentes de portugueses, franceses, poloneses, todos esses imigrantes que ocuparam as colônias aqui do Rio Grande. Nascemos aqui, nossos pais e avós também.

2. A balsa era de madeira. Eu morava aqui no Capivari, estudava nos Finco, depois no Núcleo Santa Cruz e Tatetos.

3. Tinha festas de São João, Santo Antonio e São Pedro no Núcleo Santa Cruz. Tinha quermesse. O pessoal trabalhava com lenha, caulim e olaria. Faziam carvão. Os caminhões vinham buscar. O Sr. Antonio Costa levava os produtos de barco.

4. Havia as procissões náuticas, que eram a coisa mais bonita

5. Pascoal Scarano era juiz em Riacho Grande. Ele se dava demais com o meu pai, Agostinho Borba, chamado de Agostinho Tenente.

6. A mãe do nosso pai se chamava Catarina Klein, de origem alemã, casada com Pedro Borba.

7. Eram muitos os estrangeiros por aqui: alemães, poloneses, italianos. Depois, japoneses. Depois, os brasileiros. Todos trabalhavam na terra.

8. Nossa irmã mais velha, Ana, acompanhava o pai na roça, pelos lados do Curucutu. Ela fazia comida no mato, no chamado Sertão dos Valuto.

9. Os primeiros balseiros se chamavam João Miguel e Manoel Bitencourt

Praça Sétimo Guazzelli em Santo Amaro na divisa com a região T: intercâmbio de São Bernardo com a área onde a família Guazzelli viveu.



Loteamentos da Região T

Bairro Capivari

*Jardim Rio Grande - 1952
Parque Turmalina - 1954
Aldeia dos Imigrantes - 1984*

Bairro Curucutu

*Jardim São Luiz - 1956
Billings' Park - 1965
Recreio Imigrante - 1969
Sítio Curucutu - 1982
Jardim Amazonas - 1984*

Bairro Tatetos

*Parque Quarto Centenário - 1954
Jardim Miramar - 1954*

Santa Cruz

Cidade Procap - 1976

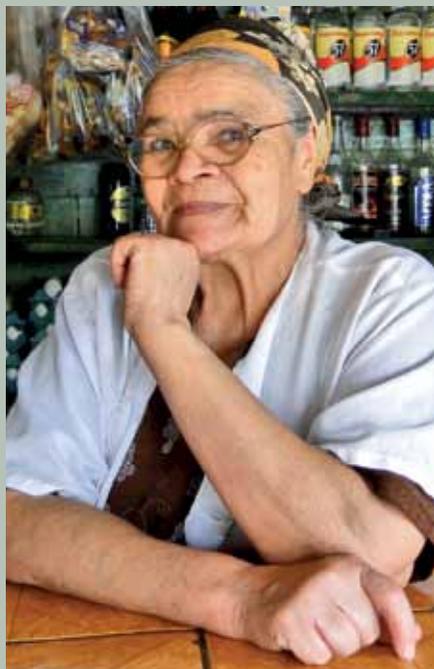
Os novos bairros

Municipal, dos Imigrantes, Taquacetuba, Bananal, Capivari, Rio Pequeno e Porto de Areia.

Na Região T estão o ninário, da grande quantidade de pássaros do lugar, e algumas trilhas que aos poucos vão sendo frequentadas e divulgadas, como a dos carneiros e dos oleiros.



Henrique Rodrigues e o retrato do sogro Eduardo Berneck, imigrante polonês: toda uma vida em Riacho Grande. Foto: Nei Mello



Josefa Severina da Nóbrega, a dona Zefinha, do Bairro Taquacetuba: venda à beira da estrada.



Jandira Inês Viesser, Bertina Borba Coelho, Flora Borba e Reinaldo de Souza Evangelista



Francisco Brito e Araújo, natural de Várzea (PE): zelador da capela particular da Estrada do Rio Acima, 11.021, construída em 1931



Família Acioli de Oliveira: dona Olívia Ferreira de Oliveira, 85 anos, com filhos e netos



Aranha de flor - Thomisidae / Tatetos



Tupinambis merianae teiú / Porto de Areia



Papagaio verdadeiro - Amazona aestiva / Santa Cruz

Fauna e flora

Uma pequena mostra da nossa biodiversidade: uma realidade em plena mata atlântica, no e na região de Santa Cruz.



Fruto do Cambuci - Campomanesia phaea / Vila dos pescadores



Flor da árvore suinã - Erythrina speciosa / Capivari



Orquídea - Miltonia espectralis moreliana / Capivari



Grilo Toupeira - Gryllotalpa hexadactyla / Capivari



Ovos de tico-tico e chopim - Zonothirchia capensis / Vila dos pescadores



Amazonetta brasiliensis asa de seda



Coruja buraqueira - *Atenea cunicularia* / Tatetos



Cobra cipó - *Chironius bicarinatus* / Porto de areia



Beija flor de fronte violeta - *Thalurania glaucopis* / Capivari



Largata / Vila dos pescadores



Bromélia - *Tillandsia* sp / Santa Cruz



Orquídea - *Bifrenaria aurofuva* / Capivari



Orquídea - *Miltonia* sp / Curucutu



Borboleta olho de coruja - *Morpho* sp / Tatetos



Besouro serra pau - *Ctenoscelis coeus* / Vila dos pescadores



Coleirinha - *Sporophila caerulescens* / Tatetos



Papa-vento - *Enyalius iheringii* / Curucutu



Cobra Espada - *Tomodon dorsatus* / Estrada Água Limpa



Borboleta - *Mechanitis polymnia casabranca* / Capivari



Cigarra - *Carineta fasciculata* / Riacho Grande



Pintassilgo comum - *Sporagra magellanica icterica* / Vila dos Pescadores



Jacu - *Penelope obscura* / Santa Cruz



Largata da borboleta-do-manacá - *Methona themisto* / Tatetos



Carqueja - *Baccharis genistelloides* / Porto de Areia



Saruê - *Didelphis marsupialis* / Capivari



Sapo comum - *Bufo crucifer* / Taquacetuba



Beija flor de fronte violeta - *Thalurania glaucopia* / Taquacetuba



Pica-pau do campo - *Colaptes campestris* / Santa Cruz